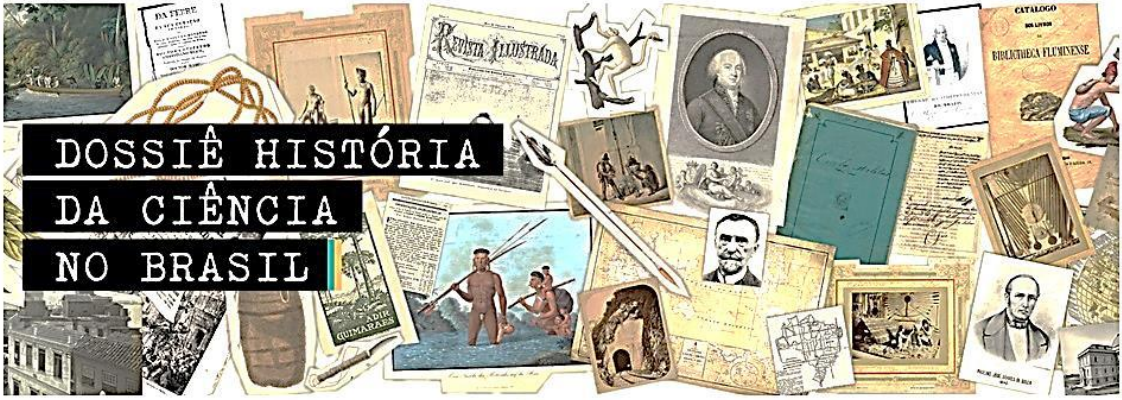
Biblioteca Nacional Digital Brasil 10 Anos

ARTIGOS DOSSIÊS EXPOSIÇÕES ACERVO DIGITAL HEMEROTECA DIGITAL SOBRE A BNDIGITAL



JORNAIS

1968/2019

NÃO HÁ QUALQUER REGISTRO DE MASSACRES INSTITUCIONAIS

Sumário

1968 1
1969 137
1970 157
1972 173
1973 175
1974 187
1975 199
1976 219
1977 221
1978 241
1981 243
1984 245
1989 251
2017 255
2019 257

1968

Jornal do Brasil, n° 195 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 23.11.1968

FAB Fotografa Três Mortos da Missão do Padre Calleri à Selva

[Álvaro Caldas e Ronaldo Theobald Enviados Especiais]

Manaus – A existência de três corpos estirados no chão em locais diferentes, nas proximidades de uma clareira habitada pelos índios Atroari, às margens do rio Alalaú, na rodovia que está sendo aberta entre Manaus e Boa Vista, confirmou ontem que a expedição chefiada pelo Padre João Calleri foi massacrada pelos silvícolas, embora haja vestígios de sobreviventes. A confirmação foi feita por um grupo de homens do PARA-SAR, acompanhados por dois fotógrafos e de funcionários da Fundação Nacional do Índio que sobrevoaram durante cinco horas em um Catalina, a região onde se perdeu a expedição.

ÍNDIOS GIGANTES

Os primeiros indícios de que a expedição chefiada pelo Padre João Calleri, da Prelazia de Boa Vista, tinha sido exterminada pelos índios foram revelados parcialmente através de fotografias batidas anteontem, durante o primeiro voo de reconhecimento na área. As fotos, se bem que ainda imprecisas, demonstravam a possibilidade da existência de corpos espalhados pelo chão, nus, alguns parecendo estar amarrados a pedaços de paus. A imprecisão das fotografias, aliada à inexistência de urubus sobrevoando os cadáveres, segundo depoimentos dos soldados que tomaram parte na primeira missão, contrariavam aquela Impressão que só veio a ser confirmada ontem.

Depois do segundo voo sobre a região, a opinião unânime é a de que ficou confirmada a existência dos corpos havendo ainda um quadro que não foi inteiramente identificado. Quanto a apenas dois dos cadáveres há certeza de que se trata de pessoas brancas, de sexo ainda não precisado, pois o terceiro também pode ser um silvícola, dada a dificuldade de reconhecimento.

Outra observação feita pelos que participaram da missão de reconhecimento é a de que região é habitada por índios gigantes, com cerca de dois metros de altura, que corriam para dentro das malocas ou para selva à medida que o Catalina se aproximava em suas incursões de reconhecimento. Correndo desajeitadamente, os índios gigantes apanhavam suas lanças, fincadas no chão ao lado das malocas, e alguns chegaram a apontá-las para o avião demonstrando certa atividade.

Segundo a opinião dos sertanistas presentes à missão, eles não atacam gratuitamente, mas só quando se sentem superiores numérica e materialmente.

A MISSÃO

Pilotado pelo Capitão-Aviador Drumond, da FAB, além de sete tripulantes três especialistas do PARA-SAR e conhecedores da região, o Catalina deixou Manaus ontem às 9h20min, para o voo de reconhecimento. Uma hora depois ele estava sobrevoando o Igarapé de Santo Antônio, que dista cerca de 40 km de um acampamento do DNER, ao longo da BR-174, onde foi visto um corpo nu estendido no chão, junto a uma bananeira e a uma maloca em construção. Um pouco ao lado deste cadáver foi reconhecido outro, amarrado a um pedaço de pau, e mais adiante, na direção Norte, quando o avião sobrevoava o rio Alalaú foram vistas duas novas malocas e outro cadáver.

Só neste segundo acampamento é que foram avistados os índios gigantes, concentrados em torno das malocas que,

apesar de pequenas, chegam a abrigar cerca de 200 índios. A possibilidade de existirem sobreviventes na área é defendida pela maioria dos participantes dos primeiros voos de reconhecimento com base em dois fatos: primeiro porque a expedição se dispersou antes de se perder; e depois foram formados diversos grupos, pequenos que se espalharam pela região.

NOVA BASE

Com base nesta possibilidade e nas primeiras informações obtidas, o Coordenador-Geral das Operações de Busca e Salvamento, Tenente Everaldo Ferreira Ribas, iniciará hoje a segunda fase da missão que consistirá no resgate dos corpos e sobreviventes.

Para isto foram pedidos reforços aéreos, de pessoal e de material, um helicóptero gigante Sapo, um C-130 [Hércules] e também o mais novo aparelho da FAB, o Búfalo, que tem capacidade para pousar e decolar em pistas de até 300, além de um Aero Commander do DNER, chegarão hoje de Manaus.

Apoiado neste material o Comando da Operação de salvamento instalará em plena selva uma base avançada de operações, em local estratégico que será possivelmente no campo de São Gabriel que dista cerca de 40 km do local do massacre. Do local será mantido contato ininterrupto por rádio com Manaus, Belém e outros centros do SAR.

Do Rio está sendo esperada uma equipe de homens do PARA-SAR. O Aero Commander será utilizado para o transporte de homens e material para a base avançada de operações. O Tenente Ribas disse que o objetivo de sua missão não é o de matar os índios, e por isto os seus homens tem ordens para só reagir em último caso.

- *Nosso objetivo não é entrar em atrito, mas sim aproveitar a missão para ajudar na tentativa de apaziguamento dos silvícolas.*

A expedição chefiada pelo Padre João Calleri, composta de dez homens e duas mulheres, deixou Manaus no dia 14 de outubro e seu último contato com o posto do DNER, que estava controlando através de rádio o seu deslocamento, foi no dia 31.

SERTANISTA VAI PROCURAR SOBREVIVENTES

O sertanista João Américo Peret deveria ler seguido ontem para Cuiabá, onde apanharia o material que estava usando na pacificação dos índios Cinta-Larga, para depois seguir para Manaus. Como, porém, as linhas aéreas para Manaus não fazem escala em Cuiabá, resolveu eliminar essa etapa e conseguir novo material na capital amazonense.

Peret vai sair de Manaus com o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, também da FUNAI, que estava, antes do Padre Calleri, tentando pacificar os Atroari. Entretanto, Gilberto teve que se afastar da missão porque contraiu uma doença desconhecida.

CATEQUESE

O sertanista conhecia o Padre Calleri, de quem foi aluno do Colégio Salesiano Dom Bosco, de Manaus, em 1942. Disse que o Padre deve ter cerca de 55 anos, e não 34 como foi divulgado, e que se julgava "*o único capaz de pacificar os Atroari*", conforme declarara no início deste ano.

Apesar disso, acredita o sertanista que o Missionário tenha tentado o contato com os índios com um espírito de catequese, não levando em conta uma série de aspectos da técnica de aproximação. Explicou que essa técnica exige que, em todos os contatos inicias, sejam formados dois grupos, um a certa distância do outro. Enquanto a vanguarda dá ou troca presentes com os índios, os demais – a maioria do grupo – ficam à retaguarda e de uma maneira que os índios saibam que existe alguém dando cobertura aos que estão à frente.

Outra coisa que só os que têm experiência no trato com os índios sabem é que estes, muitas vezes, apresentam uma falsa aparência de amizade e paz, que representa, apenas, uma tática guerreira. Assim que o índio nota que o grupo de contato abriu suas defesas, ataca-o.

Ainda dentro dessa tática guerreira, que os missionários muitas vezes ignoram, os índios que se apresentam com uma falsa aparência de amizade costumam convidar os membros da expedição pacificadora para visitar o aldeamento [maloca]. Chegando lá, matam os brancos.

Acredita o sertanista que esse deve ter sido o erro do Padre João Calleri, principalmente porque foram achados dois corpos perto de uma maloca dos Atroari. Pensa João Américo Peret que o Missionário para demonstrar aos índios que não os temia, teria aceitado o convite, caindo na armadilha.

Afirmou o sertanista que, quando se recebe um convite desses, devem-se manter alguns índios na retaguarda com o resto do grupo de pacificadores. Estes índios ficam ajudando a transportar os presentes dos vários acampamentos que a expedição vai levantando pelo caminho, e servem de verdadeiros reféns.

A MISSÃO DE PERET

A missão de Peret é tentar localizar a expedição do Padre Calleri e resgatar os sobreviventes. Para isso, vai levar o mesmo equipamento que sempre utilizou nas missões de pacificação: artigos de pesca e caça [um rifle calibre 22] e muitos fogos de artifício. Exceto o rifle, nenhuma outra arma de fogo, nem mesmo um revólver, será admitida. Peret não acredita que os índios estejam nas proximidades de onde foram encontrados os corpos, pois sempre que massacram uma expedição fogem para evitar as represálias, mio só dos outros homens brancos, mas também do espírito dos mortos.

Entretanto, se aparecerem índios com intenções belicosas, o sertanista fará o que sempre fez: utilizará os fogos de artifício que fazem grande barulho e soltam muita fumaça.

Acha o sertanista que o grupo de índios que teria atacado a expedição do Padre Calleri deve ser composto de jovens, que estio sempre dispostos a se gabarem de proezas diante dos demais membros, da tribo. Quando os grupos são chefiados por índios mais idosos, estes, mais experientes e temerosos das represálias dos brancos não permitem que os jovens provoquem luta com os civilizados.

ÍNDIOS DESCONHECIDOS

Os índios Waimiri-Atroari pertencem ao grupo Karib. Vivem nos limites do Território de Roraima com o Amazonas, na região entre os rios Jauaperí e Camanaú. Já entraram em contato com o antigo Serviço de Proteção aos Índios, mas por falta de assistência acabaram abandonando os postos, depois de massacrarem os funcionários.

Isso ocorreu quatro ou cinco vezes desde 1942. Sempre, depois disso, os índios voltavam para os seus antigos aldeamentos. Esses índios são pouco conhecidos e não foram ainda estudados suficientemente. Sobre eles sabe-se muito pouca coisa, como, por exemplo, que suas casas são parecidas com guarda-sóis, sem parede. Sua língua é desconhecida pelos civilizados.

A região, em que vivem os Waimiri-Atroari, é rica em minério, principalmente, manganês, ouro e galena, que não são explorados por causa do medo que os índios infundem. Vivem em uma única e grande choça. Isso se soube também através de fotografias aéreas. Pelo que se sabe os Waimiri-Atroari vivem da pesca, caça e alguma agricultura. Entre os seus utensílios domésticos está a taquara, faca feita de bambu. Os índios Waimiri-Atroari, pelas fotografias deles tiradas, usam o cabelo comprido, na altura do ombro.

Os dois grupos vivem brigando entre si por causa de mulheres, que faltam em ambas as tribos ([1]). Todos os contatos até agora feitos com eles acabaram em massacre das expedições pacificadoras, e é essa a caraterização que os tem notabilizado. De tempos em tempos, eles costumam dar fala [encontrar] com os civilizados. Mas estes contatos, a princípio pacíficos terminam sempre em massacres.

O SERTANISTA

João Américo Peret tem 42 anos, 21 dos quais passados entre os índios, mede pouco mais de 1,5 m, é casado e tem três filhos: uma menina de nove anos, um menino de sete anos e um terceiro filho que completará um ano no próximo dia 18 de dezembro, quando o sertanista poderá estar ainda na selva tentado resgatar possíveis sobreviventes da missão do Padre Carelli. Sem contar os descontos, Peret recebe mensalmente NCr$ 920,00. Natural do Acre, conhece bem os índios e estava há pouco tempo pacificando os Cinta-Larga. Precisando vir ao Rio para tratar de problemas burocráticos na FUNAI, ia regressar quando chegou a notícia do possível massacre. Foi então escolhido para chefiar a missão de resgate. Em Manaus além de contar com o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, outro tarimbado conhecedor dos índios. Peret vai recrutar mais dois ou três caboclos para formar seu grupo. Acha que é mais fácil para um pequeno grupo cumprir essa missão, pois muita gente na selva não passaria despercebida aos índios que, então, poderiam realizar novo ataque. O sertanista, em situações normais, pretende caminhar apenas de dia. Na selva, explicou, ninguém caminha a note, por causa dos inúmeros perigos que o cercam, como uma fácil perda do rumo, os animais peçonhentos [cobras, escorpiões, caranguejeiras] que só caminham de noite, as onças. Isto tudo sem contar com uma possível chegada inesperada a um aldeamento inimigo.

---

[11] A morte prematura das jovens adolescentes principalmente por ocasião do parto, além de outros fatores diminuía radicalmente a população feminina dos WA. (Hiram Reis)

Entretanto, se forem atacados, Peret procurará manter os atacantes afastados com os fogos de artifício durante o dia e baterá em retirada durante a noite. Apesar dos perigos, sabe muito bem que, pelo menos, não terá índios no seu encalço, pois estes jamais, em hipótese alguma, fazem caminhadas noturnas ([2]). João Américo Peret fala nove dialetos indígenas, e não pretende estabelecer contato com os Waimiri-Atroari, porque afirma que os índios, quando fazem um ataque, não estão em condições de serem pacificados imediatamente. Embora ache bom levar mulheres nas expedições de pacificação ou nas missões que poderiam encontrar índios ainda não civilizados, Peret só levará homens nesta expedição.

Explicou que os índios, quando saem em missões guerreiras, não levam suas mulheres: por isso, ao verem uma expedição de brancos com mulheres pensam que se trata de uma missão pacífica, e não a atacam. Apesar disso o sertanista não levará mulheres. Ainda mais porque a área – como acontece com toda a região onde ocorre um massacre – será interditada por Decreto Presidencial até que os índios sejam pacificados. Até lá, somente poderão entrar nos território os funcionário autorizados da FUNAI. (JORNAL DO BRASIL, N° 195)

Jornal do Brasil, n° 197 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-Feira, 26.11.1968

Sobrevivente Narra fim da Missão Calleri

[Álvaro Caldas – Enviado Especial]

Manaus – "*Quando bati o olho e vi o corpo mutilado, sem camisa, estendido no chão, só lembrei-me de correr. De lá*

[2] Por diversas vezes, nos idos de 1982/83, dei carona aos caçadores WA que, á noite, perambulavam pela estrada carregando com dificuldade suas caças. (Hiram Reis)

para cá não conto a estória de mais nada, mas sim da minha emergência, que só Deus sabe como foi. Eu existia sozinho naquela selva, e o medo tomou conta de mim. Olhei para os lados para ver se encontrava algum índio e corri para o mato, onde esperei anoitecer".

Ao chegar a este ponto, o mais dramático do depoimento que prestou ao Comando Geral das Operações de Busca e salvamento da expedição do Padre Calleri, o primeiro sobrevivente da missão, o mateiro Álvaro Paulo da Silva, conhecido também como Mineiro, alto, magro, barbado, fez uma pausa para respirar e acrescentou:

> *Ainda não posso compreender como consegui sair viro desta aventura.*

Depois de deixar a expedirão e passar sete dias na selva, sozinho, deslocando-se ora em uma pequena balsa que construiu, ora por terra, levando apenas algumas latas de salsichas, uma de feijoada e farinha, além de uma espingarda e um cachorro, o mateiro foi encontrado por dois caçadores que em seguida o entregaram a dois geólogos do Ministério das Minas e Energia, os quais, o levaram até Itacoatiara, a cerca de 40 quilômetros de Manaus, onde ele foi localizado pela FAB.

OS EXPEDICIONÁRIOS

Segundo o relato feito pelo mateiro Álvaro Paulo da Silva, que já está sendo utilizado pelo Comando da Operação de Buscas em novas missões de reconhecimento da região onde se instalou a expedição chefiada pelo Padre Calleri, devem existir outros sobreviventes no local, uma vez que a expedição se dividiu. A expedição, que saiu no dia 14 de outubro de Manaus, estava constituída e dez pessoas, inclusive o Padre, sendo que duas delas eram mulheres.

A sua formação era esta; Álvaro Paulo da Silva e Manuel Mariano Ferreira – mateiros; João, conhecido como Cara de Onça – operador de fonia; Manuel Nascimento – cozinheiro;

Benigno Ribeiro Mendes, conhecido como Piauí, Eduardo Francisco de Oliveira e Aragão Rodrigues de Oliveira – funcionários do DNER e conhecedores da região; as mulheres Marina Pinto da Silva, mulher de Aragão, e Maria Mercedes Sales.

Levaram além dos mantimentos e dos presentes para serem trocados com os Atroari, quatro revolveres três de calibre 38 e um de calibre 32 – uma pistola Beretta, do Padre Calleri e cinco espingardas.

O INÍCIO DA MISSÃO

Em seu depoimento, o mateiro Álvaro Paulo da Silva contou que a expedição deixou Manaus no dia 11, via aérea, indo até São Gabriel. De lá, de helicóptero, alcançou o acampamento do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Amazonas [DERAM], que fica às margens do igarapé de Santo Antônio, cerca de 230 km de Manaus.

No acampamento a expedição ficou alguns dias parada, porque o Padre Calleri teve que retornar a Manaus, via São Gabriel, para completar alguns entendimentos e apanhar parte do material que tinha ficado por excesso de peso. O Padre voltou no dia 22 de outubro, quando a expedição começou a se deslocar efetivamente através do igarapé de Santo Antônio, no sentido Leste-Oeste, utilizando uma barca com motor de popa, equipada com um aparelho de rádio transmissor e receptor.

No primeiro dia a expedição percorreu 20 km, e o mesmo no dia seguinte, quando alcançaram a primeira maloca dos índios Atroari, desabitada, e onde foram encontrada, vestígios da presença da Fundação Nacional do Índio. O local do acampamento foi denominado de Maloca Queimada.

Neste local, como o Padre Calleri pressentisse a dificuldade de navegação através do igarapé de Santo Antônio, que estava se estreitando bastante, resolveu-se dividir a

expedição em dois grupos deixando no acampamento três homens e uma mulher: o cozinheiro Benigno, vulgo Piauí, e o Eduardo, além de Maria Mercedes Sales.

O grupo de seis pessoas dirigido pelo Padre seguiu ainda na direção Oeste, à procura de outras malocas. Entre os dias 24 e 26 o grupo se deslocou com dificuldade até alcançar uma região pantanosa, denominada Chavascal, onde pernoitou. No dia seguinte foram percorridos mais alguns quilômetros até que alcançaram uma nova aldeia com duas malocas, uma delas em construção, pernoitando um pouco afastados para não chamar a atenção. Ás quatro horas da madrugada foram acordados com o canto dos galos. Era o primeiro sinal da presença de índios nas proximidades.

O Padre pediu então ao mateiro Álvaro que desse três tiros para cima, para atrair os silvícolas, enquanto os demais membros da expedição já trabalhavam para construir o acampamento e montar o aparelho de rádio.

CONTATO AMIGÁVEL

Os primeiros grupos de índios, acompanhados de índias e algumas crianças, vieram amistosamente – conta Álvaro – trazendo flechas, bananas e outros produtos para nos oferecer, convidando-nos, inclusive, para visitar as suas malocas.

– Aos poucos eles foram se juntando até que chegou o cacique, o chefão deles, o que abraçou o Padre Calleri e lhe ofereceu uma espécie de vitamina de banana, que é a banana amassada numa cuia. Em sinal de amizade, ele enfiou o dedo na boca e o passou, ainda molhado de saliva, nos lábios do Padre – disse o mateiro em seu depoimento.

Somente à noite o Missionário retribuiu os presentes, seguindo o método de não agir de maneira paternal, mas somente dar alguma coisa em troca de outra ou então de

algum trabalho feito. Foi até a maloca onde estava o cacique e lhe entregou tesouras, fósforos, anzóis e facões.

Até este momento as relações com os índios estavam muito boas, tendo eles ajudado inclusive na construção do acampamento da expedição. Este clima permaneceu durante dois dias, até o dia 27, domingo, quando o mateiro e o Padre, que estavam com os Atroari em suas malocas, tiveram que voltar para o acampamento, tendo os índios como guias.

No meio do percurso os índios, que conheciam a estrada, começaram a esconder o caminho, entrando pelo mato e fingindo não conhecer a picada aberta. Os Atroari então começaram a dar outras demonstrações de agressividade, batendo nas nádegas com força e estalando o queixo.

Depois de duas horas chegaram ao acampamento, onde o Padre lhes ofereceu comida e eles recusaram. Ficaram muito tempo parados por ali, desconfiados, com medo do cachorro.

HISTÓRIA TRISTE

No dia seguinte, 28, segunda-feira, conta o mateiro que amanheceu com um pressentimento ruim, acrescentando que "*a barra estava ficando meio pesada*". Procurou o Padre e lhe disse:

> *Padre, não quero mais ficar. Estou achando o senhor um pouco rígido no tratamento com os índios. Vou arrumar um jeito e vou embora logo.*

O Missionário concordou e o mateiro ainda lhe contou os massacres anteriores praticados pelos Atroari, ao que ele concluiu:

> *É, a história do rio Alalaú é uma história triste.*

Em seguida, o Padre lhe disse que estava achando também o ambiente um pouco desfavorável, e que retornaria logo

com a expedição, daí a nove dias, não indo mais, dali, a nenhum outro acampamento. O mateiro acabou concordando em permanecer mais estes nove dias. A expedição foi então novamente dividida, ficando quatro no acampamento e indo os outros dois, na canoa, ao encontro do primeiro grupo que tinha ficado na Maloca Queimada.

Na manhã desta segunda-feira, antes da partida do grupo, os índios vieram até o acampamento ainda mais agressivos, cuspindo no rosto dos expedicionários e recusando os presentes. Neste dia aconteceu também um pequeno incidente que o mateiro julga que contribuiu para agravar ainda mais as relações entre os membros da expedição e os Atroari. O Padre Calleri, encontrando um índio mexendo nos pratos do acampamento, fez-lhe uma rude advertência, empregando uma palavra, "*maripaná*", que quer dizer arma de fogo entre eles.

O fato logo chegou ao conhecimento dos demais, deixando todos ainda mais desconfiados. Na noite do dia 31, ainda com o clima de insegurança predominando o mateiro dormia fora do acampamento, contando que estava com muito medo, passando a noite rezando, nervoso. De manhã ele acordou assustado, e resolveu ir até a maloca, onde estava o Padre e mais dois membros da expedição.

MORTE E FUGA

Conta o mateiro que foi caminhando pelo roçado, cercado de um silêncio absoluto. Quando se aproximou da maloca, viu um corpo mutilado, estendido no chão, sem camisa. Reinquirido, ele confirmou:

> *Tenho certeza. Era um corpo. Eu vi quando bati o olho. E perto dele, caído meio de banda junto a um tronco, outro corpo, parecendo de mulher, estirado.*

Segundo o depoimento do mateiro, o segundo corpo deve ser o de Maria Mercedes, porque a descrição da roupa coincide com a da mulher: camisa de meia branca e calça

rancheira. No mato, assustado, o mateiro esperou anoitecer. De noite, com chuva, os índios não aparecem, disse. De manhã foi até o acampamento, pegou o cachorro, algumas latas de salsicha, uma de feijoada, farinha, a espingarda, foi até a praia, construiu rapidamente uma barca.

No quinto dia, dia 5 de novembro, a barca virou e ele perdeu a farinha, o que restara da conserva, e a espingarda ficou estragada, com a água entrou pelo cano. Conseguiu chegar até a praia, e quando foi atirar num mutum o cano partiu. Estava desarmado. Dormiu lá. Pela manhã escutou alguém remedar onça, uma, duas, três vezes. Depois viu: eram dois caçadores, que ouviram a sua história, o alimentaram com peixe e lhe deram café. Depois chegou uma canoa com os geólogos Oto e Gilberto, do Ministério das Minas e Energia. Não havia condições de deixar o local, devido ao trabalho que estavam fazendo. Somente no dia 23 o mateiro foi levado até Itacoatiara e de lá trazido para Manaus.

PARA-SAR NÃO ENCONTRA CORPOS NA SELVA

Moura – Os três corpos vistos pelos aviões da FAB na clareira próxima à bacia dos rios Alalaú e Jauaperí não foram encontrados ontem numa rápida busca feita em terra por seis homens do PARA-SAR que conseguiram chegar ao local num helicóptero. Um soutien, um coldre, uma bainha de faca, pedaços de cobertores e papeis estragados foram os únicos objetos encontrados pelos homens que desceram ontem por 40 minutos na relva. Os três cadáveres poderiam ter sido removidos daquele local pelos índios Atroari, segundo supõem os participantes das buscas.

O único sobrevivente da expedição do Padre Carelli, o mateiro Álvaro Paulo da Silva, confirmara a existência dos três mortos na bacia dos rios Alalaú e Jauaperí, porém as autoridades veem contradições e falhas no depoimento do mateiro e no próprio material fotográfico colhido anteriormente. Alguns fatos novos fazem o Comando Geral das Operações de Busca e Salvamento reconhecer que está

diante de um novo mistério, colocando as investigações no ponto inicial. As informações até agora obtidas foram negadas pelo primeiro contato direto com o palco da tragédia.

A FAB, desde o último domingo, quando o helicóptero Sapo pousou pela primeira vez no local das malocas onde se localizara pela última vez a expedição do Padre Calleri, está operando numa base avançada numa cidadezinha – Moura – que dista 150 km de Manaus e apenas 90 km da clareira onde as buscas estão se processando.

CHUVA ATRAPALHA

Seis homens do PARA-SAR, comandados pelo Major Lessa, desceram no helicóptero SH-10, do SAR e fizeram rápidas observações, nada conseguindo de substancial no sentido de localizar os corpos.

Acham que os índios podem tê-los enterrado ou escondido no mato. A chuva que caiu ontem na região impediu que as seis homens permanecessem por mais tempo no local, porém eles deverão efetuar novas descidas nos próximos dias, acompanhando as novas pistas que vão surgindo.

Um Catalina da FAB garantiu todo o tempo o trabalho de reconhecimento da equipe. Embora a operação tenha sido suspensa, ontem, durante o dia de hoje deverá prosseguir nas duas malocas que se situam nas proximidades do local onde foram vistos os cadáveres.

Caso nada seja encontrado serão vasculhadas outras áreas, pois existem nove malocas espalharas entre os rios Alalaú e Jauaperí. Ou homens do SAR já defendem a montagem de uma operação de maior vulto, contando, inclusive com o apoio mais efetivo do Centro de Instrução de Guerra na Selva [CIGS], que está colaborando ainda muito timidamente com as buscas.

FAMÍLIA DE EXPEDICIONÁRIO PASSA FOME

Manaus – As primeiras consequências do desaparecimento da expedição comandada pelo Padre João Calleri à região dos rios Alalaú e Jauaperí surgiram ontem com o protesto da família de um dos integrantes, a mulher do ex-ajudante de caminhão Eduardo Francisco de Oliveira, que afirmou estar passando fome juntamente com seus sete filhos. Em seu pequeno casebre de madeira, com apenas dois quartos, sem instalação sanitária, no Beco do Penarol sem número, num dos bairros pobres de Manaus. Dona Sebastiana de Oliveira, a mulher do expedicionário perdido, corre para a Janela com seus filhos toda vez que um avião sobrevoa a casa, para ouvir sempre a mesma pergunta:

Papai está voltando, mamãe?

SETE CRIANÇAS

Marilda, com um ano e três meses; Evandro, de três anos; Ernande, com cinco; Maria Raimunda, com seis; Tânia, com sete; Maria das Graças, com oito e José Alex, com 13 anos, são os sete filhos que D. Sebastiana tem agora ao seu lado para alimentar e educar, já que o marido foi dado como praticamente morto Muito simples, descalça, pisando no chão batido que é o piso de seu casebre. D. Sebastiana diz que ainda não sabe como vai fazer para alimentar as crianças. "*que já estariam passando fome se não fosse a ajuda de alguns amigos e dos vizinhos*".

Diz a mulher do expedicionário, nascido em Cruzeiro do Sul. Estado do Acre, que o DNER e a FUNAI não lhe deram qualquer ajuda até agora, apesar de serem os responsáveis pela organização da expedição. Segundo a mulher da Eduardo Francisco de Oliveira, seu marido deveria ter um salário de NCr$ 193,50 para participar da expedição pacificadora dos Atroari, que "*depois foi reduzido para NCr$ 130,00, sem que nem isto tenha sido pago até agora, um mês e dez dias depois de sua saída de Manaus*".

Dona Sebastiana conta ainda que insistiu muito para que seu marido não fosse na expedição, mas isto de nada adiantou, pois ele estava desempregado no momento e aquele salário serviria para manter a família.

Eduardo Francisco de Oliveira, com 40 anos nunca tinha tido antes qualquer contato com índios, pois apenas os viu, mas de multo longe, quando trabalhou para o DNER na abertura da rodovia Manaus-Boa Vista.

FUNDAÇÃO TENTA EXPLICAR O MASSACRE

Sem notícias concretas sobre a expedição do Padre João Calleri começaram a surgir várias especulações na FUNAI, no Rio, à respeito do possível massacre. Entre elas, a de que o único sobrevivente até agora encontrado já tivesse feito, antes da expedição, algum mal aos Atroari, o que explicaria o massacre. Segundo os funcionários da FUNAI, os índios não atacariam gratuitamente, e o Padre Calleri havia sido alertado para não levar na expedição qualquer caboclo da região.

Explicam que estes, muitas vezes, fogem para as cidades depois de fazerem algum mal aos índios – que jamais se esquecem de quem os enganou.

VIOLÊNCIA NA FLORESTA

Ainda como especulação, pois faltam notícias concretas sobre o destino da expedição, procurava-se ontem na FUNAI interpretar as notícias – ainda não confirmadas oficialmente até à tarde de ontem — de que haveria uma mulher morta, que teria sido fotografada pela FAB numa maloca dos Atroari.

A expedição do Padre Calleri levara duas mulheres casadas com dois dos oito homens que a compunham. A intenção do Missionário ao levar mulheres fora a de mostrar aos índios que a missão tinha fins pacíficos.

Os índios que habitam a região onde estava operando a expedição – Atroari e Waimiri – vivem brigando entre si por causa de mulheres que não existem grande número nas duas tribos. Dessa maneira, não faz nenhum sentido – acham os funcionários da FUNAI – eles matarem uma das mulheres da expedição. Antes disso, os índios, no máximo, procurariam raptá-las. (JORNAL DO BRASIL, N° 197)

Diário da Noite, n° 13.275 – São Paulo, SP
Quarta-Feira, 27.11.1968

Falta uma Ossada na Maloca da Esperança

RIO, 2 [Meridional] – Três Padres da Missão Episcopal Italiana da América Latina, Renato Aristides Perotti, Matteo Gice Vivalda e Ângelo Maritano, primo do finado Padre Calleri, estão no Rio preparando-se para viajar para Manaus, a fim de providenciar os trabalhos de reconhecimento e sepultamento do Missionário italiano morto, juntamente com seus acompanhantes, pelos selvagens da tribo Atroari. Sobre Calleri, seu primo, Padre Ângelo, expressou-se como um homem extraordinário, que acordava às 3 horas da manhã para rezar missa e que dedicou toda sua vida para servir a Deus, olhando pelos necessitados e sofredores.

Calleri, lembrou seu primo, era um homem ativo e surpreendente. Aos catorze anos foi campeão de ciclismo em sua terra natal e, em sua curta existência [34 anos], mostrou ser um predestinado, quer pela sua visão dos problemas do homem, quer pela sua rápida ascendência aos meios religiosos motivada por uma bondade sem tamanho. Comentou ainda que sua triste tarefa seria um consolo para sua tia, viúva de setenta anos, que saberia pelo menos, que seu filho teve um enterro cristão. Disse também que é seu desejo tomar o mesmo caminho trilhado por Calleri, não agora, mas que será também um Missionário.

Já a FUNAI assegura que o massacre da expedição do Padre Calleri é mais um motivo para o prosseguimento dos trabalhos de pacificação e proteção dos direitos dos índios. O insucesso, prosseguem os elementos da Fundação, é mais uma prova de que muito ainda tem que ser feito e que a interdição na área foi o primeiro passo.

As missões, exclusivamente organizadas pela FUNAI, prosseguirão, intensificarão o policiamento das regiões indígenas, evitando a presença muitas vezes maléfica dos brancos e, principalmente, respeitarão o direito do índio de ter sua própria cultura, dentro dos seus moldes de vida.

Com o encontro dos restos mortais dos componentes da expedição do Padre Calleri, sobre cerca de duzentos metros da barraca construída para instalação do radiotransmissor, mais adiante, sempre à margem do Rio, parece que se confirmaram em parte as declarações do único sobrevivente, o mateiro Álvaro. Em seu depoimento. Álvaro afirmara a existência de dois corpos junto à cabana construída pela missão, o que se confirmou com o achado dos corpos pela equipe de salvamento da FAB.

Quase sem esperanças prosseguem os trabalhos de busca do nono membro da expedição, temendo-se que seu despojo tenha sido arrastado pelas águas do rio, que passa pelo local onde foram encontrados os oito corpos, já que a época é de cheia, o que torna os rios mais caudalosos.

MANAUS, 2 [Meridional] – Já foram transportados para a capital amazonense os despojos de oito dos participantes da expedição do Padre João Calleri, trucidada quando tentava estabelecer contato com os índios Atroari, na região do Alalaú. Um dos participantes da equipe de busca revelou que os despojos humanos, encontrados à margem do Igarapé Santo Antônio, perto da chamada "*Maloca da Esperança*", estavam limpos. As ossadas estavam praticamente separadas da coluna vertebral, inclusive faltando alguns ossos dos membros superiores e inferiores; presume-se que

algum animal devorou a carniça, espalhando os ossos. Todos os ossos estavam quebrados, prova de que os índios agiram com brutalidade. Os ossos da coluna vertebral estavam enlaçados por um cipó, dando a impressão de que teriam sido transportados para o local da chocante descoberta, uma vez que os pertences dos membros da expedição foram achados em lugares diferentes.

Os despojos foram recolhidos no sábado. Pela manhã decolaram da base de Moura, os dois helicópteros destacados para as buscas, com a cobertura do "*Aero Commander*" do DNER e do "*Búfalo*" da FAB. Os helicópteros pousaram na clareira da "*Maloca da Esperança*" e os elementos do PARA-SAR iniciaram as buscas, percorrendo uma vereda que parte da maloca e margeia o Santo Antônio, onde também está situada a construção da expedição do Padre Calleri. A, aproximadamente, duzentos metros da maloca em construção, nas margens do Igarapé, é que foram encontrados os oito esqueletos, amarrados dois a dois, sendo que alguns se encontravam na água, em virtude das fortes chuvas que estão caindo no local e que aumentaram consideravelmente o volume de água do Santo Antônio.

A identificação do sexo dos mortos foi feita pelas vestes e pelos cabelos, pois os restos das duas mulheres ainda estavam com os "*soutiens*". Em sacos plásticos especiais, os despojos foram levados para a base de Moura e, posteriormente, removidos a Manaus. Eram dez os membros da expedição. Recolhidas oito ossadas e a salvo o mateiro Álvaro Paulo da Silva, o Mineiro, resta localizar um.

As buscas assim deverão prosseguir, e o que se informa, com a participação do mateiro. "*Mineiro*" e o Sertanista Gilberto Pinto, que, acompanham a equipe do PARA-SAR nas buscas, acreditam que a caveira que apresenta na arcada incrustações de ouro e porcelana, pertencem ao Padre João Calleri. Todos asseguram que o Padre, numa situação de perigo, não se afastaria dos seus companheiros.

Viajando num helicóptero chegou a Manaus o mateiro Álvaro Paulo da Silva, acometido de malária. Logo após o desembarque, o "*Mineiro*" foi conduzido em viatura da Polícia Militar a um médico, pois está grandemente debilitado. Nas próximas horas Álvaro será ouvido pelo Tenente Everaldo Ferreira Ribas, coordenador das buscas à expedição do Padre Calleri, e voltara à base de Moura a fim de auxiliar na procura do último desaparecido. Uma das jovens trucidadas pelos Atroari, Marina Pinto da Silva, trabalhou alguns anos na residência da associação de Cidinha Campos, em Manaus. Procurada pela reportagem Cidinha, que é proprietária da "*Ourivesaria Ouro e Hora*", disse:

> *Marina era uma boa moça e não me conformo com a sua desgraça. Um mês antes de afastar-se do nosso convívio pediu permissão para visitar os seus pais, como fazia sempre, saiu, isto no dia 30 de setembro. Mais tarde soubemos por seus irmãos que residem em Manaus, que Maria havia se casado e, por isso, não viria mais para a nossa casa. Averiguando, porém, soubemos não tinha casado ainda. Havia conhecido um rapaz que trabalhava no DER-AM, de quem estava gostando. Daí em diante não tivemos notícias dela, senão pelos jornais e por um telefonema da Madre Stockler, do Colégio Adalberto Vale. Acreditamos mesmo que o seu casamento tenha sido feito pelo Padre Calleri, por ocasião da partida expedição. (DIÁRIO DA NOITE, N° 13.275)*

Diário do Paraná, n° 4.016 – Curitiba, PR
Quarta-Feira, 27.11.1968

Localizada uma das Expedições Desaparecidas

Rio, 27 [Meridional – DP – Via Telex] – A FUNAI recebeu ontem a notícia de que foi localizada por um helicóptero da FAB a expedição de Francisco Meireles, no Território de Rondônia próximo à Aldeia dos Cinta-Larga. Todos os 40 componentes da missão estão passando bem, informando

que a interrupção das comunicações deveu-se a um defeito no aparelho de radiotransmissão.

Ao mesmo tempo, notícias chegadas de Manaus informam que elementos da PARA-SAR desceram na área percorrida pelo Padre João Calleri não encontrando nenhum vestígio dos corpos fotografados e do restante da expedição, que continua desaparecida.

Sem perder as esperanças de entrar em contato, com a expedição do Padre Calleri, chegou dia 23 a Manaus o Sertanista João Américo Peret, seguindo no dia seguinte pela. FAB, para a área dos índios Atroari fazendo parte de um grupo para a denominada "*Operação Resgate*". A Expedição partiu no encalço do grupo do Padre, tendo pernoitado na cidade de Moura, seguindo viagem pela manhã. As buscas continuam também pelo ar, todos em um esforço visando salvar os restantes componentes da missão de catequese dos Atroari.

O presidente do FUNAI, Sr. José de Queiros Campos desmentiu serem os silvícolas tanto da tribo Atroari como Cinta Larga antropófagos explicando que são índios conhecidos e que só se revoltaram por se sentir ameaçados em seus domínios nas selvas. Disse ainda que não existem mais Indígenas antropófagos na Amazônia já que foram exterminados por outras tribos que se sentiam ameaçadas. (DIÁRIO DO PARANÁ, N° 4.016)

Jornal do Brasil, n° 198 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 27.11.1968

PARA-SAR Encontra Objetos de Calleri, mas não Consegue Localizar, os Corpos

[Álvaro Caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Moura – Novos objetos encontrados por homens do PARA-SAR próximo ao local onde teriam sido vistos os cadáveres dos expedicionários do Padre Calleri, fortaleceram ontem a impressão de que todos foram massacrados pelos índios Atroari. Desta vez a equipe de salvamento e resgate, acompanhada pelo sertanista João Américo Peret e pelo mateiro Álvaro Paulo da Silva, desceu na área em um helicóptero e encontrou novos objetos pertencentes à expedição, entre eles alguns víveres deteriorados, um par de botas novas, lâmpadas, três chapéus de palha, um dos quais cortado a facão.

IMPASSE

A não localização de qualquer cadáver é um impasse para os homens que participaram das busca, o que deverá obrigar a equipe do PARA-SAR a modificar seus planos na continuação dos trabalhos. Esperava-se encontrar algum corpo nas malocas geminadas, posteriormente denominadas de "*Maloca da Esperança*" pelo Comando Geral da Operação.

O depoimento do mateiro, a princípio contestado em algumas áreas da FAB, está ganhando crédito cada vez mais, pois os homens da equipe de busca estão quase certos que, de fato, os dois cadáveres registrados nas fotografias tenham sido retirados pelos índios. Durante um minucioso levantamento feito ontem no local, o mateiro comportou-se de acordo com o que havia dito antes, indo resolutamente ao ponto onde havia visto os cadáveres e guiando os paraquedistas pelos caminhos por onde passou a expedição.

NOVA VISITA

O Tenente Everaldo Ribas, coordenador das operações, informou que manterá para hoje ainda o mesmo esquema, com um novo levantamento do local pela equipe do PARA-SAR comandada pelo major Lessa e dependendo dos resultados, alterará os planos adotados até agora.

O novo planejamento para continuar a operação de busca da expedição do Padre Calleri deverá se basear numa expedição a ser montada com o apoio da FUNAI. Esta incursão sairá do último ponto em que esteve a expedição do Padre Calleri, às margens do igarapé de Santo Antônio e percorrerá com material de envergadura toda região habitada pelos Waimiri-Atroari, que compreende as bacias dos rios Alalaú e Jauaperí.

O helicóptero "*Sapo*" deixou Moura ontem às 8h57min, indo direto para o local das malocas geminadas. Pousou no local e lá permaneceu por mais do três horas, tempo em que a equipe do PARA-SAR, auxiliada pelo mateiro Álvaro Paulo da Silva e pelo sertanista Peret, vasculhou toda a área, principalmente o interior das malocas. As chuvas caíram intensamente toda a tarde e prejudicaram muito o trabalho, abreviando o tempo das buscas e tornando difícil a operação prevista para hoje.

Os objetos encontrados foram os seguintes: 13 lâmpadas em bom estado, além de diversos bocais, um par de botas novas, um saco de macarrão e pedaços de carne seca estragada, medicamentos diversos, muitos vidros de remédio vazios, distintivos da expedição, sacos plásticos, pedras de isqueiro, espoletas para balas não deflagradas e três chapéus, sendo que um deles cortado ao meio por facão. O uso de lâmpadas pela expedição se deve ao fato de ter sido levado um motor Honda. Quanto às botas foi revelado que o Padre Calleri levou quatro pares sobressa-lentes para qualquer, emergência.

O helicóptero Sapo e o Catalina 6325 deixarão Moura hoje ao nascer do Sol para efetuar uma nova busca ainda mais minuciosa, inclusive percorrendo vários pontos da região do rio Igarapé. A operação terá uma segunda fase, caso não volte a chover na região, que será uma visita à "*Maloca Queimada*", onde o mateiro e sobrevivente Álvaro Paulo da Silva ficou com grande parte do material da expedição.

Entre o local das Malocas da "*Esperança*" e a "*Queimada*" há uma distância de 25 km. Durante as buscas de ontem foi vista uma nova maloca ainda em construção e de forma diferente das outras: tem um contorno poligonal, enquanto as demais são circulares. Havia índios nas proximidades, a maioria dos quais fugiu à aproximação dos aviões. Alguns deles, no entanto, ficaram parados, olhando para cima.

FUNDAÇÃO DO ÍNDIO SUSPEITA DE ÁLVARO

A hipótese de que o mateiro Álvaro Paulo da Silva – o único participante da expedição do Padre João Calleri até agora aparecido – tenha alguma culpa no desaparecimento de missão fortaleceu-se ontem na FUNAI com a notícia de que o PARA-SAR desceu na clareira onde o caboclo dissera ter visto quatro corpos e nada encontrou. Para o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, o depoimento do caboclo ontem divulgado em minúcias, apresenta inúmeras incoerências que poderiam ser o resultado de sua emoção ou então de uma história forjada.

Acha estranho, entre outras coisas, que o mateiro tenha aparecido com a pistola Beretta do Padre Calleri, da qual ele nunca se separava quando estava em missão entre índios não civilizados.

PONTOS CONFUSOS

Outros pontos do depoimento do mateiro causam estranheza ao presidente da FUNAI, inclusive as declarações de que o Padre havia tratado mal alguns índios, o que teria provocado a revolta e o posterior massacre. Disse o Sr. José de Queirós Campos:

> *Ora, o Padre Calleri estava financiando parte da expedição, era dirigente da Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima, um dos melhores órgãos sobre índios existentes no país. Por isso, e também pelos contatos que já havia feito com os Atroari até que as transmissões cessaram, todos amistosos, não posso acreditar nisso.*

Acha o presidente da FUNAI que a história de Álvaro parece um álibi, embora reconheça que os pontos confusos possam ser produto da sua emoção. Acrescentou:

> *De qualquer forma, acho certos trechos de seu depoimento contrários ao comportamento dos índios e ao de qualquer expedição pacificadora, como era a do Padre Calleri, um antropólogo e profundo conhecedor dos índios da região.*

Estranha bastante também que o caboclo possa ter chegado até perto da maloca dos Atroari, o suficiente para ver os corpos, e não ter, ainda assim, sido pressentido pelos índios, acostumados a perceber qualquer estranho na floresta a uma grande distância. Ainda mais estranho para o presidente da FUNAI é que Álvaro tenha voltado depois à maloca e apanhado mantimento e armas e que tenha tido tempo de lazer uma jangada para escapar do lugar. Todos esses pontos apresentam fatos incompreensíveis para o Sr. José de Queirós Campos, que, no entanto, admite a possibilidade do caboclo estar atordoado com os acontecimentos. Frisou, porém:

> *Mas na verdade, tudo parece Invenção.*

BUSCAS PROSSEGUEM

Até ontem à tarde, oficialmente, nenhum corpo da expedição do Padre João Calleri havia aparecido, apesar das notícias anteriores que davam o encontro de dois e quatro corpos.

Informou-se ontem que o Padre Calleri levava em sua expedição um patrimônio de pelo menos NCr$ 20 mil, em armas, mantimentos, presentes para os índios, remédios, etc. Suas provisões dariam para 40 dias, ou seja, já deveriam ter-se esgotado há alguns dias, pois a missão partiu no princípio de outubro. Apesar de a Amazônia estar atravessando a estação das chuvas, já começadas há algum tempo, as buscas, sempre que as condições meteorológicas o permitirem, vão continuar. Entretanto, daqui por diante – e até fevereiro – intensidade das chuvas aumentará sempre, o que poderá obrigar a uma paralização dos trabalhos.

A minuta do Decreto que o presidente da FUNAI entregará ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, para ser enviada ao Presidente da República, pedindo a interdição da área onde vivem os Atroari, Roraima, esta praticamente pronta.

O Ministro do Interior, a respeito de missão do Padre Calleri, determinou ontem à Consultoria Jurídica do seu Ministério que, no caso de morte comprovada de qualquer membro das expedições de pacificação, que não seja funcionário público ou autárquico, nem pertença aos quadros da FUNAI, seja elaborada minuta de projeto de lei para que o Presidente da República o encaminhe ao Congresso, dando uma pensão vitalícia à família do expedicionário desaparecido.

Esclareceu o Ministério do interior que esse fato já ocorreu uma vez, quando, numa expedição aérea a Cachimbo, onde atualmente os irmãos Villas-Bôas estão pacificando os Krenakore, morreu um índio que não pertencia ao extinto Serviço de Proteção aos Índios, mas lhe prestava serviços. A lei a respeito foi sancionada este ano.

MATEIRO TEM CRÉDITO NA AMAZÔNIA

Moura [Álvaro Caldas e Ronald Theobald, Enviados Especiais] – Existem ainda algumas dúvidas quanto ao depoimento de Álvaro Paulo da Silva, mas em seu conjunto ele é considerado verdadeiro, pois nas diversas reinquirições o mateiro confirmou toda a história que contou.

A parte final de seu depoimento foi confirmada pelos dois geólogos que o levarem à Itacoatiara. A ingenuidade e a simplicidade do mateiro contribuem também para dar crédito à sua versão, que na parte inicial – ele diz que fugiu após o massacre – é contestada pelo último comunicado do Padre João Calleri, que o deu como desertor.

Os seis homens do PARA-SAR que desceram na clareira onde estão as malocas não encontraram nenhum sinal de

violência Nos 40 minutos que ficaram em terra, protegidos por um Catalina, os paraquedistas encontraram apenas um "*soutien*" com a alça arrebentada que pudesse ser imputado a ataque violento. O material recolhido, inclusive um coldre e uma bainha de faca, foi trazido para Moura, uma aldeiazinha situada entre os rios Negro e Branco, a cerca de uma hora de avião de Manaus, Moura não tem mais que cem habitantes, que vivem da caça e principalmente da pesca.

A FAB mantem há multo tempo um campo de pouso na aldeia, transformada em centro das buscas da expedição do Padre João Calleri.

MISSÃO IA AFASTAR ÍNDIOS DA ESTRADA

Manaus – O Padre Calleri, da Prelazia de Roraima, tinha como princípio que índio não se pacifica – porque vive em paz em suas terras – e só se aproxima para evitar choques com os brancos. Foi com essa teoria e ele partiu chefiando a expedição destinada a fazer contato tom os Waimiri-Atroari seguindo plano concluído em 6 de agosto.

O plano é de autoria da Prelazia, organizado em colaboração com a FUNAI, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem [DNER], Departamento de Estradas de Rodagem Amazonas [DER-AM], Ministério da Aeronáutica e Grupamento Especial de Fronteira, do Exército. Seu principal objetivo era a integração da Amazônia, facilitando a construção da BR-174, entre Manaus e Caracaraí.

O PLANO

O plano da prelazia de Roraima especifica os objetivos, roteiro, condições e meios da missão:

> *Para uma tentativa de solução do espinhoso problema indígena, que torna árdua realização de um extraordinário projeto a favor de nossa Amazônia e de todo Brasil: a BR-174.*

Sobre os objetivos, o plano especifica que:

Em vista das necessidades imediatas e futuras do movimento geral da BR-174, em consideração dos fatos recentes e remotos acontecidos na região em exame, e de acordo com princípios psicotécnicos da dinâmica de trabalho entre índios, achamos conveniente fixar, no nosso empreendimento, os seguintes objetivos:

1. Contato com todos os grupos indígenas que ocupam e região Alalaú-Jauaperí, do Rio Branco até os limites com a Guiana Britânica [hoje independente] ([3]). Até este momento só se fala de Waimiri-Atroari;
2. Amizade com os mesmos grupos. Deve-se, mediante uma dedicação sincera, inteligente e sistemática, conseguir tirar destes índios as más convicções que, em 200 anos de história infeliz [várias centenas de mortalidades em massacres horrendos entre brancos e índios], fizeram de nós;
3. Afastamento das residências deles da área total do movimento, presente e futuro, da BR-174. Julgamos suficiente, para esta operação, um raio mínimo de 120 km, equivalente a 154 km de caminho com seis dias para percorrê-los: um índio dificilmente cobre estas distâncias, a não ser que seja para visitar parentes;
4. Aldeamento e organização dos silvícolas numa zona estrategicamente escolhida: diferente da posse particular de qualquer tribo e, ao mesmo tempo, situada numa área de grande trânsito, a fim de por obstáculos a eventuais tentativas de fuga [medo da estrada] para os Wai-Wai, parentes deles na Guiana.

Dispomos, neste momento, dos seguintes resultados, conseguidos pela DER-AM-FUNAI e úteis para esta lógica de trabalho [unicamente achamos que deverá ser aplicada, neste próximo futuro, mais sistemática na impostação de método e operações]: localização de duas malocas, no igarapé Santo Antônio: encontro com alguns indivíduos índios e distribuição de presentes.

---

[3] República Cooperativa da Guiana. (Hiram Reis)

ROTEIRO

Continua o plano:

O itinerário que iremos apresentar é fruto unicamente de uma lógica mental, baseada, é certo, em princípios de ética indigenista objetiva e dados de experiência indigenista concreta, mas não aprioristicamente realizável, sendo que:

1. Não se conhece meio de comunicação com estes índios;

2. O sistema de receptividade do silvícola é muito volúvel, especialmente se se considera o forte abalo a que ele, no nosso caso, foi submetido pelos acontecimentos tristes do passado.

Por conseguinte, na aplicação ao campo prático, dever-se-á ponderar todas as circunstâncias reais antes de executar ou reestruturar, e em quais termos.

1. Sobrevoo de reconhecimento por um raio de 40 km, com centro na Cachoeira Criminosa e as seguintes finalidades:

   - Levantamento topográfico de todas as aldeias indígenas;
   - Localização de uma zona neutra onde concentrar os grupos indígenas de imediato contato com a estrada;
   - Lançamento de presentes preparados em sacos e marcados cada um por um emblema particular [disco vermelho em campo branco], que servirá ao índio, para identificar as sucessivas expedições por terra e água, pois será igualmente marcado, nas pessoas e objetos.

2. Organização da equipe de trabalho para cobrir um período inicial e experimental de operações de três meses, até 31 de dezembro vindouro [isto foi modificado e antecipado para fins de novembro].

   Formação: Oito [só foram seis] homens, três mulheres, um Padre. Consideramos oportuna a presença da mulher, elemento novo na história destas expedições, pelos seguintes motivos:

- ✓ Dá-se ao índio a impressão da uma operação "*normal*"; movimento de famílias que estão realizando o próprio futuro;
- ✓ Tira-se dele o medo instintivo pela sorte das próprias mulheres;
- ✓ Animam-se os silvícolas a respeitar a comitiva na esperança de que um dia estas mulheres venham a fazer parte de suas famílias;
- ✓ Os mesmos homens da comitiva, destinados a trabalhar num campo tão delicado e perigoso, encontram na presença da mulher um piedoso complemento psicológico que favorece a serenidade do espírito, por demais necessárias nessas operações.

Inter-relações: os componentes serão, pelo que se refere o comportamento e trabalho, rigidamente submetidos às normas psicológicas e práticas da direção da expedição. Relações externas:

- ✓ Respeito absoluto pela personalidade do índio;
- ✓ Demonstração calma e continuada própria superioridade;
- ✓ Direito exclusivo do dirigente ou do seu delegado de tratar de operações ou de assuntos importantes com os silvícolas;
- ✓ Uso absoluto de meios pacíficos para o alcance de qualquer finalidade;

3. Expedição preliminar, por ferra, entre os grupos de imediato contato com a estrada [Atroari A-B do igarapé Santo Antônio], com as seguintes etapas:

   Penetração, encontro e brevíssima permanência com os indígenas [achamos o trabalho por terra, sendo esta considerada posse deles, bastante exposta a perigo].

   Traçamento de um caminho Y até o rio Alalaú, a ser executado pelos mesmos silvícolas: uso de técnicas particulares de persuasão e início da inserção deles no nosso movimento.

Julgamos oportuno, contrariamente a quanto indicamos em nossos planar anteriores inserir neste programa definitivo de trabalhos e operação Expedição Preliminar por terra pelos seguintes motivos:

- ✓ Sentimento de insegurança nos elementos da estrada já quase em contato direto com os primeiros grupos indígenas;
- ✓ Vantagem decisiva para a expedição posterior se pudéssemos contar, desde o início com a amizade de um grupo pequeno, aparentemente não muito ofensivo, que nos facilitaria todo o trabalho de contato com os demais grupos.
- ✓ Esta nova fase de operação será iniciada e continuada só na medida em que todas as condições forem totalmente favoráveis.

4. Expedição definitiva por água, rio Alalaú até o ponto de saída do caminho Y, com as seguintes etapas:

   Penetração, pelo Y, até as malocas e permanência de vários dias; construção de um acampamento AL; demonstração de bondade, alegria, força e prestígio, convicção nos índios que a gente é interessante; deslocamento, pelo Y, dos grupos A-B até o rio Alalaú.

   Acampamento A-2, em ilha, fora do alcance das flechas, com permanência de várias semanas; demonstração de habilidade em caça e pesca para dar convicção ao índio, que vivendo conosco ficaria resolvido o maior problema, o da fome; exploração de toda a zona, até as cabeceiras do sistema Jauaperí, com campos de pouso para helicóptero, sobrevoos de reconhecimento, localização de todas as malocas e estudo de uma área neutra e afastada [120 km do eixo da estrada] para a fase final do aldeamento; deslocamento dos grupos A-B.

   Centro de Aldeamento [previsto nas cabeceiras do rio Alalaú, margem direita], com:

- ✓ Plantação de mandioca para dar convicção aos índios de que os brancos querem aí morar mais de um ano;

- ✓ Construção de uma casa para dar a convicção de que somos gente que está ai "*vivendo*" e não explorando;
- ✓ Inserção dos índios em todo nosso movimento, com sistemas particulares de retribuição de trabalho, à base de artifícios dinâmicos, com poder de alcance, nos tempos de "*mercado*" de qualquer objeto de interesse para dar entusiasmo e senso de dignidade através da descoberta de novos valores e direitos para forçar o pedido por parte deles para morar conosco;
- ✓ Destinação de áreas particulares para a morada dos grupos A-B;
- ✓ Descobrimento de outros grupos amigos dos A-B e aproximação deles ao Centro de Aldeamento.

Centros Particulares, sempre dependentes do Centro-Base para o aldeamento dos grupos inimigos.

Organização Geral – vida, movimento, cultura – de todos os Centros.

Separação definitiva da estrada:

- ✓ Uma vez que o silvícola necessariamente voltará, para abastecimento às velhas malocas, até esgotar o aproveitamento das plantações, acha-se conveniente o contato brevíssimo dele com a estrada;
- ✓ Este contato mediante a participação nos trabalhos e conseguinte retribuição, sempre interessante, deveria trazer ao índio a convicção de que a estrada não é um inimigo;
- ✓ Aproveitando, depois do fenômeno, a grande afluência, na estrada, de pessoas, sempre amigas, mas que inevitavelmente provocam a rápida diminuição dos meios vitais de sobrevivência, criaremos no índio e convicção de que a estrada embora boa, deve ser definitivamente abandonada.

CONDIÇÕES

Para, tentar realizar o programa acima exposto, pedem-se as seguintes condições, a serem atuadas preliminarmente:

- ✓ Suspensão dos trabalhos de máquinas e desmatamento na zona em questão;

- ✓ Cessação de qualquer outro movimento de atração dos silvícolas, com o posto da FUNAI em Camanaú ou qualquer outro lugar ou oportunidade de distribuição de material agradável ao índio, a fim de evitar que seja anulada ou mesmo só reduzida a eficácia de operação da Organização Central;

- ✓ Autorização para essa organização poder orientar e disciplinar todo o movimento de relações com estes silvícolas, dentro e fora de área da BR-174;

- ✓ Fornecimento, desde agora, até 31 de dezembro vindouro, com possibilidade de prolongar este período, de todos os meios de organização e execução na relação a seguir: [...] (JORNAL DO BRASIL, N° 198)

O Jornal, n° 14.470 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 27.11.1968

Localizada a Expedição de Meireles, mas Sorte do Padre Calleri é Incerta

A Fundação Nacional do Índio recebeu ontem, a notícia de que foi localizada, por um helicóptero da FAB, a expedição de Francisco Meireles, no Território de Rondônia próxima à aldeia dos "*Cinta-Larga*". Todos os quarenta componentes da missão estão passando bem, e a interrupção das comunicações deveu-se a um defeito no aparelho de radiotransmissão. Ao mesmo tempo, notícias chegadas de Manaus informam que elementos do PARA-SAR desceram na área percorrida pelo Padre João Calleri não encontrando nenhum vestígio dos corpos anteriormente fotografados e do restante da expedição.

OPERAÇÃO RESGATE

Sem perder as esperanças de entrar em contato com a expedição do Padre Calleri, chegou a Manaus o Sertanista João Américo Peret, seguindo imediatamente, pela FAB, para a área dos índios Atroari, fazendo parte de um grupo para a denominada Operação Resgate. A expedição partiu no encalço do grupo do Padre, tendo pernoitado na cidade de Moura, seguindo viagem pela manhã. As buscas continuam também pelo ar, sendo empregados helicópteros, aviões da FAB e elementos do PARA-SAR, todos unidos no esforço visando salvar os restantes componentes da missão de catequese dos Atroari.

ÍNDIOS CONHECIDOS

O presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, desmentiu serem os silvícolas, tanto da tribo Atroari como Cinta-Larga antropófagos, explicando que são índios conhecidos e que só se revoltam por se sentirem ameaçados em seus domínios nas selvas. Disse, ainda, que não existem mais indígenas antropófagos na Amazônia, já que foram exterminados por outras tribos que se sentiam ameaçadas. Também na divisa do Maranhão com o Estado do Pará os índios estão em pé de guerra. São os remanescentes da tribo dos Gaviões, que se revoltaram contra a invasão de suas terras, aparentemente por turmas da SUDAM, sendo iminente um ataque. Para tentar contornar a situação, partiu da 3ª Inspetoria, em São Luís, uma expedição da FUNAI, que tentará entrar em contato com os Gaviões.

CALLERI É TÉCNICO

Contradizendo as informações do mateiro Álvaro Paulo da Silva, sobrevivente da expedição do Padre Calleri, o Sr. Queirós Campos afirma que o Padre é um especialista em problemas indígenas, além de ser um grande antropólogo e dirigir há vários anos certa de 8.000 índios nos mais variados estágios culturais. Aventou, ainda, que a narração do mateiro cai em muitas contradições e que não ficou

explicada a posse da arma do Padre por parte de Álvaro. Sobre os corpos não se entende como pode um deles ser de Maria Mercedes Sales, já que entre esses índios são constantes as lutas motivadas por falta de mulheres.

MALOCA QUEIMADA

No lugar denominado "*Maloca Queimada*", os integrantes do corpo de salvamento do PARA-SAR encontraram apenas um coldre, uma bainha de faca, um papel manuscrito roto e ilegível e um pedaço de cobertor. Foi encontrado, também, um soutien que pertenceria a uma das mulheres da expedição. As esperanças de que o Padre e seus acompanhantes estejam vivos são, a cada dia, mais remotas, sendo que o mateiro "*Mineiro*", que até poucos dias acompanhou a expedição, insiste em que viu dois corpos. O Tenente Ribas, chefe das buscas, contudo, nada adiantou a respeito, informando apenas que as buscas prosseguirão nas selvas até que seja esclarecido o destino da expedição.

MAU RESULTADO

O presidente do FUNAI, Sr. Queirós Campos, falando sobre os incidentes ocorridos com as missões, culpou exclusivamente os responsáveis por incursões sem prévia preparação, realizadas sem a supervisão da FUNAI e que puseram os índios neste estado de beligerância, atacando até mesmo integrantes das expedições da FUNAI, receosos de todo homem branco que penetre em seus domínios.

Jornal do Brasil, n° 199 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 28.11.1968

SAR Está em Dúvidas Quanto ao Destino da Missão Calleri

[Álvaro Caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Manaus – Completada a primeira semana dos trabalhos de busca e salvamento da missão chefiada pelo Padre Calleri, o Comando Geral das Operações do SAR levantou apenas uma série de dúvidas quanto ao destino da expedição, que para uns foi massacrada e para, outros está perdida entre os rios Alalaú e Jauaperí região dos Waimiri-Atroari. A lentidão dos trabalhos está sendo atribuída pelos responsáveis a uma deficiência de material, já que apenas um Catalina 6525 e um helicóptero SH-1D do SAR estão sendo empregados, com a ajuda do Aero Commander do DNER. Um novo helicóptero chegou hoje a Manaus para substituir o primeiro, que será reparado, enquanto o Búfalo continua sendo esperado para auxiliar nas operações de vasculhamento da área.

DESTINO IMPREVISÍVEL

A esta altura o destino dos seis homens e duas mulheres comandados pelo Padre João Calleri, é uma incógnita para todos os que acompanham a missão de resgate, já que as hipóteses levantadas em cima dos poucos fatos concretos, conhecidos até agora são inúmeras. A própria versão do mateiro Álvaro Paulo da Silva, o único sobrevivente da expedição, apesar de aceita nos setores militares é contestada pelos amigos e irmãos da Prelazia de Roraima, que não acreditam tenha o Padre – experiente no trato com os índios – cometido certos erros elementares como o mateiro diz em seu depoimento.

O Padre Silvano Sabatini, procurador da Ordem da Consolata, tem em seu poder um rádio passado pelo Padre João Calleri informando a fuga do mateiro [sem citar-lhe o nome] no dia 28 de outubro, enquanto Álvaro diz que ficou com a expedição até o dia 31, quando, segundo conta, foram massacrados os primeiros missionários. Os sertanistas conhecedores dos costumes dos Atroari sustentam que toda vez que eles matam brancos os corpos ficam abandonados no local e os índios fogem das malocas. E os corpos não foram achados onde Álvaro disse tê-los visto.

FALTOU APOIO

Outro fato que trouxe mais confusão aos analistas foi o descobrimento de uma nova maloca não fotografada anteriormente nos diversos voos sobre a área. É de uma forma diferente das demais e está também habitada.

De resto, é incontestável entre os responsáveis pela operação e os sertanistas da Fundação Nacional do Índio que o Padre João Calleri confiou muito em sua capacidade, subestimando a reação e psicologia indígenas. Certo também que os Atroari sempre se preocuparam, em seus contatos anteriores com os brancos, em constatar se estavam ou não com superioridade numérica.

O Padre da prelazia de Roraima levou apenas nove pessoas na expedição, sem qualquer apoio logístico ou mesmo uma cobertura aérea esporádica para acompanhar o seu deslocamento na selva. Todos esses fatos contribuíram para criar um clima de nervosismo entre os responsáveis pela operação de salvamento, que passam às vezes vários dias sem dormir.

CLARA SALVOU-SE AO PERDER EMBARQUE

Manaus – A doceira Clara Monteiro dos Santos é hoje uma das mulheres mais felizes de Manaus, apesar de trabalhar desde manhã até tarde da noite em uma lanchonete, em bairro pobre, ganhando apenas o salário mínimo. Ela seria a terceira mulher da expedição do Padre Calleri, deixando de acompanhá-lo apenas por um desencontro na hora do embarque.

Muito vaidosa, sempre ajeitando os cabelos. Clara – desquitada, 23 anos, com uma filha de 12 – diz com ar bastante alegre que quando foi convidada por Álvaro Paulo da Silva aceitou logo o serviço, porque lhe prometeram pagar NCr$ 150,00 por mês.

A ÚNICA EXPERIÊNCIA

Clara Monteiro dos Santos conta que conheceu o mateiro Álvaro quando trabalhava numa lanchonete no bairro de Educandos. Depois ela mudou de emprego e o mateiro voltou a encontrá-la em agosto, Quando aceitou ir na expedição com outras duas mulheres, Marina Pinto da Silva e Maria Mercedes.

Eu fui contratada para cozinhar para os homens, pois nunca tive qualquer experiência com os índios.

Os doces e quitutes preparados por Clara são muito apreciados em Manaus. Atualmente, além de trabalhar na lanchonete, ela atende a encomendas particulares que lhe tomam todo o dia.

Eu topei por espírito de aventura. Nunca tinha visto a selva de perto e acreditava que iria viver uma experiência multo interessante, já que nada me foi dito sobre o perigo dos índios. Apesar dos conselhos dos amigos para desistir, eu estava doida para ir e só fiquei de fora por causa do desencontro.

Depois do contato com o mateiro, a doceira foi apresentada ao Padre Calleri, que a considerou uma mulher decidida e em condições de fazer parte da expedição. A partir daquele momento ela foi integrada efetivamente, tendo inclusive deixado o emprego para ficar à disposição do Padre João Calleri.

Eu fiquei triste por não ter ido, mas agora dou graças a Deus pelo desencontro.

Diz Clara Monteiro dos Santos, rindo e balançando a cabeça negativamente quando lhe perguntam se aceitaria se engajar em outra expedição pacificadora de índios.

Agora, nunca mais.

DNER CONDENA MUDANÇA NO TRAÇADO DA ESTRADA

Manaus – O Chefe do 1° Distrito Rodoviário Federal do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem,

engenheiro Altemiro Veríssimo Silveira, condenou qualquer tentativa de mudar o curso da BR-174, que está sendo construída para ligar Manaus a Santa Helena. Afirmou que os atritos criados com a passagem da estrada no território dos Atroari podem ser contornados de outra forma. A rodovia, segundo o engenheiro é fundamental para o desenvolvimento da região, e a mudança de seu traçado trará prejuízos de grande monta, pois mais de NCr$ 2 milhões já foram investidos em suas obras.

DIFICULDADES

Defende o engenheiro Altemiro Veríssimo Silveira a adoção de uma solução global e definitiva para as situações de conflito criadas com os índios Waimiri-Atroari, que habitam as bacias dos rios Alalaú e Jauaperí, "*que só pode ser conseguida através de sua pacificação, e posterior retirada para um local distante da estrada*".

> *Assim, tanto a estrada seria mantida em seu percurso original, não trazendo prejuízos para o Governo nem aumentando o seu traçado com os desvios que o DNER seria obrigado a fazer, como também lucrariam os índios, que passariam a habitar outra região, tendo respeitados as suas tradições, usos e costumes.*

Acredita o chefe do 1° Distrito Rodoviário Federal que a oportunidade agora é a melhor possível para que a pacificação dos Waimiri-Atroari seja feita planejada e conscientemente, dando prosseguimento ao trabalho iniciado pelo Padre João Calleri da Prelazia Consolata de Roraima.

A CONSTRUÇÃO

A rodovia Internacional Manaus-Boa Vista terá dois pontos importantes de apoio, que são as cidades de Caracaraí, a 612 km de Manaus, e Boa Vista capital do Território de Roraima. A estrada esta sendo aberta na selva, com grandes dificuldades por turmas de trabalhadores contratados pelas empreiteiras. Depois de Manaus, Caracaraí é a primeira cidade por onde ela passará.

Na fase atual, a rodovia está com 180 km desmatados, e penetra no território dos Atroari, na região próxima ao igarapé de Santo Antônio, nas proximidades do local onde esteve o Padre Calleri com sua expedição pacificadora. A FUNAI, defensora da tese de que o roteiro da estrada deve ser alterado, afirmou, através do chefe do seu 1° Distrito, Capitão Alexandre de Sousa, sediado em Manaus, que a aproximação dos trabalhadores e mateiros com os indígenas está contribuindo para torná-los mais hostis, dificultando o trabalho de sua pacificação, além de ser inconstitucional a invasão do território Indígena.

No momento, cerca de 300 trabalhadores estavam trabalhando no local. Os trabalhos de desmatamento foram paralisados quando deixou Manaus a expedição, a pedido do Padre Calleri, que condicionou a sua ida à suspensão dos serviços. De acordo com o entendimento entre o DNER e a FUNAI, as obras seriam reiniciadas tão logo a expedição retornasse. O objetivo do Missionário Consolata era o de adquirir a confiança dos Atroari, integrando-os na expedição, para depois então afastar-se alguns quilômetros da área da estrada, na expectativa de levar atrás de si os indígenas, que construiriam então nesta outra área suas malocas.

O esquema de construção da BR-174 prevê que ficará a cargo do DERAM o trecho que vai de Manaus até a região do rio Alalaú, que é a habitada pelos Waimiri-Atroari, ficando sob a responsabilidade do DNER a construção deste local para cima, até Santa Helena, passando por Caracaraí e Boa Vista. A rodovia já tem mais de 70 quilômetros em condições de tráfego, sendo que a parte restante, até a região do Alalaú, foi desmaiada, estando a picada aberta na selva. O seu piso será todo de cascalho. Ao mesmo tempo, o DNER já abriu 130 km na mata, saindo de Boa Vista.

OS OBJETIVOS

Segundo o engenheiro Altamiro Veríssimo Silveira a estrada será de grande importância para o desenvolvimento da

região, propiciando uma maior integração entre os seus centros principais. Além deste fato, toda a região, e principalmente o Território de Roraima, dependem quase que exclusivamente de um único meio de transporte, que é os rios Negro e Branco, cuja navegação torna-se muito difícil em determinadas fases do ano. A construção da rodovia apresentará uma solução para este problema.

FUNAI ESTÁ CERTA QUE FOI MASSACRE

O PARA-SAR encontrou vários objetos que pertenciam a membros da expedição do Padre João Calleri na maloca número 2 dos Atroari, Na 3ª maloca, os índios procuraram alvejar com flechas o Catalina da FAB que dava cobertura ao helicóptero do PARA-SAR. O sertanista João Américo Peret achou na selva vestígios de luta entre a expedição e os índios. Todos esses fatos, segundo a FUNAI, levam a uma única conclusão: a expedição pacificadora do Padre Calleri foi mesmo massacrada peles Atroari. Na FUNAI restam poucas dúvidas quanto ao fim da missão, enquanto se solidifica a suspeita de que o único sobrevivente até agora encontrado – o mateiro Álvaro Paulo da Silva – tem alguma culpa no massacre, possivelmente por ter feito qualquer mal anterior aos índios.

VESTÍGIOS

A FUNAI recebeu ontem, com data da véspera, diversos rádios do chefe da 1ª Inspetoria de Manaus e uma comunicação telefônica da FAB, transmitindo mensagem urgente passada pelo sertanista João Américo Peret pela manhã. Na mensagem, Peret Informava que continuava seguindo pela selva o roteiro da expedição do Padre Calleri, à procura de sobreviventes. Afirmava ter encontrado vestígios de luta entre a missão e os índios, mas não dava detalhes sobre o que fora achado. No final, comunicava que as buscas continuavam dentro dos planos traçados e "*respeitando a pessoa dos índios*". Não informava, porém, se tivera contatos com os Atroari.

Na primeira das comunicações da 1ª Inspetoria, o Capitão Alexandre, que a chefia, informava que "*após o PARA-SAR descer na maloca n° 2, encontrou alguns objetos tais como: chapéu de palha, 14 lâmpadas, bocais, alguns remédios molhados, giletes e um par de botas que pertencia a elemento da expedição*". Acrescenta o rádio que "*na 2ª maloca, os índios apontaram flechas atirando contra o avião Catalina da FAB. O sertanista Peret continua acompanhando os trabalhos*".

"DENSO MISTÉRIO"

O segundo rádio recebido ontem – também com data da véspera – diz o seguinte.

> *Informo que a situação da expedição do Padre Calleri continua em denso mistério. Hoje [ontem] partira cedo com destino a Moura, base da expedição de resgate, uma equipe, a fim de tentar descer na segunda maloca.*

Essa comunicação prossegue informando que:

> *Dia 23 apareceu em Itacoatiara um componente da expedição chamado Álvaro Paulo da Silva, que havia abandonado o Padre Calleri. Foi transportado a Manaus via FAB, onde prestou depoimento com várias controvérsias. O referido elemento encontra-se detido na FAB, acompanhando a operação de resgate por conhecer os postos importantes percorridos pela expedição do Padre Calleri. O sertanista Peret continua em Moura, acompanhando a operação.*

Um último rádio informava que:

> *A operação do PARA-SAR foi reiniciada hoje [anteontem], tendo o helicóptero descido na 2ª maloca para fazer uma busca demorada, não tendo enviado qualquer notícia a respeito.*

Essa comunicação era anterior às demais, embora tenha chegado por último.

SUSPEITAS FORTES

Aa últimas informações chegadas à FUNAI fortaleceram a tese desde o início mantida por seu presidente, Sr. José de

Queirós Campos, e pelo diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher, um dos maiores conhecedores do índio brasileiro. Para este especialista, o depoimento do mateiro Álvaro parece:

> *Meio nebuloso e com muitas contradições para quem conhece os índios.*

Nilo entende o Sr. Gama Malcher como o mateiro tenha procurado fazer uma jangada para escapar dos índios, depois de ter visto várias corpos de integrantes da expedição em uma maloca. Explica:

> *Ninguém faz isso, pois quem conhece a Amazônia sabe muito bem que bastaria o mateiro ter aproveitado o tronco de uma das palmeiras da região para descer o rio.*

Além disso, não entende o Sr. Gama Malcher como o sobrevivente possa ter escapado pelo rio sem ter sido pressentido pelos índios. Estes o teriam visto – pois o mateiro disse que chegou bem perto da maloca – e o apanhariam em qualquer curva ou virada do rio com facilidade. Disse o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena:

> *Outras coisas que ele não explicou, como, por exemplo, o fato de ter aparecido com a pistola Beretta do Padre Calleri.*

Conhecendo bem os índios, o Sr. Gama Malcher tem uma explicação para o possível massacre da expedição do Padre Calleri. Para ele, algum integrante da missão – possivelmente o próprio Álvaro – teria feito anteriormente qualquer mal a um Atroari. Como os índios jamais esquecem uma ofensa pessoal, eles teriam se revoltado ao identificar esta pessoa na expedição. Para o Sr. Gama Malcher, o que aconteceu pode ter sido o seguinte: os primeiros contatos com os Atroari teriam sido feitos por uma vanguarda da expedição. Essa vanguarda teria sido muito bem recebida pelos índios, como o próprio Padre Calleri confirmou nas seis primeiras comunicações radiofônicas que fez à FUNAI.

Até esse ponto, os índios estariam dando as boas-vindas à expedição, trocando presentes com seus membros. Entretanto, quando o restante da missão se juntou à vanguarda, um dos índios teria reconhecido o seu ofensor. Isso explicaria a irritação progressiva que foi tomando conta dos Atroari comunicada pelo Padre Calleri em seu sétimo e último rádio. Nessa última comunicação, aliás, o Padre Calleri informou sobre a deserção de Álvaro, o que, para os especialistas da FUNAI, poderia ser agora tomado como indício de sua culpa. Outro indicio de culpa do mateiro, para a FUNAI, foi o fato de, em seu depoimento, ele ter procurado culpar o padre Calleri pela revolta dos índios, afirmando que o Missionário havia tratado com rispidez alguns Atroari.

Essas declarações de Álvaro são encaradas com bastante estranheza na FUNAI, pois o Padre era um profundo conhecedor dos hábitos dos indígenas e não iria incorrer no erro primário de provocá-los, principalmente estando em desvantagem numérica. Afirmou ainda o Sr. Gama Malcher que no momento em que os índios tivessem identificado no meio da missão pacificadora do padre Calleri um antigo ofensor, passariam, automaticamente, a considerar toda a expedição como inimiga, capaz de enganá-los ou de fazer-lhes mal novamente. E isso explicaria o massacre.

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO FAZ VIAGEM DE INSPEÇÃO

O presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, inicia hoje uma viagem de inspeção de 15 dias a vários territórios indígenas. À FUNAI chegaram ontem diversas comunicações de auxílios recebidos. Do Ministério da Saúde, serão fornecidos NCr$ 30 mil para, material hospitalar; do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, NCr$ 100 mil para montar uma cooperativa agropecuária na Ilha de Bananal. Enquanto Isso, a Embaixada da Inglaterra, em Brasília, mantinha contatos para a venda de três aviões e um helicóptero à Fundação.

VOLUNTÁRIOS

Ainda ontem a FUNAI foi informada de que dois médicos da Escola Paulista de Medicina se revezarão permanentemente em Bananal para dar assistência aos índios Carajá, enquanto cinco médicos especializados em Clínica Geral e Pediatria do Hospital Distrital L-2 de Brasília se apresentaram como voluntários para ficarem na área dos Kayapo-Gorotire durante uma semana, tratando dos índios que foram atacados de sarampo e gripe. Outro oferecimento recebido foi o de todos os formandos de Bioquímica do Hospital Distrital de Brasília, que se apresentaram como voluntários para trabalhar gratuitamente na FUNAI.

AJUDA

Um avião C-47 da FAB partirá hoje de Brasília para Bananal. Fará duas viagens transportando duas toneladas de carga, uma turma de operários, um agrônomo e um engenheiro civil, além de instrumentos de serraria, olaria e material agrícola para reabilitar a aldeia dos Carajá, que se encontra semidestruída.

VIAGEM

O presidente da FUNAI cumprirá o seguinte roteiro, em sua viagem de inspeção: Brasília, Bananal, Campo Grande, Cuiabá, Porto Velho, Manaus, Boa Vista, Manaus, Belém, Altamira, Marabá, Gorotire, Imperatriz, Barra do Corda, Nisla Brasileira, Recife, Porto Seguro, Belo Horizonte e Brasília, de onde retornará ao Rio. (JORNAL DO BRASIL, N° 199)

Jornal do Commercio, n° 49 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 28.11.1968

Primo vai Reconhecer Despojos de Calleri

Seguirão para Manaus nos próximos dias três Padres da Missão Episcopal Italiana da América Latina, para fazer o reconhecimento oficial do Padre Calleri, morto, juntamente com outros oito expedicionários, pelos índios Atroari, com os quais tentava contato para pacificação. Os sacerdotes que farão o reconhecimento do colega trucidado são os Padres Renato Aristides Perotti, Matteo Vivalda e Ângelo Maritano, este último primo do Padre Calleri, a quem classificou de homem extraordinário, que levantava às 3 horas da manhã para rezar missa e que dedicou toda a vida aos necessitados e sofredores.

HOMEM DINÂMICO

Segundo o Padre Maritano, o sacerdote morto nas selvas amazônicas era um homem ativo e dinâmico. Aos 14 anos sagrou-se campeão de ciclismo em sua terra natal e no curso de sua vida, 34 anos, desenvolveu uma profunda visão dos problemas humanos, ao mesmo tempo em que se dedicava às suas obrigações sacerdotais.

Maritano disse que pretendia se tornar também missionário como o primo, mas que, de imediato, desejava apenas assegurar funeral cristão a Calleri, para amenizar o sofrimento de sua mãe, tia do sacerdote falecido.

PACIFICAÇÃO

Na FUNAI, os funcionários acham que o trágico destino da expedição chefiada pelo Padre Calleri vai funcionar como estímulo para que os trabalhos de pacificação e proteção dos silvícolas seja incrementado, pois, dizem, o episódio mostra que muita coisa ainda tem que ser feita e que a interdição da área seria a primeira etapa. As missões sob-responsabilidade da FUNAI, disseram, prosseguirão, da mesma forma que será intensificado O policiamento das reservas indígenas, a fim de evitar a invasão de brancos inescrupulosos ou sem o necessário preparo para tratar com os nativos.

Ainda de acordo com os funcionários da FUNAI, o encontro dos ossos de oito membros da expedição confirma, em parte, a versão apresentada pelo mateiro Álvaro, cujas Informações foram, em princípio, ratificadas pela equipe da FAB que encontrou os despojos. Prosseguem, entretanto, os trabalhos de busca do novo membro da expedição, temendo-se que sua ossada tenha sido arrastada pelas águas do rio que corta a região em que foram encontrados os corpos, já que esta é a época em que todos os cursos d'água extravasam de seus leitos, pelas enchentes.

SURPRESA

Entre os funcionários do FUNAI foi recebida com surpresa a violência a que recorreram os Atroari para massacrar a missão chefiada pelo Padre Calleri. Isto, porque os Atroari eram considerados pacíficos e bem conhecidos dos homens da Fundação. O fato de os Atroari terem descarnado os corpos e despedaçado a golpes de facão ou arco as vítimas, mostra, segundo a FUNAI, que aqueles silvícolas voltaram a hábitos antigos, possivelmente em virtude das perseguições que lhes moveram os "*civilizados*" e aos maus tratos a que os submetiam os caboclos a serviço dos donos de seringais. As incursões pioneiras também teriam contribuído para a excitação bélica em que se encontram os índios brasileiros.

CALLERI FOI ADVERTIDO

MANAUS (M – JC) – Com 74 de anos de idade, o balateiro Raul Vilhena é um dos mais veteranos sertanistas das selvas da Amazônia. Conhece na intimidade os ferozes índios Atroari, com os quais conviveu. Em sua residência nesta capital, no bairro de São Raimundo, fez ele revelações e observações da maior oportunidade. Lamentou que sua avançada idade não lhe tenha permitido acompanhar a expedição do Padre Calleri, que foi pedir, inclusive na véspera da partida para as selvas, que fosse também um dos guias.

Dei quanto conselho pude ao Padre. Disse repetidas vezes que tivesse cuidado. Ponderei que deveria organizar melhor a expedição. Mas o Padre retrucou que já tinha experiência também. E foi embora dizendo até breve, se Deus quiser...

ESTRATÉGICOS

Em seu relato, o veterano balateiro Raul Vilhena destacou que os índios Atroari são "*por demais estratégicos*".

Sempre que realizam seus ataques à noite, porque sabem que assim terão melhores condições de vencer o branco que consideram inimigo.

E recordou o massacre de 1941, quando foram trucidados expedicionários brasileiros e também americanos:

Os índios deixaram que todos dormissem. E atacaram, alegando que os presentes dados eram ofensivos... Mas têm um pavor enorme de armas de fogo. Principalmente de revólveres e rifles. Ao conversar com qualquer branco tratam de observar atentamente o tipo de arma que estão carregando. Se vislumbrarem qualquer revólver, ficam contrariados. Chegam a propor que o revólver seja jogado fora. Se o pedido é atendido, gritam "caluamoré", que significa "branco é bom". Aceitam os presentes e ajudam prazerosamente a procura de madeiras, borracha, castanhas. Tem sido assim na região de Alalaú, por exemplo.

MULHERES

Revelou ainda o batateiro Raul Vilhena que os Atroari, como Waimiri também, brigam por mulheres. As duas tribos lá mantiveram inclusive duelo de morte raptando mulheres, que tornavam a recolher em ataques noturnos...

Cada índio, porém, só pode ter uma mulher. Com exceção do Tuxaua que se arroga ao direito de possuir duas.

Revelou Raul Vilhena. Outra revelação curiosa é a de que os Atroari não têm um chefe supremo. Vivem em grupinhos, que tem seus tuxauas, mas estabelecem uma união perfeita quando sentem a aproximação a aproximação dos brancos. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 49)

Diário de Notícias, n° 231 – Porto Alegre, RS
Sexta-Feira, 29.11.1968

Expedições Imprudentes

O País está acompanhando com ansiedade o destino da expedição de dez pessoas que sob o comando de um sacerdote que se embrenhou pela mata amazônica no intuito de entrar em contato com a tribo dos Atroari. Depois de vários dias de busca foi afinal encontrado um sobrevivente que contou a tragédia. O Padre Calleri, pelo que se pode deduzir das informações prestadas pelo expedicionário sobrevivente, cuja história parece ter certos pontos obscuros, não possuía as condições necessárias para o êxito do cometimento a que se propôs. Faltava-lhe pelo menos a necessária experiência para tratar com os silvícolas. Pela história contada, sabe-se que o sacerdote ameaçou um índio que insistia em tomar-lhe um prato de comida.

Começaram aí as desconfianças e as hostilidades que teriam terminado com a morte presumível de todos os membros da expedição, exceto o mateiro Álvaro Paulo da Silva que talvez mais esperto ou mais conhecedor das reações dos indígenas, tratou de abandonar o acampamento, conseguindo assim salvar-se. Está causando espécie o fato de não terem sido encontrados os corpos das vítimas. Ordinariamente os selvagens não as sepultam, sendo de esperar que estivessem onde foram sacrificadas.

Tal, porém, não ocorreu. O grupo de salvamento conduzido num helicóptero não conseguiu até agora localizar os cadáveres. Como dissemos há pontos na narrativa do mateiro que não parecem suficientemente esclarecidos e que, sem dúvida, as autoridades estão interessadas em saber tudo quanto se passou, procurarão observar no inquérito já aberto ou a abrir-se.

Mas o que nos leva a fazer este comentário, não é propriamente à expedição do Padre Calleri, assim como as de outros sertanistas e indianistas, e sim o fato de que embora mudem de nome as organizações do Estado encarregadas de executar a nossa política nacional para com os silvícolas, a situação de hoje não parece muito melhor do que era anteriormente.

Tem havido tentativas de estabelecer os termos concretos dessa política, mas a execução deixa muito a desejar. Sente-se que existem iniciativas de caráter privado, em que apesar da boa vontade e sinceras intenções dos seus autores, às vezes com finalidades apostólicas e de catequese, tudo se faz ainda de modo inseguro, e sem as precauções que os recursos modernos oferecem e que deveriam ser obrigatórias, em virtude de lei que as regulasse.

Deve haver lei nesse sentido o que não há é suficiente fiscalização e um sistema de disciplina que se faça respeitado.

Contradizendo o depoimento do mateiro Álvaro, o diretor da Fundação Nacional do Índio, conhecida pela sigla de FUNAI, declarou à imprensa que a Padre Calleri era pessoa altamente capacitada para sua missão e que, como antropólogo e experimentado conhecedor da vida; do temperamento e da psicologia dos índios, não teria cometido jamais o erro de provocá-los com ameaças, como informou aquele depoente.

Fica assim caro que o comandante da expedição era pessoalmente habilitado, contrariamente ao que deixou entender o mateiro sobrevivente, quando o apontou como principal responsável pela chacina praticada pelos Atroari.

Não obstante, há falhas que não podem deixar de ser indicadas. Em nossos dias, uma expedição dessa espécie não pode ser mais uma simples aventura do tipo das que tantos

sacrifícios humanos têm custado nessa obra de incorporação dos índios à civilização.

O roteiro a ser percorrido, um serviço de comunicações rápido e eficiente, a preparação da retaguarda para a eventualidade tão comum de se mostrarem os silvícolas refratários, tudo deveria ter sido cuidadosamente organizado, para evitar os insucessos desanimadores e, sobretudo as enormes despesas com as operações de busca e salvamento na imensa floresta amazônica.

É inegável que existe uma atmosfera de suspeição em torno desses serviços do Estado. Nós não a aprovamos, mas é um fato que as recentes histórias sabre a eliminação em massa de selvagens, estarreceram não apenas o Brasil, mas o mundo inteiro, onde tanto se falou de genocídio cometido sob a responsabilidade do nosso governo.

Em tudo houve muito exagero e muita falsidade, mas sobrerrestou sempre a desconfiança de que alguma coisa não andava certa e ainda agora está exigindo mais atenção e energia. Cognominamos de "*imprudentes*" as expedições do gênero da que acaba de realizar o malogrado Padre Calleri.

Não se pode elidir a culpa do Estado que as permite, sem exigir que se cerquem das providências indispensáveis e do mínimo de precaução que o perigo de tais tentames comporta e impõe. (DIARIO DE NOTÍCIAS, N° 231)

Jornal do Brasil, n° 200 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 29.11.1968

Versão de Álvaro é Desmentida Pelo Barqueiro que o Encontrou na Selva

[Álvaro caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Itacoatiara – O primeiro desmentido concreto do depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva surgiu ontem em Itacoatiara. A reportagem do JB encontrou o material que ele afirmou haver perdido na fuga. O material foi localizado com o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, que conduziu Álvaro em sua fuga pelo rio Apumã. Consta de uma espingarda, que o mateiro disse ter perdido, uma rede, linhas de pesca, dez cortes de fazenda estampada, uma Bíblia e 60 cartuchos.

CONTRADIÇÃO

Afirmou o barqueiro que, quando encontrou Álvaro nas proximidades de uma usina de madeira, em plena selva, ele contou-lhe que fugira da expedição porque o Padre João Calleri estava sendo muito rígido no tratamento com os índios. O mateiro afirmou também, ao contrário do que disse depois em Manaus, quando foi ouvido pelo Tenente Ribas, que não havia nenhum morto ao abandonar a expedição. Segundo o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, Álvaro afirmou que viu muitas índias bonitas e que os índios da região são cabeludos e barbados. Contou, também, que preparou a fuga com cuidado e convidou um companheiro – Eduardo – para acompanhá-lo. Este, no entanto, preferiu ficar, alegando que confiava no Padre. O mateiro pediu-lhe então que fizesse segredo, não falando nada sobre a balsa que construíra para a fuga – segundo a versão do barqueiro.

SERVIÇO SECRETO INVESTIGA O MATEIRO

Manaus – A 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira da 8ª Região Militar [serviço secreto], chefiada pelo major Mero, esta levantando a ficha do mateiro Álvaro Paulo da Silva, até agora o único sobrevivente da expedição chefiada pelo Padre João Calleri, diante das últimas Informações chegadas aqui a seu respeito, que o dão como "*um aventureiro inescrupuloso*". Estas informações, ainda não confirmadas oficialmente, recolhidas junto às pessoas com as quais o Mineiro conviveu ultimamente, o apontam

como tendo sido vaqueiro no Interior de Goiás até há bem pouco tempo, de onde fugiu depois de dar alguns golpes. O Major Mero Informou que ainda é cedo para falar sobre o assunto, pois só agora começou a trabalhar nele.

ATRITO E SAQUE

Funcionários do Departamento Estadual de Estradas de Rodagens do Amazonas [Deram] admitem reservadamente que a expedição deixou São Gabriel, um dos postos do Departamento ao longo do traçado da BR-174, com o mateiro já entrando em atrito com outros membros. O padre Calleri – que sempre quis preservar o sentido de autoridade e disciplina – fez diversas advertências para evitar que os atritos alcançassem uma dimensão maior, segundo as mesmas fontes, mas as brigas continuaram com o deslocamento dos homens.

Segundo estas informações, que ganharam maior evidência com o fato de a 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira estar investigando a vida do mateiro, havia um complô entre ele e outros membros da expedição, ainda não identificados, com a ajuda de trabalhadores da frente de construção da rodovia, para saquear a expedição, plano que teria sido abortado com a reação dos índios às brigas internas dos expedicionários. Admitem estas fontes que uma cena de violência entre 03 integrantes da expedição, durante a qual houve trocas de tiros e mortes, tivesse causado uma reação também violenta dos Atroari aos quais não teria cabido a iniciativa de qualquer ato de agressão.

TARIMBA E AMIZADE

Em defesa desses argumentos, estas mesmas fontes apontam dois fatos importantes. O primeiro é o de que o Padre João Calleri é um homem por demais experiente para se ter precipitado e provocado desentendimentos com os silvícolas, pois a sua tarimba e conhecimentos sobre o assunto o credenciam como um dos melhores sertanistas da região.

O outro se refere aos últimos contatos dos Atroari com o pessoal da construção da BR-174, que foram por demais amistosos e cordiais para que tivessem mudado assim tão repentinamente.

Num destes contatos um helicóptero do DERAM pousou na clareira da "*Maloca Queimada*", dois homens desceram e foram recebidos amistosamente pelos índios, a ponto de, quando foram novamente decolar, não puderam levantar voo devido ao excesso de presentes que ganharam. Cachos de bananas tiveram que ser retirados para que o helicóptero levantasse voo. A expedição levou um equipamento de valor considerável, compreendendo, além dos víveres, presentes para os Atroari e equipamentos diversos para a missão, um radiotransmissor e receptor SSB, um motor Honda, pesando 50 quilos, e uma lancha com motor de popa. Todo este material encontra-se desaparecido, com a expedição.

CHUVA MANTÉM AS BUSCAS PARALISADAS

Manaus – As chuvas fortes de ontem voltaram a impedir qualquer ação dos paraquedistas do SAR na região onde desapareceu a expedição. Para hoje está prevista nova descida na área dos Atroari, com maior número de homens [20] porque serão utilizados helicópteros.

As operações de vasculhamento da área onde se presume que a expedição foi massacrada estão paralisadas há dois dias. Em Moura, base avançada das operações, os homens do PARA-SAR aguardam que a chuva amaine para continuar as buscas.

PRESENTES

Hoje serão lançados presentes sobre as malocas dos índios – saquinhos de açúcar, espelhos, caixas de fósforo. Os aviões lançarão também cinco mil panfletos com instruções para que os possíveis sobreviventes façam sinais com espelhos e cruzes de madeira em todas as clareiras.

Segundo o Tenente Ribas, coordenador das operações de resgate, o objetivo da missão é mostrar que tem intenções amistosas, para depois descer com paraquedistas em recursões mais demoradas. Acredita o militar na possibilidade de ainda haver sobreviventes, mantidos presos pelos índios. Ontem chegou a Manaus mais um helicóptero para integrar as buscas, esperando-se para amanhã a vinda de um avião Búfalo da FAB, que será utilizado pela primeira vez em operações de salvamento.

ATROARÍ É FESTIVO E GOSTA DE AÇÚCAR

Manaus – Rapazes novos, altos e fortes, com uma média de idade de 22 anos, cabelos cortados rente, que gostam de açúcar e têm dentes estragados – o que não é comum entre os indígenas – além de muito festivos, assim são os Atroari, que habitam a bacia dos rios Alalaú e Jauaperí, segundo revelou o engenheiro agrônomo e sertanista Eduardo Celestino Santana. Seu Santana, como é conhecido o engenheiro, é funcionário do DERAM e vem mantendo contato com os Atroari desde 1967, quando foram iniciados os trabalhos de construção da rodovia Duque de Caxias [BR-174], deles guardando uma impressão amistosa, pois em todos os encontros que teve não notou qualquer sinal de agressividade.

COM AÇÚCAR

Outra característica dos Atroari – que juntamente com as Waimiri, seus irmãos da bacia do Alalaú e do Jauaperí, devem somar a mais de três mil na região – é a de gostar abusadamente de açúcar. Certa vez, conta o engenheiro, quando um grupo deles fez uma visita ao acampamento do DERAM, foi descoberta uma saca de açúcar num canto. Depois de enfiar o dedo no açúcar e passar na boca, o índio começou a pular de contentamento, chamando a atenção dos demais, que logo formaram uma fila, esvaziando a saca em poucos minutos.

Nestes contatos, os Atroari, que usam apenas uma pequena tanga presa por um cinto de cipó à cintura, demonstraram grande simpatia pelas redes, que foram todas ocupadas, pelos cachorros, com os quais eles brincaram durante muito tempo, e pelas roupas dos brancos, tendo alguns deles vestido, uma em cima da outra, mais de quatro camisas.

Especial simpatia foi demonstrada também para com as mulheres, todas elas chamadas de Maria, única palavra conhecida por eles fora do seu dialeto. Fora isto, qualquer comunicação era feita através de mímica. Demonstrando possuir uma intuição muito grande, segundo as observações do engenheiro Eduardo Santana, os Atroari sempre que vinham ao acampamento dos trabalhadores vasculhavam todos os cantos com o objetivo de saber quantos homens existiam. Conhecendo já este hábito, nós tomávamos a precaução de colocar sempre o dobro de homens em relação ao número de índios, para evitar qualquer suposição de superioridade por parte deles.

A CULTURA

Os Atroari possuem certo conhecimento adquirido em consequência de seu trabalho, revelado principalmente na construção de suas habitações, redondas, feitas de madeira e cobertas com folha de palmeira, na cerâmica que desenvolvem e nos machados e flechas que utilizam. Segundo seu Santana, já no quilometro 111 do trecho Manaus-Alalaú da BR-114 começaram a aparecer indícios da cerâmica indígena, com o descobrimento de alguidares, que são bacias de barro, e outras peças muito trabalhadas. Com o progresso das obras de desmatamento, outras coisas foram surgindo, deixadas pelos índios, acredita-se, para facilitar a aproximação com os trabalhadores, entre elas machados de pedra, arcos e, flechas.

No primeiro contato que tiveram com os Atroari, eles foram em número de seis ao barraco do acampamento, trocaram alguns brindes e depois retornaram.

"*Fisicamente eles são conto qualquer um de nós. Têm traços finos, que os identificam mais com o caboclo do que com os demais índios*" – diz o sertanista. Na outra vez que voltaram já foram em número de 22. Novos presentes foram então trocados, sendo que eles trouxeram bananas e flechas. Na hora de comer, recusaram a refeição dos brancos, preferindo peixe moqueado [assado com escama]. Os arcos utilizados pelos Atroari medem mais de dois metros e têm grande resistência. O acabamento é perfeito. Algumas flechas tem ponta de ferro, na forma de anzol, outras têm as pontas longas e afiadas, também de ferro, e as de uma terceira espécie são de madeira, com forma de rosca na ponta.

FUNAI NÃO CRÊ EM BRANCO CHEFIANDO ÍNDIOS

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI, Sr. José Maria da Gama Malcher, afirmou ontem – analisando a afirmação de Álvaro Paulo da Silva de que há um branco venezuelano chefiando os índios – que histórias como essa sempre existiram na Amazônia, sem fundamento, com o objetivo único, de justificar violências contra os silvícolas. Nenhuma notícia chegou ontem à FUNAI sobre o paradeiro da expedição do Padre Calleri ou sobre os trabalhos de resgate. Continua a dúvida entre duas hipóteses: ou a missão foi mesmo massacrada ou está prisioneira dos Waimiri ou Atroari.

MATEIRO SUSPEITO

A história do mateiro Álvaro Paulo da Silva, de como conseguiu escapar sem ser morto pelos índios, é encarada com suspeita crescente na FUNAI. Para o Sr. Gama Malcher, até que tudo o que aconteceu à expedição do Padre Calleri se esclareça, as declarações de Álvaro são suspeitas. O Sr. Gama Malcher não admite que os vestígios encontrados há três dias pelo PARA-SAR na maloca número 2 dos Atroari – um par de botas, remédios molhados, chapéus de palha, etc. – sejam suficientes para que se afirme que tenha havido um massacre.

Para ele, até que se encontrem os corpos das possíveis vítimas os participantes da expedição do Padre Calleri poderão estar prisioneiros dos índios. Entretanto, o Sr. Gama Malcher não afasta a hipótese de que tenha ocorrido um massacre. Se isso aconteceu, apresentam-se duas alternativas, a primeira das quais de que os índios houvessem reconhecido entre os participantes da expedição alguém que anteriormente lhes fizera algum mal. Na hipótese de massacre, a segunda possibilidade seria a de que os presentes do Padre Calleri tivessem se esgotado antes da chegada de todos os grupos de índios. Nesse caso, os índios que chegassem por último, vendo os demais com brindes, achariam que o Padre não estivesse disposto a presenteá-los também, o que é considerado uma desfeita imperdoável. Esse caso poderia, também, explicar um possível massacre da expedição.

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, entretanto, vê com muita desconfiança a história do mateiro, ainda mais agora que surgiu o caso do branco chefiando os índios. Disse o Sr. Gama Malcher que não é de hoje a existência de histórias semelhantes na Amazónia, lembrando as hipotéticas presenças de um francês entre os índios Urubu, em Gurupi, no Maranhão, de um foragido da polícia entre os Paracanã e Açurini, na região do rio Tocantins, e muitas outras parecidas.

O objetivo dessas histórias, afirma o Sr. Gama Malcher, era justificar a presença de Forças Policiais ou Militares nas áreas dos índios, para resgatar ou prender esses hipotéticos homens brancos, que nunca foram encontrados. Até que essas expedições terminassem, os territórios indígenas eram invadidos e muitos índios massacrados. Explicou que os índios não atacam gratuitamente o homem branco, mas é este quem invade o seu território. Com esta invasão, o índio naturalmente se torna hábil, para defender a sua terra. Disse o Sr. Gama Malcher:

O mesmo aconteceria com os homens brancos que tivessem o seu país invadido por outra nação.

Por isso, acha o Sr. José Maria da Gama Malcher perfeitamente natural que os índios tenham atacado com flechadas o Catalina da FAB que há três dias dava cobertura a um helicóptero do PARA-SAR quando examinava a maloca n° 3 dos Atroari. A agressividade desses índios não significa que eles estejam revoltados depois de massacrarem a expedição do Padre Calleri, mas é apenas uma atitude de autodefesa. Por outro lado, acrescenta, esses indígenas que atacaram o aparelho do PARA-SAR podem até ser de um grupo que não teve qualquer contato com a expedição do Padre Calleri.

SEM BOMBAS DE GÁS

O Gabinete da FUNAI afirmou ontem categoricamente que em nenhuma hipótese seus sertanistas usarão bombas de gás lacrimogêneo contra os índios, nem armas de fogo, mas apenas fogos de artifício, que só assustam. Essa afirmação foi motivada pela noticia de que o PARA-SAR, se fosse atacado durante os trabalhos de resgate dos mortos ou sobreviventes, utilizaria fogos de artificio e bombas de gás para manter os índios afastados. Reafirmou a FUNAI que a ordem recebida do Ministério do Interior – ao qual está subordinada – é a de preservar, de qualquer maneira e em qualquer hipótese, a integridade física do índio. Entretanto, a Fundação não pode garantir que o PARA-SAR vá deixar de usar bombas de gás contra os índios, pois aquela unidade militar é subordinada ao Ministério da Aeronáutica. A necessidade da preservação da integridade física dos índios vem sendo ressaltada desde o início pela FUNAI, reafirmada inclusive em uma comunicação do sertanista João Américo Peret enviado para chefiar a missão de resgate. Com essa declaração, pretende a FUNAI evitar qualquer ação de represália aos Atroari e Waimiri, a pretexto de que homens brancos tivessem sido atacados pelos índios quando procuravam sobreviventes da missão do Padre Calleri.

Com essa finalidade, o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, enviou para a 1ª Inspetorias de Manaus, tão logo chegaram as primeiras notícias sobre o desaparecimento da expedição do Padre Calleri, um rádio urgente determinando que não fosse permitida qualquer represália aos índios, e que informasse com a maior brevidade à Fundação se alguém, algum órgão ou entidade tentasse penetrar na área dos Atroari a pretexto de procurar sobreviventes. Explica a FUNAI que essa preocupação com a integridade dos índios está baseada em numerosos acontecimentos no passado, quando volta e meia surgiam notícias de massacres de brancos – quase nunca confirmadas – apenas para dar pretexto a represálias.

Essas represálias informam ainda os funcionários da FUNAI, somente encobriam os interesses dos mineradores, madeireiros, garimpeiros e outros aventureiros pelas terras dos índios. Nas expedições punitivas eram mortos muitos índios, e os sobreviventes fugiam, para outras áreas, deixando então suas valiosas terras para serem exploradas pelos brancos.

INTERDIÇÃO

A interdição da região onde vivem os Atroari e Waimiri foi pedida anteontem pela FUNAI, que enviou ofício nesse sentido ao Ministério do Interior, para ser encaminhado ao Presidente da República. O diretor do Patrimônio Indígena, rebatendo as afirmações do Governador do Amazonas, Sr. Danilo Areosa, de que a interdição, iria prejudicar o progresso da região e a própria segurança nacional, aclarou que a medida não impedirá que a estrada Manaus-Caracaraí continue a ser construída. Lembrou o Sr. Gama Malcher que a interdição não atinge o Estado do Amazonas, mas apenas uma pequena parte do Território de Roraima, na confluência dos rios Alalaú e Jauaperí e até as suas cabeceiras. Frisou que a interdição só alcançará parte daquele Estado se isso for estritamente necessário.

Afirmou que a interdição não exigirá um novo traçado para aquela rodovia, mas a sua finalidade é permitir que um sertanista da FUNAI passe a acompanhar os trabalhos de construção, orientando os contatos com os indígenas. Explicou o Sr. Gama Malcher que o objetivo da FUNAI é atrair os índios da área para outra região, de maneira que recebam novas terras que lhes permitam viver sua própria vida sem serem incomodados pelos brancos e longe da estrada, "*onde não seriam mortos a tiros, mas pelas doenças levadas pelos civilizados*". Essa, aliás, era a principal missão do Padre João Calleri. (JORNAL DO BRASIL, N° 200)

Jornal do Brasil, n° 201 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 30.11.1968

FAB Volta a Ouvir Mateiro que Mentiu da Primeira Vez

[Álvaro Caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Manaus – A FAB voltará a ouvir – passivelmente hoje – o mateiro Álvaro Paulo da Silva, em virtude dos objetos, encontrados em Itacoatiara [que ele dissera ter perdido na fuga pela selva] desmentirem o depoimento que prestou às autoridades ao chegar a Manaus. O depoimento entra em choque também com a versão que deu aos barqueiros que o recolheram na selva, durante a fuga da expedição do Padre Calleri, quando afirmou que desertou antes que os índios fizessem qualquer vítima.

PRIMEIRA VERSÃO

Nesta primeira versão, segundo afirmou ao JB o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, o mateiro não fez nenhuma referência à existência de mortos, relatando apenas que fugira por discordar do tratamento dado pelo Padre aos Atroari que ele classificou de muito rígido.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro -- Sábado, 30 de novembro de 1968 Ano LXXVIII — N.º 201

VEÍCULO DA FUGA

Alfredinho, o barco a motor de pôpa que ajudou o mateiro Álvaro a fugir da selva, está avariado em Itacoatiara

Outro ponto que complica consideravelmente a situação do único sobrevivente da expedição, até agora, é a descoberta de inúmeros objetos da missão, trazidos a Itacoatiara por Álvaro, em um saco, inclusive uma espingarda de calibre 20, que na versão dada às autoridades que afirmou que o cano havia rachado ao dar um tiro.

Todo o material encontrado ainda no interior do barco a motor "*Alfredinho*", que está avariado, foi entregue ontem ao Comando Geral das Operações de Busca e Salvamento. Entre os objetos encontrados estão, além da espingarda, dezenas de cartuchos, dez cortes de fazenda estampada, camisas, calças e pares de meias novos, escovas de dente, caixas de fósforo, redes, livros evangélicos e a Bíblia.

Outra coisa que será examinada pelas autoridades militares é um saco com manchas vermelhas, parecendo sangue, dentro do qual existiam outros saquinhos próprios para mineração na área.

AERONÁUTICA ABRE VERBA PARA BUSCAS

A Diretoria de Rotas Aéreas autorizou ontem o Tenente Everaldo Ribas – que dirige a operação de remate em Manaus – a dispor de qualquer quantia da tesouraria da 1ª Zona Aérea; caso seja necessário para facilitar a procura da Expedição do Padre João Calleri. Falando pelo rádio com a estação da FAB em Manaus, o chefe da Divisão de Buscas e Salvamento do Ministério da Aeronáutica, Major Latino, informou que se não houver disponibilidade financeira na 1ª Zona Aérea, o Tenente Ribas receberá do Rio, segunda-feira, NCr$ 1.000,00 para as despesas mais urgentes.

PARALISAÇÃO

A estação de Manaus informou que as buscas estiveram praticamente paralisadas nos últimos três dias, em consequência da chuva que cai na região onde atuava a Expedição perdida. O mau tempo impediu a decolagem dos aviões que deveriam dar cobertura aos helicópteros do Serviço de Buscas e Salvamento da FAB. Inclusive o recém-chegado Búfalo C-115 não pode levantar voo. A informação vinda de Manaus pelo rádio foi imediatamente transmitida ao Gabinete do Ministro da Aeronáutica.

ÚLTIMAS MENSAGENS DO PADRE CALLERI

Manaus – "*Irmã a senhora precisa rezar muito mais, porque tudo indica que se faltarem as orações as flechas não tardarão a voar*" – disse o Padre João Calleri a uma freira que com ele falou pelo rádio, no dia 31 de outubro, em seu último contato com o posto do DNER. Trechos de todos os rádios do Padre Calleri, para os diversos postos com os quais ele mantinha comunicação, foram revelados ontem em Manaus, dando conta de que nos últimos dias ele estava bastante preocupado com as reações dos Atroari. No dia 28 os contatos foram paralisados, devido a um defeito no aparelho SSB, voltando somente no dia 31.

AS MENSAGENS

Dia 22 de outubro foi passado o primeiro rádio, de Santo Antônio:

Estamos acampados no último braço do Santo Antônio. Foram terminadas todas as operações de transporte de carga e homens. Amanhã deixaremos o rio e por meio do caminho contamos encontrar-nos com Deus para que seja sem imprevisto o primeiro contato com os Atroari. Saudações, Padre Calleri.

Dia 23:

Uma jantar de farofa defronte do primeiro posto dos índios Atroari. Oito tiros para o alto para assinalar nossa presença.

Dia 24:

O grande posto e o majestoso varadouro dos Atroari permanecem em silêncio. De madrugada repetimos o aviso, com mais quatro tiros. Como os índios não vieram, decidimos tentar atingir suas residências, passando pela via considerada neutra, o rio. Saímos com cinco homens e uma mulher. Percorremos 35 km até entrar num chavascal tremendamente fechado. No fim também o nosso bom Johnson [motor de popa] deu pane. Conseguimos acampar no pântano.

Dia 25:

Rio Atroari. A marcha do labirinto hoje não foi nada melhor. Só o transporte de todo o complexo do aparelho radiofônico – será esta a primeira vez que este aparelho se permite tal turismo – no meio de pântanos, sob chuvas, criou não pouco caso sério. Mas uma forte vontade de vencer, igual em todos os companheiros, permitiu-nos cobrir uma distância excepcional. Acampamos a uns mil metros da primeira maloca dos Atroari.

Dia 26:

Estamos acampados com os Atroari na primeira maloca. Foi uma dura luta. Os índios chegaram de repente, medrosos e desconfiados, trazendo bananas e beijus. Mas não nos permitiram entrar nas malocas. Ajudaram-nos a montar o acampamento. Todo mundo dos Atroari estava suando com o trabalho. Só à noite fomos retribuir os presentes. Aproveitamos

a alegria para pôr os pés na maloca. Contamos cento e tantas e mais redes. Que Deus nos ajude.

Dia 27:

Nossa pequena equipe de frente vai se dividindo ainda. Dois homens e uma mulher Irão ficar defendendo o novo acampamento e três homens tentarão a não fácil empresa de convencer os Atroari: primeiro para ir juntos ver o varadouro a 40 ou 45 km do acampamento e depois levar nas costas o transporte de toda a mercadoria. A viagem servirá também para localizar com os índios, as malocas abandonadas. Até mais.

Do dia 29 ao dia 30 não houve contato.

No dia 31, o Padre falou com Manaus explicando que houve um pequeno defeito no rádio. Foi neste dia que o Padre João Calleri falou com a irmã de caridade, e esta lhe disse que estava rezando muito para Deus proteger a Expedição. Foi o último contato. (JORNAL DO BRASI, N° 201)

Diário de Notícias, n° 232 – Porto Alegre, RS
Sábado, 30.11.1968

Surgiu a Estória de um Branco no Massacre

MANAUS, 29 [Meridional] – Os silvícolas da região amazônica, numa autenticação de que alguma coisa está ocorrendo de anormal, receberam com flechadas um avião "*Catalina*" que sobrevoava o local, ao contrário do que faziam anteriormente quando acenavam amigavelmente para qualquer aparelho. Os ocupantes do aparelho da FAB, todavia, não perceberam qualquer branco nas imediações, e já chegou a Manaus, vindo de São Paulo, outro helicóptero a jato, para substituir o aparelho que está operando na selva apoiado pela base avançada de Moura.

Este, já esgotou o limite de horas de voo e deverá ser submetido à completa revisão. Está circulando na capital amazonense a informação de que missionários norte-americanos teriam comunicado ao programa radiofônico "*A Voz da América*", dos EUA que a expedição do Padre Calleri não foi dizimada pelos índios. Seus elementos estariam perambulando pelas selvas. Na dolorosa sucessão de massacres dos Rios Alalaú e Camanaú sempre aparecem suspeitas de que haja brancos por trás dos índios, insuflando-os contra a civilização – destaca o "*Jornal do Comércio*", órgão líder dos "*Diários Associados*" no Amazonas, comentando os chocantes acontecimentos nas selvas do nosso Estado.

Quando do ataque ao Posto "*Irmãos Bríglia*" do então SPI, em 1942 – acrescenta – correu a notícia da existência de um índio branco, até louro, entre os invasores. Causou desconfiança, também a transformação em pontas de lanças, usadas na ocasião, por instrumentos de corte, obtidos no mesmo Posto em troca de paz. Ninguém ignora que a área que agora se desbrava é considerada uma das reservas naturais mais importantes da região, flora, fauna e indícios de outras riquezas.

O BRANCO MARUAGA

Rio [Sucursal] – A expedição do Padre Calleri pode estar prisioneira na tribo dos Atroari, ou ter sido massacrada pelos índios que são incitados por um branco venezuelano conhecido por Maruaga, segundo versão do PARASAR e confirmada pelo engenheiro-agrônomo Eduardo Celestino Sanata, que está abrindo a BR-174 e é profundo conhecedor da região.

Esta versão ganhou consistência na localidade de Moura, depois que as autoridades da FAB deram maior atenção ao depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva, que no seu relado inicial, fez referência à presença de um branco entre os Atroari, que havia passado até então despercebido.

A versão de que os membros da expedição estejam aprisionados numa das malocas geminadas dos Atroari é consideraria importante pelas autoridades responsáveis pelas buscas e salvamento, pois os cadáveres que foram fotografados e vistos anteriormente desapareceram, além de não ter sido encontrado nenhum vestígio concreto de violência.

Um novo avião "*Catalina*" está sendo aguardado em Moura para auxiliar nas buscas.

Também deverá chegar um Búfalo, que tem condições para pousar e decolar de até 300 m e oferece a vantagem de poder transportar mais homens e material.

Durante as buscas que compreendem um vasculhamento completo das malocas geminadas nas margens do Igarapé de S. Antônio, serão jogados centenas de espelhos de formato pequeno e cerca de cinco mil panfletos com instruções aos possíveis sobreviventes sobre os sinais que deverão emitir para os aviões que sobrevoam a região. [...]

As notícias sobre a presença de um branco entre os Atroari, ocupando uma função de liderança, corre há muito tempo por toda a região. Após o relato do mateiro Álvaro Paulo da Silva e a confirmação feita pelo engenheiro Eduardo Celestino Santana – que constrói a BR-174 – as autoridades colocaram o fato como uma pista importante para elucidar o desaparecimento dos membros da expedição.

As pessoas que já viram o branco venezuelano descrevem-no como um elemento alto e idoso e que exerce autoridade muito grande entre os indígenas que demonstraram em seus contatos anteriores com a equipe que trabalha na abertura da rodovia terem "*profundo respeito pelo chefe Maruaga*". As operações de vasculhamento da área onde se localizam as malocas geminadas, último contato conhecido da expedição na selva, não evoluíram em nada, mas deverão continuar com dois helicópteros. [...] (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, N° 232)

O Jornal, n° 14.475 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-Feira, 03.12.1968

Brutalidade Silvícola no Extermínio da Expedição

MANAUS, [M] – Já foram transportados para a capital amazonense os despojos de 8 dos participantes da expedição do Padre João Calleri, trucidada quando tentava estabelecer contato com os índios Atroari, na região do Alalaú. Um dos integrantes da equipe de busca revelou que os despojos humanos, encontrados à margem do Igarapé Santo Antônio, perto da chamada "*maloca da esperança*", estavam limpos. As ossadas estavam praticamente todas separadas da coluna vertebral. Inclusive faltando alguns ossos dos membros superiores e inferiores, presumindo-se que algum animal tenha devorado as carniças. Todos os ossos estavam quebrados, provando que os índios agiram com brutalidade; os da coluna vertebral estavam enlaçados por um cipó, dando a-impressão de que teriam sido transportados para o local da chocante descoberta, uma vez que os pertences dos membros da expedição foram achados em lugares diferentes.

MULHERES TAMBÉM

Sábado, pela manhã, decolaram da base de Moura os dois helicópteros destacados para as buscas, com a cobertura do "*Aero Commander*" do DNER e do "*Búfalo*" da FAB. Os aparelhos pousaram na clareira da "*maloca da esperança*" e os elementos do PARASAR iniciaram a procura percorrendo uma vereda que parte da maloca e margeia o Santo Antônio, onde também está situada a construção da expedição do Padre Calleri. Em local próximo cerca de 200 m, nas margens do Igarapé, é que foram encontrados os 8 esqueletos, amarrados dois a dois, sendo que alguns se encontravam na água, em virtude das fortes chuvas que estão caluda na região e que aumentaram, consideravelmente, o volume de água do Santo Antônio.

A identificação do sexo dos mortos foi efetuada através das vestes e cabelos, pois os restos das duas mulheres ainda estavam com os "*soutiens*". Em sacos plásticos especiais, os despojos foram levados para a base de Moura e, posteriormente, removidos para Manaus, a fim de ali serem sepultados. Eram 10 os membros da expedição. Recolhidas 8 ossadas e estando a salvo o mateiro Álvaro Paulo da Silva, o "*mineiro*" resta localizar um elemento. As buscas prosseguirão, ao que se informa, com a participação do mateiro.

SERIA O PADRE

"*Mineiro*" e o sertanista Gilberto Pinto, que acompanharam a equipe do PARA-SAR, acreditam que a caveira cuja arcada dentária apresenta incrustações de ouro e porcelana, pertence ao Padre João Calleri. Todos asseguram que o sacerdote numa situação de perigo, não se afastaria dos seus companheiros.

MALÁRIA

Viajando num helicóptero, chegou a Manaus o mateiro Álvaro Paulo da Silva, acometido de malária. Logo após o desembarque, foi conduzido em viatura da Policia Militar a um médico, pois está muito debilitado. Nas próximas horas, será ouvido pelo Tenente Everaldo Ribas, coordenador das buscas à Expedição do Padre Calleri. E voltará à base de Moura, a fim de auxiliar na procura do único desaparecido.

"UMA BOA MOÇA"

Uma das jovens trucidadas pelos Atroari, Marina Otto Pinto da Silva, trabalhou alguns anos na residência de D. Cidinha Campos, em Manaus. Procurada pela reportagem "*Associada*", D. Cidinha, que é proprietária de uma ourivesaria, declarou que:

> Marina era uma boa moça e não me conformo com a sua desgraça. Um mês antes de se afastar do nosso convívio, pediu permissão para visitar os seus pais, como fazia sempre, e saiu, isto no dia 30 de setembro. Mais tarde, soubemos por seus

irmãos que residem em Manaus, que Marina havia se casado e, por isso, não viria mais para a nossa casa. Averiguando, porém soubemos que, ainda não tinha realizado suas núpcias. Havia conhecido um rapaz que trabalhava no DER-AM de quem estava gostando. Daí em diante não tivemos notícias dela, senão pelos jornais e por um telefonema da Madre Stockler, do Colégio Adalberto Vale. Acreditamos mesmo que o seu casamento tenha sido feito pelo Padre Calleri, por ocasião da partida de Expedição.

ADVERTÊNCIA

Com 74 anos de idade, o balateiro Raul Vilhena é um dos mais veteranos sertanistas das selvas da Amazônia. E conhece na intimidade os ferozes índios Atroari, com os quais conviveu inclusive durante alguns anos.

Em sua residência nesta capital, no bairro de São Raimundo, fez revelações e observações da maior oportunidade, lamentando que sua avançada idade não tenha permitido acompanhar a Expedição do Padre Calleri que, na véspera da partida para as selvas, lhe pedira que fosse também, um dos seus guias.

Dei quantos conselhos pude ao Padre. Disse repetidas vezes que tivesse cuidado. Ponderei que deveria organizar melhor a Expedição. Mas ele retrucou que já tinha experiência também. E foi embora, dizendo até breve, se Deus quiser...

ESTRATÉGICOS

Em seu relato, o veterano balateiro destacou que os índios Atroaria são "*por demais estratégicos*":

Sempre que realizam seus ataques escolhem a noite, porque sabem que assim terão melhores condições de vencer o branco, que consideram inimigo.

E recordou o massacre de 1944, quando foram trucidados expedicionários brasileiros e também americanos:

Os índios deixaram que todos dormissem. E atacaram, alegando que os presentes dados eram ofensivos... Mas tem um pavor enorme de armas de fogo.

Principalmente de revólveres e rifles. Ao conversar com qualquer branco tratam de observar atentamente o tipo de arma que estão carregando.

Se vislumbrarem qualquer revólver, ficam contrariados. Chegam a propor que a arma seja jogada fora. Se o pedido é atendido, gritam "*caiuamoré*" que significa "*branco é bom*". Aceitam os presentes e ajudam prazerosamente à procura de madeiras, borracha, castanhas, tem sido assim na região de Alalaú, por exemplo.

MULHERES

Revelou, ainda, Raul Vilhena que os Atroari, como os Waimiri, também, brigam por mulheres. As duas tribos já mantiveram inclusive duelo de morte raptando mulheres, que tornavam a recolher em ataques noturnos...

> *Cada índio, porém, só pode ter uma mulher. Com exceção do "Tuxaua", que se arroga ao direito de possuir duas.*

Outra revelação curiosa é a de que os Atroari não tem um chefe supremo. Vivem em grupinhos, que têm seus "*Tuxauas*", mas estabelecem logo uma união perfeita quando sentem a aproximação dos brancos.

PRIMO DE CALLERI NO RIO

Três Padres da Missão Episcopal Italiana da América Latina, Renato Aristides Perotti, Matteo Vivalda e Ângelo Maritano, primo do finado Padre Calleri, estão no Rio preparando-se para viajar para Manaus a fim de providenciar os trabalhos de reconhecimento e sepultamento do missionário italiano morto, juntamente com seus acompanhantes pelos selvagens da Tribo Atroari.

Sobre Calleri, seu primo, Padre Ângelo, expressou-se classificando-o como um homem extraordinário, que acordava às 3 horas da madrugada para rezar uma missa e que dedicou toda a sua vida para servir a Deus, olhando pelos necessitados e sofredores.

CAMPEÃO

Calleri, lembrou seu primo, era um homem ativo e surpreendente. Aos 14 anos foi campeão de ciclismo em sua terra natal, e em sua curta existência [34 anos], mostrou ser um predestinado quer pela sua visão dos problemas do homem quer pela rápida ascendência nos meios religiosos, motivada por uma bondade sem tamanho. Comentou ainda que sua triste tarefa seria um consolo para sua tia, viúva de 70 anos, que saberia, pelo menos, que seu filho teve um enterro cristão, Disse, também, que é seu desejo tomar o mesmo caminho trilhado por Calleri, pois pretende também ser um missionário.

PROSSEGUIRÃO

Já a FUNAI assegura que o massacre da expedição do Padre Calleri é mais um motivo para o prosseguimento dos trabalhos de pacificação e proteção aos direitos dos índios. O insucesso, prosseguem os elementos da Fundação, é mais uma prova de que muito ainda tem que ser feito, e que a interdição da área foi o primeiro passo. As missões, exclusivamente organizadas pela FUNAI, Intensificarão o policiamento das regiões indígenas, evitando a presença muitas vistas maléficas dos brancos e, principalmente, respeitarão o direito do índio de ter sua própria cultura, dentro dos seus moldes de vida.

CONFIRMAÇÃO

Com o encontro dos restos mortais dos componentes da Expedição Calleri, a cerca de 200 m da barraca construída para instalação do radiotransmissor e mais adiante, sempre à margem do rio, parece que se confirmaram em parte as declarações do mateiro Álvaro. Em seu depoimento, Álvaro afirmava a existência de 2 corpos junto à cabana construída pela missão, o que se confirmou com o achado dos corpos pela equipe de salvamento da FAB. Quase sem esperanças, prosseguem os trabalhos de busca do 9° membro da expedição, temendo-se que seu despojo tenha sido arrastado pelas águas do rio que passa pelo local onde foram encontrados os 8 corpos, já que a época é de cheia. (O JORNAL, N° 14.475)

Diário de Notícias, n° 235– Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 04.12.1968

Da Selva, é o Pavor do Atroari

MANAUS, 3 [Meridional] – Os trabalhadores da BR-174, que está sendo construída de Manaus até a Venezuela, numa extensão de 870 quilômetros, não querem mais abrir picadas na floresta, apavorados que estão com os índios Atroari, que massacraram a Expedição do Padre Calleri. Oficiais da FAB dizem que os Atroari são três mil e estão armados com 300 facões furtados à Expedição, oito espingardas e muita munição, enquanto o diretor do DER do Amazonas insiste em que a Fundação Nacional dos Índios organize outra Expedição para pacificar os Atroari e Waimiri, porque a estrada não pode parar.

A Expedição do Padre Calleri voltou ontem a Manaus reduzida a dez sacos de lona que foram estendidos na pista do aeroporto sob o foco de três refletores e o olhar de quase cem pessoas entre oficiais da FAB, funcionários da FUNAI, do DNER e o próprio superintendente da SUDAM. Coronel João Valter, um dos defensores da tese de integração rodoviária pela BR-174.

O Catalina 6.509 parou as hélices longe da estação de passageiros, onde se concentrava uma multidão curiosa e familiares dos expedicionários massacrados pelos índios. Somente autoridades e um grupo de jornalistas assistiram ao desembarque da ossada, que demorou cerca de 30 minutos, à espera do Padre Silvano Sabatini e de funcionários do Instituto Médico Legal.

No sepultamento dos restos mortais da Expedição compareceu quase toda a população de Manaus. Na página 3, outras notícias sobre o massacre.

MANAUS, 3 [Meridional] — A responsabilidade pelo fracasso da Expedição Calleri não deve ser atribuída apenas ao Padre italiano da Prelazia de Roraima dizem os sertanistas. Ao DNER e à Fundação Nacional do Índio cabe boa parcela de culpa, pois concordaram em lhe dar plenos poderes para o trabalho retirando qualquer apoio de fora à missão.

Os sertanistas e as autoridades responsáveis pelas operações de resgate concordam que ao Padre faltou tato para lidar com os indígenas, usando de uma autoridade excessiva, a FUNAI pecou pela omissão, entregando-lhe plenos poderes, e o DNER errou ao permitir a paralisação das obras de construção da BR-174, cujos trabalhadores, em último caso poderiam dar cobertura e refúgio aos expedicionários.

Conhecido como homem de grande capacidade para liderar, intransigente nas posições que defendia e de muita coragem, o Padre João Calleri, segundo a opinião dos sertanistas e conhecedores dos costumes indígenas da região, cometeu um erro fatal na tática que estabeleceu para os primeiros contatos com os indígenas, agindo com muita dureza, e só oferecendo presentes em troca do trabalho dos Atroari.

Acostumados a uma relação diferente com os brancos, dos quais sempre receberam presentes em troca de nenhum esforço, os índios estranharam o novo comportamento e acabaram por reagir de forma violenta, massacrando os expedicionários.

A excessiva autoridade do Padre, que chegou algumas vezes a ameaçar os indígenas em função de fatos considerados de pequena importância, como no episódio em que ameaçou com uma arma de fogo um dos índios porque mexera num prato, contribuiu sensivelmente para agravar as relações, segundo os sertanistas. A última mensagem do Padre, revelada em sua íntegra, mostra nitidamente este comportamento:

Acabamos de fazer juntamente com os índios, a segunda e última viagem e o transporte do material, do acampamento do Abonari Terceiro. O nosso sistema, nesta expedição preliminar, é o seguinte: mostramos inicialmente que somos trabalhadores e não aventureiros, depois fizemos o índio participar de nossa atividade para que a aprecie e não a destrua, e por fim, usamos com eles o critério da justa recompensa e não o da doação.

Continua o Padre:

Nos primeiros, estamos alcançando bom sucesso. No terceiro item a luta é duríssima, se não voarem as flechas, devemos ao Deus Pai e ao nosso extremo de vigilância e reflexão. Quase continuamente um homem dentre nós é destacado para o trabalho exclusivo de estudo e planejamento.

O motivo da enorme dificuldade neste ponto é o seguinte: eles rondam na área do rio Tarumã. As poucas vezes que o seringalista branco, absolutamente despreparado, contatou com eles, por medo, deu tudo o que era pedido. O índio que nasceu com medo do branco a esta altura mudou de opinião. Tornou-se preponente, e no fim, acabadas as mercadorias, tirou-lhe a vida.

Resultado: há 20 anos de história 40 brancos e 150 silvícolas, do grupo com o qual estamos, foram vítimas de massacres horrendos. Hoje, com a nossa chegada, eles pensaram encontrar os mesmos seringalistas. Estão usando técnicas finíssimas para se mostrarem furiosos e ameaçadores.

Diz ainda o Padre Calleri em sua última mensagem, no dia 31 de outubro:

Ontem à noite, fomos obrigados a estudar um meio para comprar com objetos todos os arcos do grupo que nos acompanha para podermos viajar mais sossegados.

Com extrema facilidade passam do sorriso aos gestos mais violentos para nos perturbar. Até que isto seja artifício, continuaremos firmes no nosso princípio: disciplina com a justa recompensa. Hoje de madrugada, um dos nossos melhores deixou a expedição. A realidade é muito difícil. Aqui a boa vontade, a união e serenidade de toda a equipe é maravilhosa. Saudações, Padre Calleri.

De posse destas informações, transmitidas pelo próprio Padre, os sertanistas concluem que é fácil constatar que ele tentou impor um tratamento rígido aos índios que a princípio ficaram desconfiados e acabaram reagindo de forma violenta, trucidando todos os expedicionários. A mensagem do Padre é também considerada importante porque reabilita em parte o único sobrevivente da expedição, o mateiro Paulo Álvaro da Silva, sobre quem pesaram séries acusações durante o transcorrer das buscas. Fica definitivamente claro que o mateiro permaneceu com a expedição até o dia 31 não fugindo no dia 28, como se informara anteriormente.

O mateiro deverá esclarecer ainda algumas contradições sem muita importância em seu depoimento, já que no fundamental ele o manteve nas diversas vazes em que foi reinquirido. Em Moura, base avançada das operações, o Major Lessa, comandante dos homens do PARA-SAR, o ouviu diversas vezes, escutando sempre a mesma história. Parece também, fora de dúvida, que não lhe cabe qualquer culpa no massacre.

O sobrevivente terá que explicar apenas por que afirmara ter perdido todo o material que trouxera em sua fuga, quando em Itacoatiara, cidade aonde ele chegou, foi localizado um saco com a sua espingarda e inúmeras outros objetos, inclusive calças, camisas e dez cortes de fazenda. Para os militares da FAB, ele trouxe este material para vender e ganhar alguma coisa. O Tenente Everaldo Ribas, Coordenador Geral das Operações, explica a sua fuga afirmando:

> *Ele conhece muito bem a selva e sabia dos perigos que estava correndo. Seu instinto de conservação falou mais alto, e ele procurou escapar o mais breve possível.*

Em suas conclusões sobre o fim da expedição Calleri, os sertanistas afirmam que a FUNAI, pela responsabilidade que tem no problema, não podia, em hipótese alguma, concordar com a exigência do Padre em lhe deixar toda a responsabilidade sobre a preparação e métodos da expedição.

É pensamento dos militares sugerir uma investigação mais séria a respeito dos índios da região, já que alguns fatos estranhos foram apurados durante as buscas. Índios de pernas e peitos cabeludos foram vistos, e as notícias sobre a existência de um branco entre eles é repetida por muitas pessoas.

Quanta às buscas, o Tenente Ribas informou que irá preparar um relatório para as autoridades superiores analisando todos os fatos e falhas, sugerindo algumas providências que poderão evitar novos massacres.

Entre elas está a de que a qualquer atitude ameaçadora dos índios a Expedição deve pedir que seja resgatada pelo rádio, o que se tivesse sido feito agora talvez desse para salvar os expedicionários. As providências foram tomadas muito tarde. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, N° 235)

Jornal do Brasil, n° 204 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 04.12.1968

FUNAI Atesta que Prelazia de Roraima Sabe Pacificar Índio

A Prelazia de Roraima, a qual pertencia o Padre João Calleri, tem uma vasta experiência de contatos com índios dos mais variados graus de aculturação. Um de seus novos projetos era exatamente a pacificação dos índios da região do Jauaperí, os Atroari e Waimiri.

Essa revelação foi feita ontem na Fundação Nacional do Índio pelo diretor do Departamento de Património Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher, ao rebater as críticas de que o órgão teria parte da culpa no massacre da Expedição por ter dado plenos poderes ao missionário sem a supervisão da missão.

ÓRGÃO CAPAZ

Quando adoeceu o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que estava entrando em contato com os Atroari e Waimiri para a FUNAI, a Prelazia de Roraima enviou um longo relatório ao órgão fazendo uma exposição dos trabalhos que realiza e se propondo a pacificar aqueles índios. Disse o Sr. Gama Malcher que esta seria a primeira vez que a Prelazia receberia uma missão da FUNAI, o que realmente foi feito em virtude dos excelentes serviços que vinha executando. A Prelazia de Roraima lida há muitos anos com os índios da região Amazônica, desde os semi-integrados, até os primitivos, isto é, indígenas que vivem isoladas e sem contato permanente com os brancos.

No relatório que enviou à FUNAI, informava a Prelazia que já mantinha contatos com os índios primitivos que vivem nas regiões dos rios Catrimani [10 malocas e 560 indígenas], Ajarani [04 malocas e 145 índios] e Apiaú [03 malocas e 084 índios]. Os outros três centros de índios primitivos que a Prelazia havia programado pacificar eram os dos rios Jauaperí [índios Waimiri-Atroari – missão do Padre Calleri], Urarica e Uraricoera.

Além disso, a Prelazia declarou em seu relatório que, com relação a índios semi-integrados, mantinha 13.027 indígenas em cursos primários e 4.253 em curso secundário. Informava que fornecia formação técnica em escola industrial e agrícola, ensino de mecânica, carpintaria, agricultura e criação de gado. Também dava assistência médico-hospitalar a esses indígenas.

ERRO FATAL

Para o Sr. Gama Malcher, grande conhecedor dos índios, o Padre Calleri, de acordo com as suas próprias comunicações radiofônicas, cometeu em toda a missão um único, definitivo e fatal erro: o de dar vários tiros para o alto a fim de avisar aos indígenas da sua presença. Declarou o Diretor do Departamento de Património Indígena:

Isso eu nunca vi. O Padre disse que chegou perto do aldeamento e viu as canoas. Pelo seu número, podia calcular quantos eram os índios. O que devia fazer era acampar na outra margem e esperar que os indígenas aparecessem.

Entretanto, o Padre, assim que chegou, deu oito tiros para o alto. Como nada acontecesse, esperou pelo outro dia, quando fez mais quatro disparos para o alto. Como ainda dessa vez nada ocorresse, o missionário resolveu entrar no aldeamento.

Afirma o Sr. Gama Malcher que esse foi o grande erro do Padre Calleri. Apesar de ter sido bem recebido, segundo o missionário informou nas primeiras comunicações, os índios devem tê-lo visto corno um invasor, porque ninguém chega diante da casa, de quem nunca viu, dando tiros para o alto. Na primeira oportunidade que tiveram, massacraram a expedição que, para eles, mesmo dando sinais de paz, deve ter sido encarada como guerreira, uma vez que se fizera anunciar com tiros para o alto.

Afora isto, diz o Sr. Gama Malcher que o Padre agiu corretamente, inclusive ao trocar, e não dar gratuitamente, presentes com os índios. Ressalta o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena que o Padre Carelli

Tinha perfeitamente noção dos perigos de sua missão, pois sempre frisara saber que há mais de 20 anos os Waimiri-Atroari eram conhecidos pelos seus "*massacres horrendos*".

SUSPEITA PERMANECE

Apesar de admitir que missionário tenha errado ao tratar com os índios, e que seu erro possa ter provocado o massacre, o Sr. Gama Malcher continua a suspeitar do mateiro Álvaro Paulo da Silva. Lembra que o único sobrevivente havia declarado que vira dois corpos junto à maloca dos Atroari, enquanto o PARA-SAR, ao chegar ao local, encontrou dois sacos com amostras de minério.

Reafirma o Sr. Gama Malcher a sua suspeita inicial: algum membro da expedição deve ter tido um contato anterior com esses índios, quando teria feito algum mal a qualquer membro da tribo. Em determinado momento, o índio prejudicado deve ter reconhecido esse expedicionário, o que condenou à morte o resto da missão. Para o índio, quem anda com um amigo é seu amigo também, e quem anda com um inimigo é inimigo do mesmo modo.

O fato de ter sido encontrado um saco com amostras de minério é muito importante para o Diretor do Patrimônio indígena, pois indica que alguém na expedição não estava só interessado na pacificação dos Waimiri-Atroari.

Como o Sr. Gama Malcher não acredita que o saco de minério fosse do Padre Calleri julga que algum membro da sua expedição traiu a confiança do missionário. Ressaltou o Sr. Gama Malcher:

Por estas e outras razões o padre Calleri havia, sido aconselhado a não levar na expedição qualquer caboclo da região, a não ser que fosse da sua inteira confiança. Ainda mais porque muito desses caboclos fogem para as cidades após fazer algum mal aos índios.

CHEFE BRANCO NÃO EXISTE

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI voltou a afirmar que não há possibilidade de haver um branco chefiando os Waimiri-Atroari ou qualquer outra tribo. Disse:

O que pode acontecer é haver prisioneiros brancos vivendo no melo dos índios. Casos desses já têm sido encontrados, mas, mesmo assim, jamais esses brancos chefiavam a tribo. Para ser chefe, é preciso uma série de qualificações e atributos. Inclusive hereditários, que o branco não pode ter.

O Sr. Gama Malcher mostrou-se cético quanto as notícias de que os militares, que participaram da missão de resgate dos despojos da missão Calleri, estavam dispostos a investigar os índios da região. Segundo as Informações vindas de Manaus, haviam sido vistos índios com o peito e a perna cabeluda, chefiados por um homem branco.

Entretanto, se for feita essa investigação, e até ontem não havia chegado à FUNAI qualquer pedido das autoridades militares nesse sentido, ela terá que estar a cargo da Fundação. De qualquer maneira, se essa investigação tiver que ser feita, ela terá que ser adiada. Agora, não se pode fazer coisa alguma, por causa das chuvas que caem na região.

AMEAÇA

Segundo o antropólogo Edmundo Schenk Dardeau Vieira, assessor técnico do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI, os índios só massacraram a Expedição do Padre Calleri porque devem ter sentido alguma situação de perigo. Declarou:

A atitude de hostilidade dos Atroari deve ser atribuída a um possível contato anterior hostil com o elemento civilizado. O índio só ataca diálogo que para os brancos é pacífico, pode ser encarado negativamente por eles. O Sr. Dardeau Vieira também acha que a aproximação do Padre dando tiros para o alto foi um erro flagrante, que pede ter sido encarado como provocação ou ameaça pelos índios, que tem pavor de armas de fogo.

O índio não tenta hostilizar ninguém, mas reage a qualquer agressão. Se alguém granjeou a inimizade de um índio, passa a ser seu inimigo mortal até o fim da vida. Ou vice-versa.

Com esse argumento, o antropólogo concordou com a tese do Sr. Gama Malcher, de que algum membro da Expedição do Padre Calleri teria feito qualquer mal anterior a um Atroari, o que teria ocasionado o massacre. Quanto aos ossos descarnados que foram encontrados, disse que nada indica uma possível antropofagia desses índios.

Em sua opinião, os expedicionários teriam sido enforcados ou mortos a pauladas e seus corpos atirados às piranhas no rio.

Essa circunstância de jogar os corpos no rio significa um desrespeito ao agressor. Todas as tribos teriam, ao contrário disso, praticado um enterro dos despojas segundo os seus rituais próprios. Entretanto, como isso não ocorreu, o fato pode indicar uma vingança dos Índios contra alguém que lhes teria feito mal antes.

A FUNAI recebeu ontem um rádio do delegado da 1ª Delegacia Regional de Manaus, antigo chefe da 1ª Inspetoria, Capitão Alfredo Alexandre de Sousa com a informação oficial sabre o fim da missão Calleri no qual se destaca que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem custeou todas as despesas. Inclusive o funeral das vítimas.

DNER NADA SABE SOBRE MASSACRE

O DNER desconhecia até ontem, por falta de informações do Primeiro Distrito Rodoviário sediado em Manaus, detalhes do massacre da expedição do Padre Calleri num trecho da estrada Manaus-Caracaraí, mas admitiu que ele tivesse ocorrido por imprudência do missionário. Segundo o chefe de gabinete do Diretor-Geral do DNER. Sr. Marcílio Mota, quando uma estrada em plena selva, como é a Manaus-Caracaraí, tem de ser construída, é feito um prévio reconhecimento aéreo para se localizar aldeamentos indígenas. Disse:

Quando ocorrem, existe um perfeito entrosamento entre os órgãos executores da estrada e a Fundação Nacional do Índio, pouco tendo de se fazer, no futuro, como aprimoramento.

RESPONSABILIDADE

A construção da BR-174 – Manaus-Caracaraí – é da reponsabilidade do DER do Estado do Amazonas, que faz parte do Primeiro Distrito Rodoviário Federal, com sede em Manaus.

Segundo a Diretoria Geral do DNER, no Rio a paralisação ou não da construção da BR-174, conforme os jornais, não foi ainda confirmada. Acrescentou o Sr. Marcílio Mota:

> *Quanto às suas implicações no massacre da missão do Padre Calleri não podemos saber ainda quais foram, porém deve ter sido consequência de providências dos órgãos locais que executam as obras.*

Disse ainda o Chefe de Gabinete do Diretor Geral do DNER.

> *Que o massacre da expedição do padre Calleri é uma pagina triste, mas dificilmente alguém pode ser responsabilizado dolosamente pelo que ocorreu.*

Com base no noticiário, o Sr. Marcílio Mota admitiu também que a imprudência do missionário deve ter sido o principal fator da rebeldia dos índios Atroari.

CONTINGENTE

Depois de citar a supervisão da Diretoria de Vias de Transportes do Exército como fundamental "*por seu espírito colonizador e não interesseiro*", o Sr. Marcílio Mota afirmou que a DVT deverá supervisionar, como já o faz na construção da estrada Parto Velho-Manaus e Porto Velho-Cruzeiro do Sul, a construção de um trecho da BR-174 [Manaus-Caracaraí].

> *Forçosamente haverá um aumento de contingente, o que torna menos perigoso o empreendimento pioneiro, que é a construção de uma estrada em plena selva.*

- Ressaltou ainda que a supervisão pelo Exército é sempre melhor, não só por causa da técnica – travessia de rios, por exemplo – como pelo espírito colonizador que tem.

✵ Mais índios no "Caderno B" *

"Caderno B"

Acusação de Genocídio de Índios no Brasil Impedirá Ataque a Atroari e Waimiri

As recentes acusações de genocídio ao Brasil pela matança de índios devem impedir que possíveis interessados nas terras dos Atroari e Waimiri promovam ações de represália contra eles, por causa do massacre da Expedição Pacificadora do Padre João Calleri, segundo o Diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher.

O Sr. Gama Malcher declarou que a região onde vivem esses índios, no Território de Roraima, deverá ser interditada. Com isso, a Fundação Nacional do Índio terá poder de policiar a área e requisitar as Forças Armadas ou policiais para afastar de lá qualquer invasor que tente contato com os Atroari e Waimiri, sem o seu conhecimento ou permissão.

RETIFICAÇÃO NECESSÁRIA

Desde o dia em que chegou a notícia do desaparecimento da missão do Padre Calleri, a FUNAI, em suas informações, tem sempre ressaltado a necessidade de ser preservada, em qualquer hipótese, a integridade física dos índios. Por esta razão, foram prontamente desmentidas as notícias de que poderia haver um homem branco chefiando os índios.

Do mesmo modo, sempre foi informado de que o índio jamais ataca, a não ser quando se sente em perigo (**???**).

Todos os sertanistas e funcionários da FUNAI, em contatos com a imprensa, lembravam casos de massacres de índios por parte dos brancos, principalmente mineradores, garimpeiros e madeireiros. O Sr. Gama Malcher chegou a afirmar que todas as vezes que surgiu a notícia de um homem branco chefiando tribos, o fato encobria interesses não declarados pelas terras dos índios que acabavam sendo massacrados.

O cuidado de FUNAI em desmentir a agressividade gratuita dos índios foi justificado quando os soldados do PARA-SAR encontraram um saco com amostras de minério perto de uma das malocas dos Atroari, onde o único sobrevivente da missão do Padre Calleri havia declarado ter visto alguns corpos trucidados de seus companheiros.

PROVIDÊNCIAS

Tento em vista que a região onde vivem os Atroari e Waimiri – o Território de Roraima – é rica em minérios, a FUNAI tomou desde o início providências para não permitir qualquer represália contra esses índios, antes mesmo de serem encontrados os esqueletos da Expedição.

No mesmo dia em que chegou a notícia do desaparecimento da expedição, o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, enviou um rádio urgente para o então Chefe da 1ª Inspetoria, hoje 1ª Delegacia, Capitão Alfredo Alexandre de Sousa, determinando que não fosse permitida qualquer ação contra os índios.

Em virtude dessa situação, o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena retificou uma pequena informação que saíra truncada na imprensa, ao ser noticiado um trecho das comunicações feitas pelo Padre Calleri. Afirmou o Sr. Gama Malcher que o que o missionário havia declarado era que os Atroari e Waimiri vinham sendo objeto de "*horrendos massacres*" há 20 anos por parte dos brancos, e não o contrário, como foi publicado.

IMPEDIR VIOLÊNCIAS

Para o Sr. Gama Malcher, no momento, não deverá ser tentada qualquer represália contra os Atroari e Waimiri, embora reconheça que o massacre da Expedição do Padre Carelli pudesse servir de pretexto para uma ação contra aqueles índios por parte dos interessados em suas terras.

Lembrou que o Brasil é um dos signatários da Convenção 107 da Organização Internacional do Trabalho, que versa sobre a proteção e integração das populações indígenas e o parágrafo 4 do seu Artigo 2° diz:

> *Será excluída a força ou a coerção com o objetivo de integrar as populações interessadas na comunidade nacional. (JORNAL DO BRASIL, N° 204)*

Jornal do Brasil, n° 206 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 06.12.1968

Genocídio a Evitar

No caso do massacre, pelos índios Atroari, da Expedição do Padre Calleri, tem o Brasil uma grande e grave oportunidade de desfazer, até certo ponto, o horror das revelações de outubro de 1967, sobre matança de silvícolas. Palavras, Portarias, meias punições são quase nada diante da denúncia oficial de atrocidades cometidas contra índios. Mas uma firme atitude, agora, em defesa dos Atroari no Território de Roraima, isto, sim dará a todos uma visão do Brasil que retoma e faz brilhar de novo as nobres tradições do Marechal Rondon.

Nove homens, inclusive o Padre, Calleri, foram chacinados a flecha e borduna pelos Atroari, isto é, por um bando de selvagens da era da pedra polida. Apesar de quatro e meio séculos de dizimação impiedosa às mãos dos brancos, os índios do Brasil graças às faixas ainda inexploradas do território, sobrevivem em estado selvagem. Esses índios precisam ser "*pacificados*". Desde a primeira década do século, Rondon demonstrou como se podia levar a cabo tal pacificação, sem matar um só índio. A partir daí, vários outros brasileiros apaixonados pela triste causa dos indígenas – que não figuram em nenhum registro civil e que são tutelados do Governo da República – têm aperfeiçoado esses métodos.

Há trinta anos os irmãos Villas-Bôas – Leonardo, já falecido, Cláudio e Orlando – têm pacificado índios e construíram, no silêncio da mata xinguana ([4]), um dos mais belos monumentos que existem ao Brasil como pais civilizado: o Parque Indígena do Xingu. Pois nesses trinta anos nunca os Villas-Bôas mataram ou sequer maltrataram um índio. Por momentos perigosos têm passado. Mas – intransigentes no seu humanitarismo e confiantes no método de conquistar pela amizade os índios – nunca mancharam de sangue sua obra admirável.

O Padre Calleri também não. E se um positivista, como Rondon, preferia morrer a abater uma criatura inocente por definição, há motivo de admiração, mas não de espanto em que um Padre Católico tenha agido da mesma forma. Mesmo num século singularmente frio e cruel como o nosso, a morte de um mártir ainda é melhor que a vida de um assassino.

No entanto – e apesar de afirmar a Fundação Nacional do Índio que a Prelazia do Padre Calleri tinha experiência na pacificação de selvagens – há indícios de que a Expedição tenha cometido erros de tática. O mais grave terá sido o de anunciar a presença da Expedição com tiros disparados para o ar. Como as circunstâncias são ainda obscuras não se deve fazer algum juízo precipitado. Mas tiros para o ar não são maneiras de anunciar amigos, nem entre homens civilizados. Mas o importante é acentuar que o Padre Calleri e seus companheiros morreram sem sacrificar índios – e seria o cúmulo se fôssemos agora matar índios para vingá-los. Na região em que residem as famílias dos homens chacinados é compreensível que haja comoção. E que haja raiva, entre as pessoas mais simples. Mas o Brasil tem um Governo Federal, tem um Ministério do Interior, tem um Ministério da Aeronáutica, tem a Fundação Nacional do Índio – e tem milhares de pecados, sobretudo os mais recentes, a expiar na sua maneira de lidar com os índios.

---

[4] Xinguano: indivíduo que nasceu ou habita o Parque Nacional do Xingu MT. (Hiram Reis)

Preste o Governo da República atenção ao que pode acontecer aos índios Atroari. Se forem vítimas de alguma selvageria por parte de homens brancos, o país estará diante de um crime abominável e inafiançável. Será um crime premeditado, um genocídio planejado. E o réu, o Governo da República.

Criador da Missão Calleri Pede a Compreensão dos Brancos Para com os Índios

Manaus [Correspondente] – O engenheiro Altamiro Veríssimo da Silveira, inspirador da expedição do Padre Calleri – dizimada pela tribo Atroari – afirmou ontem que:

> *Cabe agora impedir que um sentimento de vingança contra os índios prevaleça sobre uma atitude racional.*

O padre Calleri e sua expedição foram incentivados pelo chefe do 1° Distrito Rodoviário Federal a procurar os índios a fim de, pacificamente, tentar mudar o seu habitat, para que passasse por ali a BR-174, que ligará Manaus a Boa Vista.

COMPREENSÃO

Disse o Sr. Altamiro Veríssimo da Silveira:

É preciso compreender que a construção da BR-174 afetará imediatamente a vida de centenas de índios, instalados há séculos nas terras por onde a estrada deve passar. Além disso, devemos compreender exatamente as razões do malogro da expedição do Padre Calleri, pois há mais de 200 anos os índios vêm sendo vítimas do homem branco, que não hesita em cometer atrocidades para ocupar suas terras ou explorá-las.

CONCILIAÇÃO

O chefe do 1° Distrito Rodoviário afirma que a solução do problema não é o abandono dos planos de construção da BR-174, elaborados cuidadosamente e muito menos uma "*limpeza do terreno*" que afastasse os Atroari, mediante o uso da força.

Disse o Sr. Altamiro Veríssimo da Silveira:

É possível a conciliação de interesses, desenvolvendo-se o país e preservando-se os índios. As obras poderão continuar desde que se empregue um grande contingente de homens e máquinas. Isto, por si só, dissuadirá as Atroari da prática de outros atos hostis, pois eles se sentirão inferiorizados.

Ele acrescentou que ao mesmo tempo, deve existir uma ação de catequese, tenaz e desarmada, para mostrar aos índios que a civilização não pretende prejudicá-los e que em troca de suas terras. Eles receberão outras, já escolhidas pela Fundação Nacional do Índio. Disse o Sr. Altamiro Veríssimo da Silveira:

Essas terras estão próximas ao rio Alalaú. São férteis e ricas em caça e pesca. A mudança não será fácil de ser executada, mas é a solução que concilia interesses da civilização com a cultura desses homens primitivos.

O chefe do Distrito Rodoviário enumerou detalhadamente os objetivos da missão do Padre Calleri.

Em setembro de 1967, mantive os primeiros contatos com o Padre em torno da expedição. Profundo conhecedor da região, com vasta experiência no trabalho de catequese de índios, o Padre Calleri era um dos mais indicados para chefiar a missão. Estabelecemos, então, um contato com o Bispo de Roraima e obtivemos sua autorização para a missão e o consentimento e apoio da Fundação Nacional do Índio. O terreno a ser explorado estendia-se em linha reta, por 620 km, desde Manaus até Caracaraí. O rio Alalaú, divisa entre Amazonas e Território de Roraima, situa-se a cerca de 240 km de Manaus e é precisamente neste trecho que se localizam as aldeias dos Atroari. Os Atroari mais próximos de Manaus têm mantido contatos com os brancos. Os que vivem distantes, próximos à margem sul do Alalaú, são arredios e profundamente hostis para com os brancos e até mesmo para com seus Irmãos. Os Atroari acostumados a manter contato com os brancos chamam seus irmãos distantes de homens maus ou "murupá". Nós sabíamos perfeitamente das dificuldades que a missão iria encontrar. O Padre Calleri, entretanto, nunca duvidou do êxito da Expedição e seu entusiasmo contaminou-me. Eu jamais admiti a possibilidade de um massacre.

Finalizando, o engenheiro sugeriu que, em homenagem ao sacerdote e aos anônimos que tombaram "*e que, por certo, ainda cairão durante a construção da BR-174*", seja dado à rodovia o nome do Padre Calleri. (JORNAL DO BRASIL, N° 206)

Correio Braziliense, n°2.755 – Brasília, DF
Domingo, 08.12.1968

Vítimas do Massacre da Missão Calleri

Manaus, 7 [M] – Já foram transportados para a capital amazonense os despojos de 8 dos participantes da Expedição do Padre João Calleri, trucidada quando tentava estabelecer contato com os índios Atroari, na região do Alalaú. Um dos participantes da equipe de busca revelou que os despojos humanos, encontrados à margem do Igarapé Santo Antônio, perto da chamada "*maloca da esperança*", estavam limpos. As ossadas estavam praticamente, todas separadas da coluna vertebral, inclusive faltando alguns ossos dos membros superiores e inferiores.

Presume-se que algum animal devorou a carniça espalhando os ossos. Outros detalhes: todos os ossos estavam quebrados, prova de que os índios agiram com brutalidade; os ossos da coluna vertebral estavam enlaçados por um cipó, dando a impressão de que teriam sido transportados para o local da chocante descoberta, uma vez que os pertences dos membros da expedição foram achados em lugares diferentes.

MULHERES TAMBÉM

Os despojos foram recolhidos no sábado. Pela manhã, decolaram da base de Moura os dois helicópteros destacados para as buscas, com a cobertura do "*Aero Commander*" do DNER e do "*Búfalo*" da FAB.

Os helicópteros pousaram na clareira da "*maloca da esperança*" e os elementos do PARA-SAR iniciaram as buscas, percorrendo uma vereda que parte da maloca e margeia o Santo Antônio, onde também está situada a construção da Expedição do Padre Calleri. A aproximadamente 200 m da maloca em construção, nas margens do igarapé, é que foram encontrados os 8 esqueletos, amarrados dois a dois, sendo que alguns se encontravam na água em virtude das fortes chuvas que estão caindo no local e que aumentaram consideravelmente o volume de água do Santo Antônio. A identificação do sexo dos mortos foi feita pelas vestes e pelos cabelos, pois os restos das duas mulheres ainda estavam com os "*soutiens*". Em sacos plásticos especiais, os despojos foram levados para a base de Moura e, posteriormente, removidos para Manaus, para o sepultamento.

BUSCAS

Eram 10 os membros da Expedição. Recolhidas 8 ossadas e a salvo o mateiro Álvaro Paulo da Silva, o "*Mineiro*", resta localizar 1. As buscas, assim, deverão prosseguir, ao que se informa, com a participação do mateiro.

SERIA O PADRE

"*Mineiro*" e o sertanista Gilberto Pinto, que acompanharam a equipe do PARA-SAR nas buscas, acreditam que a caveira que apresenta na arcada dentária incrustações de ouro e porcelana, pertence ao Padre João Calleri. Todos asseguram que o Padre, numa situação de perigo não se afastaria dos seus companheiros. (CORREIO BRAZILIENSE, N° 2.755)

O Jornal, n° 14.478 – Rio de Janeiro, RJ
Domingo, 08.12.1968

Mineiro no Roteiro do Padre
Rispidez Provocou o Revide dos Atroari

Agora, não foi preciso nenhum repórter para descobrir a sorte do grupo do sacerdote italiano Calleri. Os destroços humanos foram descobertos por aviadores da FAB e trazidos para Manaus. Os crânios apresentavam profundas mossas provocadas por bordunas. Na reportagem anterior mostrei que o Padre Calleri, sem maior experiência tinha, todavia, o mesmo hábito de Fawcett, tratava o índio com rispidez.

O mateiro Paulo Álvaro da Silva, que desertou da Expedição, sobre quem pesaram sérias acusações durante o transcorrer das buscas, declarou que foi obrigado a deixar o Padre Calleri pelo seu gênio violento, tratando os índios de maneira grosseira, intimidando-os, inclusive, com arma de fogo. Na sua última mensagem para o Departamento Nacional de Estradas de Rodagens, o religioso conta que usou de artifícios para comprar todos os arcos e flechas dos índios, que são as suas armas de defesa, enquanto, a Expedição do Padre continuava armada, dando tiros, constantemente. E diz Calleri:

> *Continuaremos firmes no nosso princípio. Disciplinar com justa recompensa. Com extrema facilidade, os índios passam do sorriso aos gestos mais violentos.*

Nas mensagens omitiu a presença de dois sacos contendo amostras de minério, posteriormente, encontrados no local do massacre. Na rota de Fawcett havia ouro. No caminho de Calleri, minério Não resta dúvida que o Padre Calleri, a serviço do Departamento Nacional de Estradas de Rodagens, tinha o objetivo de afastar os índios Atroari do traçado da estrada Manaus-Caracaraí, o que de resto é suspeito, sobretudo quando a expedição já tinha amostras de minério colhidas na área dos Atroari, em cujas terras estão minas contendo minérios ainda não identificados, possivelmente bauxita ou cassiterita.

Isto não é função de catequisar e muito menos tarefa de um sacerdote. Pelo contrário. Seria o caso de atrair o índio à construção, a fim de facilitar o serviço dos trabalhadores.

O CULPADO PELO MASSACRE

Ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagens cabe boa parcela de culpa no massacre da missão Calleri. Ninguém pode penetrar nas selvas sem a devida autorização da Fundação Nacional do Índio, organismo que designa, inclusive, um representante para acompanhar os passos do grupo. O extinto Serviço de Proteção aos Índios, com todas aa suas mazelas, tinha critério firmado sobre a matéria. O injustiçado Francisco Meireles, que está na Amazônia tentando a pacificação de uma tribo arredia à civilização, depois de conquistar os Xavantes, jamais permitiu a presença de intrusos no seu grupo.

Na missão Calleri aconteceu, justamente, o contrário, uma vez que era constituída, na sua maioria, por funcionários do DNER e até duas mulheres, ambas domésticas de Manaus, completamente analfabetas sem nenhuma noção de catequese. Estranha-se, em tudo isto, que o Padre Calleri tenha tido amplos poderes para penetrar nas selvas. A agência da Fundação Nacional dos Índios em Manaus, não teve o cuidado de mostrar ao sacerdote os perigos de uma incursão nas florestas, permitindo que os expedicionários levassem armas de fogo.

Calleri chegou a ameaçar um índio, com a sua inseparável pistola Italiana Beretta, porque o nativo, na sua ingenuidade, meteu o dedo no prato de comida do sacerdote, episódio que veio agravar as relações entre os dois grupos.

Ignorante dos costumes dos Atroari, o Padre guardava os presentes, só os oferecendo, em troca do trabalho, o que irritava os nativos. Calleri não tinha condições para chefiar a Expedição, embora a sua Prelazia conte 60 anos de magníficos serviços prestados à catequese. Na Prelazia era ele um novato, com menos de quatro anos de serviço. Mas entrou na "*jungle*" com o apoio do Governo do Amazonas, do Departamento Nacional de Estradas de Rodagens, do qual era uma espécie de capataz, do pessoal local da Fundação Nacional do Índio. Eis os responsáveis pelo massacre.

LEMBRANDO DE WINTON

Na minha peregrinação atrás da verdade sobre Fawcett, nas selvas de Mato Grosso encontrei rastros do repórter norte-americano Alberto De Winton, do "*American And Foreign Newspapers*", de Hollywood, que burlando a vigilância das autoridades brasileiras penetrou no Xingu, em busca do Coronel britânico. Alberto De Winton não tinha a compreensão de Stanley. Era, também, atrevido e, por estar bastante enfermo, não aceitou os conselhos do seu guia, o índio Minkum, que conheci na aldeia dos Bacaeris. Trepou no cavalo e obrigou aquele nativo a subir em outro animal. Seria seu guia a qualquer preço, Houve discussão. O índio liquidou o problema matando o jornalista. Consegui o seu último original, carta enviada ao fazendeiro Abraão Bezerra, na época, velho e incorrigível matador de bugres:

> *Tribo dos Curicuros, 22 de julho de 1934. Estou nos rastros do Coronel Fawcett. Tenho sofrido muito. Fui abandonado por todos e estou só.*

A história se repete 34 anos depois, conforme a mensagem número sete, transmitida por Calleri, de dentro da aldeia dos Atroaris:

> *Hoje, de madrugada, um dos nossos melhores abandonou a expedição. A realidade,é muito difícil.*

O Padre Calleri não deu o nome do desertor. Trata-se do mateiro Paulo Álvaro da Silva, que revelou a excessiva autoridade exercida pelo Sacerdote, que de arma em punho ameaçava os aborígenes. O que aconteceu era inevitável. Primeiro foi Fawcett, depois Alberto de Winton, seguido de Dyott, outro aventureiro inglês, sem esquecer uma malta de escroques, à frente os italianos Rattini, Petrucci, Trucki, Baldini, o francês Roger de Courteville. Dois jornalistas, também, desapareceram para sempre nas selvas. Horácio Fuzoni e Elondo. Argentino, da "*United Press*", sendo que o último chegou a enviar várias reportagens para os seus jornais, aproveitando parte do livro que narra uma das viagens do Coronel Fawcett, na fronteira da Bolívia com o Brasil.

Escrevia Fawcett:

> *Pela carência alimentar, todos os membros da minha expedição se tornaram surdos e às vezes para obrigá-los a prosseguir a marcha, fazia-se necessário açoitar os peões que exaustos, só pediam a morte.*

De Calleri, pelo menos, até agora, não há notícia de que tenha surrado os índios. Enfrentava-os, porém, de pistola, mandando disparar tiros para o ar. Um irresponsável. Decidiu trocar o Continente Negro pela Amazônia, aonde chegou em outubro de 1964. O diário do malogrado Padre João Calleri é um documento vivo da intolerância com que tentou impor tratamento desumano aos índios, sendo num revide natural, massacrado pelos nativos. Foi o preço de uma aventura de 17 dias nas selvas da Amazônia, desgraça que arrastou 18 crianças à orfandade. São Os filhos dos seus companheiros de tragédia. (O JORNAL, N° 14.478)

O Jornal, n° 14.480 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-Feira, 10.12.1968

Missionários Evangelistas Sabotaram Calleri

O espaço da minha reportagem de hoje é ocupado pela carta que Mr. William Neill Hawkins, Secretário Executivo da Cruzada de Evangelização Mundial enviou à FUNAI na qual oferece todos os recursos da instituição para executar a pacificação dos Atroari, quando o Padre Calleri, da Prelazia de Roraima, já preparava a sua fatídica expedição. É um documento que serve para o leitor tirar conclusões sobre o mundo de interesses em jogo na rica região do Território de Roraima, com diamante, ouro, petróleo, cassiterita, bauxita e outros minérios, disputados por poderosos grupos econômicos estrangeiros que financiam as mais diferentes "*missões religiosas*", aparelhadas com aviões e campos de pouso, onde os brasileiros não têm acesso. Eis o plano dos protestantes, segundo a redação original do próprio autor, William Neill Hawkins:

1. Avião Para Cobertura e Lançamentos de Gêneros Alimentícios;

2. Todas as Vantagens Para Tirar o Padre do Meio dos Atroari;

3. Plano da Cruzada de Evangelização Mundial à Fundação Nacional do Índio;

4. Esmola Grande, Cego Desconfia...

A Cruzada de Evangelização Mundial, sociedade evangelizadora, com sede e foro em Boa Vista, Território Federal de Roraima, representada por seu escritório Executivo, abaixo assinado, ora de passagem por esta cidade, vem com todo respeito e acatamento oferecer uma cooperação à Fundação Nacional do Índio, no sentido de atrair os Índios Atroari fora da região a ser atravessada pela estrada BR-174. Sabendo que representantes da FUNAI e da Prelazia de Roraima já estão empenhados num esforço que tem o mesmo objetivo de atrair os Atroari fora da região, onde a estrada em breve estará em obras, e de evitar, ou diminuir o mais possível, os choques e conflitos que poderiam surgir, a Cruzada apresenta aqui sua proposta como um plano alternativo, que poderá ser posto em execução futuramente, se houver situação imprevista em que seria do interesse da Fundação Nacional do Índio aceitar a cooperação da Cruzada de Evangelização Mundial.

I Para a execução do plano de ação explicado abaixo, a Cruzada dispõe dos seguintes recursos:

1. Índios Wai-Wai, que já tiveram contatos com Atroari do Rio Alalaú, em março de 1968, e que, por motivos religiosos, são altamente incentivados para procurar outro contato com eles, até com perigo de vida. No contato já realizado com os Atroari, os Wai-Wai deram-lhes presentes, mas negaram-lhes objetos que não puderam dar e, apesar do intenso desejo dos Atroari de possuir esses objetos da civilização, conseguiram sair com expressão de amizade da parte dos Atroari;

2. O missionário Claude Leavitt, que trabalha com os Wai-Wai e outros índios da família Caribe há mais de quinze anos. Claude Leavitt é homem de muita experiência nas matas, dirigiu a turma de Wai-Wai que acompanhou uma expedição internacional através da mata desde a fronteira da Guiana até a cidade de Manaus nos primeiros meses de 1968;

3. O missionário linguista, Russell Sasscer que, durante sete anos de trabalhos no Território de Roraima, tomou parte ativa na análise da língua Waíká, e que sabe lidar com índios primitivos e com línguas ainda desconhecidas, usando na análise das línguas o método do "*Summer Institute of linguistics*";

4. Uma picada, aberta na mata pelos Wai-Wai na sua recente viagem, que começa na pista de aterrissagem mantida pela Força Aérea Brasileira no alto do rio Anauá e que atravessa o rio Alalaú muitos quilômetros acima da primeira maloca dos Atroari;

5. A cooperação do avião Cessna da missão "*Asas de Socorro*", baseado em Boa Vista, que daria cobertura a uma expedição, e faria lançamentos de gêneros e outras necessidades;

II O plano de ação que a Cruzada oferece para a consideração da Fundação Nacional do Índio tem, como seu ponto principal, a aproximação aos Atroaras por trás, partindo da região do alto Alalaú. Em consideração das relações hostis entre os Atroari e os moradores do rio Jauaperí durante muitos anos, a Cruzada acha importante, durante os primeiros contatos, desassociar os componentes desta Expedição daqueles que os Atroari consideram como inimigos. O segundo ponto deste plano é que índios Wai-Wai fariam os primeiros contatos com os Atroari, com esperança de ganhar amizade de alguns destes para, depois convidá-los ao encontro com os missionários que estariam a alguma distância rio acima. Se o tempo permitir, a Cruzada prepararia uma roça grande na região do alto Alalaú, lembrando-se de que os índios, normalmente, não hão de querer deslocar-se de

uma região para outra se na região nova não tiver comida, amigos, e a possibilidade de ganhar objetos da civilização. Se a pressão dos acontecimentos não deixar tempo para fazer roça antes de começar a atração dos Atroari a Cruzada ainda oferece sua cooperação, conforme a proposta esboçada acima, na esperança de achar alguma ajuda para fornecer os mantimentos necessários para um grupo de índios deslocados, até que a roça nova pudesse entrar em produção;

III A Cruzada, se for autorizada a fazer um trabalho desta natureza entre os Atroari, fará tudo em estreita colaboração com a Fundação Nacional do Índio, e dentro da orientação dessa entidade.

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1968.

[As.] William Neill Hawkins, Secretário Executivo da Cruzada de Evangelização Mundial

ESMOLA GRANDE, CEGO DESCONFIA, DIZ UM VELHO ADÁGIO POPULAR

A Cruzada oferece tudo de graça, do avião ao plantio de uma gigantesca horta, víveres alimentícios etc., e não cobra um só centavo, desde que o Padre Calleri fosse afastado da pacificação dos Atroari, que habitam terras ricas em minérios, cujas amostras foram encontradas em 2 sacos junto aos corpos da malograda missão. A morte de Calleri abriu caminho à Cruzada de Evangelização Mundial à aldeia dos Atroari. Quem será a próxima vítima religiosa na desenfreada corrida atrás das riquezas de Roraima? [Por Edmar Morel] (O JORNAL, N° 14.480)

Jornal do Brasil, n° 209 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-Feira, 10.12.1968

FUNAI Denuncia Interesses Escusos no Caso Atroari

A persistência de notícias sobre o extermínio da Expedição do Padre Calleri, por parte dos Atroari, deve encobrir interesses econômicos contrariados segundo afirmou ontem o Sr. José Maria da Gama Malcher, diretor do Patrimônio Indígena da FUNAI. Acrescentou o Sr. Gama Malcher:

> *Há muitos interesses estrangeiros nas terras dos índios, ricas em minérios. Missões norte-americanas protestantes utilizam-se de pseudo-missionários preocupados, na verdade, em pesquisa e contrabando de minérios.*

CASO CALLERI

O Sr. Gama Malcher acha que nova tentativa de pacificação das Atroari só deve ser feita pela FUNAI. Ele condenou qualquer delegação de poderes a outras instituições ou pessoas, "*pois haverá fracassos em cima de fracassos*". Afirmou o diretor da FUNAI:

> *A reação dos índios a novos contatos, no momento, será violenta. Por isso esses contatos devem ser tentados apenas pelos experimentados sertanistas da FUNAI, talvez João Américo Peret e Gilberto Pinto Figueiredo Costa. Já esteve com os Atroari, mas foi obrigado a suspender os trabalhos por ter contraído uma doença desconhecida. Foi nessa ocasião que a Prelazia de Roraima ofereceu-se para pacificar os índios, através do Padre João Calleri.*

Acrescentou o Sr. Gama Malcher:

> *Quando o Padre Calleri estava se preparando para partir, o pastor William Nell Hawkins, da Cruzada de Evangelização Mundial [CEM], entidade protestante norte-americana, ofereceu-se para abrir uma terceira frente de pacificação daqueles índios. Depois de examinar a proposta, o Departamento de Pesquisa da FUNAI deu parecer contrário.*

Essa Cruzada, segundo explicou o diretor do Patrimônio Indígena, pretendia atrair os Atroari para a Guiana Inglesa, utilizando os índios Wai-Wai, parentes daqueles índios e no meio dos quais atua o órgão protestante.

PROPOSTA ESTRANHA

Em sua proposta, a Cruzada afirma textualmente que apresentava um plano alternativo, que poderá ser posto em execução futuramente, "*se houver situação, imprevista*", em que seria do interesse da FUNAI aceitar a cooperação da CEM. Quando a Cruzada apresentou o plano, ela já sabia das atividades do sertanista Gilberto e que o Padre Calleri preparava-se para partir. Por isso, o Sr. Gama Malcher acha estranho que a entidade tenha frisado a hipótese de haver uma "*situação, imprevista"*. Outro ponto que causou estranheza foi a afirmação da Cruzada de que um dos seus, Claude Leavitt, que trabalha com os Wai-Wai:

> *Acompanhou uma expedição Internacional através da mata, desde a fronteira da Guiana até a cidade de Manaus, nos primeiros meses de 1968.*

"*Que missão internacional é essa?*" – perguntou o Sr. Gama Malcher. Num terceiro item do plano chamou a atenção da FUNAI, pois a Cruzada afirma que teria "*a cooperação do avião Cessna da missão Asas de Socorro, baseado em Boa Vista, que daria cobertura a uma expedição e faria lançamentos de gêneros e outras necessidades*".

"*Esta missão Asas de Socorro*" – afirma o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI – tem sido apontada como acobertadora de contrabando de minérios na região.

Há ainda um ponto considerado muito importante na proposta da Cruzada de Evangelização Mundial. Em certo trecho, ao revelar que já fizera contatos com os Atroari através dos Wai-Wai, declara o pastor Hawkins o seguinte:

> *No contato já realizado com os Atroari os Wai-Wai deram-lhes presentes, mas negaram-lhes objetos que não puderam dar e, apesar do intenso desejo dos Atroari de possuir esses objetos da civilização, conseguiram sair com expressão de amizade da parte dos Atroari.*

Declara o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI que a Cruzada de Evangelização Mundial não negou presentes ou objetos do interesse dos Atroari, mas convenceu-os de que esses utensílios poderiam ser obtidos com os missionários e os Wai-Wai, do outro lado da fronteira, na Guiana. Explicou:

> *Isto é, procurou atraí-los para o outro lado da fronteira, onde os Atroari seriam utilizados como mão de obra barata.*

REPRESÁLIAS

"*Justificativas para penetrações de represália em territórios dos índios vão surgir e muitas*". Este foi o comentário do Sr. Gama Malcher, a respeito das novas notícias sobre o massacre da expedição do Padre Calleri. Uma dessas notícias dizia que o Major Gil Lessa, supervisor do resgate dos corpos da Expedição, afirmara, em se relatório, que os Atroari deviam estar orientados por alguém que conhece estratégia. O oficial do PARA-SAR, no seu relatório, declarou também que os índios utilizaram técnicas de guerrilha para massacrar a expedição, eliminando, em primeiro lugar, o radioperador. Disse ainda que os Atroari estavam usando flechas com ponta de aço e fazendo piquetes nas áreas livres das aldeias para evitar o pouso de aviões ou helicópteros.

CONTRABANDO

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena está preocupado com possíveis represálias contra os Atroari, a pretexto de vingança do massacre da Expedição Carelli ou sob a justificativa de que os índios estariam sendo comandados por um branco, usando técnicas de guerrilha, etc.

> *Por trás da reabertura do caso dos Atroari deve haver interesse econômico contrariado ou alguém que deseja a terra dos índios.*

Em apoio à tese, citou o Sr. Gama Malcher diversos casos conhecidos não só pela FUNAI, mas por outros órgãos federais, que envolvem interesses de particulares ["*muitas vezes de estrangeiros*"] nas terras dos índios.

Nas cabeceiras do rio Urariquera, há várias missões protestantes norte-americanas que possuem campos de pouso para aviões grandes. Esses missionários não permitem que nenhum brasileiro se aproxime da área, usando para isso numerosos guardas bem armados.

Em 1961, o bolsista Ernesto Migliazza, do Museu Goeldi, do Pará, trabalhando com outro bolsista, Edson Dinis, para o Conselho Nacional de Pesquisas, foi estudar na área dessas missões. Ele não pode aproximar-se da região, pois foi impedido por guardas armados.

Esta Informação está contida em um trabalho publicado pelo Museu Goeldi e foi transcrita em um relatório que o Sr. Gama Malcher preparou para a FUNAI.

Outro caso é o das missões protestantes estabelecidas acima da Ilha de Maricá, região rica em minérios. "*Embora estejam na área há muitos anos*", declarou o Sr. Gama Malcher em seu relatório, "*não se conhecem resultados práticos dessas missões junto aos índios, mas sim sua impertinência e fiscalização sui generis [com homens armados] em seus domínios, não permitindo sequer a visita de pesquisadores brasileiros credenciados pelo CNPq*".

A LEI DA FORÇA

Outro exemplo de interesse econômico das terras dos índios foi o caso da firma paulista "*Apasa Apolinário*", que se dedica a projetos aparentemente agropecuários. Disse o Sr. Gama Malcher que esta firma comprou terras na região do rio Arinos, em Mato Grosso, onde vivem os índios Tapanhuna ou Beiço-de-Pau. Submetido o projeto à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia [SUDAM], esta o enviou à FUNAI, para que a Fundação informasse se naquela área havia índios. Com a resposta afirmativa, o projeto foi vetado. "Entretanto" – afirmou o Sr. Gama Malcher – apesar de a Constituição garantir ao índio a posse da terra onde vive, a Apasa começou a trabalhar na área, com tratores e construindo um campo de pouso na selva.

A FUNAI, então, pediu e conseguiu a interdição da área. A Apasa, continuou a trabalhar em seu projeto que, segundo o Sr. Gama Maicher, "*é um dos maiores negócios de especulação imobiliária do País*". Sabendo que a interdição não fora cumprida, o diretor do Patrimônio Indígena determinou à antiga Inspetoria de Cuiabá, hoje Delegacia da FUNAI, que tomasse providências, inclusive requisitando Força Policial Federal ou Militar, conforme determina a lei. Como essa comunicação foi feita há poucos dias, o Sr. Gama Malcher Ainda não sabe como está o caso. (JORNAL DO BRASIL, N° 209)

Diário de Notícias, n° 241 – Porto Alegre, RS
Quarta-Feira, 11.12.1968

Nas Selva Quem é que Manda, os Índios ou os Estrangeiros Armados? ([5])

Massacre da Missãod Padre Calleri fez Voltar à Tona um Problema Sério

RIO. 10 [Meridional] – A persistência de notícias sobre o extermínio da Expedição do Padre Calleri, por parte dos Atroari, deve encobrir interesses econômicos contrariados segundo afirmou ontem o Sr. José Maria da Gama Malcher, diretor do Patrimônio Indígena da FUNAI. [...]

Jornal do Brasil n° 211 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 12.12.1968

Bandeira só Mostra a Rota da Expedição

[5] O Diário de Notícias, n° 241, replica a notícia anterior do Jornal Do Brasil, n° 209. (Hiram Reis)

Manaus [Sucursal] – A localização de objetos pertencentes à expedição do Padre Calleri, com um mateiro de Itacoatiara, em nada alterou o que se sabia, pois revela apenas que os expedicionários acamparam no Igarapé de Santo Antônio, antes de chegarem à "*maloca da Esperança*". Esta posição já era do conhecimento do DNER e inclusive estava prevista na rota traçada pelo Padre Calleri, não acrescentando qualquer detalhe, e nem mesmo estabelece contradições no depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva.

A bandeira, a barraca de lona, as camisas e mesmo os arcos e flechas trazidos ao delegado de polícia de Itacoatiara por um funcionário da SUDEPE, só podem explicar o estágio de aproximação dos expedicionários com os índios ao longo do igarapé de Santo Antônio.

Assim mesmo, o homem que encontrou os objetos será ouvido em Manaus, não se sabendo quando o por quem, já que a 2ª Seção do GEF, a quem estava entregue o assunto, nem sequer se mobilizou. Provavelmente o caso ficará com a Polícia Federal e terminará sem qualquer conclusão.

Peret Confirma que Mateiro Narra Verdade Sobre Calleri

O sertanista João Américo Peret, da FUNAI, que orientou a operação de busca à Expedição do Padre Calleri, retornou ontem de Manaus e declarou que acredita no depoimento do mateiro Álvaro Silva, considerando-o inocente no massacre. O primo do Padre Calleri, Padre Ângelo Maritano, esteve ontem na FUNAI a fim de apressar a viagem que pretende fazer à Amazônia para visitar o local onde o Padre Callerl está sepultado e colher maiores informações sobre o que ocorreu com sua Expedição.

OS ERROS

Afirmou o sertanista João Américo Peret:

Os Atroari não são tão selvagens como se tem dito chegando inclusive a falar alguma coisa de português.

No relatório que a FUNAI enviará ao Ministro do Interior, o órgão esclarece que as recomendações feitas ao Padre Calleri não foram seguidas pelo religioso. As principais eram que penetrasse na região dos Atroari por via fluvial, que fixasse acampamento fora do território tribal e que montasse barracas de atenção, com presentes, esperando que os índios viessem recolhê-los e só indo à tribo depois de um convite dos índios.

Todos estes itens, considerados como elementares para um contato sem perigo com os silvícolas, não foram observados pela Expedição do Padre Calleri. Disse Peret:

Não sei o que aconteceu exatamente, mas tenho a impressão de que o Padre Calleri não acreditou que os índios estivessem preparando uni ataque.

O padre Ângelo Maritano, primo do padre Calleri, ao chegar à FUNAI para apressar a sua viagem à Amazônia, foi logo informado de que o sertanista que havia encontrado os esqueletos da Expedição estava naquela repartição. O Padre Ângelo, que estava acompanhado do padre Mateo Vivaldo amigo de infância do padre Calleri, emocionado, pediu que lhe fosse apresentado o sertanista para saber concretamente o que havia acontecido com seu primo. O sertanista contou, então, como havia encontrado os esqueletos dos expedicionários.

Segui a trilha que a Expedição do Padre havia feito. Encontrei um saco de algodão e outro de plástico. Percebi um odor estranho. Após apurar de onde vinha o vento, segui o cheiro e a uns 50 m encontrei o primeiro esqueleto, era de uma mulher.

Durante todo o relato os dois religiosos, amigos do Padre Calleri, mostravam-se impacientes, demonstrando que desejavam saber principalmente o que, na opinião do sertanista, havia motivado o ataque.

Conheço o Padre Calleri desde menino, somos quase da mesma Idade, ele 34 e eu 36 anos, disse seu primo, e tenho certeza de que ele sabia muito bem o que fazia. Nunca foi um aventureiro para cometer os enganos que lhe são atribuídos.

Na sua narrativa o sertanista disse que os cadáveres já estavam devorados por urubus, que todos haviam sido flechados e que posteriormente os índios deram o golpe de misericórdia, com facão ou machado.

Acredito que o Padre Calleri foi golpeado, com um martelo, pois a mossa no seu crânio está muito arredondada.

Os padres, que estão há sete meses no Brasil, na paróquia de Heliópolis, em Nova Iguaçu perguntaram a Peret quais as autoridades que deveriam procurar em Manaus e em Roraima, e ainda se o mateiro Álvaro estava falando a verdade.

HOMEM DE BEM

Disse o sertanista Peret:

Se eu estivesse fazendo um trabalho, e dentro da minha experiência procurasse orientar para que este trabalho não fosse mal sucedido, e alguém discordasse da minha orientação, pondo em risco a missão, o mínimo que eu podia fazer seria me retirar. No caso do mateiro Álvaro eu faria a mesma coisa. Convém lembrar que, segundo o seu depoimento, o mateiro não abandonou a expedição. Ficou no acampamento com o material, e só depois de não ter encontrado ninguém é que abandonou o local. Conheci bem o mateiro Álvaro.

Continuou Peret:

Ele colaborou plenamente, nunca demonstrou dúvidas, trabalhou conscientemente e sempre procurou esclarecer tudo que havia acontecido. Conversando com ele nota-se que é um homem de bem.

Disse Peret:

Outra prova da verdade do seu depoimento é quando afirmou que tentou convencer os outros a deixarem a Expedição. Quando lhe perguntavam se estava com medo ele respondia:

Claro que estou com medo, porque estou sentindo o que vai acontecer. Não dou mais três dias para que os índios nos ataquem.

Segundo Peret, o Padre Calleri julgou que os índios estivessem brincando, e subestimou os preparativos que faziam.

*Os Atroari são grandes guerreiros, pela forma tática com que planejam qualquer ato. A prova disso é que até hoje não perderam nenhum homem nas lutas que travaram (**???**). Sabem realmente planejar um ataque, e dentro do possível talvez tenham tentado encobrir isto à Expedição, simulando outro comportamento.*

No relatório que entregará segunda-feira ao presidente da FUNAI, o sertanista João Américo Peret, declara que, em sua opinião, pelo que pôde constatar no local, o Padre Calleri deve ter cometido alguns enganos no seu relacionamento com os índios, o que provocou o ataque.

Os enganos mais graves foram os oito tiros para o ar, e a ideia, que a Expedição deixava transparecer, de fixação no local. Às vezes nós podemos passar pelo meio de uma tribo selvagem que não acontece nada. As características da Expedição do Padre Calleri, demonstravam, para os índios, que aquele grupo tinha intenções de se fixar na região tomando o território da tribo.

NOVA EXPEDIÇÃO

A FUNAI já deliberou que deverá ser enviada uma nova expedição de pacificação, para apurar o que de fato ocorreu com o Padre Calleri e seus acompanhantes. Tal expedição não será tão cedo, devido às chuvas que são intensas na região, e também porque os índios ainda devem estar um pouco assustados pelo vasculhamento da área durante os trabalhos de busca.

A continuidade do trabalho da rodovia, principalmente o barulho das máquinas, numa distância de apenas 50 km dos índios, garante que os Atroari não tentarão mais aproximação com os brancos naquela região.

Atroari são Mamelucos e Tinham Contato com Branco

Brasília, [Sucursal] – São mamelucos [mestiços] e já tinham sido pacificados os Atroari que massacraram a Expedição do Padre Calleri, depois que o Missionário cometeu vários erros, inclusive levando um cachorro onceiro, que assustou os índios. O grupo Atroari, pacificado em 1929 vivia em promiscuidade com os trabalhadores da Estrada Manaus-Caracaraí, encontrando-se atualmente internado na selva amazónica, apavorado com a vingança dos brancos e, talvez, com os tiros de metralhadora disparados para o ar pelos homens do PARA-SAR.

ERRO INICIAL

O primeiro erro do padre Calleri, condenado inclusive pelos seus companheiros da Prelazia de Boa Vista, Roraima, pelos indigenistas e pelo DNER, no Amazonas, foi abandonar o plano inicial de pacificação, para o qual tinha sido autorizado pelo presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. Queirós Campos.

A autorização ao Padre Calleri era para que pacificasse os índios Atroari que habitam a margem superior do rio Alalaú. São índios primitivos, que ainda não mantiveram nenhum contato com os homens brancos, temidos na região, mas com os quais os métodos severos dariam resultados. Contudo, o Padre Calleri deixou uma embarcação no rio Alalaú repleta de presentes, com uma equipe própria, e decidiu fazer uma expedição pelo igarapé Santo Antônio.

OS MESTIÇOS

Nas proximidades desse Igarapé reside um grupo de índios Atroari, pacificados em 1929. Ao longo dos anos, esses índios, que tiveram vários choques com os civilizados, mantiveram, após a pacificação, contato quase permanente com os mateiros e seringueiros. Em consequência do contato, esse grupo de Atroari não é mais considerado de indígenas puros. Os índios têm pelos em várias regiões do corpo, cabelos ondulados e, alguns, olhos claros.

Esse contato, segundo o Sr. Queirós Campos que irá prestar hoje relatório sucinto ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, explica o uso de metais pelos índios nas pontas de suas flechas. Utilizar-se-iam, ainda, de alguns ensinamentos apreendidos nestes contatos, o que explica as versões da existência de brancos dirigindo os índios.

ORDEM DESOBEDECIDA

Um dos objetivos da ida do Sr. Queirós Campos a Manaus foi o de descobrir porque o Padre Calleri, contra os conselhos de seus amigos, desobedecera suas ordens para que tentasse pacificar os índios Atroari próximos ao rio Alalaú.

O Padre, segundo ficou comprovado, mudou de orientação para atender ao Coronel Carijó, ex-diretor do Departamento Estadual de Rodagens do Amazonas. Dias antes de embarcar, o Padre Calleri fez o seguinte bilhete [o Sr. Queirós Campos tem um fac-símile]:

> *V.Rev.mª Madre: estou ainda na cidade, com a cabeça cheia de problemas, mas graças a Deus, também de ideias. No início da próxima semana conto partir: na situação Alalaú mudaram alguns elementos, em nosso desfavor. DER-AM [Carijó] está pedindo que resolvamos um problema urgente entre os técnicos da estrada e as firmas construtoras, portanto, estou com o projeto de fazer uma expedição preliminar por terra [não simpático]. Madre Leonilde, me faria um favor se me enviasse a Aparecida-redentorista hoje: calças 1-2 e camas; 2-3 para viagem. 1.000 graças. Saudações a todos, Padre Calleri.*

MULHER

Nas investigações que realizou em Manaus, o Sr. Queirós Campos comprovou que as relações entre os índios e os construtores trabalhadores da Estrada Manaus-Caracaraí eram as mais promíscuas. Houve caso de um mateiro que solicitou ao índio que lhe trouxesse Maria [para os indígenas, quando falam em português toda mulher é Maria].

Em resposta, o indígena lhe cuspiu na cara. Fatos idênticos a esse, contribuíram para criar entre os indígenas da região, os Atroari já pacificados e os trabalhadores, um clima de belicosidade. Este clima prejudicou a expedição do Padre Calleri, pois Álvaro Silva era conhecido dos indígenas, assim como alguns dos outros homens que o acompanharam. Além das outras implicações decorrentes da presença de Álvaro, duas tiveram grande importância:

1) Álvaro levou em sua companhia um cachorro onceiro que investia contra os índios, deixando-os apavorados;

2) Álvaro e o Padre Calleri tiveram uma discussão, de certa forma acalorada, na presença dos indígenas, deixando-os com a impressão de que havia briga na Expedição. Os Atroari mestiços entendem alguma coisa de português.

FUNDAMENTAL

Os dois erros fundamentas do Padre Calleri, num complexo de vários erros, foram:

1) A sua insistência em não dar presentes aos índios, como faziam os trabalhadores. Dava presente como uma forma de pagamento ao trabalho que fizessem, método que poderia ser considerado excelente se este grupo de Atroari não tivesse mantido inúmeros contatos com civilizados anteriormente e se habituado a receber presentes de graça ou a tomar o que pretendiam;

2) Entrar na taba indígena e contar as redes e os moradores. Acredita o Sr. Queirós Campos que o índio, um excelente guerrilheiro, tivesse adotado esta providência em relação aos brancos, para saber se poderia liquidá-los. Quando o Padre Calleri contou as redes, acreditaram que ele tivesse o mesmo objetivo.

Outro dos vários erros cometidos pelo Padre Calleri, cuja capacidade era, no entanto, muito apreciada, foi o de obrigar os indígenas a embarcarem na canoa da Expedição contra a vontade do cacique. Este protestou violentamente. batendo com as mãos na coxa, e ficou ofendido por não ter sido obedecido.

PELAS COSTAS

Erros como estes permitiram que a situação se fosse modificando de maneira até acelerada. O primeiro a ter contato com os Atroari foi o mateiro Atroari, recebido com um "*índio amigo*", ao que respondeu com "*branco amigo*". Os indígenas chegaram a construir um tapiri, onde o Padre Calleri pretendia alojar a estação de rádio, segundo apurou o Sr. Queirós Campos. Talvez a primeira contrariedade dos indígenas tenha sido quando procuraram agarrar as mulheres que acompanhavam a expedição e foram impedidos. Reagiram, ainda, às tentativas do Padre Calleri em levá-los no trabalho de pacificação das Atroari primitivos que ainda não tiveram contato com os brancos. Alegaram que estes eram "*índios maus*". A conclusão do Sr. Queirós Campos é que a expedição foi morta quando estava pronta para retornar.

Em todos havia sinais de flechas numa mesma omoplata, das costas para a frente. Apenas as mulheres foram, também, flechadas na barriga, o que demonstra, provavelmente, que os índios quiseram matá-las e elas resistiram. É costume dos indígenas, quando matam os brancos, abrir-lhes a barriga e jogá-los na água para que afundem.

Neste caso, devem tê-los lançado quase nas margens, o período era de cheia máxima, pois são maus nadadores, ainda que se utilizem de pirogas.

EXPEDIÇÃO

A disposição do presidente da FUNAI é de, havendo necessidade, designar uma expedição para facilitar os trabalhos de construção da estrada, mas acha que esta tem de vir de Caracaraí. Se os trabalhos prosseguirem na atual frente, parada por dificuldades financeiras, auxiliará também, mas pode haver dificuldades. (JORNAL DO BRASIL N° 211)

Manchete n° 869 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 14.12.1968

O Massacre na Selva

A caminho da morte, a expedição do Padre Calleri deixou no território dos indomáveis índios Atroari um rastro passo a passo percorrido pelos nossos repórteres Uirapuru Mendes, Gervásio Batista e Vieira de Queiroz.

"*Irmã, reze muito por nós, porque tudo indica que, se faltarem as orações, as flechas não tardarão a chegar*" – disse o Padre Giovanni Calleri a uma freira de Manaus, em sua última comunicação pelo rádio.

O sacerdote italiano, com um grupo de oito homens e duas mulheres, partira para o território dos índios Atroari, conhecidos por sua agressividade.

Pretendia pacificá-los, para que o governo pudesse prosseguir, sem luta, a construção de uma rodovia de penetração para Roraima. Dias depois do último diálogo pelo rádio apareceu em Itacoatiara um mateiro que se apresentou como o único sobrevivente do massacre da expedição. Ninguém quis acreditar.

Uma missão de socorro foi, porém, enviada à selva, com turmas especializadas do SAR e do PARASAR. O resultado foi a descoberta dos esqueletos do sacerdote e de seus companheiros. Enquanto se processavam as buscas, a reportagem de MANCHETE refazia a rota da expedição.

Por aqui seguiu a expedição do Padre Giovanni Calleri, a caminho da morte. Por esse território proibido deverá passar a estrada para Roraima "Morrer, sim. Matar, nunca!" ([6]) era o lema altruísta do Marechal Rondon.

---

[6] Na verdade, o lema era: "*morrer se preciso for, matar nunca*".

E esse lema foi cumprido à risca pelo Padre Giovanni Calleri e seus companheiros. Eram todos voluntários, desejosos de ver em progresso as obras da BR-174, entre Manaus e Caracaraí, no Território de Roraima.

Os trabalhadores da rodovia estavam intimidados, pois o traçado enveredara por uma zona de índios bravos, os Atroari e Waimiri. Encontramos, em vários lugares, vestígio da passagem da expedição: restos de comida, objetos de uso pessoal, imprestáveis ou abandonados – lembranças de homens e mulheres que, liderados pelo sacerdote, se dispuseram a deixar as comodidades e o conforto de Manaus, para tentar a pacificação das duas tribos. Esse trabalho teria valor inestimável para a região e nele estavam empenhados a Fundação Nacional do Índio, a Fundação Brasil-Central e o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

A reação dos Atroari só se explica em face de um contato anterior da tribo com brancos matadores de índios. Diante das atrocidades desses aventureiros, mesmo expedições pacíficas já são vistas como perigosas e indesejáveis pelos índios.

Os índios compareceram de repente,
"medrosos e desconfiados", disse o
Padre Calleri no penúltimo rádio.

Cinco dias antes do massacre, o Padre Calleri e seus companheiros chegaram à maloca dos Atroari. Houve troca de presentes –, os índios ofereceram bananas e beijus. Pelo rádio, o sacerdote italiano disse ter visto mais de 100 redes na Maloca da Esperança –, assim batizada porque tudo ia bem. Mas a expedição não se contentara com esse êxito. E resolvera ir a outras malocas. Segundo a FAB, a tribo dos Atroari conta cerca de três mil índios.

A missão pacificadora que o Padre Calleri
não conseguiu realizar é um desafio
aos nossos sertanistas.

Quando a BR-174 foi planejada e entrou em execução, ninguém levou em conta o fato de que essa rodovia, destinada a estabelecer ligação com a Venezuela, iria atravessar territórios em que a presença do homem branco não era tolerada pelos índios. Mas, depois, o problema se evidenciou de forma decisiva: ou os índios hostis serão pacificados, ou o traçado da estrada terá de ser alterado, com enormes prejuízos. Os estudos e o início da construção já consumiram somas consideráveis. A tarefa pacificadora é assim considerada, um grande desafio.

O sacerdote italiano sacrificado pelos Atroari deixou o clero secular e ingressou numa ordem missionária, dedicando-se à catequese dos indígenas da Amazônia, cuja cultura estudara no Museu Goeldi.

O chefe da expedição massacrada, Padre Giovanni Calleri, italiano de 34 anos, era membro da Congregação dos Missionários da Consolata. Veio ao Brasil, em fins de 1964, expressamente para trabalhar na Prelazia de Roraima.

Antes, pertencera ao clero secular. Mas entrara para aquela Congregação disposto a se dedicar à catequese. Seus motivos, segundo o Padre Silvano Sabatini, procurador da Prelazia eram os mesmos que atraíram à Amazônia vários outros sacerdotes italianos: a insatisfação pelo desempenho de funções meramente burocráticas nas paróquias italianas.

Na Itália, um Padre tem que esperar pelo menos dez anos para se tomar vigário. Mas não há só italianos, em Roraima. Ha também Padres franceses, ingleses, norte-americanos e espanhóis. O que ali falta é a presença do clero nacional.

Nos primeiros meses de sua permanência no Brasil, Padre Calleri fez, no Museu Goeldi, em Belém, um curso intensivo, preparando-se para lidar com os índios. Depois, realizou sua primeira missão na selva, pacificando os Catrimani, tribo do grupo dos Ianomâmi, à margem direita do Rio Branco, já perto da Venezuela. Tais índios já haviam experimentado inúmeros choques com os civilizados.

Em 1934, houve um massacre de silvícolas. Desde então, o branco não se atrevia a entrar no Rio, temendo represálias. Padre Calleri fez uma expedição preliminar, muito bem sucedida, seguindo-se outras. Numa delas, escolheu o ponto para construção de um campo de pouso para aviões, pois a navegação no Rio era dificultada por mais de 40 cachoeiras e rápidos, maiores e menores, a tal ponto que para se chegar ao local escolhido para base do trabalho de pacificação eram necessários mais de vinte dias de viagem. Após esses contatos iniciais, os índios foram pouco a pouco se acostumando a não receber presentes, mas a serem recompensados de forma justa por qualquer serviço que prestassem. O resultado foi a criação de um clima de respeito mútuo e confiança, pois, segundo o Padre Sabatini, "*o índio sentia a promoção da sua pessoa humana*". Para conseguir isso, tinha o Padre Calleri a condição de líder nato, simpatia transbordante, espírito calmo e ponderado que não excluía uma firmeza persuasiva nos momentos necessários.

Além disso, tinha grande respeito pelas instituições tribais e valorizava grandemente o chefe do grupo. Seus contatos com os demais membros da tribo eram sempre feitos através dele. Para que não houvesse injustiças quanto à remuneração do trabalho dos índios, instituiu um sistema de pagamento por intermédio de fichas coloridas, para atrair e motivar o interesse dos assalariados, com desenhos de um ou mais círculos, cada um significando meio dia de trabalho. O Padre Calleri não se preocupava em vestir os índios, pois via como questão imediata e prioritária a organização social do índio como comunidade. Também não sonhava em curto prazo com a catequese, que poderia abalar de forma violenta e prejudicial à estrutura social das tribos. Segundo o Padre Sabatini, ele queria dar uma contribuição como antropólogo e linguista para um estudo profundo da cultura indígena. Conseguira atingir excelentes resultados embora, estivesse se defrontando com um sério problema, que era o da poligamia entre os índios, principalmente de seu chefe. Além de ter quatro ou cinco mulheres, nos últimos tempos ele se habituara a incorporar a seu harém jovens donzelas.

Mas mesmo numa questão desta ordem o Padre Calleri nunca intervinha por aceitar o fato naturalmente como uma fase social, uma forma de manifestação de poder. Mas esta constatação não extinguiu no Padre o desejo de estudar o fenômeno para ver em que medida e de que maneira poderia ser criada uma nova mentalidade. Os resultados da pacificação eram considerados os melhores possíveis. E, assim, o trabalho do Padre Calleri chegou aos ouvidos dos engenheiros do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, na iminência de parar os trabalhos de construção da BR-174, rodovia Manaus-Caracaraí, para evitar choques de índios com os trabalhadores. A solução ideal seria a pacificação dos Atroari e Waimiri. O Padre Calleri aceitou a missão com o maior entusiasmo. Conseguiu logo a incorporação de funcionários do DER-AM, alguns voluntários e duas mulheres a sua expedição, que partiu de Manaus no dia 14 de outubro.

No dia 22, deixou ela o seu último acampamento da BR-174, subindo o igarapé Santo Antônio, rumo e mais próxima aldeia dos Atroari, com os quais logo entrou em contato.

Mas no dia 31 de outubro o radiotransmissor silenciou, crescendo a suspeita de que fora massacrada pelos índios. Com grande emoção o Padre Sabatini recorda o seu amigo:

— Seu plano inicial era fazer um contato muito rápido com os índios, mas depois deve ter mudado de ideia, fazendo um acampamento ao lado da maloca. Porque, em vez disso, ele não os atraiu a um território neutro como pretendia?

Padre Calleri e os membros da sua expedição pacificadora, mortos talvez no dia 1° de novembro, tiveram as mãos e os pês amarrados com cipós pelos Atroari, que os trucidaram a golpes de borduna. Quando resolvemos refazer o seu roteiro ainda não sabíamos disso. Três vezes no mesmo dia tentamos chegar ao acampamento do DER-AM em São Gabriel, sem o conseguir. O tempo naquela região está quase sempre fechado. As chuvas quase diárias tornam perigosas as incursões aéreas.

Só na quarta tentativa fomos bem-sucedidos, embora as condições tivessem se tornado ruins a uns 20 minutos do acampamento, em virtude das camadas muito baixas de nuvens. Gervásio e Queiroz iam cantando sambas no banco traseiro. E, no intervalo das melodias, comentavam se não poderíamos ter o mesmo destino do grupo do Padre Calleri. Acontece que nossa missão era diferente, e, se aparecessem índios no caminho, não iríamos trocar presentes ou manter contato com eles. Íamos logo soltando os fogos de artifício para assustá-los além de dar uns tiros para o ar, com os dois 38 emprestados por amigos de Manaus.

Em seguida, o plano era fugir. Afinal, já era bem conhecida a capacidade que tem os Atroari de aparentar amizade com os brancos para depois matá-los, como terminou acontecendo com o grupo do Padre Calleri.

Enquanto era discutida esta grave questão, eu observava o Comandante Homero Mello manobrar o Bravo Extra Piper, para furar e descer as espessas e continuas camadas de nuvens, que impediam e visibilidade e não permitiam que seguíssemos o trajeto da BR-174. Aqui é assim: o voo cego é uma temeridade, pois há sempre o risco de o piloto se perder sobre a selva; é necessário, então, um ponto de referência, como a estrada.

Sob as nuvens, voando a uma altura entre 250 e 300 metros, o problema não existe. Lá embaixo, um mundo hostil nos espreita: é a selva amazônica.

Porque a Expedição do Padre Calleri
Falhou e foi Trucidada?

Quais foram os erros do seu chefe? O principal deles terá sido a repentina e inexplicável mudança dos planos, que previam apenas um contato rápido com os índios, e mesmo assim em território neutro, afastado da maloca. Mas o Padre resolveu aceitar o convite dos índios para ir à maloca, e isto os deixou à vontade para o domínio da situação.

Outro engano: a inclusão de duas Mulheres na expedição, na esperança de que os índios aceitassem a missão com naturalidade, julgando tratar-se de "*uma família em viagem*".

Na verdade, a presença das mulheres poderia sugerir duas coisas aos Atroari: para uma família, eram poucas mulheres para muitos homens, e estes poderiam cobiçar as mulheres índias?

Ou havia a possibilidade de que os índios quisessem reter as mulheres, para minorar a carência do elemento feminino em suas tribos, devida a morte prematura das índias, quase sempre no momento do parto, pois na idade em que engravidam [10 a 14 anos] ainda não estão organicamente preparadas para isso?

O mateiro Álvaro Paulo da Silva, único sobrevivente da expedição, confirmou o interesse dos índios pelas mulheres brancas expresso de início em apalpadelas, criando um clima de grande tensão. Não terá sido esta situação a causa do massacre? Mais: o Padre Calleri, em seu trabalho de pacificador dos Ianomâmi, usou de certa autoridade, exigindo sempre algum trabalho em troca de seus presentes.

Não seriam seus métodos – embora corretos para os Ianomâmi – errados para os Atroari, que têm mentalidade diferente e acentuada disposição guerreira?

Recolhidos pelo Grupo de Socorro da Força Aérea Brasileira e Identificados em Manaus pelo Mateiro Álvaro Paulo da Silva, os Restos Mortais do Padre Calleri Serão Transportados para a Itália.

Depois do desaparecimento da missão do Padre Calleri, o acampamento de São Gabriel foi abandonado pelos operários do DER-AM. A construção da estrada está suspensa.

Após um rápido reconhecimento do terreno, sem nada a fazer ali, despedimo-nos do comandante e começamos a caminhada. A parte já construída da estrada termina ali, e o trecho que começamos a enfrentar está apenas desmatado.

A chuva da madrugada tornava o avanço difícil e cansativo, no terreno pesado e lamacento. Mesmo assim, só paramos quilômetros adiante, para lavar o rosto na água que jorra de um tronco oco e tombado em uma encosta. E logo continuamos cercados por uma floresta densa e cerrada em que a altura das árvores varia entre 20 e 50 metros.

Nela, há um festival de ruídos, guinchos, urros e cantos de pássaros. Serão mesmo cantos de pássaros ou assobios de índios?

Depois da pausa para o almoço – pão e salsichas, enlatados da Zona Franca – e de alguns minutos de descanso, vamos embora, rumo à zona em que desapareceu o Padre Calleri.

Segundo o depoimento do mateiro, ele teria ameaçado os índios com sua espingarda, para impor respeito. Isto os teria grandemente irritado.

A partir daí, Álvaro Paulo resolveu deixar a expedição. Antes, advertiu o Padre de que "*a barra estava ficando pesada*" e que era melhor voltarem todos. Mas o Padre contornou a situação, dizendo que ele voltasse para a maloca queimada e abandonada, a 25 quilômetros de distância, onde ficara parte do equipamento. Álvaro Paulo obedeceu e, ao chegar lá, entrou em crise. Diz que antes de fugir ainda voltou maloca dos Atroari, na esperança de que a expedição não houvesse sido massacrada.

Já era noite, tudo silencioso e sem índios, avistou um cadáver e então sua resolução de deixar a expedição foi definitiva: voltou à maloca queimada, esperou amanhecer e desceu o Igarapé Santo Antônio em pequena balsa já preparada para a fuga. Adiante, encontrou uma canoa que o levou a Itacoatiara, de onde telefonou para a FAB, em

Manaus, comunicando o acontecido. Seu depoimento causou muitas controvérsias. Havia quem achasse que a história estava mal contada.

As dúvidas surgiram principalmente depois de os homens do SAR e PARASAR desembarcarem na maloca por ele indicada, sem encontrar o cadáver que dissera ter visto. Havia, contudo, forte indício de massacre: os índios tinham abandonado a maloca.

Ao lado dela havia outra, em construção. Por que eles deixariam um lugar que pretendiam aumentar, a não ser por medo dos espíritos dos mortos?

Esses indícios aumentariam na segunda busca dos homens do PARASAR: foram encontrados víveres e objetos do equipamento da expedição no acampamento do Padre Calleri. Se ele partira para outra maloca, porque deixaria ali os equipamentos, inclusive as botas?

Apesar disso Álvaro Paulo foi colocado sob suspeita, principalmente por terem sido encontrados no barco que o levou a Itacoatiara uma espingarda e outros objetos da expedição que ele dissera haver perdido na viagem. Em seu favor havia uma impressionante verossimilhança, uma sinceridade de homem simples incapaz de simular a ênfase dramática com que contou sua história. Mais tarde, ficaria provado que tinha razão: o cadáver que vira existira mesmo, só que fora depois arrastado pelos índios até 200 metros da maloca, onde foram colocados os demais. Ali permaneceram até serem encontrados na terceira incursão dos homens da FAB, já reduzidos a ossos.

O reconhecimento pôde ser feito pelo "*soutien*" de uma das mulheres e pelo dente de ouro do Padre Calleri, que como quase todos os outros teve o crâneo afundado a bordoadas. Com a chegada da noite acampamos à beira da estrada. Instalamos as redes, fizemos fogo e preparamos o café. Por via das dúvidas, colocamos redes a mais de 4 m do solo.

Aproveitamos uma pequena clareira que deve ter sido usada pelos operários do DER-AM. Felizmente não havia tanto mosquito como em outras áreas da Amazônia. Mas, para nos defendermos da malária, trouxemos mosquiteiros, estendidos sobre a rede. Após o jantar, o fogo foi morrendo e a escuridão se tornou intolerável. Os bichos noturnos começaram a gritar. É difícil dormir. E é imprescindível renovar o fogo. Desço com a lanterna. Descubro um arbusto com pretensões a árvore.

Com o terçado [facão] bem amolado não é difícil reduzi-lo a toras, que vão para o braseiro. Subo para a rede. Gervásio começa a contar as estórias de suas viagens pelo mundo. Queiroz interrompe para dizer que talvez os índios acuados pelo pessoal da FAB, estejam se descolocando em nossa direção. Mas eu me baseei na opinião de alguns mateiros [nenhum deles quis nos acompanhar, achando a incursão desaconselhável e o momento perigoso], que me disseram que os índios não andam nem atacam à noite.

Entretanto, não é bom facilitar. E quando o cansaço finalmente nos vence, Queiroz fica velando pelo nosso sono. Às três horas fui acordado pelo Gervásio, que me passou a vigília. As seis, eu os acordei, e após um lanche ganhamos de novo o caminho onde será construída a estrada. O mateiro Álvaro Paulo acabou inocentado. Seu único pecado foi o de tentar tirar alguma vantagem, ocultando ter trazido na fuga alguns objetos da expedição. Mas uma coisa ficou provada: ele era o único, pela sua experiência, a ter consciência do perigo da situação. O Padre Calleri, nos últimos rádios que passou para a base em Manaus, também reconheceu que as relações com os índios não estavam muito boas. Mas porque não voltou, obstinando-se numa pacificação cada vez mais temerária? Quando ele deixou de dar notícias, a 31 de outubro, Manaus começou a fervilhar de boatos. Dizia-se que os índios Atroari eram chefiados por um homem branco, muito mau e temido por eles próprios. Que homem branco? Bem, até em Martin Bormann, o carrasco nazista, chegou a se falar.

Chegamos ao trecho mais difícil da jornada: os 10 quilômetros de picada abertos pela frente avançada da construção da rodovia – algo mais como um túnel verde furando vegetação cerrada. É verdade que agora as copas das árvores, que se entrelaçam como se pertencessem a uma só, não deixam filtrar nem um raio daquele Sol impiedoso que nos vinha castigando na estrada. O calor é que continua o mesmo. Com o ar quente e pesado, aquela sensação de abafamento, só há uma diferença, para pior: a umidade. Com a roupa grudada no corpo, ninguém se atreve a tirar a camisa, temendo a picada de algum inseto. O terreno às vezes se torna muito íngreme. São muitas as elevações e declives. A esta altura, já esquecida minha ofidiofobia, aquela sensação do bicho se enrolando na perna a uma simples conversa sobre cobra. É engraçado: nesta picada, ainda não vimos nenhuma. Só quando estávamos na estrada, uma cobra amarela que ninguém soube identificar atravessou o leito com muita pressa e desapareceu na mata.

Quem mais trabalho teve com a expedição massacrada do Padre Calleri foram os homens do PARASAR e do SAR, que fizeram sua base de operações no Posto avançado de Moura, a 300 quilômetros de Manaus, e 90 da Maloca da Esperança. Moura só tem campo de pouso, um agrupamento de quatro casas e nenhum recurso. Víveres, equipamentos e combustíveis eram levados diariamente para lá, pelo "*Catalina*" e pelo "*Aero Commander*" do DNER engajados nas buscas. As péssimas condições atmosféricas da região não permitiam buscas diárias. Estas só puderam ser intensificadas a partir do penúltimo dia de operações, com a chegada do avião Búfalo e de mais um helicóptero. Mesmo assim os helicópteros não podiam sair desacompanhados, aviões deviam escoltá-los para que não se perdessem sobre as selvas.

E havia também o perigo de um ataque indígena aos homens encarregados das buscas, todos com instruções para não atirar neles. Mas em todas as incursões jamais se separavam das armas, pois sabiam que os Atroari são traiçoeiros, só atacando quando tem certeza da vitória.

Foram 14 dias de buscas, duros e trabalhosos. No dia em que os corpos foram encontrados, os homens do SAR, ao descerem no Aeroporto de Manaus, foram recebidos com fortes e emocionados abraços por seus companheiros. O Tenente Everaldo Ribas, que chefiou a operação, ao ter notícia pelo rádio de que a expedição tinha sido massacrada pelos índios, não conteve as lágrimas. Há duas semanas, ele dormia apenas três ou quatro horas por noite, Durante o dia, além de coordenar os trabalhos, ouvia muitas histórias fantásticas sobre o destino da expedição. Além disso, sofria a pressão dos jornalistas, que não se conformavam em receber apenas o ditado sobre as operações, ao fim de cada dia.

Também nós não nos conformávamos com o ditado. Por isso, estávamos chegando a Santo Antônio, naquele entardecer quieto e parado em que as árvores não faziam o menor movimento.

Já um pouco desanimados, vimos surgir, em uma curva da picada, uma clareira, de onde pudemos divisar o acampamento e o Igarapé. Aqui funcionou a última frente da BR-174 até um mês atrás. E nos deixou um legado precioso, na figura deste velho barracão que nos abrigaria da chuva iminente.

Depois de jantar, podíamos até escutar os rugidos das onças sem ficar preocupados. Foi só trancar a porta e pudemos dormir os três, sem necessidade de vigilância. Estávamos protegidos da floresta amazônica e de suas ciladas. Já tínhamos água para beber: era só fervê-la neste fogo tão amigo. Mas acordamos sobressaltados com pancadas na porta.

Gervásio já estava com a arma na mão. Queiroz segurava um foguete e uma caixa de fósforos. Entreolhamo-nos rapidamente. Perguntei quem era. Uma voz forte respondeu: "*É o barqueiro*". Saímos da cabana dando risadas e tapas amistosos nas costas do homem. Conforme o combinado, ele viera em sua lanchinha a motor pelo Rio Uatumã e pelo

Igarapé S. Antônio, para nos encontrar. É um velho gordo e queimado, que há oito anos trabalha com seu barco no Rio Amazonas. Português esteve 15 anos na Marinha Mercante, deixando-a pela vida sobre as águas do Rio. Antes, passava uma temporada no Amazonas e outra em Portugal, para visitar os parentes. "*Agora, com esse tal de cruzeiro novo não dá mais*".

O Igarapé Santo Antônio tem entre 5 e 30 metros de largura. As inúmeras curvas nos deixam a 40 quilômetros da maloca queimada. As margens esbarram, como a estrada, na mesma selva bruta. Estamos na rota final do Padre Calleri.

Há mês e meio, o sacerdote percorria com seu grupo estas mesmas águas, rumo à maloca dos Atroari. E o mesmo Sol lhe escaldava o rosto.

E havia a mesma expectativa e os mesmos olhares inquisitivos para as margens.

Hoje, o Padre e seus companheiros estão mortos, a BR-174, pivô da tragédia, está parada. E a pacificação dos Atroari é imprescindível à conclusão desta estrada, muito importante para o Amazonas. Ela deve atravessar o território dos Atroari e Waimiri, ultrapassando o Rio Alalaú, e entrando no Território de Roraima, rumo a Caracaraí. De lá já existe uma rodovia para Rio Branco, que só precisa ser melhorada. De Rio Branco, a estrada ganha a fronteira com a Venezuela, na cidade de Santa Elena, abrindo caminho para as exportações e integrando uma enorme região brasileira. Já falam em mudar a rota da estrada, por causa do massacre da expedição do Padre Calleri.

Mas no Amazonas ninguém aceita esta solução, pelo trabalho já realizado e as somas investidas nas obras da rodovia. Então o problema fica de pé, uma dor de cabeça para o governo: ou se faz nova expedição para pacificar os Atroari, ou se continua a construção da estrada, correndo-se o risco de um ataque de índios.

Corremos o risco de um ataque de índios, mas não é isto o que nos preocupa. Depois de navegarmos durante cinco horas subindo o Igarapé Santo Antônio, a nossa aventura terminara.

Há um problema, agora, a resolver: quem retomará a perigosa tarefa do Padre Calleri, para tentar a pacificação dos Atroari? Estes índios são mais claros que os demais silvícolas da Amazônia. Altos, fortes e atléticos, ao rir mostram bons dentes. Vivem em mais de 13 malocas já localizadas entre o Igarapé Santo Antônio e o Rio Alalaú, supondo-se que existam muitas outras ainda desconhecidas.

Na mesma região habitam os Waimiri, que etnicamente se localizam no mesmo grupo, o dos Caribes.

Os Atroari não têm tradição belicosa. Há muitos anos mantém contato com os brancos, quase sempre partindo de uma posição inicial de cordialidade. Mas com o correr dos anos, iludidos e enganados pelos brancos, que lhes invadiam as terras, usando a força das armas, aprenderam que, quando eles apareciam, a morte andava por perto. Essa lição foi rapidamente assimilada.

Em 1942, eles executaram um massacre no Posto Camanaú, depois chamado Posto Irmãos Bríglia. Nessa ocasião, o funcionário do então SPI, encarregado do local, cometeu o erro básico: o de se considerar dono da situação confiante na pacificação dos índios, cujos grupos já frequentavam o posto, trocavam presentes e davam mostras de perfeito entrosamento.

O encarregado do Posto e os demais funcionários passaram a conviver sem quaisquer preocupações com os índios, sendo por isso advertidos pelo SPI. Justamente no dia em que essa advertência foi feita, ocorreu o massacre. Os selvagens se aproximaram do Posto como quem vai trocar presentes e, aproveitando a distração dos funcionários, atacaram-nos de surpresa, matando-os. Em 44 verificou-se novo massacre, desta vez nas margens do Rio Alalaú.

Foram mortos a flechadas dois técnicos norte-americanos e três brasileiros, havendo apenas um sobrevivente. Eles haviam terminado de fazer o levantamento do curso daquele Rio e o desciam numa canoa, quando perceberam a presença de alguns índios nas margens. O americano fez questão de encostar o barco, pois queria muito ter contato com indígenas.

Apenas um destes se aproximou do grupo. Os demais permaneceram observando tudo por trás das árvores. Após a tradicional troca de presentes, o americano assestou a máquina fotográfica para registrar a presença do índio, mas esse mudou de atitude, gritando:

Não, não! Isso ruim!

Os brasileiros advertiram o americano, mas ele não lhes deu ouvidos e, ao bater a chapa, recebeu a primeira flechada. Imediatamente, as flechas começaram a chover. O outro americano e o brasileiro tentaram escapar a nado.

O segundo, ágil nadador, fez em mergulhos a maior parte do percurso de sua fuga abrigando-se atrás de umas pedras no outro lado do rio. Daí viu o americano afundar, após receber uma flechada na nuca. O único sobrevivente escapou numa fuga que durou vários dias, porque conhecia a região, rica em palmitos e bananeiras. Mesmo assim, ao ser encontrado, estava fraco e combalido, a ponto de sucumbir.

Em 1946 houve outro ataque ao Posto dos Irmãos Bríglia, com trucidamento de funcionários do SPI. E a última manifestação guerreira dos Atroari, antes do caso do Padre Calleri, foi o desaparecimento de quatro homens às margens do Rio Alalaú, em 1966.

Contudo, alguns brancos tiveram contatos pacíficos com os Atroari. Um deles é o sertanista Gilberto Figueiredo, que há 27 anos exerce tão perigosas tarefas. Ele diz que tais índios não revelam qualquer atitude agressiva, embora às vezes gostem de receber presentes sem dar nada em troca.

O sertanista, em junho deste ano, fez os primeiros voos rasantes sobre as malocas dos Atroari, juntamente com engenheiros da BR-174, Manaus-Caracaraí. Os índios não se assustaram, nem demonstraram atitude guerreira para com o avião.

Animados com a boa receptividade – os índios chegavam a abanar para os participantes do voo –, resolveram, em julho, desembarcar de um helicóptero na principal maloca – aquela que agora está sendo chamada de Maloca da Esperança –, sendo recebidos pelos índios.

Houve troca de presentes, mas por medidas de precaução o grupo não se demorou lá mais de 10 minutos, prometendo voltar, entretanto, depois de uma lua.

Efetivamente em agosto, Gilberto fez marchar a sua nova expedição, que estabeleceu o itinerário depois seguido pelo grupo do Padre Calleri. Após deixar o acampamento de Santo Antônio, pelo Igarapé, Gilberto atingiu a maloca queimada e abandonada, conseguindo o primeiro contato com três índios, com idades de 17 a 20 anos. Estes logo o convidaram a segui-los, o que fez, deixando bandeiras nos locais em que passavam [estas bandeiras seriam depois mencionadas nas comunicações do Padre Calleri, pelo rádio].

Ao chegarem à maloca, encontraram poucos índios, apenas três ou quatro casais com seus filhos. Os demais tinham ido a uma festa muito longe – a uma lua de viagem – foi a explicação que Gilberto recebeu. Após haverem dado panelas, camisas e outros objetos aos índios, recebendo beiju e muitos cachos de bananas, Gilberto e seu grupo foram convidados a visitar as roças onde os Atroari plantam mamão, cana, aipim e batata-doce, ao lado de enormes bananeiras que caracterizam a região. Atravessaram o Igarapé em canoas e caminharam cerca de duas horas, encontrando outro pequeno grupo de índios, que relutavam em se aproximar.

Só depois de muita insistência é que um menino se acercou deles e os outros o apresentavam com certo orgulho: "*Curumim, Capitão Maruaga*". O menino era filho do Chefe, o Tuxaua Maruaga. Dali Gilberto e seu pessoal regressaram e passaram novamente na Maloca da Esperança, onde fizeram novas trocas, recebendo grande quantidade de arcos e flechas. O grupo de Gilberto faz questão de ressaltar que em nenhum momento os índios demonstraram o menor sinal de hostilidade. Nem por isso, eles se consideraram donos da situação e agiam sempre com as maiores cautelas, precavendo-se contra um possível ataque. A partir desta experiência. Gilberto diz que não chega a entender como os Atroari, após bons contatos com postos do SPI, como o de Jauaperí, ao contrário de outras tribos, terminam sempre voltando à vida selvagem e às atitudes agressivas. (MANCHETE, N° 869)

O Jornal n° 14.486 – Rio de Janeiro, RJ
Domingo, 15.12.1968

Bispos da Amazônia Solidários à FUNAI

Belém-Brasília, a maior estrada de penetração na Amazônia, foi aberta sem o sacrifício de nenhum, índio porque, à frente das turmas de construção da rodovia pioneira seguia uma equipe de sertanistas do extinto SPI, para o primeiro contato com as possíveis tribos arredias, declarou à reportagem da Meridional o Sr. José de Queirós Campos, presidente da FUNAI, falando a respeito da interdição de áreas indígenas, agora solicitadas, quando não foi tomada aquela medida preventiva.

A FUNAI não pretende modificar traçados de estradas, pois isso foge à sua competência que, quando não resultam de decisão do DNER, subordinado ao Ministério dos Transportes, decorrem de planos estaduais.

Apenas sugere e aconselha que, quando se note a presença próxima de tribos seja convidada a FUNAI a acompanhar os trabalhos, a fim de evitar choques que não mais se justificam entre as frentes pioneiras e o posseiro natural e constitucional das terras.

MANAUS-CARACARAÍ

No caso especifico da rodovia que ligará Manaus-Caracaraí complementando-se o seu traçado até Boa Vista, o pedido de interdição da área só foi feito depois do insucesso trágico da Expedição do Padre Calleri. Baseia-se a solicitação ao Sr. Ministro do Interior no reconhecimento de que, violado território tribal, com uma violenta reação dos índios, se tornam necessárias providências que previnam na área, a reedição de tais insucessos. Estivemos pessoalmente em Manaus e Boa Vista e, em contato com o governador de Roraima, cujo território é cortado pelo traçado restante da picada, e concordamos em que, agora, as obras podem ser atacadas a partir de Caracaraí, sem a mínima alteração do plano aprovado pelo DNER. Desse entendimento demos conta, em longo relatório ao General Albuquerque Lima. Aceita a sugestão será facilitada a nova tarefa; enquanto a Prelazia de Roraima, que pacificou as tribos hostis da área acompanharia o desenvolvimento dos trabalhos daquela frente, a FUNAI se encarregaria de atrair os índios Atroari pelo rio Alalaú, nos termos do piano que antes aprovou, estudado pelo Padre Calleri. O problema da interdição das áreas indígenas não foi, ainda, suficientemente compreendido. A FUNAI somente solicita a medida quando vê em perigo a incolumidade das tribos e, indiretamente, a segurança das frentes pioneiras. Quase sempre se trata de tribos arredias, cuja população pode ser apenas estimada, por processos de amostras ou pela localização aérea das malocas. No caso dos Atroari próximos ao igarapé Santo Antônio, o Padre Calleri contou, numa delas cerca de 130 redes, mas havia outras tantas tarimbas ([7]) onde dormem os índios também, segundo o depoimento do mateiro Álvaro, o "Mineiro". Se uma delas pode abrigar 300 índios, dez conterão 3.000, o número possível dos componentes daquele grupo, hoje reconhecidamente hostil. A área que se delimita, num pedido de

[7] Tarimba: cama rústica e desconfortável. (Hiram Reis)

interdição, segundo linhas naturais com o curso dos rios, e linhas secas, pelos Paralelos e Meridianos é, realmente, mais ampla do que a futura redução, para propiciar-se maior margem de segurança aos índios e possíveis frentes pioneiras. Se o objetivo da interdição é pacificar e aldear os índios, evidentemente, obtidos tais resultados, a área se reduzirá. Quem tenha lido os Decretos nesse sentido, verá, claramente, assinalando esse objetivo. Suponhamos que, numa área, encontremos apenas duas ou três famílias Caiapó. Levaremos junto a elas um cacique Caiapó, o do Gorotire, por exemplo, para convidá-las a morar com seus parentes. E a Interdição será suspensa.

PARQUES ÍNDIGENAS

Quando se tratar de tribos numerosas, que, pacificadas, não pretendam abandonar o território tribal, mesmo na hipótese de existirem outras do mesmo grupo já parqueadas, a solução será a instituição do parque indígena, para a lenta aculturação, como ocorre no Parque Indígena do Xingu.

Muitos consideram muito extensa aquela área alegando que há poucos índios lá. Mas ninguém os contou e, recentemente, quando lá esteve o ministro Albuquerque Lima, um Capitão indígena lhe demonstrou a necessidade de ampliação da área para o Sul, o que foi feito. Os que pretendem a posse das áreas indígenas alegam que os índios são todos nômades e, assim, não é possível identificar sua posse territorial. Essa concepção de nomadismo é rara, porque a família indígena mora, geralmente, em malocas fixas, onde a mulher, sempre sedentária, cuida da família e da roça. O homem, porém, no seu estágio primitivo, vive da caça, da pesca e da coleta, o que exige amplas áreas de procura, revezáveis segundo as estações.

Se o branco, no estágio industrial, pode apresentar densidades populacionais de até 300 por km2, as populações primitivas são rarefeitas, apresentando, por vezes, densidades de 0,005 por km2. Mas isso nada tem que ver com o nomadismo. A densidade populacional aumenta, se povos caçadores atingem o estágio do pastoreio; quando pastores se tornam agricultores e quando estes se tornam industriais. Quando a FUNAI propõe a criação de parques e reservas, examina esses dados e deseja,

decerto, promover uma ascensão do índio, para que atinja o estágio econômico imediatamente superior a fim de que se liberem áreas, evidentemente do domínio da União; para a colonização como pareça melhor ao Governo.

A FUNAI está subordinada ao Ministério do Interior, a quem cumpre a tarefa chamada de ocupação do território, de preenchimento dos chamados vazios demográficos. Como lhe cabe a proteção ao índio, primitivo ocupante da terra, procura executar sua tarefa em harmonia com as exigências da ocupação e do desenvolvimento econômico das áreas demograficamente rarefeitas. Sabemos que há possibilidade de conciliar os dois objetivos aparentemente antagônicos por isso enviamos ao Ministro Albuquerque Lima um plano de ocupação indígena da Amazônia Legal, que parte das fronteiras do Oeste para o nosso centro geográfico. Cremos que, mesmo em uma geração, a aplicação do plano mostrará a viabilidade do seu objetivo: ocupar, realmente, um verdadeiro continente sem o sacrifício do índio nem a destruição de preciosas reservas da flora e fauna amazônicas.

Quanto às criticas que tem surgido contra a missão e do trabalho da Prelazia de Roraima ou de um indisfarçável prejuízo contra a Igreja que, se cometeu erros no passado, deles se redime desde quando se atém aos princípios da "Lunien Gentium" ([8]) e só manda para junto dos índios bons estudiosos de antropologia.

A esta altura, o presidente da FUNAI mostrou-nos a seguinte carta do Padre Mateus George, Subsecretário Regional do Norte I, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

Neste momento triste, diante dos túmulos dos heróis do Alalaú, venho oferecer ao ilustre diretor da Fundação Nacional do Índio a solidariedade da Igreja da Amazônia Ocidental. É um fato reconhecido, e agora mais uma vez comprovado, que no sucesso todos participam, mas no fracasso ficamos sós. É precisamente em reação à injustiça dessa tendência humana, que me apresento para oferecer à FUNAI, em nome dos Bispos e dos fiéis do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, a

---

[8] *Luz dos Povos*: um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. (Hiram Reis)

solidariedade deste Secretariado Regional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Confiamos na orientação e na direção da FUNAI. Reconhecemos que a Fundação tem a última responsabilidade, a de coordenar, mas não é por isso que, no sucesso ou no fracasso, podemos nos eximir de nossa responsabilidade, a de cooperar. Foi neste sentido que acompanhamos de perto as preparações para a pacificação dos Atroari: sentindo com os membros da expedição o gosto amargo de perigo, na boca.

É neste sentido que nos sentimos corresponsáveis pelas suas vidas; sua perda é nossa, seu fracasso, nosso também. Não nos envergonhamos deste fracasso, nem dos heróis que caíram. Sabemos que os motivos que os levaram a essa expedição eram os mais nobres; e, mais importante, válidos os princípios que os orientavam. A tragédia seria ainda maior se fôssemos começar, agora, a pôr em dúvida estes princípios, herança de Rondon e de todos os que, desde o seu tempo, morreram, mas não matar.

É um desrespeito à coragem de todos os homens da FUNAI deixar de reconhecer o perigo mortal sempre presente nos seus trabalhos de pacificação, por mais perfeita que seja a sua técnica de aproximação dos silvícolas. Uma dezena de vidas jovens jaz sacrificada sobre o altar da Pátria. Sua bravura exige o nosso respeito e emulação, pela glória do Brasil. (O JORNAL N° 14.486)

Jornal do Brasil, n° 218 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 20.12.1968

Sertanista Peret Relata que Massacres Mútuos são Comuns na Região Atroari

Os massacres, tanto de brancos quanto de índios, são frequentes na região onde vivem os Atroari, que há algumas semanas aniquilaram a Expedição do Padre João Calleri, da Prelazia de Roraima, que pretendia pacificá-los e afastá-los da área onde passará a rodovia Manaus-Caracaraí.

Essa informação está contida no relatório que o sertanista João Américo Peret entregará nos próximos dias ao presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. José de Queirós Campos, sobre o massacre da Missão Calleri. Em seu documento, o sertanista denuncia vários massacres de índios por expedições punitivas de homens brancos e fornece numerosas notícias sobre os Atroari, calculados em cerca de três mil.

A TRIBO ATROARI

Durante a missão de resgate dos despojos da missão Calleri, chefiada, da parte da FUNAI, pelo sertanista Peret, foram realizados inúmeros voos sobre região, de avião e helicóptero, que localizaram 12 aldeias Atroari. Calculando-se, em média, 200 índios por maloca ([9]), o sertanista acredita haver cerca de 3.000 Atroari espalhados pela região.
Uma das malocas encontradas, perto do rio Ajará, afluente direto do rio Alalaú, em Roraima, possui aproximadamente mil metros quadrados de área útil e com uma altura de 35 metros, no mínimo duas vezes maior do que a aldeia geminada encontrada pelo Padre Calleri. Essa maloca está exatamente em um ponto por onde deverá passar a estrada Manaus-Caracaraí.

CHOQUES FREQUENTES

No período da caça, explicou o sertanista, os índios andam multo. Nessa época, saem de sua área e vão a sítios de homens brancos, que sempre fazem investidas contra seus parentes. Essa é uma zona de atrito, disse Peret, acrescentando que os vizinhos dos índios estão sempre em choque com eles, o que acontece quando os indígenas saem de seu território sem produção para trocar. Muitos dos Atroari falam ou entendem português, achando Peret que os indígenas aprenderam o idioma nesses contatos com o homem branco. Entre as várias notícias de massacres de

[9] Na minha época as sete malocas visitadas não tinham mais de 60 indivíduos. (Hiram Reis)

índios por brancos, recolhidas pelo sertanista, figura um ocorrido há oito ou 10 anos. Nessa época, um grupo de homens brancos saiu em expedição punitiva contra os Atroari, e com eles travou combates. Muitos indígenas morreram, e os brancos ainda aprisionaram 60 deles, que foram levados, amarrados, até uma cachoeira conhecida pelo nome de Criminosa. Ali foram todos, ainda amarrados, degolados com facões. (JORNAL DO BRASIL, N° 218)

1969

Jornal do Brasil, n° 09 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 18.04.1969

FUNAI Prepara Missão Para Voltar a Atroari

O Diretor da Divisão do Patrimônio Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher, confirmou ontem que a FUNAI está planejando enviar uma missão para entrar em contato com os índios Atroari, que massacraram a expedição do Padre Calleri, em novembro do ano passado. Acrescentou que os planos não tem possibilidade de execução imediata, pois a FUNAI está com seus sertanistas ocupados em outras missões, mas assim que estas terminarem o projeto será levado avante.

IMPORTÂNCIA

A aproximação com os Atroari, considerados entre os mais belicosos índios da Região Norte, é extremamente importante para a execução dos planos prioritários do Governo Federal, pois esses índios habitam a região por onde passará a estrada BR-174, ligando Manaus à fronteira com a Venezuela, passando por Boa Vista. O Sr. José Maria da Gama Malcher reafirmou que a missão, quando se realizar, contará com todo o apoio do DNER, a exemplo do que ocorreu com a missão Calleri. A estrada já está com 30 km prontos, e cerca de 150 km desmatados, mas as obras não podem prosseguir enquanto não for solucionado o problema da hostilidade dos Atroari. Afirmou ele que seus melhores homens estão agora em serviço. O sertanista Francisco Meireles está no Norte de Mato Grosso, fronteira com Rondônia, tentando solucionar o impasse criado com a Invasão de garimpeiros à região dos Cinta-Larga, perto do Rio Roosevelt, e João Américo Peret partirá na próxima semana para tentar contato com Beiço-de-Pau, também em Mato Grosso.

SEMANA

A Semana Nacional do Índio, que começou na última segunda-feira, terminará amanhã, quando será pronunciada uma conferência sobre a educação dos índios, pela professora Maria Pelegrini, às 13 horas, no auditório do MEC. A conferência é a quinta de um ciclo que abordou toda a politica da FUNAI em relação à integração do índio brasileiro. Uma série de solenidades alusivas à Semana do Índio também está programada para amanhã e sábado no Colégio Batista, na Tijuca, quando diversos técnicos da FUNAI farão palestras para os alunos. Também está sendo programada uma exposição de material indígena e de realizações da Fundação no Campo da Integração. O local da exposição ainda não está decidido, mas sabe-se que durará de 15 dias a um mês. (JORNAL DO BRASIL, N° 09)

Jornal do Brasil, n° 14 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 24.04.1969

Índio Matou Calleri por Estrangeiros

Uma missão estrangeira, que entrou no Brasil pela Guiana e incendiou uma maloca Atroari margem do rio Alalaú está sendo apontada como a principal responsável pelo massacre da Expedição do Padre Calleri. A denúncia chegou à FUNAI através de um grupo de escoteiros de Roraima, que esteve em Georgetown, onde ouviu a história do chefe da missão.

Os técnicos da FUNAI investigam o fato e as ligações da expedição com a missão "*Asas do Socorro*", frota de aviões que tem base em Boa Vista e é apontada como acobertadora de contrabando de minério. Acham que os Atroari massacraram a missão Calleri por vingança, pois foi a primeira a entrar em contato com os índios após o vandalismo. [Pág. 15]

Expedição da Guiana Implicada no Massacre da Missão Calleri

Boa Vista, Roraima – Uma expedição estrangeira, que penetrou na Amazônia vinda da Guiana Inglesa, teria sido a principal causa do massacre da missão do Padre Calleri pelos índios Atroari, em novembro último. A suposição foi levantada por elementos ligados à Fundação Nacional do Índio, baseadas em informações de um grupo de escoteiros que esteve em Georgetown, em janeiro. Segundo declarações de um dos chefes do grupo, o líder da expedição, um inglês chamado Thompson, lhe afirmou ter queimado uma maloca Atroari, à margem do rio Alalaú.

VINGANÇA

A afirmação foi feita durante uma exibição de slides na casa do chefe dos escoteiros de Georgetown, Lawrence Thompson, irmão do chefe da expedição. Na ocasião, ele mostrou uma fotografia da maloca, dizendo que a havia destruído para evitar deixar vestígios.

O diretor do Património Indígena da FUNAI, Sr. José Maria da Gama Malcher, disse que a, destruição da maloca teria obrigatoriamente trazido uma reação dos índios, que recaiu sobre o grupo Calleri que foi o primeiro contingente de brancos que penetrou no território Atroari depois da expedição de Thompson, em março/abril.

Segundo ele, a reação vingativa seria normal entre qualquer tribo indígena, ou mesmo entre civilizados. No caso dos Atroari, a situação é mais delicada, pois eles são índios muito traiçoeiros e já atingiram um alto índice de atrito com os brancos. Disse o Sr. Gama Malcher:

> *Se realmente a maloca foi queimada antes do Padre Calleri chegar, é cem por cento certo que eles se vingaram matando todos os membros da Expedição.*

Vários outros conhecedores dos costumes indígenas também manifestaram a, mesma opinião.

ROTEIRO

O escoteiro Ideo Garcia, chefe de Relações Públicas do grupo de Boa Vista, disse que a expedição saiu de Georgetown em março, descendo o rio Rupununi até Lethem, na fronteira com o Brasil. No caminho foi recrutando índios da tribo dos Wai-Wai, que são do mesmo grupo linguístico dos Atroari, e, por motivos religiosos, altamente interessados no contato com seus parentes brasileiros.

De Lethem, a expedição desceu o rio Tacutu e depois o rio Alalaú ([10]), onde habitam os Atroari, atingindo a cidade de Manaus. Segundo informações extraoficiais, a Expedição teria entrado no Brasil com a aprovação do Governo do Amazonas, pois não consta nos arquivos da FUNAI nenhuma autorização para o grupo.

A FUNAI só veio a se inteirar do fato em setembro do ano passado, quando recebeu uma carta do missionário americano William Hawkins, chefe da missão da Cruzada de Evangelização Mundial na Guiana, pedindo autorização para abrir uma terceira frente de contato com os Atroari, e promover um apoio ao Padre Calleri. Na carta ele mencionava a experiência do missionário Claude Leavitt como "*expert em selvas e pacificações*", e dizia que ele havia participado da expedição de março.

Segundo o Sr. Gama Malcher:

> *Tudo isso é multo suspeito. Além do mais, a Cruzada disse que contava com a cobertura da missão "Asas do Socorro", baseada em Boa Vista. E essa missão tem sido apontada como acobertadora de contrabando de minério.*

A permissão foi negada no dia 27 de setembro, sob a alegação de que não havia, interesse e que a Guiana Inglesa vinha "*notoriamente se empenhando, há alguns anos, em atrair índios do Brasil*".

---

[10] Devem, na verdade, ter descido os rios Tacutu–Branco–Negro e subido o rio Jauaperí e, por fim, o Alalaú. (Hiram Reis)

SUSPEITAS

Disse o escoteiro Ideo Garcia que as primeiras suspeitas surgiram quando outro chefe, um Detetive Federal, chamado Sabá Pinheiro, mostrou-se interessado pelo slide da maloca queimada, pedindo que ele fosse repetido e fazendo muitas perguntas. O inglês então parou de projetar slides da expedição e passou a mostrar fotos de flores, afirmando que os brasileiros já conheciam muito a região e que não havia mais interesse em continuar.

Quando; eles voltaram a Boa Vista, ofereceram-se à imprensa local para declarações, mas depois de um breve contato não foram mais procurados, morrendo o assunto por alguns meses. Segundo rumores não confirmados, a imprensa local teria recebido pressão do líder das missões americanas em Roraima, o pastor Niels Hawkins, que é irmão de William Hawkins.

Existem atualmente sete missões americanas espalhadas pelo Território, controladas pela Cruzada de Evangelização Mundial, sediada em Boa Vista, e apoiada pela frota de aviões da missão "*Asas do Socorro*", também controlada por protestantes americanos. Certas áreas do Território são quase que inteiramente habitadas somente pelos índios e missionários estrangeiros, e inúmeros sertanistas afirmam que elas se utilizam dos índios como polícia, não permitindo a entrada em suas áreas a quem não tiver sido convidado. [Mário de Aratanha – Enviado Especial] (JORNAL DO BRASIL, N° 14)

Jornal do Brasil, n° 16 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 26.04.1969

Ação Estrangeira Será Investigada

A Fundação Nacional do Índio [FUNAI] pretende pedir aos órgãos de informação do Governo uma investigarão em torno da expedição estrangeira que saiu da Guiana no ano passado e queimou a maloca Atroari, razão principal do massacre da missão do padre Calleri, em novembro. A FUNAI está coletando todos os dados sobre a expedição estrangeira, para encaminhá-lo ao Ministério do Interior. O órgão tem em seus arquivos alguma documentação sobre missão do Padre Calleri, mas só há pouco tempo soube da investida dos estrangeiros.

A DENÚNCIA

A Fundação pretende, agora, descobrir a veracidade em torno do incêndio da maloca Atroari. O fato foi denunciado pelo escoteiro Ideo Garcia, do Grupo Valério Magalhães, de Boa Vista, que visitou Georgetown e soube ali do ataque aos índios, pouco antes de o Padre Carelli procurá-los. Ideo Garcia assistiu a uma projeção de slides na casa do chefe local dos escoteiros, quando o líder da expedição, um inglês chamado Thompson, informou-lhe que queimara a maloca na margem do rio Alalaú, divisa entre Amazonas e Roraima.

A MISSÃO CALLERI

Acompanhado de seis homens e duas mulheres, o Padre Giovanni Calleri, 34 anos, membro da Congregação dos Missionários da Consolata, partiu de Manaus no dia 14 de outubro, para tentar um contato com os Atroari, índios altos e jovens. O plano da expedição fora, elaborado pela Prelazia de Roraima.

No dia 22, a expedição deixou seu último acampamento na BR-174 e subiu o igarapé de Santo Antônio, rumo à mata próxima aldeia dos Atroari. Nove dias depois, os contatos eram interrompidos. As buscas duraram quase um mês e no dia 1° de novembro, ao anoitecer, chegaram a Manaus os restos mortais dos nove expedicionários. (JORNAL DO BRASIL, N° 16)

Diário do Paraná, n° 4.147 – Curitiba, PR
Sexta-Feira, 09.05.1969

Pensão aos Pacificadores de Indígenas

BRASÍLIA, 9 [Sucursal] – O presidente Costa e Silva baixou Decreto-Lei concedendo pensões especiais aos beneficiários dos membros da expedição "*Calleri*", falecidos em missão de pacificação dos índios "*Atroari*".

É o seguinte o texto do Decreto-Lei:

Art. 1° São concedidas pensões, especiais aos beneficiários dos cidadãos Manuel Nascimento Filho, Benigno Ribeiro Neves, Aragão Rodrigues de Oliveira, Manoel Mariano Ferreira, João Francisco de Oliveira, João Geraldo Gouveia, Marina Otas Pinto da Silva e Maria Mercedes Sales, integrantes da expedição chefiada pelo Padre Calleri, constituída para pacificar os índios "*Atroari*" e que, nessa missão, faleceram vítimas dos citados índios.

Art. 2° As pensões corresponderão ao salário-mínimo regional, considerando-se beneficiários aqueles que, à época dos óbitos, viviam sob a dependência econômica dos cidadãos falecidos, obedecida a seguinte ordem:

a) as viúvas, enquanto nesse estado permanecerem;

b) os descendentes diretos, menores de idade;

c) os ascendentes;

d) os colaterais de 2° grau, menores de idade;

e) outros dependentes, menores de idade.

Parágrafo único – A pensão será dividida proporcionalmente e assim paga, na hipótese de mais de um beneficiário.

Art. 3° Por morte do beneficiário direto, a pensão reverterá, exclusivamente, para o beneficiário que se seguir, de acordo com a ordem estabelecida no artigo anterior.

Art. 4° Se qualquer dos cidadãos enumerados no artigo 1° tiver deixado outra pensão, só será paga ao seu beneficiário a diferença, se for maior o benefício concedido neste Decreto-Lei.

Art. 5° As despesas decorrentes do presente Decreto-lei correrão à conta da dotação orçamentária do Ministério da Fazenda, destinada ao pagamento de pensionistas da União.

Art. 6° Este Decreto-Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (DIÁRIO DO PARANÁ, N° 4.147)

Jornal do Brasil, n° 46 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 31.05.1969

FUNAI não Aceita Colaboração da Guiana Para Pacificar os Atroari

Manaus [Correspondente] – O presidente da FUNAI, Sr. Queirós Campos, disse que não vai aceitar colaboração do Coronel Thompson, da Guiana, na pacificação dos Atroari, em agosto, e nem tentará proibir a incursão que o DNER anuncia na região. Sobre as declarações do engenheiro Altamiro Veríssimo, chefe do 1° Distrito Rodoviário, de que continuará a rodovia Manaus-Caracaraí com ou sem o consentimento da FUNAI, o Sr. Queirós Campos afirmou que o órgão pode impedir isso, mas não quer: "*porque as flechas serão atiradas contra eles e eu não tenho nada a ver com isso*".

ÍNDIOS ARMADOS

Segundo o presidente da FUNAI, três mil índios armados com flechas de ponta de metal estão localizados a uma distância de apenas 50 km do trecho que a equipe do DNER

pretende atingir, no igarapé de Santo Antônio, onde o Padre Calleri foi massacrado com oito expedicionários. As obras da rodovia Manaus-Caracaraí a BR-174 – foram paralisadas exatamente nesse locai. Adiante o Sr. Queirós Campas manifestou-se contrário à presença de elementos de países vizinhos nas expedições para pacificar as Atroari. E justificou:

Todos os estrangeiros que se oferecem para pacificar índios brasileiros, inclusive o Coronel Thompson da Guiana, o fazem com o objetivo de catequizá-los e integrá-los à sua Pátria. Por isso, não admitirei a presença de nenhum deles entre os meus homens. O presidente da FUNAI afirmou mais tonante que a verdadeira integração da Amazônia "*só poderá ser feita por esta geração, se realizarmos o processo de aculturação do indígena, que conhece bem os segredos de sobrevivência na região. Caso contrário, nem daqui a 100 anos isto poderá ocorrer*".

AÇAO PACIFICADORA

Explicou o Sr. Queirós Campos que a expedição da FUNAI vai tentar em agosto a pacificação definitiva dos Atroari. A expedição do órgão será dirigida pelos sertanistas Francisco Meireles e Gilberto Pinto, usando métodos idênticos aos empregados pelo Padre Calleri. A rota será alterada e, em lugar de Manaus, a expedição partirá do rio Alalaú, no sentido do igarapé de Santo Antônio.

O sertanista Francisco Meireles, tão logo acabe a missão junto aos Cinta-Larga, rumará para o Amazonas e se juntará ao sertanista Gilberto Pinto e mais 40 homens. Entre eles há alguns índios que falam nheengatu. A expedição entrará no território dos Atroari completamente desarmada, sem qualquer proteção logística, segundo informou o presidente da FUNAI, pondo em prática o plano que o Padre Calleri não chegou a concluir.

Disse, referindo-se ao Padre Calleri:

O seu modo de agir visava à aculturação futura, para impedir que mais tarde o indígena se tornasse vagabundo e preguiçoso. E, com isso, nós vamos ensinar-lhes que os construtores da estrada não são seus inimigos.

PLANOS DO DNER

O engenheiro Altamiro Veríssimo declarou que a construção da BR-174, passando pelo local onde o Padre Calleri foi assassinado, independe de entendimentos com a FUNAI. Os trabalhadores, segundo ele, "*marcharão armados para a região embora não levem ordem de atirar em ninguém*". Explicou que a estrada será atacada no mesmo ritmo do ano passado, dentro do traçado original, tão logo cesse o período de estiagem na região.

O engenheiro – que foi um dos organizadores da expedição Calleri – atribui grande importância nos contatos mantidos com a FUNAI, mas diz que as suas decisões não influirão no andamento dos trabalhos na estrada, que visarão inicialmente recuperá-la dos desgastes causados pelas chuvas.

O DNER, segundo informou, irá percorrer o caminho desenvolvido Expedição do Padre Calleri por sua própria conta e enfrentará os riscos da incursão para ganhar tempo e concluir a obra de acordo com o cronograma. Quando terminarem a etapa de recuperação da pista, os trabalhadores voltarão a ocupar o acampamento do DNER e daí atravessarão para o igarapé de Santo Antônio, "*devidamente armados e com a proteção das máquinas, que ficarão trabalhando ininterruptamente para intimidar ou afastar os índios do traçado da rodovia. Eles irão operar com absoluta cautela e com a vigilância redobrada para evitar a possibilidade de um choque com os indígenas, porque o nosso objetivo é construir a estrada, e só a estrada*". – concluiu o engenheiro Altamiro Veríssimo desmentindo a informação de que o Centro de Instrução de Guerra na Selva iria se engajar à equipe do DNER. (JORNAL DO BRASI, N° 46)

Jornal do Brasil, n° 145 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 24.09.1969

FUNAI Detém Chefe Atroari Temendo Sarampo na Aldeia

Brasília [Sucursal] – O Sertanista Gilberto Pinto está se defrontando com um sério problema: impedir que o Cacique Maruaga dos Atroari regresse de imediato à sua aldeia, pois pode estar levando doença que dizimará seu povo. Maruaga esteve recentemente no Posto Indígena Jatapú, onde quatro crianças se encontram com sarampo. Se ele ou um dos seus 23 guerreiros retornar à aldeia com o bacilo da doença, os Atroari, cerca de 2 mil, poderão morrer da doença, que normalmente lhes é fatal.

PACIFICAÇÃO

Desde que massacraram a expedição do Padre Calleri os Atroari vêm sendo alvo das atenções da FUNAI, que tem desenvolvido todos os esforços para pacificá-los. Em maio, um grupo desses índios aproximou-se do Posto Irmãos Bríglia, ocorrendo novos encontros nos últimos meses. O sertanista Gilberto Pinto, considerado na FUNAI como o melhor depois de Francisco Meireles, acertou com o cacique Maruaga, através de índios que apareceram no posto, um encontro a várias luas, mais ou menos em fins de outubro. Foi surpreendido com a notícia de que Maruaga, acompanhado de 23 guerreiros, apareceu no Posto do Rio Jatapú. Nesse Posto, quatro crianças encontram-se com sarampo. Ao ser avisado do aparecimento de Maruaga, Gilberto deslocou-se para o local, mas já não o encontrou. Após dias e noites de marcha batida, de acordo com notícias chegadas ontem, conseguiu encontrar Maruaga já nas cachoeiras do Rio Camanaú.

A missão principal de Gilberto é de colocar Maruaga e seus 23 guerreiros de quarentena, até que se verifique se algum deles contraiu ou não a doença. O receio da FUNAI é que estes índios, ao regressarem, contaminem a Aldeia, o que representará morte certa para vários Atroari, pois são muito sensíveis ao sarampo e à gripe. O sertanista Gilberto Pinto, no entanto, não pode explicar aos índios essa circunstância, pois são desconfiados e há receio de que se revoltem.

No primeiro contato, mantido a 19 último, Gilberto não conseguiu convencê-los a ficarem para caçadas e pescarias porque, argumentavam, "*estavam sem suas Marias*", as mulheres. Ainda que Gilberto Pinto não tenha notado qualquer sinal da doença nos índios no encontro mantido a 19 último, poderá haver dificuldades mesmo que ele consiga retê-los. Os índios, que se mostram muito desconfiados, se algum deles vier a ficar com sarampo poderão considerar isto uma consequência de terem sido retidos pelo sertanista. (JORNAL DO BRASIL, N° 145)

Jornal do Brasil, n° 154 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 04.10.1969

FUNAI Encontra Tribo na Fronteira de Roraima que Está na Idade da Pedra

Brasília [Sucursal] – A existência nas proximidades de Roraima de uma tribo inteiramente primitiva, que usa ainda machado de pedra e corta as fibras de bananeiras torcendo-as, foi revelada ontem à FUNAI pelo sertanista Gilberto Pinto, que acaba de chegar da Amazônia. O mistério sobre os Atroari, os índios que mataram, em outubro do ano passado o Padre Calleri e seus companheiros de expedição, começa a ser esclarecido por esse sertanista, que esteve na primeira aldeia da tribo e manteve demorado contato com Maruaga, o Cacique Geral.

OS ATROARI

Para o sertanista Gilberto Pinto parece fora de dúvida que o massacre da expedição Calleri se deu por algum motivo fortuito que provocou a ira dos indígenas. Os Atroari desde há muitos anos mantêm relações com os civilizados, sendo que em 1959 entraram em contato com funcionários do antigo SPI e normalmente os mateiros e gateiros que penetram pelo rio Camanaú os encontram e com eles chegam a negociar. Apesar dessa ligação, tem assassinado alguns civilizados. Em 1966 quatro gateiros foram por eles mortos, sem que se saiba o motivo, e muitos outros casos devem ter ocorrido. Dessa aproximação, segundo observou o sertanista, Gilberto Pinto, já resultou o conhecimento pelos índios de machados, ferro [as suas flechas têm ponta de ferro, afiadas com limas], fósforos e de algumas palavras em português. Alguns índios na primeira aldeia são chamados de Cândido [o Capitão], Mimi e Tomás.

MARUAGA

Os Atroari – acredita o sertanista Gilberto Pinto que existam aproximadamente mil, enquanto na época do massacre do Padre Calleri falou-se em 10 mil – dedicam-se com razoável intensidade à lavoura. Cultivam atualmente cana-de-açúcar, mandioca, banana, abacaxi e inhame. No encontro que manteve com o cacique Maruaga, o primeiro, o sertanista Gilberto Pinto deu-lhe sementes de melancia, jerimum e milho.

No início de setembro, Maruaga, conforme havia prometido, apareceu no Posto Irmãos Bríglia, no rio Camanaú, acompanhado de 23 guerreiros. O sertanista Gilberto Pinto, que o esperava em outubro, não se encontrava no Posto. Quando soube que os índios lá estavam – deslocou-se para o Posto, mas não os encontrou mais. Acompanhado de Estêvão Rodrigues da Silva [encarregado do Posto] e de Manuel Rodrigues de Freitas, saiu à procura dos índios, encontrando-os depois de dois dias de viagem em lancha.

O empenho em encontrar Maruaga e seus guerreiros era maior porque algumas crianças moradoras nas proximidades do Posto Irmãos Bríglia haviam tido sarampo recentemente. Receava o sertanista Gilberto Pinto que algum dos índios pudesse ter contraído sarampo e, regressando à aldeia, contaminasse o seu povo. Mantiveram-se com os índios até constatarem que nenhum deles apanhara a doença.

ALTOS

Com o apoio de Cândido, o Capitão da primeira aldeia dos Atroari com quem manteve contato em junho passado, o sertanista Gilberto Pinto conseguiu entender-se relativamente bem com o cacique Maruaga. Com aproximadamente 62 anos, pouco mais de 1,80 m, Maruaga, o homem que teria dado ordens para o massacre da expedição Calleri, ainda detém o controle de sua tribo e é pai de numerosa prole. Ele é quem poderá dar todos os detalhes do massacre, mas o sertanista preferiu não tocar no assunto, pois, os Atroari são tremendamente irascíveis.

A primeira aldeia dos Atroari – espécie de sentinela avançada da tribo, não se sabendo onde ficam as outras – era antigamente nas proximidades do rio Camanaú. Contudo, por questões de segurança, após um combate com gateiros, os índios a transferiram para um dia de viagem, a partir da margem, no rumo da mata.

Os Atroari, de acordo com as observações do sertanista Gilberto Pinto, que mais os conhece, são homens altos, fortes e resistentes, havendo alguns casos de longevidade. A tribo apresenta sinais de desnutrição, pois em redor dessa primeira aldeia, pelo menos, não há caça e os únicos peixes que conseguem são piranhas e traíras. A FUNAI está, nos casos como este, pretendendo incentivar a agricultura. Observou o sertanista Gilberto Pinto que as mulheres da tribo usam uma cinta especial, como cascas de cocos cobrindo-as, enquanto os homens se limitam a utilizar na cintura uma faixa de tucum.

Apesar de muitas aves na região, os índios não utilizam penas em suas flechas, que são relativamente curtas, 1,20 m, para arcos de 2,30 m.

PRIMITIVA

O sertanista Gilberto Pinto comunicou à direção da FUNAI que um dos funcionários do posto situado no rio Jatapú. Sebastião Nunes Firmo, descobriu, a 16 dias de viagem, do Posto, no rumo cio Janandá e da fronteira com Roraima, o aldeamento de uma tribo inteiramente primitiva.

De acordo com as informações de Sebastião Firmo, a aldeia deve ter sido abandonada, dois dias antes de sua chegada. As árvores das proximidades foram derrubadas com machado de pedra ou com batidas de outro pau, conforme se notava pelas fibras. Bananeiras, nas proximidades, tiveram suas folhas arrancadas, com nítidos sinais de que foram torcidas. Havia, ainda, vários, buracos do tamanho de um homem. Não pode Sebastião esclarecer se estes buracos serviram de abrigo ou não. Esta tribo deslocou-se da área porque o igarapé próximo secou. Acredita Sebastião que existam muitos índios na região, pois as trilhas por eles utilizadas são bem largas. (JORNAL DO BRASIL, N° 154)

Diário de Pernambuco, n° 272 – Recife, PE
Sábado, 22.11.1969

Antropólogo Caluniador não Prova Haja Matança de Índios no Brasil

RIO [Meridional – DP] – A propósito das últimas declarações do antropólogo sueco Lars Persson, o Presidente da FUNAI, Queirós Campos, distribuiu o seguinte comunicado à Imprensa:

Não conheço o Sr. Lars Persson, nem posso dar testemunho da sua qualificação como antropólogo. Em pesquisas que vimos fazendo, não há traço da sua presença no Brasil, pelo menos nos últimos dez anos. É assim testemunha inválida dos fatos que alega, baseando-se, apenas, em relato feito pelo antropólogo Levy Straus, quando, há mais de trinta anos, depois de uma visita a São Paulo, escreveu livro em que relatava o emprego de processos bacteriológicos para a destruição dos Kaigang. Parece-nos que Lars Persson pretendeu, apenas, sair do seu anonimato universal, repetindo o drama de Erostrat, de Éfeso: em lugar do templo de Diana, encontrou, no caminho, a nova política indigenista brasileira, que se baseia na Convenção 107 da OIT, votada em Genebra e aprovada pelo Governo Castello Branco, em 1968.

A quem acusa, cabe o ônus da prova; eis um brocardo ([11]) jurídico universal. Até agora o Sr. Persson não conseguiu provar a matança de índios no Brasil, desde que se instituiu a FUNAI, em fevereiro de 1967. Houve, a partir de então, luta entre índios e brancos: os Atroari mataram, no ano passado, sem perder um homem, nove componentes da Missão Calleri, trinta Urubune, hoje assistidos pela FUNAI, mataram quatro brancos no ano passado, sem que morresse um silvícola nos encontros de Guajará-Mirim; os Gavião da Serra, hoje abrigados no Posto de Mãe Maria, no Pará, expulsaram, a flechas e tiros, centenas de invasores de suas terras no Maranhão, matando cinco, sem perder nenhum guerreiro. A FUNAI vem expulsando invasores do território indígena, com o auxilio da Polícia Federal, da Polícia Gaúcha e da Polícia Goiana, sem nenhuma morte.

GENOCÍDIO E ETNOCÍDIO

Alguns etnólogos europeus, pretendendo dirigir a política indigenista brasileira, não atacam apenas a FUNAI, mas as Missões Religiosas e o Instituto Linguístico de Verão. Querem transformar o silvícola num fóssil vivo, e, nesse particular, o Presidente Costa e Silva recebeu um documento, no ano passado, assinado por Levy Straus e mais de uma centena de antropólogos e etnólogos europeus, pedindo que conservemos os nossos índios na "Aurora da humanidade", tese que contraria nossos compromissos internacionais de integrá-los.

[11] Brocardo: axioma ou aforismo jurídico. (Hiram Reis)

Como não conseguem provar a prática de genocídio no Brasil, inventaram um novo termo: o "etnocídio", que significa qualquer processo de integração nacional do silvícola.

CALÚNIA

O crime de Lars Persson, imputando o genocídio ao Governo brasileiro, configura, em nossa legislação, a calúnia. Mas ele acusa o Governo, como um todo, embora os delitos até agora praticados contra os índios – latrocínios, turbações de posse, estupros, roubos, furtos e assemelhados – tenham tido, como autores, indivíduos ou pequenos grupos das frentes pioneiras, processados quando chega o ilícito ao conhecimento do Governo. Os mais recentes processos foram abertos no Maranhão, onde está preso o facínora "Volta Seca", assassino de Suruís, antes da existência da FUNAI; na 3ª Vara de Cuiabá, onde se encontram evadidos três assassinos de Cinta-Larga, em 1963. Não pode a Fundação processar Lars Persson, pois lhe falece competência para, na matéria, representar o Brasil no exterior. Parece-nos que tal iniciativa seria da alçada do Ministério da Justiça e do Itamarati.

DEPOIMENTOS

No Brasil podem ser ouvidos, sobre o assunto, as Missões Religiosas e o Instituto Linguístico de Verão, onde há um considerável número de estrangeiros trabalhando com os índios, sob a vigilância da FUNAI. Devem falar, também, os antropólogos, etnológicos e linguistas brasileiros. Seu diálogo será mais fácil com o Sr. Persson, podemos convidá-los, sem suspeitas, ao jogo da verdade.

COM OS ALEMÃES

Quanto ao deputado alemão, que pretende o patrocínio do Governo de Bonn à sobrevivência dos índios brasileiros, temos um caminho a indicar-lhe: obter, em seu país, recursos para as Missões Franciscanas, onde há uma dezena de patrícios seus, frades excelentes, acudindo aos silvícolas. São sacerdotes sem qualquer ligação com os assassinos de Buchenwald ([12]), onde se verificou o maior genocídio da história.

---

[12] Buchenwald: foi um dos maiores campos de concentração criados pelos nazistas. (Hiram Reis)

Com os Tiriós, por exemplo, no Parque Indígena do Tumucumaque, está o impressionante Frei Angélico, que pode depor a respeito do tratamento que vimos dando aos nossos silvícolas. Crie a Sociedade Alemã de Etnologia uma comissão e venha, às suas custas, verificar o problema no Brasil. Todas as unidades da FUNAI estão abertas a qualquer inquérito.

ONDA DE PROTESTOS

A FUNAI só tem uma resposta a essa onda de calúnias: trabalhar de portas abertas. Os pesquisadores estrangeiros são recebidos e tratados como nacionais. Temos convênios com instituições estrangeiras, desde que possuam personalidade jurídica no Brasil. Igualmente, vimos encaminhando ao Itamarati todos os informes pedidos prestando contas, anualmente, de nossas atividades, à Organização Internacional do Trabalho, em Genebra. Não dispomos de verbas de divulgação, quando há tantos compromissos de assistência direta ao índio. Enorme auxílio nos têm prestado as Missões Religiosas, a FAB, o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas, alguns Governos estaduais e municipais. Mas há mais de cem mil índios sob a tutela da FUNAI.

Devemos assinalar o apoio do Governo Revolucionário: as nossas verbas, que eram de pouco mais de três milhões, há dois anos, ultrapassam os doze milhões de cruzeiros novos, no próximo exercício, quando a Renda Indígena, que era inferior a meio milhão, ultrapassará três milhões de cruzeiros novos. Todas as nossas pretensões têm sido patrocinadas pelo Ministro Costa Cavalcanti.

A formação da Guarda Indígena; a criação de duas escolas normais e duas profissionais, o funcionamento do Centro de Recuperação e treinamento do Krenak e da Fazenda Escola de Maxacali em Minas Gerais; a instalação de olarias e serrarias no Araguaia e no Sul do País; a criação do Hospital do índio, na Ilha do Bananal e os convênios com o Hospital Cauiá e o Hospital do Pênfigo, em Mato Grosso, mostram uma parte do nosso trabalho, este ano, entre os índios aculturados. E bastariam o Parque Indígena do Xingu, sob a direção dos admiráveis Irmãos Villas-Bôas, e o Parque Indígena de Aripuanã onde se encontra o sertanista Francisco Meireles, para mostrar ao mundo, como praticamos o respeito aos costumes e

instituições tribais Foram, ambos, este ano, visitados por dezenas de repórteres, cinegrafistas, fotógrafos e cientistas. Nenhum deles, até agora, coonestou o suspeitíssimo depoimento desse antropólogo que, antes de ofender o Brasil, ofende a si próprio, no seu desprimor à verdade. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, N° 272)

1970

Jornal do Brasil, n° 08 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 17.04.1970

Sertanista Descobre, por Acaso, Matança de Oito Índios Atroari no Alto Amazonas

Manaus [Correspondente] – Foi por acaso que a FUNAI descobriu – e mandou Investigar – a morte de oito índios Atroari, assassinados por caçadores nas águas do rio Capitari, entre agosto e setembro do ano passado. Quem comandou o massacre foi Antônio Paulino da Rocha, que distribuiu munição aos companheiros. O sertanista Gilberto Figueiredo investigava a suposta morte de um Atroari, ocorrida entre setembro e outubro do ano passado, quando ouviu de uma das testemunhas a expressão "*neste caso eu não tive a menor participação*". Isso lhe valeu como a confissão da existência de outros casos, até mais grave, conforme ficou comprovado.

SEM CONVERSA

Era uma tarde de Sol e, quando eles nos viram no meio do lago, gritaram jacunam [amigos], mas ninguém respondeu. Pararam de remar e gritaram mais forte: jacunó maré [brancos amigos]. O chefe – Paulino – mandou que respondêssemos à saudação com os rifles engatilhados. Quando o ubá se aproximou do nosso barco uns cinco metros mais ou menos, atiramos de uma só vez. A metade caiu n'água sangrando e os outros morreram sentados. Essa confissão foi gravada em plena selva, pelo sertanista Gilberto Figueiredo, que foi à procura dos assassinos dos Atroari e hoje luta, como servidor da FUNAI, para que os criminosos sejam punidos, não só para que se faça justiça, corno também para que não seja utilizado um longo e penoso trabalho de pacificação realizado pela FUNAI, na região amazônica.

ATRASO

Em fevereiro deste ano chegou a Manaus a denúncia de que três pescadores haviam assassinado um índio no Alto Amazonas, entre setembro e outubro do ano passado. Entre o homicídio e a notícia chegada a Manaus, a FUNAI enviou uma expedição ao rio na tentativa de estabelecer contato com Maruaga, o chefe dos Atroari. "*Nós já tínhamos iniciado um notável trabalho de pacificação, mas se esse encontro ocorresse, como estava previsto, teríamos sido trucidados, tal como a expedição Calleri*" – comentou o sertanista Gilberto Figueiredo, dando uma noção do perigo pelo qual passou em dezembro, com sua equipe.

Na volta, ao passar pelo rio Jauaperí, depois da frustrada missão ao Alalaú, ouviu comentários a respeito do assassinato de um índio na praia 28, local esporadicamente usado pelos índios para pesca, durante a estação das secas. Durante o pernoite, ouviu algumas pessoas, mas não conseguiu elementos novos, retornando a Manaus.

VOLTA À SELVA

Prossegue o sertanista Gilberto Figueiredo:

> *A intuição não me deixava tranquilo, os dirigentes da FUNAI se associaram à minha suspeita e autorizaram o meu retorno ao Jauaperí. Baseando-me nos antecedentes dos pescadores, iniciei as investigações com o elemento certo, José Tenório da Silva, mais conhecido como José Libânio.*
>
> *Ele tropeçou logo nas primeiras perguntas e foi se contradizendo, mentindo muito, inventando histórias, até o ponto em que bateu em meu ombro e disse para eu não perder mais tempo, porque jamais encontraria o cadáver do índio.*

A partir dessa revelação, não foi difícil ao sertanista chegar à confissão formal da morte de um Atroari, na praia 28, inclusive com uma reconstituição da cena, narrada pelo Sr. Gilberto Figueiredo:

Nós estávamos na praia 28, andando com a água pela metade da perna, quando José Libânio apontou para um ponto mais alto e afirmou que "*o índio está enterrado ali*". No barco da FUNAI, diante do delegado de Barcelos, dos tripulantes e de um oficial da reserva, José Tenório ou José Libânio, forneceu os detalhes do crime, dizendo depois: "*mas nesse caso eu não tive a menor participação*". E no outro? – perguntou o oficial.

> *Bem, no outro eu fui obrigado a atirar. Eram oito índios e, se a gente se descuida...*

Gilberto Figueiredo parou a gravação, para preparar um novo esquema de interrogatório, para o qual serviria de escrivão o oficial da reserva que registrou até a qualificação de José Tenório, nascido em Rio Preto, no Alto Rio Negro, em 1950. A morte dos oito índios, segundo apurou o sertanista, ocorreu entre agosto e setembro e a outra entre setembro e outubro. Não foi possível precisar a data, mas apenas a hora: entre duas e duas e meia da tarde.

COM DETALHES

A confissão gravada de José Libânio não inclui detalhes:

> *Da primeira vez, no Capitari, o culpado foi o Paullno Arlgó [António Paulino da Rocha]. Quando ele viu os índios no ubá, distribuiu munição e mandou que a gente acabasse com eles. Eu não sei o motivo, mas acho que era o receio de caçar preocupado com flechadas. Da segunda vez, na Praia 28, eu nem peguei na espingarda. Quem atirou foi o Francisco Damasceno. Nós éramos três contra dois, mas o nosso medo, era que eles tivessem sabido do outro caso e quisessem se vingar.*

Explica José Tenório:

> *Os dois índios estavam distantes e fomos nós que gritamos jacunam. Como um deles estava com a cara amuada, eu ofereci presentes. As duas caixas de fósforos e um terçado pequeno ele guardou sem agradecer.*

Mas o sal e a farinha só fez provar e cuspir em cima. O Damasceno atraiu o outro para o meio da praia e o índio baixinho saiu recuando. Nessa ocasião houve um disparo à queima-roupa, bem no peito do mais forte, que morreu logo. O outro fugiu pela mata e desapareceu. Esse sim era desconfiado e não caiu na armadilha.

José Tenório também contou que, no Capitari, ele próprio arrumou os oito cadáveres dentro do ubá, que acabou de encher com pedra e areia, afundando a embarcação no meio do canal. E que na praia 28 aproveitou uma noite de luar e foi no local do homicídio com um balaio, com o qual conduziu, para sepultar, o corpo do índio assassinado.

Por esses serviços Paulinho Arigó me deu uma gratificação. Mas jurou me matar se eu contasse para alguém.

PROCESSO DIFÍCIL

A FUNAI está desenvolvendo todo o esforço para processar os assassinos dos nove Atroari, mas a Justiça está lhes opondo várias dificuldades, que a Fundação espera vencer. A primeira delas é a exigência de um corpo de delito, para decretar a prisão preventiva e iniciar o processo contra os homicidas.

O Procurador-Geral da República Osmar Pedrosa acha que a prisão dos criminosas é ilegal, sem o corpo de delito. Mas o Inspetor da Polícia Federal Pedro Henrique Casalis que acompanhou as diligências do sertanista Gilberto Figueiredo e que requereu a prisão preventiva e o processamento dos caçadores e pescadores que mataram os nove índios, argumenta, citando um jurista uruguaio:

Não é necessário o corpo de delito como prova da materialidade do crime de homicídio porque, do contrário, seria confundir corpo de delito com o corpo da vítima.

E lembra que o Código de Processo Penal fala de corpo de delito direto e indireto, sendo este último o caso verificado na apuração da morte dos Atroari.

Os indiciados pelo inspetor Casalis são José Rocha Lopes, Francisco Basques Alcântara, Antônio Paulino da Rocha, Rivaldo Lourenço e Francisco Damasceno.

Ministro Desmente Ameaça de Massacre

São Paulo [Sucursal] – O Ministro do Interior, General Costa Cavalcanti, desmentiu ontem, ao chegar a São Paulo, a notícia da ameaça de massacre de missionários americanos, por índios Xavante no posto Indígena Marechal Rondon, em Mato Grosso. Afirmou que essa "*é uma questão local, boba, que já está inteiramente resolvida*", e que "*a notícia parece ter sido feita por quem não tem coisa mais importante a fazer*". O Ministro veio a São Paulo em caráter particular, devendo retornar ao Rio hoje pela manhã.

ATROARI

O Ministro Costa Cavalcanti desmentiu também a notícia de massacre de Atroari, na Amazônia, dizendo que o que houve foi uma desavença entre índios e duas ou três pessoas, "*resultando em duas ou três mortes de um lado e uma do outro. Isso não é massacre*". O Ministro disse que os assassinos estão sendo processados pela Justiça do Estado do Amazonas. Antes de vir a São Paulo, o Ministro do Interior esteve em São José do Rio Preto, onde participou da Solenidade de implantação de um município-escola, que formará e atualizará administradores de 83 cidades da região. Ainda em São José do Rio Preto, o General Costa Cavalcanti inaugurou uma Subcoordenadoria do Projeto Rondon, que reúne 32 escolas superiores.

MEIRELES NUNCA VIU O JORNALISTA EUROPEU

Brasília [Sucursal] – O sertanista Francisco Meireles comunicou ao Embaixador Paulo Carneiro que nunca, em sua vida, esteve com o jornalista Lucien Godard, autor do livro "*Massacre de Índios no Amazonas*" e que, portanto, são falsas as informações e declarações que lhe foram atribuídas

naquela obra. Amanhã, nesta cidade, o Embaixador Paulo Carneiro manterá encontro com o sertanista Orlando Villas-Bôas, do Parque Nacional do Xingu. Orlando embora tenha estado com o jornalista Lucien Godard, nega também as declarações que lhe foram atribuídas.

Ao tomar conhecimento das declarações que lhe foram atribuídas por Godard, Francisco Meireles disse ao Embaixador Paulo Carneiro que elas são falsas. Mostrou-se abismado "*com a capacidade de invenção*" de Lucien Godard que diz ter estado no Parque Nacional do Aripuanã e mantido longas conversas com Meireles, o pacificador dos Xavantes. As informações de Meireles fazem parte do esquema organizado pelos Ministérios das Relações Exteriores e do Interior para total esclarecimento das notícias que vem sendo publicadas no exterior sobre massacre de índios no Brasil. (JORNAL DO BRASIL, N° 08)

Revista O Cruzeiro, n° 33 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-Feira, 11.08.1970

Missão de Paz Entre os Atroari

[Reportagem de Ubiratan de Lemos e Geraldo Viola]

Eis o relatório do sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, da FUNAI, sobre contatos com os índios Waimiri-Atroari, tribos guerreiras o inimigas, por muitos anos, mas que agora formam uma só comunidade, sob o comando supremo do célebre cacique Maruaga, que comandou o massacre contra a Missão do Padre Calleri. A importância dos contatos narrados decorre do fato de que essa aproximação com os índios belicosos se verificou pouco depois do massacre brutal, sem que o sertanista Gilberto tivesse conhecimento do fato, porque se encontrava, há meses, internado na

selva, inspecionando postos indígenas e procurando encontros com tribos arredias. O relatório é uma peça de substância informativa. O sertanista – o único que manteve contato com os terríveis Atroari – conta detalhes curiosos do encontro. A história desses índios contém aspectos fortes de sua índole guerreira. Quando Barboza Rodrigues, o famoso botânico autor de "*Certum Palmarum*" ([13]), alcançava o Rio Alalaú, em missão científica, foi atacado pelos Atroari. Durante a última guerra, oficiais americanos procuraram filmar esses índios e foram massacrados.

Há 20 anos, eles atacaram o Posto Irmãos Bríglia, do então SPI, e mataram quem lá se encontrava: homens, mulheres, crianças e até animais domésticos. A sua aversão ao branco é muito antiga e remonta à conquista pioneira do Amazonas, na época em que o colonizador português Pedro Favela – conforme nos conta o historiador Arthur César Ferreira Reis – matou mais de 40 mil índios (**???**) nas cabeceiras do rio Urubu. No começo do século, a invasão do interior amazonense para conquistas de seringais era um gesto feroz, assim como acontecia nos Estados Unidos em relação ao Oeste americano.

Os Atroari não esqueceram essas lutas. Por isso a FUNAI se empenha em produzir, nesses índios – como nas muitas tribos do Brasil – a imagem positiva do branco, respeitando suas terras e seus costumes, e combatendo com mão de ferro a ocupação violenta de terras ocupadas por silvícolas. Na realidade, qualquer denúncia de ação armada de branco contra índio tem como consequência imediata a punição drástica por parte das autoridades. Essa evidência, de 64 em diante, trouxe a paz nas selvas do Brasil. E os comentários de certa imprensa estrangeira, quanto à matança de índios, não passou de invencionice criminosa de grupos subversivos interessados em pichar o nome do Brasil no exterior.

---

[13] BARBOZA RODRIGUES, João. Sertum Palmarum Brasiliensium – Bélgica – Bruxelas – Typographique Veuve Monnom, 1903. (Hiram Reis)

Esta reportagem reproduz o relatório do sertanista amazônida Gilberto Pinto Figueiredo Costa, da FUNAI. Foi ele quem realizou o primeiro contato com o chefe índio Maruaga, o cacique Atroari que deu a ordem para o massacre da Missão do Padre Calleri. O sertanista, em seu falar relatorial e simples, narrou todos os episódios da expedição. Em nenhuma ocasião os índios abordaram o massacre. E tudo correu bem, com saldo de maior confraternização entre silvícolas e servidores da FUNAI.

RELATÓRIO

Ainda sob forte impressão do encontro que mantivemos com os Waimiri, nos primeiros dias de setembro [1969], e em consequência da comunicação procedente do Posto Camanaú, informando haver chegado naquela unidade, dia 17, 24 índios chefiados pelo Tuchaua Maruaga, o maioral, quando recebi ordem de serviço interna para que, em caráter urgente, seguisse com destino àquela região e contatasse com o famoso chefe indígena. Tomadas as providências, saímos desta capital [Manaus] dia 18, às 17 horas. Antes, porém, através da fonia, instruímos Estêvão da Silva Rodrigues, atual encarregado daquele setor, no sentido de envidar todos os esforços para fazer com que o Tuchaua Maruaga e seus guerreiros ali nos aguardassem, com chegada prevista para as 12 horas do dia 19. Dada à urgência e importância do encontro viajamos sem descanso, tendo chegado ao Camanaú às 14h45 do dia previsto, onde não mais encontramos o chefe Maruaga e sua gente. Estávamos muito preocupados que os índios viessem a se contagiar com sarampo, considerando que teria casos da doença em filhos de funcionários que servem no Camanaú. Chegando ao Posto, fomos informados pelo encarregado de que o Tuchaua Maruaga, após esperar até às 12 horas sem que chegássemos, preparou-se e disse que iria embora, porque "*não vem, não vem*", querendo dizer que, na hora marcada, ninguém estava lá; e demonstrando com isso que uma promessa feita deveria ser cumprida à risca.

ALEGRIA

Imediatamente, pela fonia, comuniquei a essa chefia o ocorrido, informando que partiria naquele instante atrás dos índios. Tendo deixado no Posto o telegrafista Alberto A. Sandoval, para manter contato permanente com esta sede, ainda viajando na lancha "*José Bonifácio*" saímos Rio acima, às 15h30, levando o encarregado Estêvão, o trabalhador Manoel Rodrigues, o motorista José Hilário da Silva e o ajudante de motorista Florentino Ferreira Lima. Como os índios levavam uma vantagem de horas, procuramos ganhar terreno e, às 18 horas, conseguimos alcançá-los. Eles estavam acampados na margem esquerda do Camanaú.
Fomos recebidos alegremente, o que nos encheu de satisfação. Imediatamente embarcaram em nossas lanchas para nos abraçar. As apresentações foram protocolares, tendo o índio Capitão Cândido à frente, como se fosse um embaixador. Conhecemos, enfim, o tão falado Maruaga. Não houve coquetel e, sim, café com bolachas, após o que fomos todos para terra, onde jantamos juntos. Pernoitamos nesse local.

O Relatório Realizado Pelo Sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa Destaca a Maneira Cordial Como Foram Recebidos Pelos Índios Atroari. Munido de Câmara Fotográfica, Gilberto Focalizou Grupos de Homens e Mulheres da Temível Tribo Amazônica, Após a Chegada à Sua Maloca.

NO MESMO PRATO

Pela manhã, dia 20, o Tuchaua Maruaga pediu-me para seguir conosco na lancha, rebocando suas ubás [canoas cavadas em troncos].

Havia muita água no Rio, permitindo a navegação, e assim prosseguimos viagem, parando s 11h30 para fazer refeição. Comemos todos no lugar denominado Estrela. Preparei um prato, tamanho família, e desembarquei, rumando para o grupo de índios, tendo convidado a Cacique e seus guerreiros para almoçar comigo. O convite foi aceito e comemos no mesmo prato, numa demonstração de amizade e companheirismo. Os índios, por sua vez, trouxeram peixe assado à sua moda, tendo havido um verdadeiro banquete. Enquanto isso, a bordo, os companheiros faziam o mesmo com os outros índios, num ambiente de tocante cordialidade. Terminado o almoço, foi servido café com bolacha, muito apreciado pelos índios.

GRAVADOR

Nessa ocasião, aproveitei para mostrar o gravador de fita. Fiz funcionar o aparelho, que reproduziu a voz do Capitão Cândido. Maruaga escutou com muita atenção. No começo ficou sério e depois desandou a rir gostosamente. Aproveitei a oportunidade e perguntei a Maruaga se ele queria falar para o gravador. Ele respondeu negativamente, mandando o capitão Cândido falar novamente. Na qualidade de porta-voz oficial, Cândido falou bastante, terminando por pedir muitas ferramentas e acessórios de mata. Outros índios – sempre entre risos – falaram para o gravador.

MATÁ-MATÁ

Às 12h30, prosseguimos viagem até às 16 horas, quando paramos na Pedra Matam-te [nome de uma tartaruga feia, antediluviana, o bicho mais asqueroso da região]. Lá teríamos de deixar a lancha José Bonifácio porque não havia mais água no Rio, que só permitia a viagem de canoa. Teríamos de continuar a viagem em motor de popa.

Enquanto permanecíamos a bordo da lancha para dormir, os índios seguiram um pouco mais em suas ubás, Rio acima, tendo ficado próximos a nós apenas quatro deles, sendo três guerreiros filhos de Maruaga. Acredito que estes receberam a incumbência de nos vigiar. Dia 21, às duas da manhã, ouvimos barulho de canoa que se aproximava. Ficamos em alerta. A canoas atracou na nossa lancha. Eram quatro índios que vinham se abrigar do temporal que ameaçava desabar e desabou mesmo. Uma chuva torrencial, com trovões e relâmpagos. Desses temporais que parece o fim do mundo. Agasalhamos os índios e caímos em sono profundo, porque estávamos fatigados.

CACHOEIRA

Quando o dia amanheceu, nossos hóspedes prepararam seus jamaxis [grandes cestos que carregam às costas, com apoio de cipó na testa]. Queriam viajar conosco, no motor de popa. No dia anterior, sofremos um encalhe e os índios tiveram de desatracar suas ubás, indo descarregar seus mantimentos num lajedo próximo, de onde voltaram para nos ajudar a desencalhar a lancha. Às 8 horas, atracamos a ubá dos 4 índios que tinham dormido a bordo e prosseguimos viagem. Às 08h30, encontramos os demais, que haviam seguido na frente, a remo. Nessa altura, já rebocávamos 6 ubás, com meninos [curumins] e 20 homens. Entre estes, 4 Chefes – além de Maruaga, o filho deste, Mina, o Capitão Cândido e outro índio cujo nome não consegui saber. Havia 8 guerreiros que eram do Alalaú e 4 homens eu os reconheci de uma viagem que fiz àquela região, em 1966. Às 10 horas, passamos pelo antigo Posto Tubal, e às 11 chegamos à cachoeira Travessão. Os índios nos ajudaram a transpor o trecho encachoeirado, onde por pouco não sofremos um naufrágio. O cevador de mandioca chegou a cair no Rio, sendo retirado pelo mergulho profundo do índio Comprido. O próprio Maruaga e seus filhos deram sua ajuda nessa operação da cachoeira.

PIRANHA ASSADA

Às 12h30, topamos nova cachoeira a nos desafiar. Nós ajudamos os índios a atravessar suas ubás e depois eles retribuíram o gesto ajudando-nos a transpor nossa canoa. Vencida a cachoeira sem maiores incidentes preparamo-nos para o almoço. Foi oferecimento de Maruaga: piranha assada e jaboti. Comida feita na hora e à moda dos índios: o assado com tripa e tudo. O nosso avanço tinha de ser vagaroso. Havia muitas surpresas desagradáveis: pedras pontiagudas afiadas como navalhas e que poderiam romper o casco das ubás e da nossa canoa. Prosseguimos depois do almoço e, às 17h30, paramos numa ponta de terra firme, a pedido de Maruaga. Ele queria pernoitar ali e concordamos.

MUITO SALGADO

Estêvão sugeriu que deveríamos dormir um pouco afastados do acampamento dos índios. Eu estava para concordar, quando Maruaga nos veio convidar para dormir no mesmo local. Aceitamos. Uns índios preparavam suas redes, outros foram pescar piranhas. Depois de prepararmos nossa dormida, assamos um pedaço de carne-seca. Convidamos para o jantar Maruaga e sua gente, que aceitaram a nossa comida e trouxeram muita farinha e as piranhas assadas. Os índios tentaram comer o charque, mas desistiram porque estava "*muito salgado*". Dia 22, muito cedo, os índios prepararam suas coisas para prosseguir viagem. Oferecemos a eles café com bolacha e eles a nós uma cuia com farinha de tapioca. Entramos, juntos, novamente no Rio, fazendo roncar o motor de popa, que rebocava todo mundo.

TRACAJÁS

Daí por diante, em toda ponta de praia, os índios faziam um alvoroço dos diabos. Mostravam os tracajás [tipo de tartaruga] que saiam do Rio para a praia para desovar.

Eles recolhiam os ovos, às braçadas, mas não comiam nenhum. Diziam que era para levar para as suas "*Marias*". Não só os ovos, mas tudo de bom que encontravam, inclusive grandes peixes. Estavam com muita pressa. Quando o motor enguiçava, o primeiro a desatracar a sua ubá era o próprio Maruaga. Para dar a sua ajuda imediata. E explicava a sua pressa: "*Muita demora e 'Maria' chorar*". Nesse dia o almoço foi feito a bordo. O servidor Manoel Rodrigues pescou um lindo tucunaré de 10 k, que foi transformado em caldeirada com pirão, a nossa parte, e a dos índios em moquém, uma espécie de churrasco de peixe. Quando já estávamos em nossas redes para dormir chegaram os índios. Sentaram-se à nossa volta, falando sem parar, rindo a valer, em movimentos largos e alegres. Soubemos, então, a razão de todo esse furor de alegria: era que, no dia seguinte, chegaríamos à maloca deles, objetivo de nossa excursão de trabalho, e onde estavam saudosas as suas "*Marias*".

MALOCA

Dia 23, dia da nossa chegada à maloca. Os índios acordaram alegres. A viagem continuou até alcançarmos a mais difícil das cachoeiras – a de Japiim. Os índios misturam o seu trabalho de atravessar as canoas para o outro lado do Rio, além da cachoeira, com a operação de catar ovos de tracajás. Às 10 horas, ao fazermos uma curva do Rio, pudemos ver a maloca. Eles desatracaram as suas ubás e prosseguiram à remo, numa loucura de alegria. Nosso motor quebrou o pino num pau submerso e nós tivemos também de seguir atrás deles, à remo. Fomos os últimos a atracar no porto, onde já nos aguardavam dois índios, que haviam permanecido na maloca. Começamos a descarregar as canoas, inclusive os dois cevadores de mandioca – um para Maruaga, outro para Cândido. Eis quando aparece Maruaga rindo e alegre, convidando-nos a ir até a maloca. Era, aliás, o nosso grande desejo. Mas não poderíamos sequer sugerir. Ele mesmo teria de nos convidar ou ficaríamos num local qualquer por perto.

IGUARIAS

Cândido pediu que déssemos um tiro para o ar para avisar às "*Marias*". Caminhamos para a maloca e fomos encontrando índios, aqui e ali. Eles nos ofereceram piranhas assadas, traíras, um peixe muito gostoso, beijus de mandioca, farinha à farta. A fome era grande e comemos até tocar com o dedo. Maruaga reapareceu e em sua companhia estava a sua mulher e um filho de 4 anos. O índio Nina também trouxe a sua "*Maria*" para nos apresentar. Depois que os Chefes tomaram essa atitude, todos os índios os imitaram, trazendo cada qual a sua "*Maria*" para apertar as nossas mãos. Foi uma ampla confraternização. Eu disse a eles que também tinha a minha "*Maria*" e 8 filhos. Contei nos dedos. Eles vibraram. Parece que gostam de quem possui muitos curumins. Cessadas as apresentações, informaram que tinham aberto um grande roçado e queriam plantar milho, cana, mandioca e melancia. Nós lhe demos as sementes e ensinamos como plantar essas culturas, novas para eles. Eu mesmo ensinei o plantio. Com paciência, procurando fazer com que me entendessem.

FOTOS

Perguntei a Maruaga se poderia tirar fotos de todo o pessoal. Ele permitiu. Comecei a operar com a pequena câmera que levava. Fotografei o Capitão Nina com sua esposa e dois filhos. A mulher não queria olhar a câmera e foi forçada a isso pelo marido. Acabou rindo e gostando. Havia ali entre 70 e 80 índios. Não entramos na maloca, porque não houve convite. Fingimos até desinteresse. Vimos com o rabo do olho detalhes interiores. Todos os homens estavam conosco, enquanto as "*Marias*" se meteram dentro da maloca. Maruaga transpirava alegria. Falava nos roçados que ia rasgar na selva. Haveria muita comida para as "*Marias*", crianças e guerreiros.

Maruaga, Chefe dos Atroari, Responsável pelo Massacre da Missão do Padre Calleri, Comanda a Tribo sem Discussão.

A VOLTA

Os chefes Maruaga e Cândido conversavam baixinho. Notei que falavam sobre o nosso rancho, que estava quase à zero. Trouxeram para nós farinha, bola de goma para fazer beiju e outras iguarias silvestres. E prepararam paneiros para botar mais mantimentos para a nossa volta. Os próprios índios arrumaram os mantimentos na nossa canoa. Às 14 horas, iniciamos o regresso. Satisfeitos, missão cumprida. Maruaga e sua tribo ficaram no barranco acenando. Ele – um guerreiro de 60 anos, de 1,80 de altura, postura normal de seriedade. Uma ordem sua – e basta. Todo mundo o atende sem discutir.

PENETRAS

O relatorista denuncia o fato dos penetras que invadem os Altos Rios Camanaú, Jauaperí e Alalaú – região dos Waimiri-Atroari – em busca de peles silvestres. E, se veem um índio, espantam-no a tiros, com medo, e com isso causam dificuldades ao processo de atração da FUNAI. Propõe: "*A FUNAI deve tomar uma série de medidas, visando interditar os rios Camanaú, Jauaperí, Alalaú, Curiau e Uatumã [Baixo Amazonas], proibindo, terminantemente, o trânsito de pessoas estranhas, a fim de não prejudicar o trabalho que pretendo realizar junto aos índios*". A solução é tão exata que a FUNAI, agora sob-rigorosa supervisão, está estudando o caso com seriedade. É oportuno sublinhar o risco que o grande sertanista Gilberto – um homem profundamente devotado à causa do índio – correu com seus companheiros. Como já foi escrito, eles não sabiam do massacre da Missão Calleri, provocado exclusivamente pela ausência de tato do missionário.

Se o índio deitava na rede do Padre, o Padre o expulsava com pontapés. Como negava presentes, isto é, o que o índio pedia. O somatório dessas ocorrências resultou no massacre. Evidentemente. Maruaga e seus guerreiros confiaram na pessoa de Gilberto e seus comandados. E foi generoso com eles. Índio é como criança. Igualzinho. Faz festa quando é bem tratado. E pode ficar um amigão do branco. (O CRUZEIRO, n° 33)

1972

Jornal do Comércio, n° 21.104 – Manaus, AM
Sexta-Feira, 12.10.1972

Malária no Rio Negro Ataca os Atroari

Todo o alto Rio Negro está sendo atacado por Malária. Essa afirmação foi feita à reportagem "*Associada*" pelo Sr. Estevão da Silva Rodrigues, funcionário da Fundação Nacional do Índio, que se encontra internado, com malária, na Clínica de Doenças Tropicais do Hospital Getúlio Vargas.

"*Seu*" Estevão é casado, tem 34 anos de idade e é pai de 5 filhos menores. Trabalha na FUNAI há 18 anos e tem muita facilidade em trabalhar com índios.

Atualmente, exerce a função de Chefe do Posto de Camanaú onde estão os índios Atroari e Waimiri.

GERAL

Frisou o Sr. Estevão da Silva, que a Malária é geral no rio Negro.

Em toda a região existem doentes e muitas mortes já foram registradas. A minha família toda teve malária e o último a apanhar a doença fui eu. O pior de tudo é que a região é completamente desassistida, não existindo para dar combate à doença nenhum posto da Malária, o que deixa a população apavorada. A gente quando não consegue se curar com remédios caseiros, ou dá um jeito de vir a Manaus ou então morre como já tem ocorrido com muitas pessoas na região do rio Negro.

Principalmente no rio Camanaú, no Município de Airão, onde o Sr. Estevão da Silva trabalha.

NOS ÍNDIOS

Embora ache muito viável que a Malária já esteja atacando os índios o Sr. Estevão da Silva Rodrigues afirmou que até o dia 28 de abril, oportunidade em que manteve o último contato com os Atroari e Waimiri, nenhum índio estava com a doença, todavia, como a malária está varrendo de ponta a ponta toda a região do alto rio Negro existem grandes possibilidades, na opinião do Sr. Estevão, de que os indígenas também, a esta altura dos acontecimentos, tenham sido "*fisgados*" pela malária, mesmo porque não existe nada em termos de prevenção em funcionamento na região. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.104)

1973

Jornal do Brasil, n° 277 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 24.01.1973

FUNAI Quer Reformular o Parque Onde Vivem os Suruí, Cinta-Larga e Boca-Negra

Brasília [Sucursal] – A FUNAI está estudando, uma reformularão do traçado do Parque Nacional de Aripuanã, entre Rondônia e Norte do Mato Grosso, onde convivem as tribos Cinta-Larga, Suruí e Boca-Negra, segundo um porta-voz do órgão. A mesma fonte acrescenta que no local se tentava repetir o êxito da experiência de integração gradual do silvícola alcançado no Parque Nacional do Xingu, e que será implantada, em área próxima ao Parque do Aripuanã, uma reserva para os índios Nhambiquara, que seriam removidos do vale do Guaporé, no Mato Grosso.

DIFICULDADE

Informações chegadas à Brasília, procedentes da frente de atração dos kreen-akarore índios gigantes, comandada pelos Irmãos Villas-Bôas, dão conta de dificuldades para prosseguimento dos trabalhos devido a fortes chuvas que caem nesta época do ano naquela região.

Segundo a FUNAI, a face mais delicada dos trabalhos de atração já foi superada, pois a estrada construída pelo 9° Batalhão de Engenharia e Construção do Exército já cortou aquela região e avança para o Norte de Cachimbo. A partir de agora, os trabalhos de atração são apenas tarefa de interesse da FUNAI e não mais dos órgãos envolvidos na responsabilidade de abertura da rodovia. Ainda segundo fonte do órgão, isto não significa que os trabalhos serão esmorecidos:

Eles estão em fase lenta apenas por causa das chuvas.

Dois meses antes do início dos trabalhos de topografia na área da Perimetral Norte a FUNAI pretende lançar suas frentes de atração para pacificar cerca de 27 mil índios ao longo da rodovia. Como o DNER deverá dar início ao serviço da turma de topografia em julho, a FUNAI possivelmente ingressará na área em maio. Antes disto, ela começara os sobrevoos das aldeias ao longo da rodovia, para confirmar a existência das tribos assinaladas na carta preliminar de pilotagem. A FUNAI deverá fazer hoje um pronunciamento oficial sobre o caso do jornalista francês Paul Lambert, que foi expulso da aldeia dos índios Waimiri-Atroari porque teria causado um incidente com os silvícolas, em fase de pacificação, ao apontar uma máquina cinematográfica para um grupo deles. O caso está assumindo características graves, pois a FUNAI já admite que Paul Lambert ingressou na aldeia Waimiri-Atroari, com permissão assinada pelo General Bandeira de Melo, presidente do órgão. (JORNAL DO BRASIL, N° 277)

Jornal do Brasil, n° 287 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 03.02.1973

FUNAI Culpa Viajante
Pelo Massacre de 3 Funcionários

Brasília [Sucursal] – O caixeiro-viajante Celso Maia, de quase 60 anos de idade, foi apontado ontem pela FUNAI como responsável indireto pelo massacre de três de seus funcionários no Posto Indígena do Alalaú em Roraima, porque não respeitava as índias das tribos WA. O Presidente da FUNAI, General Bandeira de Melo, rodou para a imprensa a gravação do depoimento do único sobrevivente do massacre, Luís Duarte – um rapaz de 19 anos, filho de índios que conseguiu se esquivar de quase 30 flechas disparadas

em sua direção. Depois de andar um dia e uma noite pela mata, conseguiu chegar a outro posto da FUNAI, em Santo Antônio do Abonarí, e foi levado a Manaus, onde relatou o episódio.

GRUPO ISOLADO

Segundo seu relato, os índios que atacaram o posto não eram Waimiri, conforme se pensava inicialmente, mas Atroari, seus parentes da grande família Karib. Alguns dos índios já eram conhecidos dos sertanistas da FUNAI, mas constituem um grupo isolado que habita as margens do Rio Pretinho e não obedece ao Tuxaua Capitão Maruaga, que é o Cacique de todas as demais tribos Waimiri e Atroari. Eles chegaram ao posto do Alalaú no dia 16. Apesar de estarem desacompanhados de mulheres, demonstraram intenções pacíficas e confraternizaram-se com os quatro funcionários da FUNAI encontrados no local. Perguntaram primeiro pelo "*papai Gilberto*" o sertanista que comanda, desde 1970, a expedição de pacificação.

Depois abraçaram alegremente os homens da FUNAI, e os convidaram a pegar patauá [uma fruta da região com a qual se faz uma bebida licorosa]. Foram todos e voltaram à tarde. Fizeram a bebida e tomaram juntos, "*alegres e satisfeitos*". Também comeram o churrasco de um mutum e um jaboti caçados durante a colheita. Eram 20 índios e entre eles estavam quatro menores, com idade aparente de 14 anos. Todos levavam arcos e muitas flechas, tantas que, no dia seguinte, 17, pela manhã, fizeram troca de presentes com os quatro funcionários da FUNAI, entregando-lhes 141 flechas. Arco nenhum foi trocado. Após terem indagado sobre o sertanista Gilberto Pinto, eles começaram a perguntar mais tarde pelo mercador Celso Maia, que se encontrava em Manaus. Os índios, quando falavam de Celso Maia, batiam com a mão violentamente nas nádegas – "*um sinal de Indignação*", segundo os indianistas – e, depois de cuspir no chão, diziam: "*Marupá-Maia*" que, significa na língua dos caribes a cujo tronco pertencem, que "*Maia não presta*".

IMORALIDADE

Celso Maia vendia mercadorias para os trabalhadores que estão empregados pelo 6° BEC na abertura da Rodovia Manaus–Caracaraí–Boa Vista. A atração e pacificação dos índios Atroari-Waimiri é consequência dessa estrada, que corta a terra dos selvícolas e, portanto, foi necessário um trabalho paciente de convencimento dos índios a respeito da missão pacífica do projeto. Nesse trabalho que se iniciou há cerca de 6 anos, já houve outras mortes quando, em 1968, uma expedição com 12 pessoas, sob o comando do Padre Calleri, foi trucidada, e, como agora, apenas um conseguiu fugir para contar a história. Há cerca de seis meses, o sertanista Gilberto Pinto advertiu seriamente o vendedor Celso Maia quanto às regras de respeito à cultura indígena. Apesar de ter quase 60 anos de idade, ele procurou conquistar as índias. Ciumentos de suas mulheres, os Waimiri e Atroari só voltaram a aparecer sem elas depois do episódio com Celso Maia. Ainda assim, o caixeiro-viajante mostrou-lhes revista com mulheres seminuas e disse-lhes para que trouxessem suas "*Marias*" – palavra que os índios entendem por mulheres. Depois disso os silvícolas não mais apareceram. Gilberto Pinto também tomou providências proibindo o ingresso do caixeiro-viajante em qualquer um dos postos de atração da FUNAI. Há três na região: um em Santo Antônio do Abonarí, outro em Kamanaru e um terceiro em Alalaú, onde houve o massacre.

O ATAQUE

No dia 17, depois da troca de presentes, os índios voltaram novamente a apanhar patuá e, até então, tudo corria normalmente no posto indígena, mas, ao retornarem da colheita, começaram a demonstrar hostilidade. Alguns índios se esconderam atrás de árvores de onde mostravam arcos retesados. Sobressaltados com a hostilidade aparentemente sem razão, dos índios, os funcionários da FUNAI procuraram suas armas, segundo o relato de Luís Duarte, mas os silvícolas tinham-nas levado para fora da casa.

O que se sucedeu depois é confuso no relato de Luís Duarte. Depois de seus companheiros tentarem apanhar as armas fora da casa, foram mortos pelas flechadas dos Atroari. Um terceiro, Rafael Fonseca Padilha, tentou escapar correndo para o Rio que fica a poucos metros da casa: morreu nadando.

Luís Duarte ficou trancado na casa e conseguiu localizar uma caixa de foguetes espoucantes. Disparou dois para o alto a fim de afugentar os índios. Esses então ficaram quietos. Em seguida começaram a bater os pés no chão. Depois jogaram pedras e paus sobre o teto da casa. Como Luís Duarte não saia, atearam fogo ao teto de palha do posto Indígena. Enquanto a casa ardia em chamas, o vento espalhou uma nuvem de fumaça em toda a área, permitindo a Duarte empreender a fuga e se jogar no rio.

Quando Luís Duarte veio à tona pela primeira vez para tomar ar, os índios não viram, mas quando colocou a cabeça fora d'água pela segunda vez, os silvícolas fizeram uma gritaria e começaram a atirar flechas da margem do rio.

Calcula que tenha recebido cerca de 30 flechas enquanto atravessava o Rio a nado. Nenhuma, no entanto, acertou-o, embora quase todas tenham passado rentes a ele. Os Atroari entraram então numa canoa, mas como eram muitos e todos remavam com muita força, o barco encheu-se de água – o que permitiu a Luís Duarte chegar do outro lado e, a salvo, se embrenhar em fuga mata adentro. Estava apenas com um calção e um relógio. Correu pela mata até anoitecer, quando então, esgotado, encontrou um refúgio e dormiu. O medo, segundo ele, só ocorreu no dia seguinte, quando acordou. Voltou então a correr, só parando quando atingiu o posto indígena de Santo Antônio do Abonarí. Dali ele foi levado para Manaus – nova caminhada de seis dias na mata – onde fez o relato para o sertanista Gilberto Pinto e o chefe da Delegacia Regional da FUNAI, Gen Antônio Esteves Coutinho. (JORNAL DO BRASIL, N° 287)

Diário da Noite, n° 14.480 – São Paulo, SP
Terça-feira, 06.02.1973

Preso Nega Ser O Causador
Da Fúria Dos Índios "Waimiri"

O indivíduo Celso Maia, acusado de ter sido o causador da fúria dos índios "*Waimiri*" contra brancos na área da rodovia Manaus-Caracaraí, foi preso pela Polícia Federal em Manaus, atendendo à solicitação da FUNAI. Celso negou as acusações, dizendo-se amigo dos silvícolas, e atribuindo as causas do ataque "*Waimiri*" às atividades das próprias vítimas.

Celso, que é transportador de Mercadorias de uma das empreiteiras do desmatamento daquela área, foi posto em liberdade e responderá ao inquérito instaurado. Enquanto isso, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que retornou sábado último ao posto de Santo Antônio do Abonarí, sobrevoou o posto incendiado de Alalaú, mas não pode aterrissar, em face das condições atmosféricas adversas. Não viu nenhum índio, nem sinal inquietante. [...] (DIÁRIO DA NOITE, N° 14.480)

O Jornal, n° 15.795 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 30.03.1973

FUNAI – Sertanista Reencontra Atroari

BRASÍLIA [OJ-Meridional] – Certamente bem mais amistosos do que quando desapareceram, em janeiro, após atacar um subposto da FUNAI e matar três funcionários do órgão, os índios Waimiri-Atroari, voltaram a ser encontrados.

O sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, que estava fazendo uma viagem de inspeção aos postos de Camanaú, Alalaú e Santo Antônio, retomou o contato com o grupo indígena esta semana, mas o resultado do seu encontro ainda não foi conhecido. O contato do sertanista foi feito diretamente com o cacique Maruaga, chefe dos dois grupos [Waimiri e Atroari]. Ao que tudo indica, o encontro deve ter sido mais amistoso do que o de janeiro último, mas só através do relatório do sertanista, que está sendo aguardado pela FUNAI, é que se poderá saber os motivos do ataque ao subposto e da morte dos três funcionários do órgão.

Incluindo os Waimiri-Atroari, o Brasil tem atualmente 180 mil índios. É o que revela a nova estimativa da população indígena, divulgada pela FUNAI. A Fundação está, agora, estudando a criação de sete novas reservas, indígenas, abrangendo grupos recentemente contatados.

Essas reservas se destinam a evitar o encontro de frentes pioneiras que atuam na construção de estradas com esses grupos, já que os parques abrangem tribos em contatos intermitentes com os civilizados. (O JORNAL, N° 15.795)

Jornal do Brasil, n° 53 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 31.05.1973

Carlos Drummond de Andrade
Atroari

ESTA noite sonhei (não há impedimento legal) que fazia parte da Expedição da FUNAI, incumbida de atrair os índios Atroari e Waimiri para a convivência na aldeia global. Foi um sonho preocupado. À proporção que avançava nas cabeceiras do rio Urubu (ou Tacutu, não distinguia bem), em Roraima, ia sentindo a tentação e a dúvida me penetrarem.

Não se via sinal de índio, a solidão era por assim dizer inconsútil e reinava paz, a paz peculiar aos sítios não comprometidos pela ideia de paz entre os homens. Atroari está longe? Perguntava a mim mesmo. E Waimiri, cadê Waimiri? Nem traço deles. Deviam estar tão ligados à terra que se confundiam com ela. Cheguei a desconfiar que se metamorfosearam em árvores. Ou em água. Talvez em nuvem, por que não? A mente primitiva gera os maiores prodígios, que deixam de ser prodigiosos para constituir uma nova ordem de valores, tão positiva como qualquer outra. Parei e sussurrei a meu chefe Gilberto (o sertanista Gilberto Costa).

– Acho que não convém continuar.

– Eu acho que convém.

– Pense um pouco, chefe. É muito perigoso.

Ele sorriu:

– Que sabe você de índios até agora sem nenhum contato interétnico, para dizer que são perigosos? Tanto podem ser agressivos como suaves de trato. Nossa tarefa é estabelecer contato e promover a atração.

Cultivo o tédio à controvérsia, mas o caso era de esclarecimento:

– Perdão. O perigo não está neles, mas em mim. Receio ser atraído pela proposta de vida dos Atroari-Waimiri, em vez de atraí-los. O senhor compreende: este silêncio bom, esta comunhão de objetos naturais, em que a vida humana parece não existir, porque existe em harmonia e não em choque, e pulsa de maneira diferente... É joia.

Chefe Gilberto olhou-me com piedade e virou as costas. Imaginou-me crente retardado no mito do bom selvagem, de Rousseau. ("*Bem que eu não queria trazer literato na expedição*", pensou.) Mas eu não sonhara com o selvagem ideal, sentia apenas a carga incómoda de civilizado ideal, que carregava (em sonho) na missão de atrair os pobres solitários de Roraima para o Imposto sobre Serviços, a Luta de Classes, a Megalópole, etc. Mito por mito – matutei – que tal experimentar o outro, já que o meu foi há muito desmitificado?

Contudo, o medo pairara sobre a tentação de inserir-me na vida Atroari. Medo de, perdendo a identidade, não conquistar outra. Medo de levar àquela gente, defendida pela solidão e pela mata virgem, um princípio de desintegração. Um estranho nos bate à porta e quer ser um de nós. Passamos a viver um pouco em função dele.

Todos perdemos alguma coisa. O mundo em estado de pureza, no qual penetramos, torna-se impuro. Ficarei metade Atroari metade copacabanense. E eles? Ser Atroari não é dado a qualquer vivente.

A realidade Atroari me fascina precisamente por ser irreal a meus olhos. Por outro lado, eles não estão me pedindo nada. Preferem que os deixe como estão, unidos e esquecidos à beira d'água, não à beira dos acontecimentos da era eletrônica. São imemoriais, resistem [ignorando-as] à passagem das chamadas civilizações. Eu sou vítima de todas elas. principalmente da greco-romana, vulgo ocidental. Maravilha é o Atroari viver ilhado nessa mesma civilização e dela não participar nem tomar conhecimento. Sonho de todos nós, os exigentes, os nauseados e os fatigados: não participar; ignorar. Não conseguimos. Que fazer?

Não faço nada. Cada folha da mata encerra em sua nervura o enigma de uma opção. Há uma espécie de sonho que nos deixa completamente paralisados no momento da ação, quando se torna imprescindível desfechá-la. Se fujo, se avanço? Olho para chefe Gilberto, que já dispõe os presentes com que cativar os nossos irmãos fechados em copas. Moralmente, sou obrigada a tomar atitude. Um rumor imprevisto vem das moitas e denuncia a humanização do vegetal.

O tronco encipoado vai tornar-se figura em movimento? O minuto de ver nos olhos o desconhecido? O encontro? Chefe Gilberto corta a canivete minha perplexidade:

– Acho melhor você acordar.

Jornal do Comércio, n° 21.340
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 29.07.1973

Atroari que Mataram Calleri, Agora Expulsam Médicos de sua Aldeia

BRASÍLIA [Meridional] – Por achar que a vacina antigripal aplicada pela equipe de saúde da FUNAI fora a responsável pela morte de quatorze índios, o cacique Maruaga, dos índios Waimiri-Atroari, expulsou os médicos da aldeia, na última semana, quando eles pretendiam aplicar uma nova dose de medicamento.

O fato que ainda não está bem esclarecido é considerado um revés para o sertanista Gilberto Figueiredo, que havia reconquistado, com grande dificuldade, a amizade dos Atroari, após o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido há alguns anos e ainda hoje reagem ao contato com civilizados desconhecidos.

A presença inicial da equipe de saúde da FUNAI dentro da aldeia, – fato raro entre os Atroari, foi permitida pelo cacique, por ter se deixado convencer de que a vacina poderia ajudar a curar os índios da gripe.

Entretanto, o medicamento aplicado era contra um resfriado comum e não a gripe Fog ([14]), como ficou constatado depois nos exames laboratoriais.

Os médicos voltaram à aldeia, mas foram violentamente expulsos por Maruaga. Nesse intervalo de tempo 14 índios haviam morrido. As autoridades da FUNAI, em Brasília, admitiram o erro. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.340)

---

[14] Gripe "*Fog*": também conhecida como Gripe Inglesa. (Hiram Reis)

Jornal do Brasil, n° 148 – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 03.09.1973

Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari ([15]) que era Contra Brancos e mais 14 Companheiros Seus

Brasília [Sucursal] – O cacique Maruaga, chefe-geral dos índios WA, considerado o maior obstáculo para o contato com os civilizados, morreu de gripe em julho último, quando um surto dessa doença atacou sua aldeia, matando 14 índios e outro chefe de grupo, o Capitão Cândido. Estas Informações foram dadas pelo sertanista Aristides de Oliveira, da FUNAI, que atualmente está à disposição do projeto RADAM para dar assistência e servir de elemento de ligação com os grupos indígenas que são encontrados durante as operações de campo e checagem do Batiam. [...]

"SORTE"

[...] Aristides diz ainda que acha que devem haver brancos interessados em manter a animosidade dos WA, pois os trabalhos de pacificação desses índios já vão para mais de 10 anos e eles continuam resistindo à presença do civilizado. A desconfiança de Aristides se baseia no número de aldeamentos, cerca de 16, mas só foram visitados dois, localizados perto dos Rios Alalaú e Camanaú, em Roraima. Os índios, diz ele, desaconselham a visita aos outros aldeamentos. "*Uma forma de mostrar a esses índios que os civilizados são amigos*" – acentua o sertanista – seria levar em uma expedição de pelo menos 50 índios de grupos diferentes, já contatados e aculturados.

Isso ia mostrar aos Waimiri-Atroari que nós somos amigos de todos os índios, inclusive deles, que nos tem dado um pouco de trabalho e causado algumas mortes.

---

[15] Nos dias de hoje diríamos que foi uma "*Fake News*". (Hiram Reis)

Sobre o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido em 1967, praticado pelos Waimiri-Atroari. Aristides diz que houve imprudência do Padre, que tentou visitar uma aldeia sem ter ainda conquistado a confiança total dos índios. O sertanista afirma ainda que esses índios estão mal acostumados, quando chegam a um acampamento civilizado querem levar tudo, e se não deixam ficam furiosos e atacam. Seu chefe atual, segundo Aristides, deve ser um tal de Comprido, do qual desconhece as intenções em relação aos civilizados. [...] (JORNAL DO BRASIL, N° 148)

Cumpro. (JORNAL DO BRASIL, N° 53)

1974

Opinião, n° 114 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 10.01.1974

Segundo a FUNAI, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na Semana Passada eles o Mataram. Por quê?

[...] Apesar do bom entendimento do sertanista Gilberto com o cacique Maruaga, os ataques, principalmente aos postos avançados da FUNAI, se repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos. O ataque ao posto da FUNAI em janeiro de 1973, quando morreram 3 funcionários, teve um motivo especial. Antes, um transportador de mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado seviciar uma índia e, segundo o único sobrevivente, os índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia, mas acabou solto sem nenhuma punição. De janeiro de 1973 até agora pelo menos 15 pessoas foram mortas pelos WA e esta última investida ao posto da FUNAI foi a terceira em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes, foi ao acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque dos Waimiri-Atroari, o sertanista Gilberto Pinto, através do oficio n° 20/09, encaminhado ao subcoordenador da FUNAI de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-Deputado Federal Abraão Sabbá está loteando a área dos WA, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 km das malocas dos Atroari. Parece que a FUNAI também não se importou muito para o prenúncio, observado por alguns mateiros, de uma

provável expansão da confederação dos Waimiri-Atroari com a inclusão dos Wai-Wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo ser vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

A viagem a Manaus do guerreiro Comprido, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar as convicções dos Waimiri-Atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da FUNAI, em meados do ano passado. Comprido pediu para visitar Manaus e foi atendido.

Voltou de avião e, à medida que o aparelho sobrevoava a região, via as áreas de desmatamento da rodovia e os diversos acampamentos e casebres fincados ao longo da estrada e então, segundo um funcionário da FUNAI à "*Opinião*", "*ele teve a real compreensão do significado da estrada*".

A morte de Gilberto Pinto, o paizinho, não somente privou a FUNAI de seu mais importante sertanista, como, mais ainda, praticamente encerrou toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo tentada desde 1968, além de ter desacreditado ainda mais o órgão. [...] (OPINIÃO, N° 114)

Jornal do Brasil, n° 282 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 17.01.1974

Máquinas Chegam ao Território dos Waimiri-Atroari

Brasília [Sucursal] – Um comunicado do posto de Alalaú, em Roraima, divulgado ontem pela FUNAI, informa que as

máquinas de terraplenagem do 6° BEC atravessaram o Igarapé de Santo Antônio do Abonarí, situado no trecho final da Rodovia Manaus–Caracaraí, ingressando sem qualquer incidente em território dos Waimiri-Atroari.

Estes índios, que já realizaram vários massacres contra os brancos, fizeram recentemente ameaças contra os construtores da estrada, quando eles se preparavam para construir uma ponte sobre o rio Alalaú. Os Waimiri-Atroari acreditavam que a ponte espantaria todos os peixes do rio, privando-os assim de sua principal fonte de alimentação.

Entendimento

Aparentemente a questão da ponte ficou em ponto-morto, depois de um entendimento do sertanista Fiorello Parisi com alguns índios do grupo, garantindo-lhes que a obra não iria prejudicá-los. Houve depois o regresso de Parisi a Manaus e o silêncio caiu sobre a questão, com a FUNAI recusando novas informações a respeito. Agora, com a invasão ostensiva de suas terras, pela introdução das máquinas de terraplenagem, a situação poderá levar a um desfecho violento.

Massacres

Nas vizinhanças da reserva indígena dos Waimiri, numa extensão de muitas léguas, não se vê uma casa e nem um mateiro se arrisca aí penetrar. Os Waimiri-Atroari têm uma tradição de luta conhecida e impressionam pelo número: cerca de 2 mil.

Em janeiro de 72, eles arrasaram um posto avançado da FUNAI, na região, matando os seus três funcionários. Antes, em 68, eles liquidaram a expedição do Padre Calleri.

A partir de 1840 esses índios dizimaram 14 expedições, massacrando todos os seus componentes. No começo do século eles arrasaram a cidade de Moura, em Roraima, só escapando alguns que fugiram a tempo.

Traição

O que o branco mais teme no Waimiri-Atroari não são exatamente a coragem e a disposição de luta, mas a forma como combatem. Ao contrário dos demais, esses índios não lutam de peito aberto: utilizam de todos os recursos, inclusive a traição, que aprenderam (**???**) com os brancos.

Isto começou nos anos de 40, quando três brancos, Pedro Alfredo e Antônio, funcionários do extinto SPI [Serviço de Proteção ao Índio], destacados para a região, depois de um trabalho penoso e demorado conseguiram a reaproximação com esses índios (**???**).

Mas o clima de confiança e harmonia foi logo quebrado, segundo os sertanistas, por causa de outros brancos, que cometiam toda sorte de afronta aos índios.

Os funcionários Antônio, Pedro e Alfredo, indignados com o procedimento dos demais, apenas interessados em terras e lucros, abandonaram o posto e passaram a viver com os índios. Morreram combatendo por eles, num ataque dos brancos, mas deixaram-lhes um legado: a luta suja, com todos os truques utilizados pelos civilizados, mas que eles até então se recusavam ou não sabiam aprender.

Pedro ficou conhecido como Pedro Guerreiro e quase todo Atroari tem hoje Pedro, Alfredo ou Antônio (**???**) no nome. Um exemplo do que os índios aprenderam está no próprio massacre do posto da FUNAI. Por 2 dias eles compareceram às festas promovidas pelos funcionários, expediente que faz parte da estratégia de aproximação.

Nessas festas, os Waimiri-Atroari comeram e beberam à farta, não se esquecendo de levar os brindes e presentes que os brancos amistosamente lhes ofertaram. Partiram entre abraços e juras e, à noite, voltaram e flecharam os funcionários, matando a todos. (JORNAL DO BRASIL, N° 282)

Diário do Paraná, n° 5.790 – Curitiba, PR
Sexta-Feira, 11.10.1974

Sobem Para Seis as Vítimas do Massacre

MANAUS, 11 [AIB - DP] – O servidor da FUNAI Evaristo Batista, um dos sobreviventes do massacre indígena ao subposto do Alalaú, no Norte deste Estado, que se encontrava internado no Hospital Getúlio Vargas, desta Capital, morreu na madrugada de ontem, de um traumatismo craniano.

Com a morte de Evaristo – que tinha entrado em coma na noite de anteontem – eleva-se para seis o número de mortos do massacre Atroari, chefiado pelo índio "*Comprido*".

Outros dois sobreviventes – Esmeraldo Miguel Neto e Adão Vasconcelos – continuam em observação no HGV de Manaus. Os médicos que os assistem consideram "*satisfatório*" seu estado.

INQUÉRITO

Segundo a terceira nota oficial, distribuída ontem pelo General Antônio Esteves Coutinho, delegado da FUNAI no Amazonas, os dois únicos sobreviventes:

> *Serão ouvidos posteriormente em inquérito determinado pelo presidente da Fundação Nacional do Índio, para apurar as causas dos acontecimentos. Para esse inquérito, o General Ismarth Araújo de Oliveira solicitará a colaboração da Polícia Federal e colocará à disposição da mesma, além dos dois sobreviventes, o sertanista Gilberto Pinto, encarregado de promover as buscas concluídas. (DIÁRIO DO PARANÁ, N° 5.790)*

Jornal do Brasil, n° 261 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 26.12.1974

Atroari Deixam em Estrada Flechas que Anunciam seu Ataque

Manaus [Correspondente] – Prenúncio de um novo ataque dos índios Atroari da região do rio Alalaú, flechas cruzadas – sinal de guerra – foram encontradas pelos trabalhadores que fazem o desmatamento necessário à abertura da BR-174, que ligará Manaus-Caracaraí-Boa Vista e integra o sistema Brasília-Caracas.

A notícia foi trazida a Manaus pelos mateiros Nélson Pedrosa e Luís Santos, empregados de uma empreiteira, tratando logo de acrescentar que a hostilidade indígena é "*contra os funcionários da FUNAI*", os marupá [inimigos] na língua Atroari. Os dois alegam que o problema são "*as normas rígidas da FUNAI*" que "*conflitam com as leis tribais*".

FUNAI CONTESTA

Esse conflito é exemplificado pelos empregados da empreiteira: os Atroari matam funcionários da FUNAI para proteger sua liberdade de trocar produtos de caça e pesca:

> *por objetos mais valiosos que lhes são oferecidos pelos trabalhadores dos empreiteiros que não estão sujeitos às duras regras da Fundação.*

Segundo Nélson Pedrosa e Luís Santos, os Waimiri-Atroari aparecem, de vez em quando, em seus acampamentos "*em missão de paz*" procurando "*Papai André*" [o empreiteiro] e recebem "*donativos*"; falam pouco o português e fazem-se entender por sinais.

> *Eles não são perigosos, mas não perdoam os que os tratam mal.*

A FUNAI, entretanto, nega veracidade às afirmações dos mateiros de que os índios estariam em pé de guerra e• informou que o Sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, responsável pelo controle da Tribo, voltou ontem da região, onde deixou tudo em paz. Ele fez contato com vários chefes indígenas das regiões do Alalaú e do Camanaú:

> *Inclusive com o lendário Maruaga, que se prontificou a conversar com o índio Comprido, que tem comandado os últimos ataques índios, para saber se seus guerreiros estão sendo insuflados.*

Acrescentou o porta-voz que existem dois chefes de grupos Waimiri-Atroari com o mesmo nome: um Comprido que é casado com a filha de Maruaga e vive na região do Camanaú e outro chefia uma aldeia de 300 guerreiros no rio Alalaú. É este que tem comandado os massacres. Diz o porta-voz:

> *Trata-se de um grupo arredio, mas que pode ser facilmente controlado, sobretudo com a ajuda dos demais indígenas.*

A FUNAI desconfia ainda que os sinais de guerra de que falam os mateiros foram colocados por eles próprios "*para que pudessem ir passar o Natal em Manaus*" ([16]). (JORNAL DO BRASIL, N° 261)

Revista Veja, n° 331 – São Paulo, SP
Domingo, 29.12.1974

ÍNDIOS – Outro Massacre

Flechas cruzadas com penas de arara vermelha são um seguro indício de que os índios Waimiri-Atroari planejam um ataque.

[16] Mais uma vez, a FUNAI falha nas suas considerações. No dia 29.12.1974, os funcionários do Posto do Alalaú são covardemente mortos pelos índios. (Hiram Reis)

Para a delegacia da Fundação Nacional do Índio [FUNAI], em Manaus, estes sinais de guerra encontrados no Posto Abonari-II, às margens da rodovia BR-174, ao Norte do Amazonas, no último dia 26, eram apenas uma pequena mentira de dois de seus mateiros que queriam passar o ano novo em casa.

Na manhã de domingo, dia 29, os Atroari, responsáveis pela chacina da Expedição do Padre Calleri, em 1968, atacaram e mais uma vez cumpriram com exemplar regularidade uma das características de suas devastadoras incursões: deixaram um sobrevivente.

Às 06h00, o índio aculturado Ivã Lima Ferreira abandonou uma das casas do Posto, onde esteve escondido por mais de uma hora, e foi pedir socorro aos soldados do 6° Batalhão de Engenharia de Construção do Exército, no quilômetro 220 da BR-174, que liga Manaus a Caracaraí, em Roraima.

No Posto o sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo e mais três ajudantes estavam mortos a flechadas e a golpes de borduna e facão.

Não tão Pacíficos – Em 33 anos de contato com os Atroari, a FUNAI parece ter aprendido muito pouco sobre seus métodos de vida, pois, apesar de ter perdido 62 homens, considerava-os "*praticamente pacificados*". Desde 1950, catorze missões de contato foram liquidadas pelos guerreiros e, nos últimos três meses, três ataques mataram catorze pessoas.

O ataque do dia 29 mostrou não apenas que os Atroari não estão pacificados, mas também que a FUNAI prefere considerar todos os índios sob sua guarda e responsabilidade tão pacíficos, infantis e curiosos quanto os que confraternizaram com a Expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500. O engano custou-lhe a morte do sertanista mais capacitado para a pacificação deste grupo indígena.

Figueiredo conhecia os Atroari desde os primeiros contatos, considerava-os inteligentes e astutos em suas táticas de guerra, e era chamado pelos guerreiros de "*Pai Gilberto*". Esta intimidade fez com que a FUNAI, em lugar de evacuar o Posto ameaçado, o enviasse ao Abonari-II numa operação de rotina.

Mateiros Fictícios – "*Vou porque não sou covarde*", teria dito o sertanista à mulher e aos nove filhos, na despedida, segundo o Jornal "*A Notícia*", de Manaus. A mesma fonte colocaria mais tarde a FUNAI em comprometedora contradição. Figueiredo teria dado a notícia da ameaça indígena ao Jornal, pedindo para não ser citado. Então, inventou-se a história dos mateiros, e nada se fez.

O relato parece algo fantástico, mas não chegou a ser desmentido. As informações sobre o que ocorreu no Posto ainda são poucas, pois o sobrevivente Ferreira entrou em estado de choque. Sabe-se, contudo, que no sábado Figueiredo encontrou 27 Atroari liderados pelo Chefe "*Capitão Comprido*", significativamente sem suas mulheres e crianças.

Após uma amistosa conversa, os índios ficaram para dormir, tendo a delegacia de Manaus recebido informações de que estava tudo bem. Na manhã seguinte, atacaram. É possível que o experiente sertanista tenha se enganado sobre os indígenas, mas do depoimento detalhado de Ferreira deverão surgir informações mais convincentes.

Pois, apesar de guerreiros valentes, os Atroari sofriam muitos problemas com a invasão de suas terras. Num relatório ao comando do 6° BEC, em 1973, o mateiro André Nunes escreveu:

> *A avidez dos índios pelos alimentos dos operários é enorme. Eles comem sal com tanta volúpia que podem ser comparados a um rebanho bovino. (REVISTA VEJA, N° 331)*

Jornal do Brasil, n° 266 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 31.12.1974

"*Tem Branco no Meio*", diz Sertanista Sobre o Ataque dos Waimiri

Manaus – Eduardo Celestino Santana – o "*pai Santana*", como era conhecido pelos índios, disse ontem que em sua opinião "*tem branco no meio da tribo, pois chegamos a encontrar picadas tão bem orientadas que temos a certeza de não terem sido feitas pelos índios*".

O sertanista falava sobre seus três colegas que morreram na área da Rodovia Perimetral-Norte, num ataque atribuído aos Waimiri-Atroari. Gilberto Pinto, João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro foram sepultados ontem nesta cidade. O funcionário Oswaldo de Sousa Leal continua desaparecido.

SUSPEITAS

– Lembro-me ter visto um casal carregando seus filhos nos braços, como se fosse civilizado.

O índio jamais faz isso e na época comentei minha estranheza a Gilberto, que me deu razão.

> Estou admirado com esse massacre. Gilberto era um profundo conhecedor, querido e respeitado pelos índios e não seria nunca apanhado de surpresa – disse Celestino. No dia 24 último, às vésperas do Natal, dois mateiros de uma empreiteira que trabalham na construção da Rodovia Manaus–Caracaraí disseram em Manaus que havia sinais frequentes de guerra [flechas cruzadas] nas picadas abertas, anunciando um iminente ataque.

No mesmo dia, porém a FUNAI desmentia a informação, afirmando que os mateiros pretendiam levar o pânico aos trabalhadores, para forçar uma licença e passar o Natal em Manaus. E informava a FUNAI que Gilberto Pinto chegara ao local e que tudo "*estava normal*". (JORNAL DO BRASIL, N° 266)

1975

Correio Braziliense, n° 4.395 – Brasília, DF
Sábado, 04.01.1975

Episódio dos Waimiri-Atroari

Não faz muito tempo, encontrava-se o Brasil nas páginas das mais destacadas publicações mundiais, acusado de executar uma política de extermínio das suas populações indígenas. A campanha coincidia com os planos de abertura da Transamazônica. Na realidade, a coincidência era outra e muito mais grave. Constatava-se que na luta para alcançar objetivos nacionais mais importantes, estreitamente ligados à problemática da sua defesa e segurança – a ocupação dos espaços vazios – o Brasil encontrava obstáculos no seu caminho. Um deles se inseria precisamente na ardilosa campanha contra a política indigenista que a administração brasileira estaria pondo em prática. A verdade é que acontecia conosco [ou se repetia] o mesmo problema enfrentado por outras nações do Hemisfério. No correr do processo de desenvolvimento econômico, verifica-se num ponto ou noutro um choque entre as frentes pioneiras de penetração da civilização e os aborígenes, ciosos da preservação da sua cultura e das suas terras de origem. E todo o problema se resume numa questão muito simples: Como evitar o choque? Jamais passou pela cabeça de qualquer brasileiro reeditar com os nossos homens pré-cabralianos a política do General Custer ([17]) nos Estados Unidos. Não negamos ter existido no correr dos anos da nossa história fatos lamentáveis, ainda hoje ocorrendo na imensidão desse mundo vazio que é o nosso Centro-Oeste,

[17] George Armstrong Custer: oficial do exército dos Estados Unidos e comandante de uma unidade de cavalaria durante a Guerra Civil Americana e as Guerras Indígenas. (Hiram Reis)

mas sem o aval das autoridades. Mas nunca o massacre deliberado, como se homens se constituíssem em gafanhotos ou formigas. Toda a questão se relaciona com o ataque dos índios Waimiri-Atroari, no Setentrião amazônico, onde está sendo aberta uma estrada que nos levará à fronteira da Venezuela. Os sertanistas encarregados do trabalho de amaciamento dos selvagens foram massacrados impiedosamente.

Os atacantes saíram incólumes do choque. E conta a testemunha da tragédia que o sertanista chefe do grupo da FUNAI, Gilberto Pinto de Azevedo, no auge da luta, atirava para o alto, enquanto era flechado pelas costas, obediente ao lema de Rondon: "*Morrer, se preciso for; matar, nunca*".

Cabe a FUNAI, dentro das suas normas de conduta, obedientes aos princípios humanitários que condicionam o comportamento do nosso espírito cristão, continuar, prosseguir, quando retornar aos postos ora abandonados, na tarefa de atrair para o convívio da nação, sem desvirtuar-lhes as características culturais, os Waimiri-Atroari, de modo a que eles se integrem, sem maiores sacrifícios de qualquer das partes, no grande esforço de ocupação dos vazios brasileiros. Quanto ao episódio, ainda que doloroso nas suas consequências, deve ele ficar como um marco nos anais dessa grande luta de conquista e povoamento dos nossos espaços geográficos. (CORREIO BRAZILIENSE, N° 4.395)

Opinião, n° 114 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 10.01.1975

Índios – a Morte do "Paizinho"

Segundo a FUNAI, o sertanista Gilberto Pinto era amado pelos Waimiri-Atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?

Só penso na paz que eu poderei dar um dia a esses índios, mesmo sabendo de seu caráter violento, da sua rebeldia, da sua vontade de matar o branco. O índio Waimiri-Atroari é um ser tão sensível – como todos os índios – que um menor olhar diferente do branco é suficiente para ferir a sua sensibilidade. Eu nunca quis saber por que os índios matam ou deixaram de matar... Tenho-os como meus filhos, considero-os o prolongamento da minha casa. Ando armado de revólver na floresta mas não atiro nos índios em caso de um ataque. Se me matarem um dia, paciência... [sertanista Gilberto Pinto, em depoimento que concedeu ao Jornal "*O Estado de São Paulo*" em abril passado para ser publicado somente depois de sua aposentadoria – ou em caso de morte].

O Sertanista Gilberto Pinto – o "*Paizinho*", como era chamado pelos Waimiri-Atroari – era o maior orgulho da FUNAI, onde entrou em 1941, aos 15 anos, como servente. Por seu eficiente método de contato com os índios – "*ser honesto com o indígena e procurar entendê-lo da melhor maneira possível*" – a ele coube a dificílima tarefa de atração dos Waimiri-Atroari, os índios mais aguerridos e rebeldes de toda a Amazônia. "*Não foi fácil adquirir essa confiança dos Waimiri-Atroari. Eles sempre foram arredios, não só por sua índole, mas, sobretudo, pelo fato de terem sido, durante muitos anos, enganados e espoliados pelos brancos inescrupulosos. Essa impressão que eles têm do civilizado – para o índio todo branco é igual – nós estamos tentando tirar, fazendo com que eles acreditem naqueles que efetivamente são seus amigos*", dizia.

Gilberto Pinto, o "*Paizinho*", passava o Natal em Manaus, com a família, quando foi chamado às pressas ao Posto de Atração Abonari II por causa da súbita presença de guerreiros Waimiri-Atroari ao redor do acampamento, onde, dias antes, havia aparecido o sinal de guerra dos índios: flechas cruzadas. Na madrugada do dia 29, já no acampamento, Gilberto Pinto acordou com os gritos de guerra dos índios.

Assustado, imediatamente levantou-se da rede e correu para tentar apaziguar os guerreiros. Tombou com uma flecha no peito e outra no fígado. Só um funcionário da FUNAI escapou do ataque: os outros três foram trucidados a golpes de borduna. Ao contrário das vezes anteriores, quando os ataques dos índios eram comandados pelo guerreiro Comprido, da tribo dos Atroari, desta vez o próprio cacique Maruaga, um guerreiro Waimiri, de 60 anos aproximadamente, chefe absoluto dos dois grupos que, apesar da tradicional rivalidade, se uniram há algumas décadas numa espécie de confederação para defenderem suas terras das investidas do inimigo comum: o homem branco.

Por que Matam os Waimiri-Atroari

Muitas vezes, segundo o Sertanista João Américo Peret, o índio mata o branco porque o identifica com estranhas doenças que surgem em sua tribo após os primeiros contatos com a nossa civilização, como a gripe, o sarampo e outras doenças contra as quais não têm anticorpos. Os Waimiri-Atroari, naturalmente, também não escaparam dessa sina: no ano passado um surto de gripe abateu pelo menos 15 deles. Mas, pelo menos no caso dos Waimiri-Atroari, isso é apenas uma parte da história. A sua aversão ao branco é bem mais antiga e remota à conquista da Amazônia, por volta do século XVII, quando o colonizador português Pedro Favela matou mais de 40 mil índios nas cabeceiras do rio Urubu e aprisionou outros milhares. Em 1856, por sua vez os Atroari sitiaram a cidade de Airão, uma das principais da Província do Rio Negro, deixando-a arrasada. Mas a represália não tardou e veio, ainda mais dura, através de uma série de expedições punitivas que empurraram os índios de sua vasta região no Alto do rio Negro para uma área bem menor, entre os rios Alalaú e Camanaú, no Norte do Amazonas. Nos últimos tempos têm sido frequentes os incidentes entre os Waimiri-Atroari e fazendeiros, grileiros, caçadores de pele, seringueiros, garimpeiros e outros tipos que insistem em invadir suas propriedades.

Ainda segundo o experiente João Américo Peret, "*os vizinhos dos índios, estão sempre em choque com eles, sobretudo, quando a tribo anda muito no período de caça e penetra em outras terras*". "*Numa dessas expedições punitivas, há 10 ou 20 anos*", conta Peret "*um grupo de brancos perseguiu os Atroari, travou combates com eles, aprisionou 60 e os levou amarrados até uma cachoeira conhecida pelo nome de Criminosa. Ali foram todos degolados com facões*".

A Missão Calleri

Nas últimas décadas, entre baixas sucessivas, os Waimiri-Atroari teriam massacrado 14 expedições oficiais, segundo a FUNAI culminando com o célebre massacre da missão do Padre Calleri, em 1968. A atração dos índios havia sido iniciada meses antes pelo Sertanista Gilberto Pinto, mas o Padre João Calleri, da prelazia de Rondônia, assumiu os trabalhos a convite de empreiteiras, para tentar convencer os Waimiri-Atroari a se afastarem da região para permitir o avanço da BR-174. Entre outros erros, como tratar os indígenas com visível desprezo (chegou a expulsar a pontapés um guerreiro que havia deitado em sua rede), o Padre João Calleri cometeu um pecado mortal, na opinião dos sertanistas da FUNAI levou uma mulher na sua equipe de nove pessoas. E os índios já desconfiados do grupo de Gilberto Pinto, entenderam a presença feminina na expedição do Padre Calleri como sinal de que talvez tivessem chegado para ficar. A tragédia aconteceu no dia 3 de outubro e apenas um sobreviveu para contar a história. Dos outros expedicionários só restaram os ossos, recolhidos semanas depois pelo Serviço de Buscas e Salvamento da FAB. Na época o então diretor do Patrimônio Indígena da FUNAI José Maria da Gama Malcher, levantou a hipótese de que a origem da animosidade dos Waimiri-Atroari seriam:

> *Os interesses econômicos estrangeiros da terra dos índios, ricas em minérios. Missões americanas protestantes utilizam-se de pseudo-missionários, preocupados na verdade, com pesquisas e contrabando de minérios.*

Denunciou Malcher, com grande repercussão, em 1968. Só em outubro de 1970, após dois anos de paralisação de qualquer aproximação com os WA, a FUNAI arriscou enviar outra equipe, novamente chefiada por Gilberto Pinto, para tentar, mais uma vez, a atração dos índios que, a esta altura, viam com certa inquietação a aproximação da rodovia Manaus-Caracaraí, a cargo do 6° Batalhão de Engenharia de Construção do Exército. Aos poucos, Gilberto Pinto conseguiu cativá-los e a amizade aparentemente firmou-se em setembro de 1972, quando ele foi convidado pelo cacique Maruaga para assistir o ritual que realizam para saudar a primavera. Em todos os contatos Gilberto Pinto pacientemente procurava reafirmar as "*boas intenções dos civilizados*", ao mamo tempo que, entre presentes e alimentos, renovava o pedido para que permitissem a passagem da estrada pelo seu território. Às vezes, durante esses encontros, ele levava em sua companhia alguns oficiais do 6°BEC. "*para que eles (os índios) fossem se acostumando com suas presenças*".

Reunidos em 13 aldeias, a população total dos Waimiri-Atroari não deve passar de mil índios, de acordo com a estimativa de Gilberto Finto, porque a FUNAI não tem condições de fazer uma avaliação mais precisa: não deixam ninguém penetrar no interior de seu território, onde as aldeias seguem uma orientação paramilitar: nas mais avançadas habitam só guerreiros, enquanto as do interior, onde moram as famílias, também são cercadas de dispositivos de defesa. Os homens usam apenas urna espécie de cinto de cipó e as mulheres uma tanga feita de caroços de bacaba, fruta natural da região, presos a um tecido de tucum, que cobre apenas a parte dianteira.

Arredios a qualquer contato com o homem branco, nos últimos anos os Waimiri-Atroari tem sido os índios mais problemáticos para a FUNAI principalmente depois que a BR-174 alcançou o rio Alalaú. A rodovia que está quase concluída após sucessivas paralizações por causa da hostilidade dos índios, corta a área dos Waimiri-Atroari praticamente ao meio numa extensão de 170 quilômetros.

No ano passado Gilberto Pinto custou a convencer os índios de que a ponte sobre o rio Alalaú não estrangularia o rio, impedindo a pesca, base de sobrevivência da tribo, como eles pensaram. O problema é que a colocação das estacas impediu a passagem de canoas, causando a justificada apreensão dos índios.

Apesar do bom entendimento do Sertanista Gilberto Pinto com o cacique Maruaga, os ataques, principalmente aos Postos Avançados da FUNAI, se repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos. O ataque ao posto da FUNAI, em janeiro de 1973, quando morreram três funcionários, teve um motivo especial. Antes um transportador mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado seviciar uma índia e, segundo o único sobrevivente, os índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia, mas acabou solto sem nenhuma punição. De janeiro de 1973 até agora pelo menos 15 pessoas foram mortas pelos Waimiri-Atroari e esta última investida ao posto da FUNAI foi a terceira em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes foi no acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque dos Waimiri-Atroari, o Sertanista Gilberto Pinto, através do ofício n° 20/09, encaminhado ao subcoordenador da FUNAI de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-deputado federal Abraão Sabbá está loteando a área dos Waimiri, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 km das malocas dos Atroari. Parece que a FUNAI também não se importou muito para o prenúncio, observado por alguns mateiros, de uma provável expansão da confederação dos Waimiri-Atroari com a inclusão dos Wai-Wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo ser vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

A viagem a Manaus do guerreiro Comprido, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar as convicções dos Waimiri-Atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da FUNAI, em meados do ano passado, Comprido pediu para visitar Manaus e foi atendido. Voltou de avião e à medida que o aparelho sobrevoava a região via as áreas de desmatamento da rodovia e os diversos acampamentos e casebres fincados ao longo da estrada e então, segundo um funcionário da FUNAI, à Opinião, "*ele teve a real compreensão do significado da estrada*". A morte de Gilberto Pinto, o "*Paizinho*" somente privou a FUNAI de seu mais importante Sertanista, como, mais ainda, praticamente encerrou toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo tentada desde 1968, além de ter desacreditado ainda mais o órgão. Dias após o ataque mantinha-se ainda certa inquietação junto às frentes de construção da estrada que, numa segunda etapa, deverá ligar Manaus a Caracas, passando por Boa Vista em Roraima. (OPINIÃO, N° 114)

Jornal do Brasil, n° 277 – Rio de Janeiro, RJ.
Domingo, 12.01.1975

Antropólogo diz que Índio só Mata em Legítima Defesa

Brasília – Ao matarem, os índios Waimiri-Atroari dão mostras apenas de uma única preocupação: defender suas últimas reservas de terras da cobiça dos colonizadores brancos, segundo a tese defendida pelo antropólogo Roque de Barros Barata, chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. De acordo com a interpretação do antropólogo Barros Lareia:

> *A morte do sertanista Gilberto Pinto foi um ato ostensivo da vingança dos Waimiri-Atroari, por índole pacíficos (**???**), como todos os indígenas brasileiros, desde a época do descobrimento por Cabral.*

As agressões só começaram depois, quando os nativos passaram a entender melhor os interesses do branco colonizador.

ESTADO DE DESESPERO

A análise feita pelo professor Roque Laraia sobre a maneira como ocorreu o ataque indígena ao acampamento da FUNAI, não deixa dúvidas de que foram os próprios guerreiros Waimiri-Atroari os responsáveis pela morte do sertanista Gilberto Pinto e seus companheiros. Mesmo penalizado com a morte dos funcionários da FUNAI, o professor Roque Laraia chama a atenção para um fato que teve pouca divulgação na imprensa e até agora não foi esclarecido:

Trata-se de um massacre que teria sido feito por grupos de brancos interessados nas terras dos índios. Ao que se informa, o sertanista Gilberto Pinto, antes de morrer, teria prendido alguns dos responsáveis pelo massacre, que se encontram em Manaus à espera de julgamento. Esses grupos, quase todos de Manaus, tem procurado alarmar a opinião pública contra os índios e é justamente por isso que, quando um índio mata um branco civilizado, fatalmente a notícia corre o país de Norte a Sul; mas quando o branco mata o índio, dificilmente a notícia consegue chegar mesmo à FUNAI, destaca o professor Roque Laraia.

Daí a revolta dos Waimiri-Atroari, que se encontram em estado de desespero por sentirem que suas terras estão sendo invadidas, não só pela estrada que atravessara seus territórios, mas também por pessoas inescrupulosas que não respeitam os índios como uma sociedade.

DEFENDER ATÉ A MORTE

O professor Roque Laraia não esconde a importância do trabalho de atração que vem sendo feito pela FUNAI. Isto porque há mais de 14 anos que os sertanistas vêm procurando contato com os Waimiri-Atroari, como demoraram 44 anos para chegar à aldeia dos Parakanan índios estabelecidos no Pará, cujo trabalho de atração somente em 1972 obteve êxito.

Os Waimiri-Atroari, desde o início do século, têm sofrido sucessivos ataques e massacres por parte dos brancos, sendo aproximadamente mil – ao que se sabe – o número atual de membros dessa tribo. Acontece que pouco ou quase nada se conhece dos Waimiri-Atroari, Mas uma coisa é certa:

Nenhum grupo ataca gratuitamente.

Lembrou o professor Roque Laraia que Cabral foi muito bem recebido pelos índios, por ocasião de sua chegada ao Brasil na época do descobrimento. A mudança de tratamento do índio para com o branco naquela época só se verificou 30 anos mais tarde, quando os indígenas começaram a entender melhor os interesses alienígenas.

Do ponto de vista antropológico, não existe diferença quantitativa entre as sociedades humanas. Tanto uma com 100 milhões, como outra de 100 pessoas, ambas dependem de certos requisitos básicos para seu funcionamento. Portanto, os Waimiri-Atroari não constituem um bando desorganizado de indivíduos, mas uma sociedade organizada com sistemas político, religioso, econômico e de parentesco.

E foi como uma sociedade organizada que as atividades bélicas determinaram o ataque para evitar a invasão de seus territórios. Isto porque os índios – mesmo acreditando que são impotentes diante do poderio branco [maior número de pessoas e melhores armas] – creem, sobretudo, no dever de lutar para defender seus territórios, da mesma forma que a cavalaria polonesa enfrentou os tanques alemães no início da II Guerra Mundial. Entende o antropólogo da UNB que, para o caso, a melhor solução, "*de imediato*", que deveria ser adotada pelo Governo, seria a de interditar, ou melhor, proibir terminantemente toda a penetração desordenada do branco na região.

Mesmo que isso signifique a suspensão temporária da construção da estrada. Essa medida visaria a dar aos sertanistas da FUNAI, dentro em breve, as condições necessárias para a pacificação [atração]; do grupo dos Waimiri-Atroari.

E acrescentou:

> *Simultaneamente, deveria se pensar na constituição, na mesma região, mas não multo próximo ao traçado da estrada, de uma reserva para os Waimiri-Atroari, de forma que o trabalho de aculturação seja processado gradativamente, buscando atenuar os efeitos das consequências do contato. Principalmente, aos contágios de doenças para as quais o índio não tem resistência e também aos choques culturais das mudanças provocadas bruscamente.*

Depois de afirmar que não deve chegar a 10 o número de tribos conhecidas que estejam na mesma situação de conflito como os Waimiri-Atroari, o professor Roque Laraia disse que é preciso estabelecer-se um entendimento melhor com os índios brasileiros e, em particular, atualmente com os Waimiri-Atroari, porque dessa tribo a única coisa que se sabe é que falam a língua karib, língua essa dos indígenas da América Central e só falada no Brasil pelos Waimiri-Atroari e pelos kalapalos do Parque do Xingu. Os kalapalos falam uma língua do tronco karib.

E finalizou:

> *Classificar os Waimiri-Atroari de violentos ou selvagens é impróprio, porque não se pode, "a priori", acusar nenhum grupo humano de violento. A questão a ser resolvida é o conflito da noção de propriedade. Os índios se julgam donos de seus territórios e estão dispostos a defendê-los até a morte.*

UMA CONFEDERAÇÃO

A ligação de nome do grupo tribal Atroari ao nome do outro grupo, os Waimiri, por diversas vezes tem levado a considerar estas duas tribos como uma só. A ligação desses dois grupos tribais encerra uma realidade histórica sem similar para os estudiosos dedicados à antropologia do nativo brasileiro Em verdade, as duas nações indígenas, Waimiri e os Atroari, são as únicas, ou pelo menos as primeiras descobertas no país, em regime confederado.

Embora a data em que tenha se formado essa confederação tribal ainda seja motivo de pesquisas e tema de discussão para os antropólogos, existe a certeza inicial de que a união nem sempre existiu entre essas duas tribos. Sabem os eruditos que a comunidade Waimiri-Atroari, ou vice-versa, se tornou possível pela semelhança de seus costumes, seus hábitos alimentares, e até mesmo de seus caracteres físicos. Ambas são originárias do tronco linguístico Karib, usado por todos os silvícolas habitantes da região formada pelos rios Alalaú, Camanaú, Uatumã e Jauaperí e do Igarapé Santo Antônio do Abonarí, no Norte do Estado do Amazonas, área de influência da Rodovia Manaus Caracaraí e proximidade do local onde passará a rodovia Perimetral Norte. Já no século passado, o pesquisador Barbosa Rodrigues dava testemunho da presença dos grupos Waimiri-Atroari nas proximidades do rio Urubu, através de documentas etnográficos doados ao Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. A hipótese mais defendida pelos estudiosos, do assunto é de que a expansão da sociedade nacional tenha provocado um retraimento das duas tribos, fazendo com que elas abandonassem rio Urubu e se unissem numa confederação, há cerca de 50 anos, na foz dos rios Camanaú e Jauaperí. (JORNAL DO BRASIL, N° 277)

Revista Manchete, n° 1.189 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 01.02.1975

"Tenho Absoluta Certeza de que os Atroari não Atacarão mais. Nossa Tarefa Agora é Reabrir o Posto da FUNAI, Colocar lá um Sertanista Experimentado e Começar Tudo de Novo"

[...] Há quem diga que precisamos preparar o índio para o contato com a civilização, mas é o contrário. Nós é que precisamos preparar as nossas frentes de penetração para o contato com o índio compreender o índio.

Aquele que nós chamamos de selvagem tem uma sociedade muito mais equilibrada, estável e tranquila do que as comunidades das frentes de penetração que invadem suas áreas. [...]

Cláudio imediatamente ordenou que uma canoa descesse o rio Xingu e trouxesse as frutas desejadas. Enquanto observa os índios comendo a carne e o milho, o Sertanista desabafa:

> *Quer saber? Não conheço gente mais burra que os etnólogos. Eles não compreendem os valores dos índios e as motivações da sua cultura. Só quem vive trinta anos na selva em contato com eles, pode perceber toda a realidade. Mas o etnólogo vem de uma sociedade violenta, terrível, estraçalhada por duas guerras e outras guerrinhas. Ele não pode fugir deste condicionamento. Na floresta, tudo é diferente e natural. Só depois de muitos anos de recondicionamento o homem começa a perceber os verdadeiros valores dos índios. Por isso, não entendo as razões dos que querem obrigar o índio a fazer tal coisa, a obedecer tal ordem. É difícil para o Sertanista responder perguntas que às vezes não tem resposta. Há muita coisa aqui na selva que não adianta ser explicada, tem que ser mostrada ao vivo, pois ultrapassou os limites da linguística. Os índios passam o dia inteiro rindo, alegres e contentes. Porque alterar isso? Para que amanhã ele possa trabalhar para um fazendeiro ou para a FUNAI? É uma tolice. Muitos falam que a sociedade civilizada é inexorável e que hoje ou amanhã o índio será absorvido. Está bem. Mas para que a pressa? Vamos preservá-lo enquanto for possível. O índio não pode e não deve desaparecer. Não é justo que a assim chamada civilização permita que toda uma cultura seja dragada por uma frente pioneira, que sequer representa a nossa sociedade.*

[...] A seguir, Orlando aborda o problema da morte do sertanista Gilberto Pinto, assassinado pelos Waimiri-Atroari:

> *O índio Waimiri-Atroari não é exceção no panorama indígena nacional. É a mesma coisa: índio reage sempre da mesma forma. Os Atroari mantinham contato há muito tempo com os seringueiros da região. Mas a área que eles habitavam não despertava muito interesse dos brancos e foram deixados em paz.*

Só quando tiveram início os trabalhos de construção da estrada Manaus-Caracaraí, é que começaram os conflitos entre índios e brancos. A FUNAI contava na área com um Sertanista excepcional: Gilberto Pinto Figueiredo. Ele tinha nas mãos todo o controle Atroari. Posso garantir, sem medo de errar, que quem matou Gilberto, não foram os Atroari, mas sim um Atroari. O índio é completamente independente dentro de sua comunidade e inteiramente responsável pelos seus atos. Foi um deles que, por vontade própria, sacrificou o sertanista experimentado. E porque fez isso? Não sei. Talvez porque o índio se sentia pressionado por todos os lados. Pela construção da estrada, que violava o seu território. Contra quem reagir? Contra o mais fraco. Ele tinha ali, em suas mãos, um núcleo de civilizados, de brancos no posto da FUNAI.

*Ele sabia que aquele grupo já fora sacrificado algumas vezes sem reagir. E assim não teve dúvidas, agiu violentamente. Acho lamentável o que aconteceu, Gilberto era realmente excepcional. Mas agora devemos olhar o futuro. Creio que a FUNAI deve destacar outro sertanista para a área. Um homem experiente, que fique lá por longo tempo. Não adianta mandá-lo para lá e depois de alguns meses removê-lo. Deve fazer um trabalho a longo prazo, paciente e permanente. Nesse trabalho, ele vai precisar de pelo menos outros 25 sertanistas, também experimentados no trato com o índio. Tenho absoluta certeza que os Atroari não atacarão mais (**???**). O novo posto deve ser aberto com presentes, sem pensar no passado, sempre com as vistas voltadas para o futuro. Não podemos esquecer que no trabalho com os índios, sempre que acontece um incidente como este, nossa missão é perder. Outra coisa: o Atroari não vai aparecer logo. Ele passará uns três meses na aldeia, escondido, mas não resistirá à tentação de voltar ao posto para receber presentes. Então será a nossa vez de recebê-lo sem mágoas e começar tudo de novo. (REVISTA MANCHETE, N° 1.189)*

Jornal do Comércio, n° 21.812 – Manaus, AM
Sábado, 22.03.1975

Expedição de Apoena Segue Para Contatos com Atroari

Com uma expedição de 20 homens, entre os quais 6 índios Xavante e 2 Suruí, o sertanista Apoena Meireles segue hoje para a região onde se encontram os silvícolas WA, a fim de com eles restabelecer contatos, dando início à verdadeira fase de pacificação. A informação foi prestada ao Jornal do Comércio pelo Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio, Sr. Francisco Mont'Alverne, que à respeito do pseudo ataque sofrido pelo avião em que viajava o Presidente do órgão, Ismarth Oliveira, esclareceu tratar-se de "*fantasia*", explicando que a única vez que os índios demonstraram hostilidade atirando fechas, ocorreu há mais de um mês, num voo de reconhecimento de Apoena Meireles. Francisco Mont'Alverne desmente as notícias a esse respeito com um telegrama enviado ontem às 10 horas do Gabinete do Presidente Ismarth, em Roraima, sobre a visita feita à região dos Waimiri-Atroari, nos dias 19 e 20 passados.

EXPEDIÇÃO

Durante a visita feita ao Abonarí, o Presidente da FUNAI, Ismarth versou longamente com o indianista Apoena Meireles, tendo este feito a entrega de um relatório no pede a criação do Parque Waimiri-Atroari, entre os rios Curiaçú, Camanaú, Jauaperí e Alalaú. Durante o diálogo de Apoena Ismarth Oliveira, este tomou conhecimento dos planos de pacificação a serem adotados pelo indianista com relação aos índios autores do Massacre do Padre Calleri. A iniciativa de Apoena, em restabelecer de imediato os contatos com os índios, foi plenamente aprovada pelo Presidente da FUNAI.

ISMARTH VISITA

O comunicado enviado ontem a Delegacia Regional da Fundação do Índio da Expedição do sertanista Apoena Meireles e da visita do Presidente Ismarth Oliveira aos locais onde aconteceram alguns massacres, inclusive o de Gilberto Pinto Figueiredo, assinalado por cruzes rústicas. Em nenhum momento fala dos pseudos ataques sofridos pelo avião em que a comitiva viajava. Eis na íntegra o comunicado:

[ABONARI] *– O sertanista Apoena Meireles à frente de uma turma de 20 homens, entre os quais figuram seis índios Xavante e dois Suruí, inicia no próximo sábado [hoje] uma expedição visando restabelecer contato com os Waimiri-Atroari. Esta inciativa foi aprovada pelo Presidente da FUNAI após ouvir, no Posto Abonarí, uma completa exposição do sertanista sobre a maneira como vai atuar para conseguir o primeiro encontro com esses índios depois do massacre que vitimou Gilberto Figueiredo. O General Ismarth de Araújo Oliveira chegou no dia 19 ao Posto Abonarí após navegar algumas horas de canoa pelo bonito rio Abonarí, de águas escuras e margeado de abundante vegetação, via preferida dos índios Waimiri-Atroari. Apoena mostrou ao General Ismarth, na sede do posto, os locais onde verificou-se o massacre de dezembro último, assinalado por cruzes rústicas.*

O aspecto do posto e do próprio ambiente naquela parte do rio é sombrio e de expectativa, pois acreditem os sertanistas num retorno dos índios, que já estiveram aí por diversas vezes. À tarde, o Presidente da FUNAI e seus assessores seguiram em veículos cedidos pelo 6° BECnst para uma visita ao subposto do Alalaú, alvo igualmente de ataques anteriores dos Índios Waimiri-Atroari. A viagem de 52 quilômetros foi realizada, em parte, de jipes, pela Estrada Manaus-Caracaraí, nesta época lamacenta e com certos trechos intransitáveis, ainda em trabalhos de terraplenagem.

A partir do subposto Abonarí a comitiva do presidente da FUNAI seguiu a pé e, mais adiante, entrou numa picada na selva, guiada pelo sertanista Apoena, não obstante a falta de hábito de caminhar na mata fechada, não foi difícil ao grupo atingir as margens do rio Alalaú atravessando-o por meio de barco.

O retorno realizou-se da mesma maneira, mas desta vez diretamente para o acampamento do 6° BECnst, onde o Presidente da FUNAI e seus assessores pernoitaram. Ontem [dia 20] pela manhã o General Ismarth Oliveira sobrevoou as aldeias Waimiri-Atroari, ao mesmo tempo em que Apoena Meireles faz a anotação das mesmas num mapa, como preparativo de sua próxima expedição. As aldeias distantes 25 quilômetros do Posto Alalaú, e vários índios foram vistos saindo das malocas para observar o avião.

Apoena esclarece que não empregará métodos novos de atração nessa missão junto aos WA. Sábado [hoje] rumará para, as proximidades das aldeias, levando consigo vários brindes e armará o seu tapiri. Inicialmente o sertanista vai demorar-se por 10 dias no acampamento nas proximidades das aldeias, regressando posteriormente para empreender nova excursão. Segundo o comunicado, Apoena Meireles não fez prognósticos sobre quando restabelecerá contato com os silvícolas.

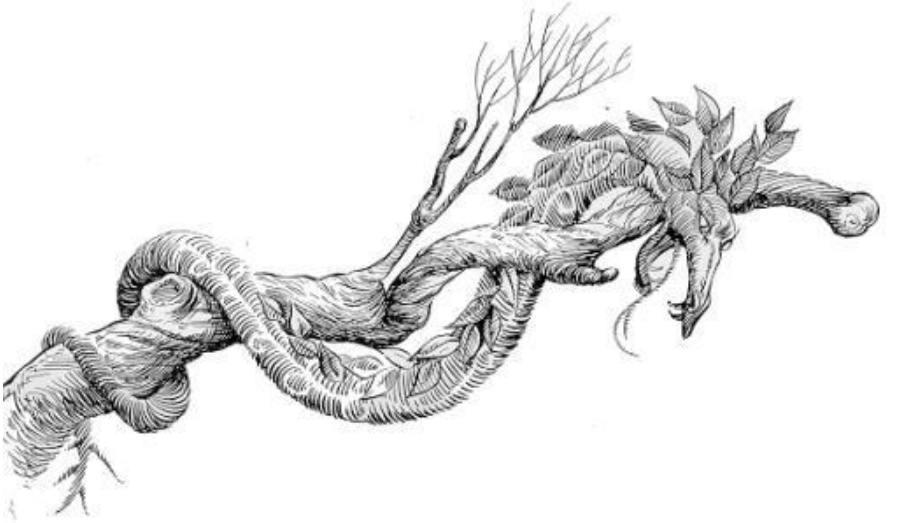
OS TRATORES

A respeito dos tratores destruídos, esclareceu o Sr. Mont'Alverne que quando ocorreu o massacre de Gilberto Pinto Figueiredo, em dezembro do ano passado, houve, logo a seguir, e evacuação do pessoal que se encontrava trabalhando naquela área. As máquinas, então, foram abandonadas, do que se aproveitaram os silvícolas para danificá-las. O mesmo aconteceu com o teto de alguns barracos que tiveram o zinco perfurado por flechas. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.812)

Jornal do Commercio, n° 21.968
Manaus, AM – Terça-Feira, 30.09.1975

Nenhum Atroari Apareceu

A expedição de Apoena Meireles, encarregada de promover a pacificação dos índios WA ainda não conseguiu ver sequer um silvícola nas proximidades do local onde o 6° BEC faz o desmatamento para a BR-174. Ao que parece os índios estão fugindo cada vez mais ao contato com os brancos, dificultando os trabalhos de reaproximação do grupo. As notícias sobre a expedição são escassas, embora o sertanista Apoena faça diariamente um relatório à Divisão do Norte [COAMA] em Manaus, chefiada pelo Major Saul Lopes de Carvalho, ao contrário do que ocorria anteriormente, com as notícias indo à Brasília. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 21.968)



1975

Jornal do Comércio, n° 21.968 – Manaus, AM
Terça-Feira, 30.09.1975

Nenhum Atroari Apareceu

A expedição do sertanista Apoena Meireles encarregada de promover a pacificação dos índios Waimiri-Atroari até o momento ainda não conseguiu ver sequer um silvícola nas proximidades do local onde o 6° BECnst faz o desmatamento para a BR-174. Ao que parece os índios estão tugindo cada vez mais do contato com os brancos, dificultando os trabalhos de reaproximação do grupo.

As notícias sobre a expedição são escassas, embora o sertanista Apoena faça diariamente um relatório à Divisão do Norte [da COAMA] em Manaus, chefiada pelo major Saul Lopes de Carvalho, ao contrário do que ocorria anteriormente, com as notícias indo à Brasília. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.968)

Jornal do Comércio, n° 22.040 – Manaus, AM
Sábado, 20.12.1975

FUNAI vai Instalar Novos Postos na Reserva Atroari

A FUNAI vai instalar três postos de fiscalização na reserva dos índios Waimiri-Atroari no trecho da Rodovia BR-174 [Manaus – Caracaraí], não só para resguardar os silvícolas, como também para atendimento de todos que necessitarem de ajuda quando trafegarem pela rodovia.

A afirmativa é do Sr. Francisco Mont'alverne Pires, Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio, à tarde de ontem, no contato que manteve com a reportagem.

Com bastante prioridade, o Delegado Regional da FUNAI explicou-nos que a reserva indígena no trecho da Rodovia BR-174 inicia na localidade de Santo Antônio do Abonarí e vai até o igarapé do Pretinho. Prosseguiu:

> *O que a FUNAI vai fazer é colocar três postos de segurança no trecho. Serão criados três postos, não só para segurança dos índios como também dos usuários da Rodovia.*

Mais adiante revelou que os três postos serão localizados nas localidades de Abonarí, Alalaú e igarapé do Pretinho.

Mont'alverne acrescentou ainda que os funcionários da FUNAI, além da fiscalização da reserva indígena, atenderão a todos aqueles que necessitarem de ajuda. Finalizando disse-nos:

Vamos ajudar a todos. Você já pensou que um carro fure um pneu no trecho da reserva indígena. Aí então, os funcionários da FUNAI pastarão toda a assistência que for necessária. Com isso se evitará também que os índios sejam incomodados se por ventura surgirem na Rodovia Manaus – Caracaraí. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 22.040)

1976

Jornal do Comércio, n° 22.346 – Manaus, AM
Quinta-Feira, 23.12.1976

Silêncio dos Atroari Está Preocupando

O silêncio dos índios Waimiri-Atroari atualmente está preocupando os dirigentes da FUNAI. Ontem, no contato que teve com a reportagem, o delegado regional Kazuto Kavamoto revelou-nos que depois que um grupo de índios apareceu no BR-174, trocando presentes com o prefeito de Boa Vista, não mais apareceram e isso fez com que o sertanista Sebastião Firmo ficasse alerta.

DESATIVADO

Atualmente o posto do Alalaú está desativado, depois que os índios Waimiri-Atroari visitaram o posto Camanaú. Este local depois do último massacre ficou também desativado, pois os selvícolas passaram a visitar outros postos.

Como foram encontrados vestígios da visita, o General Ismarth Oliveira, determinou que o Posto Camanaú fosse ativado. Os índios já tiveram vários encontros com os funcionários da FUNAI, com os quais trocarem presentes.

O silêncio da tribo Waimiri-Atroari preocupa os funcionários da FUNAI. É que sempre neste mês eles costumam realizar seus massacres. O sertanista Sebastião Firmo está no Posto Camanaú atento e com ordens de continuar mantendo o sistema esperando que eles venham ao posto. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 22.346)

1977

Jornal O Globo – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-Feira, 04.04.1977

De Manaus a Boa Vista, Pelo Território dos Índios

NA MARGEM DO RIO, LOCAL DE DOIS MASSACRES

No trecho indígena a estrada tem o melhor piso de todo o percurso, talvez intencionalmente, para evitar acidentes que poderiam provocar encontros entre brancos e índios. É também um dos trechos mais bonitos, com a floresta cerrada e Igarapés de águas limpas visíveis da pista.

Às 13h00 o ônibus chega ao Rio Alalaú. É um Rio típico da região amazônica: superfície calma, disfarçando a corrente que desce por uma cachoeira avistada ao longe; margens cobertas de vegetação, com árvores esguias e altas que disputam um pouco de Sol, no alto de suas copas.

Aqui, em 17.01.1973, os Waimiri-Atroari massacraram a golpes de borduna e terçado três funcionários da FUNAI, Rafael Padilha, Ernesto Nascimento de Aguiar e Altamir Aguiar. Em 02.10.1974, eles voltaram a atacar, matando mais seis funcionários da Fundação. Um sobrevivente relatou a seus superiores o que acontecera no Posto. Sua história contribuiu para aumentar o desconcerto dos sertanistas em relação aos Waimiri-Atroari. Ela também confirma o caráter de "*verdadeiros guerrilheiros*" que o sertanista Apoena Meirelles atribui aos índios da Amazônia – Waimiri-Atroari.

Na manhã do dia 1° de outubro o sobrevivente Adão Vasconcellos recebeu, com mais seis companheiros que estavam no Posto do Alalaú, a visita de 13 Waimiri-Atroari,

chefiados pelo Capitão Comprido. Eles pediram presentes e os receberam.

À noite Adão notou que os cartuchos de sua espingarda de caça tinham sido retirados. Um companheiro disse a ele que Comprido estivera em seu alojamento durante a tarde. Na manhã seguinte um dos índios aproximou-se dele e começou a alisar-lhe os cabelos.

Era o sinal para o ataque. O próprio Adão levou um golpe de facão que lhe quebrou um braço, enquanto via seus colegas serem atacados. O cozinheiro teve a cabeça decepada por um grupo de índios jovens. Adão conta que correu e mergulhou no Rio Alalaú, enquanto os índios disparavam flechas da margem.

O Capitão Comprido ainda o alcançou com uma canoa, mas quando ia matá-lo, Adão, lembrando-se da amizade do Cacique com o Chefe do Posto, Gilberto Pinto de Figueiredo, gritou para o índio: "*Papai Gilberto*". A palavra, segundo Adão, teve um efeito mágico sobre Comprido, que o deixou no Rio e dirigiu a canoa até a margem, onde desferiu o golpe de misericórdia em um dos colegas de Adão, que também ferido, tentava fugir.

Três meses depois, estranhamente, Comprido chefiou, com o Cacique Maruaga, o massacre em que o próprio Gilberto Figueiredo – "*o Papai Gilberto*" que os Waimiri-Atroari pareciam adorar – foi trucidado com mais três companheiros no Posto Abonari II.

Para cruzar o Alalaú, local destes dois massacres, os passageiros, que são conduzidos com tantos cuidados até este ponto da viagem, abandonam o ônibus e embarcam na balsa controlada por um grupo de sete homens a serviço do 6° BEC.

No caso do ônibus da SOLTUR do dia 30 de março passado, os passageiros chegaram a cruzar o Rio com outros carros, enquanto o ônibus esperava uma nova viagem da balsa.

NO POSTO DOS BALSEIROS, FUZIS MAUSER

Foi a este local que, na noite do dia 24 de março passado, chegaram cerca de 120 Waimiri-Atroari. O funcionário que comanda a operação da balsa tem a resposta esperada para a pergunta sobre a visita dos índios:

– *Eles só queriam brindes.*

Mas o responsável pela cozinha, que os companheiros chamam de João do Rancho, tem uma história melhor para os curiosos:

– *Eles estavam a fim de matar a gente – garante ele –; vieram aí com uma história de criança morta na cachoeira para levar a gente para longe da base e do Posto da FUNAI [que fica a 300 metros da balsa]. Os primeiros que chegaram eram poucos e estavam desarmados. Mas a gente descobriu que estava cheio de índios e que as flechas e os arcos estavam todos ali na beira do Rio.*

João do Rancho exibe com orgulho seu companheiro inseparável, encostado ao fogão: um fuzil Mauser, militar. Com a culatra aberta, apoiada a uma das traves do galpão que serve de cozinha, está uma espingarda de caça. O Posto dos balseiros fica sobre estacas, com o assoalho bem acima do chão. Entra-se no Posto por um alçapão que se alcança por uma estaca móvel, para ser retirada à noite. No telhado do Posto uma placa: "Bem-vindo a Roraima"

Enquanto os balseiros tratam de atravessar o ônibus, João do Rancho aproveita a plateia interessada para mostrar sua valentia:

– *Comigo não tem conversa com índio. Ainda mais que a FUNAI não nos deixa fazer negócio com os passarinhos que eles tentam trocar aqui. Eles nos chamam de marupá e de peruanos quando falam com os funcionários da FUNAI. E por isso que a gente tem que manter essa bichinha aqui [aponta para o fuzil Mauser].*

João do Rancho talvez não conheça a história do último diálogo que o Padre João Calleri teve com os Waimiri-Atroari antes de ser trucidado com nove componentes de sua Expedição ao Posto indígena do Rio Camanaú, em 30.11.1968. Segundo o único sobrevivente do massacre, o Padre Calleri viu índios tirando colheres do acampamento. De surpresa, o Padre Calleri agarrou um índio e lhe disse:

– *Aqui Padre Marupá. Espingarda pô! [imitando o ruído de um tiro]. Índio morre.*

Os índios abandonaram o acampamento e voltaram no dia seguinte para dizimar a Expedição, com exceção de Álvaro Paulo da Silva, que pressentiu o perigo dos métodos do Padre e abandonou o acamamento. [...] (JORNAL O GLOBO, 04.04.1977)

Jornal a Crítica
Manaus, AM – Quarta-feira, 06.04.1977

Exército Presta Homenagem
Aos que Morreram na Estrada

Na Reserva Indígena Atroari-Waimiri, foi inaugurada ontem, na rodovia BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, uma placa em homenagem aos militares e civis mortos pelos índios quando trabalhavam na construção da estrada, que também liga o nosso, país à República da Venezuela.

O ato começou com o hasteamento da Bandeira Nacional e o toque do Hino Nacional, cantado por todos os presentes. Essa placa, do tamanho 49 por 78 centímetros possui os seguintes dizeres: "*Homenagem àqueles que deram sua vida pela realização dessa obra*". Logo abaixo aparece a relação dos 32 mortos, compreendendo um Primeiro Tenente, um sargento, dois soldados, e vinte e oito civis.

Logo em seguida aparecem os dizeres: "*Não morreram em vão*". Após o hasteamento da bandeira houve o descerramento da placa, acompanhado por diversos jornalistas que se deslocaram ao local em plena reserva Indígena para documentar o fato histórico. A placa foi descerrada pelo Gen Ismarth de Araújo, Presidente da Fundação Nacional do Índio, sob a execução de músicas militares, fez-se homenagem àqueles que deram suas vidas pela construção da estrada e pacificação dos índios Waimiri-Atroari, o que até o momento não foi conseguido, uma vez que os silvícolas dessas tribos são demasiadamente arredios e estão sempre fugindo ao contato com os homens brancos. A banda do Primeiro Batalhão de Infantaria de Selva esteve presente à solenidade. O Diretor da Diretoria de Obras e cooperação do Exército, General Ênio, foi quem hasteou a Bandeira Nacional. O General falou em seguida aos presentes, referindo-se ao trabalho do Marechal Rondon, na conquista da área, sobre os mortos para a consecução da Rodovia.

> *O Exército deseja agradecer à FUNAI, à colaboração inestimável que prestou ao 6° BEC na construção desta obra e ao mesmo tempo homenagear àqueles que deram a sua vida, na pacificação dos índios Waimiri-Atroari".*

Disse o militar, referindo-se também ao Marechal Rondon, membro da Engenharia e criador do Serviço de Proteção aos Índios [SPI], origem da FUNAI. O Gen Ismarth de Araújo, Presidente da fundação falou na ocasião sobre o trabalho do órgão na assistência ao silvícola e sobre a importância da estrada:

> *A FUNAI não poderia deixar de estar presente a esta cerimônia simples, onde nosso Exército presta homenagem aos seus servidores que aqui tombaram no cumprimento do dever. É um grupo de idealistas e que deu a sua vida em benefício de uma causa que é a do índio brasileiro. O lema de Rondon sempre esteve presente. Deram a vida, mas deixaram indelevelmente marcados nessa região os traços de sua passagem.*

Disse Ismarth de ARAÚJO. [...] (JORNAL A CRÍTICA, 06.04.1977)

Jornal do Commercio, n° 22.432
Manaus, AM – Domingo, 10.04.1977

Waimiri-Atroari perguntaram pelo "*Papai Grande*" (Presidente Geisel)

Índios Reaparecem na BR-174 sem Arco e sem Flecha em Missão de Paz

A existência de branco entre os índios Waimiri-Atroari continua sendo afirmada por elementos que trabalham na Rodovia BR-174, confirmando o que disse Adão Vasconcelos, um dos sobreviventes do massacre do Posto Indígena de Atração Alalaú, que no seu depoimento salientou que:

> *Cansei de ir à Aldeia deles com Gilberto e sempre fomos recebidos com muita alegria. A única coisa que não podíamos fazer era entrar em certas malocas. Creio que havia algum branco escondido nela, pois sempre ficavam dois índios na porta para impedir a entrada dos elementos da FUNAI, que só podiam permanecer no terreiro da Aldeia.*

Antes da inauguração da Rodovia BR-174, um grupo de índios reapareceu nos acampamentos do 6° BEC e da FUNAI. No dia da inauguração conversei com várias pessoas a respeito da presença dos silvícolas.

PAPAI GRANDE

Um mecânico, cujo nome pediu-me que não revelasse com quem conversei bastante tempo fez revelações que chegaram a me surpreender. Na última visita, conforme narrou, os índios perguntaram pelo "*Papai Grande*", o qual viria a ser o Presidente da República Ernesto Geisel que inauguraria a Rodovia BR-174.

O mecânico trabalha há quatro anos na Rodovia BR- 174 e durante esse tempo, ele próprio conversou com os índios, chegando mesmo a fazer trocas, nas quais sempre:

> *Eles levam vantagem. O mais difícil é entender o que falam, no entanto, aprendem com facilidade o que a gente diz. Eles repetem certo.*

As palavras mais comuns que os índios dizem aos brancos durante os encontros são "*marupá*" que é homem mau; "*maré-bom*", que é amigo e "*non*" que é não. Para confirmar a possível existência de branco entre os índios Waimiri-Atroari, eles estão levando açúcar e sal. E como eles souberam da vinda do Presidente da República, chegaram perguntando "*Papai Grande*".

VISITAS

O sertanista Otávio Pinheiro Cangussu, é outro que acredita haver dedo de branco no meio dos ataques dos Waimiri-Atroari. No seu depoimento diz que "os massacres são totalmente fora da ética e do padrão usado comumente pelos índios". Explicou que os índios ao trazerem suas mulheres e crianças dão provas de confiar nos brancos. O mecânico me confirmou que de fato, os índios sempre trazem suas mulheres e crianças quando visitam os postos:

> *Eles quando visitam os postos, trazem carne moqueada, pupunhas cozidas e cruas, mandioca, cana-caiana, biju. As mulheres trazem os paneiros nas costas com bananas, abacaxis, para trocarem. Elas usam cabelos curtos e às vezes vem vestidas, quando não, usam proteção no sexo, feito por elas mesmo. Os homens costumam vir nus e trocam seus arcos e flechas por calças, camisas, calções, camisetas. Quando encontram um branco barbado e cabeludo, eles agarram e puxam. Quando chegam, os índios Waimiri-Atroari sempre procuram contatar com os homens do 6° BEC, que os tratam bem procurando trocar objetos pelo que trazem. Os funcionários da FUNAI procuram evitar maiores contatos.*

No posto do Alalaú, os funcionários da FUNAI estão sempre de prontidão para receberem a visita aos índios. É mantido um mateiro de plantão na trilha onde sempre saem os índios, o qual dá o aviso.

A farmácia permanece sempre aberta com bom estoque de remédios para atender aos silvícolas doentes. Quando os funcionários da FUNAI ou do 6° BEC fornecem açúcar aos índios eles abrem e comem ficando todos sujos e lambuzados. Já o sal, eles levam para a aldeia, juntamente com as panelas, terçados, facões. Com estes fazem pontas de flechas e das lanças para pescarem e caçarem. As lanças sempre são de cerca de dois metros e a ponta de uns 30 centímetros.

MARUAGA E COMPRIDO

Segundo ainda O mecânico a população Waimiri- Atroari possui dois chefes. Maruaga chefia os Atroari enquanto o Capitão Comprido, os Waimiri. Quem já viu ambos, faz-me comentários dos mais diversos das personalidades de cada um. Maruaga, por exemplo, possui feição de que não é mau.

"*Na última visita que fez, o Capitão Comprido trouxe dois filhos. Um de 13/14 anos e outro já rapaz, que por sinal, tem feições de branco, principalmente por ser claro*", revela o mecânico que por medida de segurança teve seu nome ausente da reportagem.

O atual chefe da equipe de atração da tribo Waimiri- Atroari, Sebastião Firmo, é de opinião que a causa do massacre praticado pelos índios contra Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, em 1974, seria uma discórdia entre os capitães Comprido e Maruaga. Explicou que o Cacique Comprido matou um filho de Maruaga, numa luta intertribal e por este motivo os dois se tornaram inimigos. Como Gilberto era muito mais ligado a Maruaga, e prevendo a queda do seu prestígio junto ao grupo tribal, Comprido procurou se unir novamente a Maruaga, e juntos realizaram o massacre no dia 29 de dezembro.

Paulino Rondon, atualmente no Posto Indígena Abonari II, conhece toda a região habitada pelos Waimiri-Atroari, pois foi um dos primeiros a integrar a equipe de Gilberto Pinto em 1957.

Paulino era um dos homens de confiança do sertanista e sempre o acompanhava quando visitava as Aldeias Waimiri-Atroari e disse no seu depoimento para a FUNAI:

> *Visitei inúmeras Aldeias com o "seu" Gilberto, mas os índios nunca permitiam visitarmos todas as malocas. Em algumas eles imediatamente barravam a nossa entrada, não sei explicar por que. Isso vem comprovar a possível existência de algum branco entre os índios que permanecem escondidos com a presença de civilizados. Embora tenha vindo de muito tempo, o pouco contato, com os brancos, os Waimiri-Atroari dão claramente a entender que existe algum estranho na tribo, não só pelo uso de açúcar, sal, bem como da plantação que fazem como de banana, abacaxi, cana, mandioca e pupunha. Eles estão, até mesmo, já cozinhando sua alimentação, pois, sempre que visitam os Postos, levam panelas. E se pergunta: quem teria ensinado tudo isso aos índios? Quem ensinou a chamar "Papai Grande", ao Presidente da República? Como eles saberiam da presença do Ministro dos Transportes, com o qual tiveram um encontro?*

O mecânico é outro que crê na existência de branco entre os Waimiri-Atroari:

> *Logo que eles aparecem não deixaram que a gente os fotografasse. Aos poucos foram permitindo, escondendo o rosto. Agora não, quando se quer fotografá-los basta um ficar conversando para outro agir.*

Conta mais, que quando Gilberto estava vivo e à frente dos trabalhos de proteção na construção da Rodovia BR-174, os índios deram demonstração de hostilidade, deixando flechas cruzadas nas "*picadas*" ou então, um animal morto com as flechas. Mesmo assim Gilberto, nunca teve receio ou medo, indo aos encontros marcados até que foi morto, mesmo sendo clamado de "*papai*".

NOVE MESES

Os índios Waimiri-Atroari depois do último massacre, no dia 29.12.1974, passaram nove meses sem manter contato com os brancos.

Eles abandonaram mesmo algumas malocas e somente em setembro do ano seguinte foi que reapareceram na rodovia BR-174, e permaneceram calmos procurando manter contatos constantes com os funcionários da FUNAI e integrantes do 6° BEC de forma hospitaleira. Fazendo trocas ou mesmo procurando remédios. Tiago Coelho da Silva, que escapou ao ataque dos Waimiri-Atroari ao Posto indígena do Rio Camanaú, em dezembro de 1946, diz que se encontrava sentado à mesa, onde tomava café, quando teve início o massacre. Ao iniciá-lo, um "*índio barbado*" gritou – "*lá vai flecha*" – em português. Afirma que nos dias anteriores, os WA haviam mantido atitude de cordialidade, mas, que o "*índio barbado*" mantinha-se calado falando na gíria da língua indígena. Declarou ainda que o grupo era chefiado por este "*índio barbado*". Outro importante depoimento a respeito da presença de branco entre os índios Waimiri-Atroari é de dona Cândida Pastana de Carvalho. Ela, também, não soube a que atribuir a brusca atitude dos índios visto que todos se mostravam amigos do pessoal do posto, inclusive havia até dançado no terreiro com o seu marido Luiz Antônio de Carvalho. A presença do "*índio barbado*" é assim narrada por D. Cândida:

> *Os índios eram chefiados por um barbado, embora entre eles estivesse um Tuchaua Maruaga, pois os índios nada decidiam sem o consentimento do "índio barbado", inclusive troca de objetos. Quando se dirigia a ela fazia-o em português, às vezes misturado com a gíria, sendo ele o mais calmo de todos, procurando sempre manter-se calado e afastado, observando todos os pormenores.*

Afirma ainda D. Cândida que "*índio barbado*", quando das visitas nos dias anteriores, trouxe sua família, constituída de mulher e três filhos, entre os quais, uma mocinha de "feições delicadas".

NOVA TRIBO

Nova Tribo apareceu recentemente no Rio Alalaú desconhecida dos funcionários da FUNAI e do 6° BEC, que já estão se acostumando com a presença dos WA. Segundo o mecânico, tudo foi de surpresa:

Surgiu no Rio Alalaú, um grupo de índios, sob o comando do Capitão Abonari. Eles então pediram "tinta" [remédio], para um menino que havia recebido um corte. Era filho do Capitão Abonari. A linguagem deles é diferente e são mais entendidos do que os Waimiri-Atroari. Eles chegaram chamando a gente de "colombianos" vestidos de calções, os quais estavam bastante sujos. Eles passaram 4 a 5 dias no Posto da FUNAI. Presume-se que esse grupo tribal já tenha mantido contatos com brancos e que não foram brasileiros. A linguagem deles era meio enrolada.

Esse acontecimento foi guardado pelos funcionários da FUNAI só que o mecânico que presenciou o surgimento dos índios chefiado pelo Capitão Abonari, desconhece a região que habitam. Pelos contatos que estão sendo mantidos, acreditasse que muito em breve, os Waimiri-Atroari aceitem a presença do branco como amigo e possam se integrar à civilização. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 22.432)

Pasquim, n° 421 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta a Quinta-Feira, 22 a 28.07.1977

Os Waimiri-Atroari e a Colonização dos Brancos

Há nove anos, novembro de 1968, o massacre da Expedição chefiada pelo Padre João Calleri – 10 pessoas, inclusive uma mulher ([18]) despertaria a curiosidade nacional em torno dos Waimiri-Atroari, índios localizados ao Norte do Estado do Amazonas, ocupando os vales dos rios Jatapú, Uatumã. Camanaú, Curiaú, Jauaperí, Branco e Anauá. Isso há 10 anos. Agora estão restritos, tal a penetração da comunidade nacional – abertura de estrada, colonos, caçadores – aos vaies do rio Jauaperí e dos igarapés Alalaú e Abonarí. Há 20 anos podiam ser encontrados a 50 km de Manaus, às margens do rio Urubu.

[18] Duas mulheres. (Hiram Reis)

Hoje já podem ser vistos no Território de Roraima, e foi aí que estive com eles. Não será surpresa se alcançarem as Guianas, ou mesmo a Venezuela. Fogem, Deus sabe como, há mais de 100 anos a um contato à nossa chamada civilização. É certamente um caso único, em toda a história dessas culturas. Normalmente uma tribo exige de dois a quatro anos para ser contatada, atraída, quando não menos, conforme aconteceu com os Avá-Canoeiros, expedição da qual participei com o sertanista Apoena Meireles, meu irmão de lutas ou então os Kren-a-Karore, onde Cláudio Villas-Bôas em 18 meses concluiu o seu trabalho.

Evito a expressão pacificar por inadequada e desonesta. Se alguma cultura precisa ser pacificada, que não sejam os índios. Eles vivem em harmonia com a natureza, suas tradições, costumes, ordem social, e de resto, com eles mesmos. Em 1970 inicia-se a construção da BR-174 [Manaus – Boa Vista] que se estende até Caracas, na Venezuela. Essa rodovia consolida a rede viária sul-americana – Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Guiana – já que a partir de Manaus ela se acopla com Brasília. A integração dos dois cones – Sul e Norte – do Continente é uma perseguida aspiração dos povos ao Sul do Rio Grande.

Essa rodovia, entretanto, cortou ao meio o território desses índios, e agora eles se encontram acuados, praticamente sem saída. Nada se sabe, de preciso, a respeito deles, embora desde 1873 se registrem os primeiros contatos. Nesse ano eles visitaram a comunidade de Moura, ao Norte do Estado do Amazonas. Supõe-se que somem de 800 a 1.200 pessoas. Sua língua – Karib – seus costumes, seu universo, tudo isso nos é inteiramente desconhecido. A partir de 1942, por outro lado, há uma precária cronologia dos confrontos entre eles e funcionários do extinto SPI e já agora FUNAI.

Em dezembro de 1942, eliminam, num posto do SPI, os irmãos Bríglia. No dia 31 de dezembro de 1946 voltam a atacar, exterminando o chefe do posto, Luís Antônio de Carvalho, e mais cinco funcionários do SPI.

Em novembro de 1968 massacram a expedição do Padre Calleri, num total de 10 pessoas. Em janeiro de 1973 matam novamente mais três servidores da FUNAI.

No ano seguinte os Waimiri-Atroari empreendem mais dois massacres: o primeiro em setembro, eliminando já agora seis funcionários da FUNAI, e o segundo a 29 de dezembro, quando o sertanista Gilberto Pinto chamado às pressas para entrar em contato com eles, terminou também assassinado. Ele e mais três ajudantes.

Isso são os registros oficiais, mencionando apenas os servidores da FUNAI. Os confrontos com apanhadores de castanha, caçadores, e mesmo agricultores naturalmente nem sempre merecem registro. Evidentemente só se registram as mortes do lado de cá, já que essa história se escreve do nosso ponto de vista de civilizado. Nesses confrontos, sabe-se ocorrem também mortes do lado de lá.

Na primeira semana do mês de junho estive com um grupo de 10 desses índios. Durante dois dias apenas. Um contato ligeiro, mas o suficiente para me deixar muito pouco à vontade. Eu e mais 23 funcionários da FUNAI, na altura km 308 da BR-174.

EDILSON MARTINS

Tantos foram os incidentes, e todos com perdas fatais, que a FUNAI, a partir de 1975 decidiu não mais tentar atrair os Waimiri-Atroari. Essa decisão foi resultado de repetidas advertências do sertanista Apoena Meireles, que esteve chefiando essa área logo após a morte do sertanista Gilberto Pinto.

Que eles venham até nós. A estrada cortou o território deles, a flora foi mutilada, a fauna já revela os primeiros sinais de desequilíbrio, me repetiu, em diversas ocasiões, o filho do velho Chico Meireles. Durante quase um ano Apoena esteve nessa reserva, mas nunca chegou a se encontrar com os "*temíveis*" Waimiri-Atroari.

Estando na região, realizando um trabalho paralelo, soube pelo rádio, por mero acaso, que os Waimiri-Atroari haviam visitado um posto avançado da FUNAI, nas margens da BR-174. Desloco-me às pressas de helicóptero para Manaus, numa distância de mais de 200 km, em plena selva, a fim de obter autorização em Brasília para entrar em contato com esses índios. Há oito anos acompanho a história deles, sabendo até mesmo nomes de seus chefes, seus costumes, universo mítico, embora de forma precária.

Obtenho a autorização e tomo conhecimento que Comprido, o poderoso chefe deles – vale dizer um dos líderes, já que tudo indica haver várias facções – se encontra em Manaus, na Casa dos Índios. Vou até ao local, vejo Comprido, e seu filho Bornau, que já conhecia de fotografia, mas por um princípio ético evito o contato. Não tinha autorização da FUNAI, e podia agravar o estado dele, que por sinal me pareceu muito abatido e nervoso.

Qual a razão da visita de Comprido a Manaus? No dia 4 de junho, no posto avançado da FUNAI, conhecido como terraplenagem, eis que aparece, para surpresa de todos, Comprido, seu filho Bornau e mais oito guerreiros. Zé Maria, um cearense simpático e aparentemente tranquilo, recebe-os com a cautela merecida para tal visita. Comprido revela estar muito doente. Bate no peito, indica o local da dor, gesticula muito, e revela precisar de ajuda.

Informa que há quatro luas passadas, certamente fevereiro deste ano, ao tentar pegar um caititu – um perigosíssimo porco do mato – levou um tombo, e bateu com o peito contra a ponta de uma árvore. A partir desse episódio foi ficando pior, pior, e agora precisava de ajuda de jaconô [civilizado]. Só quem já viu um bando de caititus no mato pode avaliar essa proeza. Tanto assim, que quando a gente precisa matar um animal desses, ao ouvir de longe o ruído que eles fazem, comendo e destruindo tudo com suas presas afiadíssimas, o bom senso aconselha subir numa árvore e atirar nos últimos do grupo. Do contrário é extremamente perigoso.

Pois bem: Comprido e seu grupo apanham esses animais à mão. Zé Maria, às pressas, entrou em contato com outro posto indígena da reserva e pediu socorro. Sebastião Firmo, o Sabá, atual coordenador da reserva, velho amigo de Gilberto Pinto, com quem aprendeu as primeiras lições no trato com os Waimiri-Atroari, mobiliza um grupo de funcionários da FUNAI e vai, também às pressas, até a terraplenagem, no Km 308. Levado à presença de Comprido convence-o levá-lo até Manaus. Explica que somente nesta cidade ele poderia ser curado.

Comprido concorda, mas exige algumas condições. Primeiro não iria sozinho. Seu filho Bornau, o mesmo que participou do massacre de Gilberto Pinto, teria que ir também. E mais: enquanto ele não retomasse; o grupo de oito guerreiros, a fina flor da coragem e luta, não abandonaria o local.

Nesse clima é que cheguei à terraplanagem, no Km 308. Essa estrada foi construída pelo 6° BEC [Batalhão de Engenharia de Construção] do Exército. Inabilmente cheguei acompanhado do Tenente Machado, que se encontrava fardado. Isso complicou minha chegada, já que os índios temem todas as pessoas fardadas, não gostam.

Converso com Zé Maria e explico que disponho de autorização de Brasília, e coisa e tal. Zé Maria, acompanhado de 23 homens da FUNAI, todos armados, por precaução, fazendo um esforço hercúleo para manter a disciplina, já que vários elementos ameaçavam desertar [e três terminaram desertando mesmo] solicita minha colaboração.

Em dado momento, ao retirar uma das máquinas fotográficas de uma bolsa, de forma discreta e evitando chamar a atenção, um Waimiri-Atroari, com rosto muito feminino, protesta, chama os outros e se retiram. Zé Maria me explica ser impossível fotografar. "*Eles estão nervosos. Não gostam de ser fotografados. Principalmente na ausência de Comprido e Bornau. Qualquer incidente aqui pode agravar tudo. Peço sua colaboração*", solicita Zé Maria.

Sebastião Firmo, Sabá, conduziu Comprido e Bornau para Manaus mima viatura da FUNAI, no dia 4 de junho. A visita dos dois, numa oportunidade que poderia se prestar para futuros entendimentos, se revelou desastrosa. Senão vejamos: Comprido não chegou a ser devidamente medicado, nem mesmo radiografia lhe foi tirada. Ficou praticamente trancafiado num quarto da Casa do Índio em Manaus, já que todas as pessoas que se encontravam no local permaneceram em pânico, dada sua presença.

Agravando tudo, Sabá abandonou Comprido e Bornau em Manaus e se deslocou para o rio Camanaú, ao Norte de Manaus, já que um funcionário da FUNAI, de nome Nilo, morrera afogado ao naufragar sua canoa. E aí, na noite de 5 para 6 de junho, ocorreu um episódio, na Casa do índio, lamentável, e certamente dramático.

Outro, índio, já aculturado, pertencente a uma tribo do rio Negro, tentou relações, à força, com uma índia. Criou-se o tumulto. Intervenção de alguns, tensão geral. Comprido, preso dentro de um quarto, longe de sua tribo, numa cidade estranha, imensa, grandiosa certamente em sua imaginação, nada entendendo, não sabendo a língua de ninguém, nem ninguém sabendo a sua, ficou acuado.

Na sua aldeia, no seu mundo, que nós quantas vezes chamamos de bárbaros, ninguém procede assim, nunca se violenta uma mulher. E então ele reagiu. E verificou ser ninguém. E se sentiu muito só. Ele e Bornau, seu filho, tão respeitados em toda a tribo. E chorou. Chorou convulsivamente. Como tão bem sabe fazer um selvagem.

Sabá, que se dizia amigo, que o convenceu a deixar a estrada, abandonando seus guerreiros fora da aldeia, na terraplenagem, fora embora. O subcoordenador da reserva Waimiri-Atroari, Estevão da Silva Rodrigues, que se encontrava de férias, foi chamado, às pressas, para conversar com Comprido e Bornau. Estevão também foi discípulo de Gilberto Pinto. Conhece os Waimiri-Atroari há oito anos, tendo trabalhado com Gilberto durante cinco anos.

Na Casa do índio encontrou os dois – pai e filho – sob intenso nervosismo. Procurou acalmá-los. Trocaram gestos, palavras conhecidas, e terminaram jantando. Nessa mesma noite Estevão convidou-os para assistir a uma novela, na TV. Gostaram. Fizeram perguntas. Chegaram inclusive a esboçar sorrisos. Mesmo assim Comprido pediu para ir embora. Estevão tentou ainda demovê-lo, mostrando que ele precisava se tratar melhor. Tudo inutilmente. No dia seguinte ele decidiu comunicar ao Delegado da FUNAI em Manaus, Sr. Kazuto Kavamoto, a necessidade de retorno urgente de Comprido e Bornau à área indígena.

Apesar de mais de 100 anos de contatos, encontros, nem mesmo a FUNAI sabe informar se os Waimiri-Atroari constituem uma única tribo, ou duas, ou mais. São 800 ou 1.200 silvícolas? Também não se pode garantir nada. Gilberto Pinto foi certamente o único civilizado que reuniu maiores informações em torno deles. Conheceu-os em 1967, e desde então se tornaram amigos, até que em dezembro de 1974 foi também eliminado.

Gilberto, que cheguei também a conhecer, por diversas ocasiões visitou a aldeia desses índios. Convite raro. Nunca chegou a dormir, na aldeia, mas visitou-a em diferentes ocasiões. O prestigio e amor que os índios tinham por, Gilberto era tão grande que vou lembrar um episódio: no massacre de 2 de outubro, de 1974, no posto de atração Alalaú II, o único sobrevivente foi o servidor da FUNAI, Adão Vasconcelos, pelo simples fato de enunciar, na hora em que ia ser flechado, o nome de Gilberto.

No dia 1° de outubro, desse ano, apareceram no posto, Comprido e mais 13 índios. Pediram presentes – terçados, machados – no que foram atendidos. À noite Adão notou que os Waimiri-Atroari haviam recolhido todos os cartuchos e balas das armas pertencentes aos funcionários da FUNAI. No dia seguinte, às 7 horas da manhã, tem início o massacre. Adão ao desviar um golpe de facão na sua cabeça, teve o braço esquerdo fraturado.

Odoncil, outro servidor da FUNAI, recebeu um golpe de facão na testa, e mesmo assim insistiu numa corrida em direção ao igarapé Abonarí, numa tentativa desesperada de fuga. O cozinheiro do posto teve a cabeça decepada, a golpes de terçado. Adão, mesmo com fratura exposta, tenta também a fuga através do rio, lançando-se no Abonari. Ao alcançar a outra margem, Comprido de dentro de uma canoa caçando-os, empunha e arma a flechada fatal.

Adão percebe que vai morrer, mas instintivamente, sem nada pensar, grita com desespero: "*Papá Gilberto, papá Gilberto*". Comprido suspende o arco, olha-o durante uma fração de minutos, abandona-o e vai na direção de Odoncil, terminando de matá-lo com flechadas certeiras. Adão foi o único sobrevivente.

A antropóloga Denise Meirelles, mulher de Apoena, que também esteve nessa reserva, embora nunca tenha chegado a vê-los, conta numa pesquisa, que quem primeiro se refere a esses índios é Alípio Bandeira, em sua obra "*Jauapery*". Nessa obra o Ouvidor Sampaio dá notícias de tribos ocupando o vale do Jauaperí. Seriam os Aruaque, os Caripuna e os Cericuná.

Já em 1885, o Capitão Ribeiro Guimarães registra a presença nessa região dos Atroari e Waimiri. Um ano antes, em 1884 o naturalista Barbosa Rodrigues teria travado contato com índios no vale do Jauaperí, certamente os Waimiri-Atroari. Bom, já está na hora de mencionar as violências praticadas contra eles. E talvez a partir desses episódios passados tentar compreender a postura atual, a recusa em se integrar ao mundo civilizado. Deve haver razões.

Senão vejamos: em 1856 ocorre o primeiro massacre contra esses índios, que se tem notícia. Manoel Pereira de Vasconcelos, acompanhado de 50 guardas – soldados – ao entrar na região fuzilou e matou dezenas de índios. E mais: saqueou e queimou malocas. Precisar o número de silvícolas eliminados nesse episódio se torna praticamente impossível.

Em 1873 uma força mandada pelo Governo do Amazonas matou e deixou feridos dezenas de índios. Isso em represália a um ataque, ocorrido no ano anterior, 1872, à vila de Moura, empreendida pelos índios. O Tenente honorário Antônio Oliveira Horta, em 1874, empreendeu nova expedição punitiva, eliminando mais um número incalculável de índios.

Em 1881, um destacamento militar acampado nas margens do rio Jauaperí ataca um grupo de índios, havendo perdas de parte a parte. Na verdade a violência maior, registrada inclusive por Alípio Bandeira, e também pelo naturalista alemão Koch-Grunberg, ocorreria no ano de 1905. Nesse ano o Capitão da Polícia Júlio Olympio da Rocha Catingueira, comandando uma tropa armada, eliminou mais de 300 índios, tendo inclusive levando alguns para Manaus. Certamente como troféus.

Quando Comprido e seu grupo, todos relativamente muito altos, e magros, ingressaram no acampamento da no Km 308 da BR-174, não traziam mulheres, nem crianças. Isso ameaçou mais ainda Zé Maria, chefe do posto, e todos os servidores da FUNAI ali presentes. Podia significar o pior. Eu também assim me sentia, bastante ameaçado.

Logo depois reafirmavam o desejo de paz.

> *Jaconô [civilizado] precisa virar paimon [irmão]. Jaconô é muito marupá [ruim].*

Depois, passada a paranoia do ataque, pude compreender que eles vieram nos pacificar, pedir uma trégua, revelar que depunham as armas. A estrada – e devem muito bem intuir isso – significa o começo do fim. Tanto assim, que já em Brasília, não tive dúvida nenhuma em observar ao Presidente da FUNAI, Ismarth de Araújo, que "*eles vieram nos pacificar General. Nós é que precisamos de pacificação. Principalmente as chamadas frentes pioneiras*": E o presidente da FUNAI, General Ismarth de Araújo, tem revelado uma sensibilidade incomum, no trato com essa cultura. (PASQUIM, N° 421)

Jornal do Comércio, n° 22.524 – Manaus, AM
Sábado, 30.07.1977

Invasão de Terra Índia
FUNAI vai Fazer Levantamento Sobre a Tribo Atroari

O presidente da FUNAI, General Ismarth Oliveira, determinou à Coordenação da FUNAI na Amazônia um levantamento de toda a área dos domínios dos Waimiri-Atroari, no Amazonas, ao longo da BR-174. Um grupo de trabalho do qual fará parte o sertanista Sebastião Firmo, um antropólogo e um tipógrafo da FUNAI. Todas as malocas desses rebeldes silvícolas protagonistas de tantos massacres serão levantadas e mapeadas. O procedimento da FUNAI com relação aos Waimiri-Atroari decorre no êxito obtido com o levantamento realizado na área habitada pelos índios Ianomâmi, em Roraima, quando foram descobertas mais de 60 aldeias daquele grupo tribal, até então ainda desconhecidas. Também a FUNAI vai verificar a veracidade sobre que as terras dos Waimiri-Atroari estão sendo invadidas. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 22.524)

1978

Jornal do Comércio, n° 22.716 – Manaus, AM
Sexta-Feira, 04.05.1978

População dos Atroari Sobe de 2 Para 5 mil

A população Waimiri-Atroari aumentou de dois para cinco mil índios num espaço de 11 anos, anunciou ontem a Delegacia Regional da FUNAI, que também informou a demarcação de novos territórios indígenas no nosso Estado. [...] A finalidade principal dessas demarcações é tão somente proporcionar aos indígenas um melhor atendimento, resguardando-lhes um lugar onde eles possam procriar e viver em paz. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 22.716)

1981

Jornal do Comércio, n° 23.388 – Manaus, AM
Sexta-Feira, 22.05.1981

Para a FUNAI o Sarampo Atroari é Coisa Normal

O Conselho Indigenista Missionário [CIMI] e o Grupo Kukuro de Apoio a Causa Indígena, divulgou nota esta semana informando que os Waimiri-Atroari estão morrendo em Manaus, vitimados por tuberculose, sarampo, esquistossomose e pneumonia. O CIMI definiu esse surto de "*guerra bacteriológica*", incentivada pela FUNAI, que costuma publicar novas técnicas no processo de civilização desse povo. Para o CIMI, essas novas técnicas não deixaram de ser uma forma do processo de extermínio. Essas acusações foram rebatidas pelo Delegado Regional da FUNAI, Kazuto Kavamoto, quando declarou que:

> *Providências estão sendo tomadas desde o início do mês de abril, muito antes da campanha antissarampo. Aliás, essas providências vêm desde o ano passado.*

Alguns índios, acometidos de doenças como tuberculose, sarampo e esquistossomose, já retornaram às suas aldeias. O chefe "Alcoa" da tribo Waimiri do Abonarí, que estava internado no hospital de Moléstias Tropicais, também já voltou à sua tribo, disse o delegado.

> *Nós admitimos que esteja havendo surto de diversas doenças graves, mas admitimos também que a FUNAI não está omissa aos problemas indígenas. A Fundação Nacional do Índio tem alocado recursos para darmos maior assistência aos silvícolas, adiantou Kavamoto.*

O Delegado Regional da FUNAI mostrou-se bastante aborrecido com as declarações do CIMI e taxou-as de "*incoerentes e falsas*". (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 23.388)

Jornal do Comércio, n° 32.543 – Manaus, AM
Terça-Feira, 24.11.1981

Figueiredo Interdita terras dos Waimiri

BRASÍLIA, (AE) – O Presidente João Figueiredo assinou ontem decreto declarando interditada, temporariamente, para fins de atração e pacificação de grupos indígenas Waimiri-Atroari, a área de terra localizada nos municípios de Novo Airão e Itapiranga, no estado do Amazonas e Caracaraí no Território Federal de Roraima. À FUNAI é facultado impedir ou restringir o ingresso, transito e a permanência, na área interditada, de pessoas ou grupos.

O governo já decidiu incluir todas as áreas de segurança e faixas de fronteiras entre as terras passíveis de serem adquiridas nos termos de seu projeto de usucapião especial, segundo confirmou ontem o relator da proposta, senador Jutahy Magalhães [PDS-BA]. A única condição que o Governo impõe para concordar com a ampliação do seu projeto; que não previa essa possibilidade foi a de que as faixas de fronteiras sejam ocupadas apenas por brasileiros.

O projeto que o Governo encaminhou ao Congresso não incluiu essas terras e o substitutivo que Jutahy apresentou à proposição fixou apenas que o executivo ouviu o Conselho de Segurança Nacional, terá 90 dias para dizer quais áreas de Segurança Nacional considera inacessíveis aos posseiros. Contudo, diante do grande número de emendas com esse objetivo, conforme o relator, o Governo ficou sensibilizado e acabou aceitando a medida. Os entendimentos para ampliar o projeto começaram na semana passada e na, quinta-feira, o assessor jurídico da Presidência da República ficou com Jutahy Magalhães discutindo uma fórmula para garantir a ocupação das faixas de fronteiras a 50 quilômetros ao longo das fronteiras. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 32.543)

1984

Jornal do Comércio, n° 33.157 – Manaus, AM
Domingo, 08.01.1984

Kazuto Contesta Denúncia Sobre Invasão em Reserva

O Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio Kazuto Kazamoto contestou as denúncias, feitas pela imprensa, a respeito da possível invasão da reserva dos índios Waimiri-Atroari pela empresa de mineração Paranapanema. Ele fez essa contestação por ocasião da visita que fez ao Pitinga, acompanhando e General Euclides Figueiredo, onde a Paranapanema está extraindo cassiterita.

Explicou Kazuto que a exploração de cassiterita está sendo feita há pelo menos 40 quilômetros da reserva dos índios Waimiri-Atroari, cujos limites com a área de lavras da Paranapanema são feitos pelo rio Tucutinga. O delegado afirmou, no entanto, que futuramente a Paranapanema poderá até vir a explorar cassiterita na reserva indígena, uma vez que tal procedimento é garantido por Lei Federal. Disse Kazuto durante a entrevista:

> *As denúncias de que a Paranapanema está invadindo a reserva dos Waimiri-Atroari são infundadas. Como os senhores podem ver, a exploração está sendo feita nesta área, a 40 quilômetros de distância dos limites da reserva.*

INVASOR

Por outro Lado, o titular da FUNAI revelou que foi constatada uma invasão na parte Sudeste da reserva. A empresa de prospecção mineral CERGAM está instalada ilegalmente naquela área, inclusive sem autorização do Departamento Nacional de Produção Mineral [DNPM]. Ele informou que as

providências cabíveis já foram tomadas e acredita que até o final da próxima semana todos os equipamentos da CERGAM tenham sido retirados da reserva. Kazuto disse que as atividades da CERGAM estavam bem adiantadas, inclusive já haviam iniciado a construção de um aeroporto também clandestino. A 1° DR da FUNAI deslocou funcionários para a área invadida a fim de acompanharem a retirada dos equipamentos da CERGAM. Os Waimiri-Atroari serão indenizados pelos prejuízos causados em sua reserva. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 33.157)

Revista Manchete, n° 1.657
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 21.01.1984

Há Doze Anos, Eles Eram 3 mil. Hoje, Restam uns 400, Espalhados Pelas Aldeias

Mas em todos os postos da FUNAI também existe um quadro com a fotografia do Presidente da República, a quem os índios já aprenderam a identificar como "*Papai Grande João*". E o ronco do caminhão solitário rompendo as últimas horas da madrugada é um indício incontestável de uma realidade mais pacífica. O dia amanhece enevoado.

Da guarita sobre uma torre de madeira, no Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari [NAWA], da FUNAI, no quilômetro 255, a visibilidade é quase nenhuma. Uma bruma esbranquiçada encobre a estrada e a mata, dando-lhes uma dimensão quase mágica. Um espetáculo bonito, mas que reflete lembranças aterradoras. O dia 29.12.1974 amanhecera com essa mesma névoa, que se estendia sobre as águas do Santo Antônio do Abonari, quando o sertanista Gilberto Pinto e três servidores da FUNAI foram mortos a flechadas no posto de atração construído na margem direita do Rio. Era o

quarto massacre naquele ano dos arredios Waimiri-Atroari contra os brancos que insistiam em amansá-los.

O ataque indígena, divulgado na imprensa nacional e internacional, acentuava o seu estigma de índios selvagens e assassinos. O New York Times publicou uma reportagem abordando o comportamento espantoso daquele povo primitivo que se rebelava contra seus pacificadores e aterrorizava peões e soldados do 6° BEC do Exército Brasileiro, que construíam a rodovia invasora cortando o habitat dos ferozes e imprevisíveis Waimiri-Atroari. Era uma barra. Após o ataque ao Posto de Atração no Rio Alalaú em outubro de 1974, comandantes militares e antigos dirigentes regionais da FUNAI da Amazônia se reuniram no acampamento do 6° BEC, no Km 220, e baixaram algumas normas de segurança para garantir a continuidade dos trabalhos de implantação da estrada.

Caso houvesse visitas dos índios, por exemplo, deveriam ser realizadas "*pequenas demonstrações de força*", mostrando os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite. A reunião foi em novembro. Um mês depois, o experiente e respeitado Papai Gilberto, sertanista antigo por quem os WA tinham amizade e carinho, estava morto – vítima do massacre no Abonari. Foi a última vez que os índios atacaram. A rodovia Manaus-Caracaraí-Boa Vista, que ligaria o Brasil à Venezuela, era inaugurada a 06.04.1977. No início do trecho que corta a área indígena há um monumento, uma pedra enorme com duas placas. Lá estão gravados os nomes dos 24 homens e das duas mulheres [da expedição Padre Calleri – 1968]. Uma homenagem aos que perderam a vida pacificando os índios rebeldes. [...] O jovem Capitão, do 6° BEC, Hiram Reis e Silva, acredita que os tempos mudaram:

> Hoje existe uma integração muito grande entre os Waimiri-Atroari, o Exército e a FUNAI. Voltar ao passado para consertar

as coisas é impossível. Houve erros imperdoáveis, houve excessos, houve matança ([19]).

Importa o que se pode fazer agora: dar assistência médica, apoio humano e tratar com respeito os índios.

A FUNAI é convocada para atuar como frente de atração em áreas indígenas não contatadas, em torno de cinco tópicos: mineração, hidrelétrica, estrada, colonização e polo agropecuário. A reserva Waimiri- Atroari foi atingida pelos cinco. Ainda não se sabe como será resolvido o problema da inundação de uma parte de suas terras, na ocasião do fechamento das comportas da represa da hidrelétrica Balbina, para formação do Lago, em 1987.

O chefe da frente de atração na área, o técnico indigenista Moiseniel Barbosa, explica que a fase atual é de consolidação de contato:

Esse trabalho já está bem sedimentado, não acredito que haja possibilidade de uma retroação com referência ao clima de segurança. Os Waimiri-Atroari estão mais receptivos e aceitando espontaneamente os costumes dos civilizados. Eles são muito inteligentes, é nítido que desejam conquistar certa igualdade de condições em relação aos brancos.

Na verdade, a FUNAI nunca se dedicou com tanto cuidado a um grupo indígena como atualmente aos Waimiri-Atroari. São 57 servidores distribuídos nos oito postos existentes dentro dos 1.850.000 hectares que correspondem à área interditada temporariamente como "Terra Presumível Indígena Waimiri-Atroari".

Sem interferir diretamente no comportamento dos índios, os indigenistas procuram influenciá-los através do exemplo, como nos hábitos básicos de higiene, alimentação mais nutritiva, cultivo de pomar, criação de galinhas, porcos e carneiros.

---

[19] Referia-me às atrocidades perpetradas, tantos pelos WA e "*civilizados*", no longínquo pretérito, como os recentes massacres protagonizados pelos WA desde a década de 40 até o dia 29.12.1974. (Hiram Reis)

Assim, os índios usam roupas sabendo que é necessário lavá-las com sabão. Estão fortes e bonitos e até agora não adquiriram maus costumes civilizados. Não bebem, não fumam, não mexem nem tiram nada da bagagem de ninguém. Curiosos, observadores procuram apenas saber para que serve e como funciona tudo.

Poucos já falam português, os que sabem servem de intérpretes. Desconhecem o valor do dinheiro e não têm acesso às armas de fogo. São meigos e extremamente altivos.

Mas, nos olhos amendoados, ainda há vestígios de desconfiança. (REVISTA MANCHETE, N° 1.657)

1989

O Liberal, n° 22.237
Belém, PA – Quarta-Feira, 08.03.1989

A Ponta de um Iceberg no Trópico Úmido da Amazônia

[...] Como é público e notório nesta Casa, apoiei, defendi e subscrevi a emenda do nobre Senador Jarbas Passarinho, meu colega do PDS, que hoje se constitui no Capítulo VIII de nossa Carta Magna. Nem por isso posso deixar de lamentar o desrespeito com que se houveram alguns representantes presentes ao 1° Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira com a Eletronorte, na pessoa de um dos seus diretores. A democracia pressupõe que todos têm direitos iguais e tanto é assim que o artigo 231, parágrafo 3° da nova Constituição, remete ao Congresso a decisão pelo aproveitamento de recursos hídricos, ouvidas as comunidades afetadas.

Portanto, o paradoxo da borduna em uma das mãos e de uma câmera Super VHS na outra, ainda não disponível nas melhores redes do País, que foram reveladas pelos noticiários das televisões brasileiras, não deve surpreender ninguém. Este verdadeiro "*imbróglio*" na cultura dos povos indígenas é o sinal mais cristalino de que, queiramos ou não, todo ser humano procura seu bem-estar, seu conforto e seu aprimoramento cultural. Quando recebeu da Eletronorte a indenização pela passagem do sistema de transmissão na reserva Mãe Maria, o cacique Krokenum veio a Brasília e contratou um arquiteto da UnB para projetar sua nova aldeia.

Toda de alvenaria, a única casa de dois andares é a do chefe Krokenum, desfrutando todos os seus habitantes da energia elétrica farta e confiável de Tucuruí.

Hoje, enceradeiras, rádios, geladeiras, televisores e toda a gama de eletrodomésticos disponível são encontrados em qualquer lar indígena da reserva Mãe Maria. E isso é pecado? Os 310 Waimiri e Atroari, que vivem à beira da BR-174, hoje estão afastados da mesma cerca de 50 km, têm sua reserva de 2.400.000 ha demarcados pela Eletronorte, convênio de 25 anos de integral assistência e navegam pelo Pitinga em barcos de alumínio com motor de popa de 35 HP.

E para demonstrar sua satisfação pela forma com que agora são tratados pela Eletronorte expulsaram de sua aldeia os Sr. e Sra. Emídio Schwade do CIMI, que por eles nada fizeram. [...] (O Liberal, n° 22.237)

Revista Manchete, n° 1.935
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 20.05.1989

Balbina é Irreversível.
E o Brasil já Pensa no Terceiro Milênio

[...] No caso de Balbina, a reserva dos índios Waimiri-Atroari foi que sofreu com a barragem. A terça parte dessa nação teve que ser transferida para outra área, pois o Lago atingiu todo o Sudeste de seu território, onde ficavam as aldeias Taquari e Tapupunã. A primeira foi alagada e a outra precisou ser remanejada porque a cabeceira do Rio Uatumã, que fornecia água e pescado para os silvícolas, ficou contaminada. No entanto, os Waimiri-Atroari tiveram melhor sorte do que os caboclos ribeirinhos. Foi dada, aparentemente, uma atenção maior aos índios e estes, de um modo geral, se mostram satisfeitos. A partir do final da década de 60, com o início da construção da BR-174 [Manaus-Boa Vista], que cortou a reserva ao meio, os choques e a decadência desses índios começaram. A população, estimada, na época, em 3.000 pessoas, foi reduzida por epidemias e atritos que chegaram a extinguir aldeias inteiras.

Diante desses fatores foi criado o Programa WA, custeado pela ELETRONORTE e gerenciada pela FUNAI, que estabelece uma linha de ações de assistência e apoio às comunidades indígenas, afetadas direta ou indiretamente pela construção da usina, nos próximos 25 anos. A base do programa é criar alternativas para a sobrevivência dos índios e minimizar os efeitos do impacto ambiental.

A ELETRONORTE faz questão de esclarecer que foram os próprios líderes das aldeias deslocadas que escolheram os novos locais de moradia. E mais: que a empresa indenizou os índios pelos serviços das novas roças, com base na área utilizada para plantações das antigas aldeias. Esse montante foi depositado em caderneta de poupança para cada comunidade: 442.500 cruzados novos para Tapupunã, que agora se chama Sumauma, com uma população total de 35 índios; e 1.250.000 cruzados novos para Taquari, atual Manauma com 72 pessoas.

Mas, há quem discorde do programa. É o caso de Egydio Schwade, membro do MAREWA – Movimento de Apoio à Resistência Waimiri-Atroari. Para ele, a transferência obrigatória dos indígenas de suas terras, além de violentar suas relações com o meio-ambiente, pode desencadear, também, uma espécie de desordem social motivada por um longo período de readaptação à nova área. O que tem agradado mais aos índios nessa história toda é o atendimento médico constante que vêm recebendo da ELETRONORTE, em convênio com o Hospital de Medicina Tropical. Existem registros de que uma epidemia de sarampo chegou a matar 21 índios de uma só vez em 1981. "Meu povo quer viver em paz, com saúde e com terra, e isso nós conseguimos", fala Tomás, o principal líder da aldeia Manauma. "Balbina matou sim, mas é pau", completa o índio, referindo-se à floresta alagada. De acordo com o sertanista e gerente do Programa Waimiri-Atroari, Raimundo Nonato Correia, a população dessa reserva em 1986 era de 397 pessoas. Hoje, cresceu para 446.

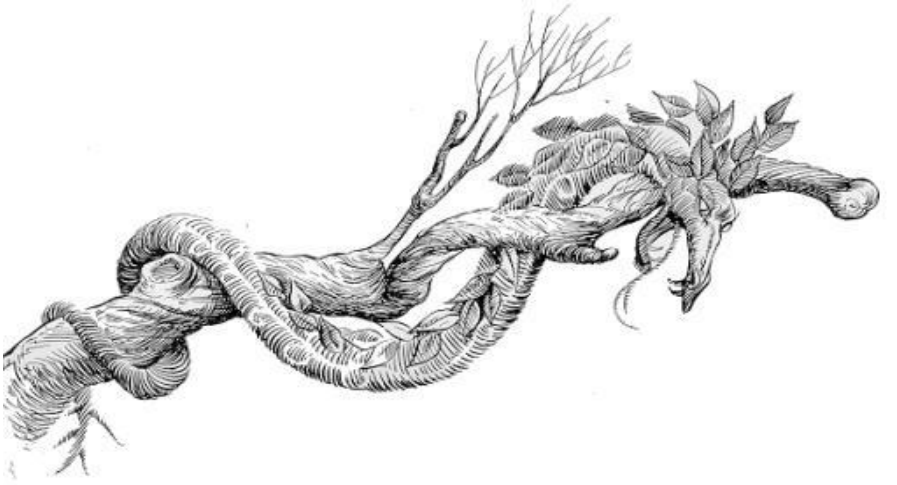
Esses dados não são suficientes para convencer alguns indigenistas e ecologistas da boa intenção da ELETRONORTE/FUNAI. Francisco Guinter é um dos que acham isso tudo uma agressão à cultura indígena. Ele afirma:

> *Até que ponto, em nome do progresso, homens podem se apropriar de terras que têm dono e mexer com toda uma tradição milenar de uma raça, só porque pode pagar, indenizar, ressarcir os prejudicados por isso? Será que não existiria outra forma de desenvolver o país sem ser preciso destruir tantas coisas?*

Para o presidente do INPA, o biólogo e economista Herbert Schubart, uma forma de minimizar o impacto ambiental causado pelas grandes hidrelétricas seria substitui-las por uma série de represas menores:

> *É uma alternativa que pode causar menos danos no seu conjunto, mas, também, custará bem mais caro.*

Outros cientistas entendem que seria menos desastrosa uma termelétrica alimentada a lenha ou a construção de um gasoduto, ligando o campo de Juruá a Manaus, ou ainda a construção de linhas de transmissão desde Tucuruí. [...] (REVISTA MANCHETE, N° 1.935)



2017

Folha de S. Paulo – São Paulo, SP
Quarta-feira, 23.08.2017

Procuradoria quer Indenização e Desculpas a Índios por Violações na Ditadura

[Rubens Valente de Brasília]

O Ministério Público Federal ajuizou uma ação civil pública na Justiça Federal do Amazonas contra a União e a FUNAI [Fundação Nacional do Índio] pela qual requer uma indenização de R$ 50 milhões e pedido oficial de desculpas aos índios Waimiri-Atroari por danos sofridos pela etnia durante a ditadura militar [1964-1985]. [...] Em anexo ao relatório final divulgado em 2014, a CNV [Comissão Nacional da Verdade] calculou que 2.650 índios ([20]) Waimiri-Atroari tenham morrido em consequência das obras de abertura da rodovia BR-174, que liga Manaus [AM] a Boa Vista [RR]. A obra foi realizada pelo Exército de 1968 a 1977. [...]

Em novembro de 1974, o responsável pelas obras, o general Gentil Nogueira Paes, então comandante do 2° GEC [Grupamento de Engenharia e Construção], subordinado ao ([21]) 6° BEC [6° Batalhão de Engenharia de Construção], distribuiu um memorando autorizando as tropas a "*realizar pequenas demonstrações de força, para mostrar os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso da dinamite*".

---

[20] O mais interessante é que nunca foi, em tempo algum, foi realizado qualquer tipo de recenseamento oficial da mencionada população indígena. Visitei, quando comandava a 1ª Cia de E Cnst, as seis aldeias dos WA, quando lá estava, e a população de cada uma delas era inferior a 60 indivíduos. (Hiram Reis)

[21] Subordinado ao: * ***CORRIGINDO*** * – ao qual estava subordinado o. (Hiram Reis)

DEPOIMENTOS

Os procuradores da República colheram depoimentos de operários e indígenas que confirmaram essas demonstrações de força. O operário Raimundo Pereira Silva disse ao Comitê da Verdade do Amazonas que os índios "*eram levados em uma caçamba para o acampamento do BEC, faziam eles descer davam 600 tiros. Os índios ficavam tremendo*".

Em depoimento aos procuradores da República, Manoel Paulino, índio da etnia Karapanã contratada pela FUNAI para atuar na obra, disse ter visto indígenas mortos. "*Eu vi corpos dos índios trazidos em uma caçamba e serem jogados no buraco da terraplanagem. Vi cinco caçambas com índios*". [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017)

2019

Associated Press, 09.03.2019

Em audiência, tribo acusa Exército de cometer atrocidades para abrir estrada na Amazônia

Procuradores Federais Dizem que Centenas de Integrantes da Tribo Waimiri-Atroari Morreram Durante a Construção da BR-174, entre 1968 e 1977

(Maurício Savarese)

[...] Ao explicar sua própria violência na época ([22]), os Waimiri-Atroari repetem que estavam defendendo seu território. [...] Enquanto membros da tribo concordavam com Bornaldo durante seu depoimento, seis militares de uniforme ouviam em silêncio. O Cel Ref Hiram Reis e Silva, vestindo uma camiseta branca ([23]) e jeans ([24]), balançava a cabeça negativamente enquanto os indígenas falavam. Reis e Silva, que disse ter trabalhado perto da reserva ([25]) depois

---

[22] Os massacres a que se referem os WA, como já mostramos anteriormente, ocorreram em 1968/73/74. Contrariando a orientação recebida da tal "*Comissão da Verdade*" que tentou forjar testemunhas que denunciaram, que as supostas atrocidades promovidas pelos militares teriam sido desencadeadas em 1974 e maximizadas em 1975, com a entrada do 1° Batalhão de Infantaria de Selva (1° BIS), na área da reserva. (Hiram Reis)

[23] Camiseta Branca: Camisa de manga comprida bege como se pode comprovar na própria reportagem exibida pelo SBT. (Hiram Reis)

[24] Calça sarja bege, o repórter tenta mostrar que eu não estava devidamente vestido para o evento. Os advogado MPF é que estavam de camiseta! (Hiram Reis)

[25] Perto da Reserva: na reserva, minha área de atuação, na BR-174, se estendia desde Manaus (AM) até o Rio Jauaperí (RR). (Hiram Reis)

de 1982 ([26]), afirmou que estava na audiência como representante do CMA. "*Minha versão da história é muito diferente*", disse. "*Existem alguns exageros. ([27]) Esperamos que a verdade seja reestabelecida*". "*Eu tenho várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar ([28]) tudo que os membros da tribo dizem*", afirmou Reis e Silva, embora não tenha fornecido contatos dessas pessoas quando pedido. ([29])

Folha de São Paulo, n° 3.285
São Paulo, SP – Domingo, 17.03.2019

Governo Bolsonaro Renova Temor de Conflito em Tribo da Amazônia

Obra Federal Preocupa Índios Waimiri-Atroari, Massacrados na Ditadura Militar
(Rubens Valente)

[RESUMO] Projeto de uma linha de transmissão que pode cortar o território Waimiri-Atroari gera embate entre o governo federal e a etnia indígena, alvo de massacre durante a construção da rodovia BR-174 pela ditadura militar. [...]

"*O pessoal que estava lá na aldeia, já não tinha mais. Isso eu vi pessoalmente, pessoal morto, muita gente, muita gente. A aldeia era inteira. [...] Muita gente morta, criança, menina, tudo, tudo*", narrou à juíza o indígena Wamé Viana Atroari.

---

[26] Depois de 1982: de 1982 a 1983. (Hiram Reis)

[27] Na verdade afirmei: "*Eu acho que existem alguns exageros e fantasias a respeito. O Exército Brasileiro tem uma tradição desde Rondon que não é esta que está sendo apontada*". [...] (Hiram Reis)

[28] Contraditar: rebater. (Hiram Reis)

[29] O repórter não me fez uma única pergunta, mentindo ao afirmar que me neguei a fornecer o nome das testemunhas. (Hiram Reis)

"*Mas estavam sangrando, como é que eles estavam, você lembra?", quis saber o procurador Araújo. "Fomos correr voltar para nossa aldeia, pegar nossas armas também, verificar o que aconteceu. [...] Aí vimos assim, pessoal morto, outro estava deitado, outro estava cortado no pescoço, outro furado no pescoço dele lá*." A aldeia citada por Wamé se chama Somodu. Um de seus habitantes era Baré Bornaldo, que também esteve na audiência. "*Foi um ataque de veneno do homem branco". [...] Era dia de festa. Era dia de Marubá. Marubá é uma festa de iniciação do menino guerreiro. O povo estava reunido. Vieram pessoas de outras aldeias para a festa. [O ataque] foi terrestre e por cima, de helicóptero. Era veneno, jogado em cima assim da maloca. Perdi meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão.*

"*Sou o único sobrevivente da família*", disse Bornaldo. Segundo ele, os agressores usavam uniformes do Exército. [...] Ao lado dos advogados, havia um Coronel da reserva do Exército – enviado, segundo ele e outros militares, pelo Comando Militar da Amazônia. [...] Acusa os Waimiri-Atroari de terem recebido dos "*civilizados*" suas "*piores qualidades, tentando a todo custo auferir lucro mesmo que tenham de vender suas almas ao PRÓPRIO DIABO*". (FOLHA DE SÃO PAULO, N° 3.285)